


unesp  UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Ciências e Letras
Campus de Araraquara - SP

MARTA REGINA SENE

***ARTE-EDUCAÇÃO, CRIATIVIDADE, PERCEPÇÕES:
UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA***



ARARAQUARA – SP
2008
MARTA REGINA SENE

***ARTE-EDUCAÇÃO, CRIATIVIDADE, PERCEPÇÕES:
UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação Escolar.

Eixo temático: Trabalho Docente

Linha de pesquisa: Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo

Orientador: Prof. Dr. Leandro Osni Zaniolo

Bolsa: Programa Bolsa Mestrado –
Secretaria Estadual da Educação - SP

Sene, Marta Regina

Arte-educação, Criatividade, Percepções: um olhar sobre o
Programa Escola da Família / Marta Regina Sene – 2008

201 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Educação Escolar) – Universidade
Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de
Araraquara

Orientador: Leandro Osni Zaniolo

1. Educação -- Brasil. 2. Ensino. 3. Criatividade. 4. Lazer.
I. Título.

***ARTE-EDUCAÇÃO, CRIATIVIDADE, PERCEPÇÕES:
UM OLHAR SOBRE O PROGRAMA ESCOLA DA FAMÍLIA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras, UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de mestre em Educação Escolar.

**[Linha de pesquisa: Contribuições Psicológicas ao Trabalho Educativo]
[Bolsa: Programa Bolsa Mestrado – Secretaria Estadual da Educação- SP]**

Data da Defesa: 28/02/2008

MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:

Presidente e Orientador: Prof. Dr. Leandro Osni Zaniolo
UNESP

Membro Titular: Prof. Dra. Ilza Zenker Leme Joly
UFSCAR

Membro Titular: Prof. Dra. Maria Júlia Canazza Dall' Acqua
UNESP

Local: Universidade Estadual Paulista
Faculdade de Ciências e Letras
UNESP – Campus de Araraquara

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela dádiva da vida e a força para galgar as pedras do caminho.

Aos meus pais, pela simplicidade e carinho com que me ensinaram a ser e a conhecer o mundo.

Ao meu companheiro e ao meu filho, presentes que recebi, que me amaram, apoiaram e compreenderam minhas ausências.

Ao Professor Leandro pela iluminação, a orientação amiga e por dividir comigo a sua família. Eda que carinhosamente tornou mais alegre nossa labuta e Pablo que nos reensinou o valor da palavra “salvar”.

A todos meus familiares, em especial a Pi, ao Pedro, ao Marcos e ao Rafael que resolveram muitos problemas tornando meu caminho mais ameno.

Ao Programa Bolsa Mestrado da Secretaria Estadual da Educação pela oportunidade concedida. E ao Supervisor Armindo por me orientar com grande competência e dedicação durante o período da Bolsa.

A querida amiga Luciana Furlan fruto precioso na “árvore das amizades”.

Aos amigos da Oficina Pedagógica, em especial a Luci, Mariliza, Wania, Teresa, Sandra e Belzinha, que tanto me ajudaram. E a querida amiga Bel Orso (*em memória*).

A Coordenação Regional do Programa Escola da Família, especialmente à Luciane Moreno que tanto me ajudou e apoiou, quando dela fazia parte.

A Bianca Shiguefuzi, amiga fiel e dedicada que me motivou a dar os primeiros passos em direção a essa pesquisa.

A Professora Eunice Vaz Yoshiura por me motivar e despertar minhas potencialidades para a poesia e a criatividade.

A querida amiga Neusa Bonato pela sincera amizade e pela importante ajuda.

A “grande” amiga Ione Arsenio, pela presença, pelo carinho e pelas preciosas sugestões para o projeto de pesquisa. E a Artur Carmello Neto pelo apoio e amizade.

As Professoras Ilza Zenker Leme Joly e Maria Júlia Canazza Dall’Acqua, pelas valiosas sugestões oferecidas na qualificação.

As colegas do Programa Bolsa Mestrado, minhas queridas amigas Gilda, Josilda, Solange, Nazaré e Teresa, guerreiras com quem tive o prazer de conviver e trocar experiências.

A todos os Educadores Profissionais, Educadores Universitários, Educadores Voluntários e pessoas do público que participaram dessa pesquisa e aos muitos outros que se dedicam para que o Programa Escola da Família aconteça.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram para realização dessa pesquisa.

Agradecimento *

Lançam-se os dados
Só... não carregaria o fardo.
Bendita seja!
A orientação amiga
A inspiração divina
A coluna que me sustenta
Na presença ausente
Na falta presente
Cordão nunca rompido
Ligação eterna
Vínculo criado
União fortalecida
Razão da minha vida!
Palavras amigas
Outras já caladas.
Sem esse tesouro
Não faria nada!

* Os poemas e epígrafes apresentados no trabalho, são de autoria da pesquisadora.

O Programa Escola da Família - Espaços de Paz foi implantado em 2003 nas escolas da Rede Pública Estadual, propondo a abertura das escolas aos finais de semana, tornando-as centros comunitários, a fim de atrair os jovens e suas famílias para o desenvolvimento de atividades artísticas, culturais e esportivas, vinculadas a quatro Eixos Norteadores: Cultura, Esportes, Saúde e Qualificação para o Trabalho. O presente estudo, de caráter exploratório, teve como principais objetivos: caracterizar o perfil dos protagonistas do Programa, identificar as concepções de arte implícitas no ensino das atividades artísticas do Eixo Cultura, conhecer o processo de ensino-aprendizagem das atividades do Programa, tendo em vista o fazer pedagógico dos educadores e as percepções dos usuários acerca de seu aprendizado; identificar relações entre arte-educação e o desenvolvimento cultural dos participantes. O estudo realizou a coleta de dados por meio de entrevistas em oito escolas do Município de Araraquara, selecionadas como campo da investigação. Os critérios para a coleta e para o tratamento dos dados estiveram baseados em critérios quanti-qualitativos e para a análise dos resultados foi adotada abordagem de natureza qualitativa. O aporte teórico esteve fundamentado em pressupostos do campo da Arte-educação, mediados pela Teoria da Perspectiva de Sistemas, de Mihaly Csikszentmihalyi, em contraponto às diretrizes oficiais às quais o Programa está subordinado. Os participantes da pesquisa foram selecionados dentre os protagonistas do Programa: Educadores Profissionais, Educadores Universitários, Voluntários e Público. Os resultados sugerem observar que: ocorre predominância da preferência do público pelas atividades do Eixo Esportes, sendo o Eixo Cultura o segundo mais procurado, seguidos pelo Eixo de Qualificação para o Trabalho e Eixo Saúde, respectivamente; o público é bastante diversificado, composto por crianças, jovens e adultos, vinculados ou não à comunidade; as capacitações e cursos de aperfeiçoamento na área de artes mostraram-se insuficientes; o fazer pedagógico resulta do repertório prévio dos educadores; são preponderantes as atividades artesanais dentro do Eixo Cultura, o que pode estar relacionado, não apenas com as concepções sobre Arte-Educação vigentes no Programa como também, à possibilidade de obtenção e/ou melhoria de renda econômica; as percepções dos entrevistados revelam o Programa como uma opção de lazer, de convivência social e aprendizagem, parecendo contribuir para a redução da vulnerabilidade social dos usuários, na medida que favorece a melhora de auto estima e qualidade de vida. O estudo permitiu, mediante a contextualização do Programa, identificar novas questões de pesquisa, tendo por princípio a criatividade como condição essencial, na medida que constitui fonte central de significados à vida do ser humano.

Palavras chave: Trabalho Educativo. Arte-educação. Criatividade. Lazer. Programa Escola da Família.

School Program of the Family - Spaces of Peace was established in 2003 in the schools of the State Public Network, proposing the opening of schools on the weekends, making them community centers, in order to attract young people and their families to the development of activities artistic, cultural and sports, linked to four axes directors: Culture, Sports, Health and Qualification for the Job. This study, exploratory in nature, had as main goals: to characterize the profile of the protagonists of the program, identify the conceptions of art implied in the teaching of artistic activities of the Axis Culture, know the process of teaching-learning activities of the program, taking into account doing the teaching educators and users' perceptions about their learning, identify relationships between art and education and cultural development of the participants. The study conducted to collect data through interviews in eight schools in the city of Araraquara, selected as a field of research. The criteria for the collection and the processing of the data were based on quantitative and qualitative criteria in the analysis of the results was adopted approach of a qualitative nature. The contribution was based on theoretical assumptions of the field of art, education, mediated by the Theory of Systems Perspective, Mihaly Csikszentmihalyi, as opposed to official guidelines to which the program is tied. Participants of the survey were selected among the protagonists of the Program: Professional Educators, Educators University, Volunteers in Public. The results suggest noted that: occurs predominantly preference of the public for activities of the Axis Sports, Culture and the Axis the second most popular, followed by the Axis of Qualification for Work and Health axis, respectively, the public is very diverse, composed of children, young people and adults, or not tied to the community, and training and courses for improvement in the area of arts, proved insufficient; doing pedagogical results of the register of prior educators; are preponderant craft activities within Axis Culture, which can be related not only to the conceptions about Art-Education Program in force as well, the possibility of obtaining and / or improvement of economic income, the perceptions of respondents reveal the program as an option for leisure, coexistence and social learning, seem contribute for the reduction of the social vulnerability of users, in the measure that promotes the improvement of self esteem and quality of life. The study allowed through the contextualization of the program, identify new issues of search, with the principle creativity as a prerequisite, to the extent that is central source of meanings to life of human beings.

Keywords: School Program of the Family. Work Education. Art-education. Creativity. Leisure.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1: Colagem sobre o tema Brasil / Israel - A importância da mulher na sociedade.....	11
Fotografia 2: Colagem sobre o tema Brasil / Israel- Sucesso da Tecnologia.....	12
Fotografia 3: Detalhe da Instalação AcquaVitale.....	14
Fotografia 4: Instalação Acqua Vitale - Detalhe Vista Superior	14
Fotografia 5: Instalação Acqua Vitale - Detalhe Vista Lateral Externa.....	15

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Distribuição das 28 entrevistas nas escolas, com as respectivas justificativas.....	61
Quadro 2. Caracterização das 7 escolas nas quais ocorreu a distribuição das entrevistas.....	62
Quadro 3. Modelo adotado para o registro da caracterização dos participantes, distribuídos por modalidade.....	65
Quadro 4. Modelo do esquema de registro adotado para o tratamento e análise dos dados coletados nas entrevistas.....	66
Quadro 5. Modelo do esquema de registro de sínteses das questões comuns a mais de um grupo de participantes, adotado para o tratamento e análise dos dados coletados nas entrevistas	67
Quadro 6. Caracterização do Perfil dos Educadores Universitários.....	77
Quadro 7. Caracterização do Perfil dos Educadores Profissionais	80
Quadro 8. Caracterização do Perfil do Público participante da comunidade intra/extra escolar	83
Quadro 9. Caracterização do Perfil dos Voluntários.....	86

SUMÁRIO

MOTIVAÇÕES DA PESQUISA.....	10
1 INTRODUÇÃO.....	16
1.1 O Programa Escola da Família.....	16
1.2 Algumas abordagens sobre o estudo da Criatividade.....	28
1.3 Algumas considerações sobre a pesquisa em Arte.....	42
1.4 O Referencial teórico sobre Criatividade adotado para o estudo.....	47
2 MÉTODO.....	51
2.1 Procedimentos para definição de instrumentos para a Coleta de Dados.....	53
2.2 Procedimentos para definir critérios para Seleção dos Participantes.....	56
2.3 Definindo critérios para Aplicação das Entrevistas.....	58
2.4 Definindo os Roteiros de Entrevistas.....	62
2.5 Sobre o Tratamento de Dados.....	64
2.6 Alguns Registros Fotográficos.....	67
2.7 Alguns Registros em Vídeo.....	69
3 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	71
3.1 Análise Documental.....	71
3.2 Caracterização do Perfil dos Participantes.....	75
3.3 Sobre as questões contidas nos Roteiros de Entrevistas.....	87
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	150
REFERÊNCIAS.....	158
BIBLIOGRAFIA.....	163
APÊNDICES.....	166
APÊNDICE A - Listagem e transposição gráfica das 27 escolas da cidade de Araraquara - Programa Escola da Família.....	167
APÊNDICE B - Listagem e transposição gráfica do Número de projetos dos quatro eixos do Programa Escola da Família nas escolas da cidade de Araraquara.....	170
APÊNDICE C - Listagem e transposição gráfica da Relação de Voluntários por escolas da cidade de Araraquara.....	173
APÊNDICE D - Listagem e transposição gráfica da Relação de Universitários nas Escolas da Cidade de Araraquara.....	175

APÊNDICE E - Listagem e transposição gráfica da Distribuição do Público do PEF nas Escolas da cidade de Araraquara.....	177
APÊNDICE F – Modelo do roteiro de entrevista do elenco 1 - Educador Universitário.....	179
APÊNDICE G - Modelo do roteiro de entrevista do elenco 2 - Educador Profissional.....	182
APÊNDICE H - Modelo do roteiro de entrevista do elenco 3 - Público Participante.....	185
APÊNDICE I - Modelo do roteiro de entrevista do Elenco 4 - Educador Voluntário.....	187
APÊNDICE J - Modelo do Ofício apresentado ao Dirigente Regional de Ensino para solicitação da coleta de dados.....	189
APÊNDICE K – Descrição das questões que compuseram os roteiros de entrevistas e a natureza de esclarecimentos pretendidos.....	190
APÊNDICE L -. Modelo do Termo de Consentimento apresentado para autorização do registro fotográfico e em vídeo.....	195
APÊNDICE M – Notas do Diário de Campo.....	196

AS MOTIVAÇÕES DA PESQUISA

Imagem e palavra
Depende de quem lava
A folha
Suporte de idéias
À tela que o olhar desvela
As mãos instrumento de criação
A mente que mundos revela?
O artista livre da sua cela
A Arte que nem sempre é bela...

Esta apresentação tem por objetivo relatar parte de minha experiência junto ao Programa Escola da Família, desenvolvida em uma escola de Ensino Fundamental da Rede Pública Estadual, localizada na periferia do município de Araraquara, onde já trabalhava anteriormente, como professora de Educação Artística.

Minhas principais atribuições atuando na modalidade de Educador Profissional no Programa, estiveram circunscritas a implementar o Projeto referido, divulgá-lo na comunidade, estabelecer parcerias e cadastrar agentes que pudessem atuar como Voluntários, previstas para serem desenvolvidas dentro dos quatro Eixos Norteadores do Programa, orientando os projetos de Bolsistas Universitários e de Educadores Voluntários.

Após um ano, aproximadamente, ocorreu minha transferência para outra escola, também na periferia da cidade, para exercer as mesmas funções junto ao Programa, por determinação da coordenação regional.

Ingressei no Programa desde a sua implementação, no ano de 2003, onde permaneci por um período de aproximadamente dois anos, tendo por intenção, articular as atividades desenvolvidas ao longo da semana na prática docente como professora de Educação Artística com as atividades artísticas elaboradas dentro do Eixo Cultura, aos finais de semana.

Durante aquele período, não obstante as atribuições e competências do Educador Profissional não referirem o desenvolvimento de oficinas de artes, o contexto particular da escola na qual atuava levou-me a ministrar algumas dessas oficinas, além de orientar algumas atividades para colaborar com o projeto pedagógico da escola e do Programa, uma vez que ainda não havia Educadores Universitários ⁽¹⁾ quando do início do projeto.

¹ A primeira Educadora Universitária da escola foi recebida no início de dezembro de 2003. Até essa data a escola ficava aberta das 9h às 17h do sábado e do domingo sob a responsabilidade exclusiva do Educador Profissional. Portanto, não ocorriam muitas atividades por essa época, as atividades esportivas eram as mais frequentes.

Minha atuação como professora efetiva de Educação Artística na mesma escola durante a semana, propiciava-me obter um bom conhecimento do projeto pedagógico da unidade escolar.

Foi assim que, dentre as atividades que desenvolvi como Educador Profissional no Programa Escola da Família, constou a orientação de alunos para participação no Concurso WIZO ⁽²⁾ de Pintura e Desenho, cujos temas foram respectivamente: Brasil / Israel - A Importância da Mulher na Sociedade, em 2003 e Brasil / Israel - Sucesso da Tecnologia, na edição de 2004.

Esse concurso foi divulgado em sala de aula durante a semana e os alunos interessados nos procuraram para orientação durante e aos finais de semana. Alguns dos trabalhos que orientei, foram selecionados e enviados ao concurso, sendo que deles foi premiado na edição de 2003 com Menção Honrosa, e no ano seguinte em nova realização desse concurso, mais uma vez, a mesma aluna, sob minha orientação, foi premiada com o Segundo Lugar do Júri Oficial.

Para traduzir a importância da mulher na sociedade a aluna compôs uma colagem sobre papel. O trabalho referido pode ser visto na fotografia a seguir:



Fotografia 1- Colagem sobre o tema Brasil / Israel
A importância da mulher na sociedade (Arquivo Pessoal)

Para representar a união dos países Brasil e Israel na tecnologia a aluna executou seu trabalho sobre tela usando técnica mista, empregou vários materiais alternativos como peças

² A WIZO (woman international Zionist organization) é uma organização feminina integrada por mulheres judias, cuja sede é em Tel Aviv - Israel e possui representação em São Paulo. O concurso WIZO é realizado em parceria com a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, e é oferecido para alunos do ensino fundamental e médio da Rede Estadual de Ensino. O concurso é tradicional e em 2006, completou sua 17ª edição e tem como proposta o intercâmbio cultural entre o Brasil e o Estado de Israel, visando a troca de conhecimentos entre os alunos para que conheçam melhor esses dois países. As obras apresentadas são em pintura, desenho ou colagem, elaboradas individualmente e apresentadas em cartolina, tela ou papel medindo 50x70cm.

inutilizadas de computador (peças internas, placas, fita de *scanner*, fios elétricos, pedaços de disquete, entre outros) além de papel celofane, isopor e tinta a óleo. O trabalho pode ser apreciado na fotografia seguinte.



Fotografia 2- Colagem sobre o tema Brasil / Israel
Sucesso da Tecnologia (Arquivo Pessoal)

Para execução daqueles trabalhos, a aluna premiada havia percebido a necessidade de problematizar a temática, estudado possibilidades e avaliado diversas soluções para expressar o tema, tomado decisões e, finalmente, respondido com o produto da criação, o que me levava a confirmar o que diziam alguns teóricos da criatividade e, em especial, Mihaly Csikszentmihalyi, ao fazer referência à encontrar uma solução criativa a partir de um problema.

Além disso, existia empatia com o pensamento de que a inscrição dos trabalhos em concursos poderia ser uma forma de comunicação das idéias dos alunos para além dos muros da escola, pois julgava importante socializar as criações, expô-las aos olhares do público para apreciação, tal como o que é colocado pelo referido autor, que considera que uma idéia não deve permanecer na mente de quem a produziu, que o produto observável deve ser gerado e o criador deve comunicar a sua idéia ou produto de alguma maneira.

Reportava-me às considerações sobre oficinas de trabalho da criatividade que estimulavam a solução criativa de problemas, através da procura de materiais, da exploração dos meios possíveis de uso dos materiais para realização de um trabalho e da idéia que se quer comunicar. Acompanhava como educadora, o que a literatura mostrava sobre solucionar os problemas de utilização do material para usá-lo na montagem de um quadro, a necessidade de persistência no projeto, da curiosidade, de maior sensibilidade para a variedade de soluções

para um problema, da capacidade de lidar com o fracasso e recomeçar o projeto, efetivamente, considerados como os principais traços de personalidade da pessoa criativa. Portanto, considerei que aquela aluna havia sido criativa na execução dos seus trabalhos por apresentar características semelhantes a essas e que o seu produto também fora criativo.

Em outra atividade desenvolvida no contexto do Programa Escola da Família, foi elaborado o projeto denominado *Instalação Acqua Vitale*, conduzido durante e também aos finais de semana, compreendendo a criação e montagem de uma instalação com alunos das 8ª séries da escola na qual atuava.

O projeto era vinculado à proposta pedagógica da unidade escolar e compreendia a discussão do conceito de instalação e o trabalho coletivo do grupo, necessário para chegar ao tema principal, além da execução da obra.

Essa instalação foi criada utilizando telas aramadas, para constituir as paredes do ambiente de doze metros de diâmetro e quatro de largura, o material que constituiu as paredes foi TNT marrom, grafitado imitando as rachaduras do solo nordestino, nas paredes foram fixados dezoito trabalhos desenhados em cartolina, de releituras e de criação sobre o tema “seca”, usando nanquim, grafite e guache, em preto e branco, com a paisagem ao fundo em tons de amarelo e vermelho.

Os alunos selecionaram as obras para releitura, visitaram uma igreja da cidade para conhecer as pinturas religiosas que remetiam às características do povo nordestino (³), escolheram dentre os painéis quatro para comporem as obras de releitura e colocarem do lado de fora da instalação. A instalação compreendia *performance* que retratava uma família de retirante que saía da instalação, enquanto um romeiro declamava trecho de Morte e Vida Severina de autoria de João Cabral de Mello Neto e o poema Romaria de Carlos Drummond de Andrade.

Era utilizado, a fim de compor aquele ambiente, um monitor de TV transmitindo o filme *Vidas Secas* (sem áudio) de Nelson Pereira dos Santos e o som ambiente da instalação era das músicas *Asa Branca*, de autoria de Luiz Gonzaga e *Terra Planeta Água*, composição de Guilherme Arantes. As imagens dialogavam com a primeira música e representavam o oposto ao que a letra da segunda dizia, criando uma contradição entre ambos. Para recriar o ambiente nordestino, o solo foi forrado de folhas secas, areia e mandacaru (⁴), a um canto

³ Informações detalhadas no *site*: www.nsg.sunrise.com.br

⁴ O mandacaru é um cacto de proporções arbóreas que é típico das regiões do sertão, considerado uma espécie símbolo da região do nordeste, mas que pode ser encontrado em outros lugares por ser adaptável, onde é conhecido como cactus.

embaixo do monitor de TV ficava uma fonte de água e, ao lado dessa os nordestinos deixavam seus pertences quando retornavam de sua romaria pendurando os painéis religiosos do lado de fora da instalação, deixando para o visitante a marca de que haviam estado ali, já que, na abertura para visitação do interior da instalação, eles permaneciam presentes através dos objetos.

Esse trabalho foi inscrito na 2ª Olimpíada de Saúde e Meio Ambiente da Fundação Oswaldo Cruz – (FIOCRUZ), concorrendo pela Região Sudeste na Modalidade Arte e Ciência da Categoria Ensino Fundamental. Venceu a Fase Regional e como representante da Região Sudeste, posteriormente, foi premiado com o Primeiro Lugar da Fase Nacional na Categoria Ensino Fundamental, Modalidade Arte e Ciência, na cidade do Rio de Janeiro durante o 4ª Congresso Mundial de Centros de Ciências.

Detalhes desse trabalho podem ser vistos nas fotografias seguintes:



Fotografia 3- Detalhe da Instalação Acqua Vitale
(Arquivo Pessoal)



Fotografia 4 – Instalação Acqua Vitale
Detalhe Vista Superior (Arquivo Pessoal)



Fotografia 5 – Instalação Acqua Vitale
Detalhe vista lateral externa (Arquivo Pessoal)

Tais experiências, vivenciadas a partir de minha inserção naquelas duas realidades, as quais me haviam sido dadas a conhecer de perto, favoreceram que eu pudesse vislumbrar o surgimento de vários questionamentos. Um deles, fruto de minha reflexão sobre minha própria atuação como professora de Educação Artística, contribuiu para a tentativa de identificar quais seriam as possíveis implicações que conhecimentos prévios adquiridos sobre aquele campo de conhecimento, poderiam propiciar ao desempenho da função de Educador Profissional.

Quase como consequência natural, um segundo questionamento foi configurado com base na necessidade de identificar a natureza dos requisitos que se evidenciariam necessários para o educador promover a ampliação do potencial criativo dos participantes (alunos ou usuários), a partir do processo de ensino-aprendizagem da Arte.

A necessidade de pesquisar mais sobre Arte-Educação, de compreender melhor as formas de manifestação artística dentro do Programa foi acentuando-se e, ao par dessa, outros questionamentos foram se revelando: as atividades artísticas poderiam desencadear processos que levariam à criatividade ou à formação da consciência estética, de estímulo à sensibilidade ou seriam atividades desenvolvidas como mera execução de técnicas? Trariam alguma proximidade com metodologias de ensino da Arte, favoreceriam a criação e a fruição artística aos participantes ou estariam restritas à imitação e reprodução simplista de técnicas?

Assim, a necessidade de conhecer mais amplamente as concepções de Arte-Educação em vigência no decorrer daquele processo, especificamente com foco nas atividades artísticas desenvolvidas no Eixo Cultura do Programa Escola da Família e, se tais concepções resultariam em formas diferenciadas de desempenho pelos participantes, foram alguns dos fundamentos que concorreram para a identificação do objeto de estudo, do qual deriva-se a presente pesquisa.

1 INTRODUÇÃO

1.1 O Programa Escola da Família

Asas furta-cores no fla flu do vento.
Fluxo intenso!

O Programa Escola da Família (PEF) foi implantado no ano de 2003 em todas as unidades escolares da rede pública do Estado de São Paulo e, funcionando em caráter experimental, compreende a abertura das escolas públicas estaduais de São Paulo aos finais de semana para o desenvolvimento de atividades esportivas, culturais, de estímulo à saúde e de qualificação para o trabalho. Em princípio, o Programa priorizou o atendimento a adolescentes e jovens como forma de prevenção à ocorrência de violência e valorização da auto-estima. Procura atender os pressupostos da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) Nº 9394/96 e do Plano Nacional da Educação que asseguram como um dos seus princípios a gestão democrática do ensino público.

Prioriza, também, os princípios da política educacional estadual de inclusão social e democratização da escola pública, bem como, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e os objetivos da UNESCO, que propõe uma cultura de paz e não-violência nos espaços escolares.

Além de ter sido inspirado no *Programa Cidade Escola Aprendiz* implantado, na década de 1970, na Vila Madalena na cidade de São Paulo, pelo jornalista Gilberto Dimenstein e existente ainda hoje, projeto desenvolvido com jovens, através de parcerias entre empresas e a comunidade em geral, que visa estimular o protagonismo juvenil e a participação da comunidade em programas de artes, meio ambiente, esporte, comunicação, tecnologia e geração de renda. Além disso, o Programa Escola da Família está baseado no resultado de pesquisa realizada com escolas estaduais participantes do Projeto Parceiros do Futuro da Rede Estadual de Ensino da Grande São Paulo.

O Programa Escola da Família surge também, portanto, das tendências atuais da educação implementadas pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) desde a década de 1990 que se voltam para as mudanças de ações metodológicas e para a democratização da gestão da escola pública.

No ano de 2004, após quase um ano de funcionamento, o Programa Escola da Família foi instituído através do Decreto Nº 48.781/2004 publicado no Diário Oficial do Estado em 08/07/2004 pelo Governador do Estado de São Paulo.

Segundo Lanier (1984, p. 53):

[...] se a nossa atenção como professores está voltada fundamentalmente para o incremento da capacidade das pessoas de experienciar arte mais do que produzi-la, teremos pouca - para não dizer nenhuma - necessidade de programa de arte apoiados em procedimentos de ateliê que exigem elaboração, gastos e consumo de tempo. Seguramente eles deveriam ou poderiam existir como opção de qualquer idade, dentro ou fora da escola, uma vez que o prazer e a satisfação que produzem é uma contribuição substancial para a vida.

É notório que, desde a década de 1990, a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo (SEE-SP) tem trabalhado no sentido de implementar políticas educacionais que visam criar um novo conceito de escola aberta à comunidade. Dessas iniciativas podem ser citados os projetos *Parceiros do Futuro*, *Comunidade Presente*, *Prevenção Também se Ensina* e *Jovem Protagonista*. A partir dessas iniciativas, e de outras como o Fórum Escola dos Nossos Sonhos, realizado em São Paulo, em novembro de 2002, seguido de Fóruns Regionais, em maio de 2003, Pesquisa de Professores e Pesquisa de Pais, surgiu a base para a elaboração do *Programa Escola da Família*.

O Programa Escola da Família - Espaços de Paz foi implantado pelo Governo do Estado de São Paulo, nas escolas da Rede Pública Estadual, decorrendo de uma iniciativa política voltada à redução da violência escolar e democratização da escola, através da Secretaria Estadual, e da parceria com a UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), além de universidades privadas⁽⁵⁾ que concedem bolsas de estudos para universitários (provindos da rede pública) que atuam no Programa como Educadores Universitários. A iniciativa ainda reúne como parceiros pais, alunos e demais voluntários⁽⁶⁾ da comunidade intra e extra-escolar.

A iniciativa parte do princípio de que o maior índice de violência entre os jovens⁽⁷⁾ é devido à falta de opções de lazer e cultura. Portanto, a escola seria o local mais indicado para suprir essa lacuna. Além disso, o Programa reduz custos porque utiliza estruturas já existentes na escola.

⁵ Cerca de 335 Instituições de Ensino Superior em todo o Estado fecharam parceria com a Secretaria de Estado da Educação. As parcerias garantem aos universitários, todos ex-alunos da Rede Estadual Paulista de Ensino, 100% de gratuidade, sendo 50% da mensalidade paga pelo Estado, limitada a um teto de R\$ 267,00/mês, renovável semestralmente e o restante financiado pela própria Universidade.

⁶ Segundo informações do Manual Operativo do Programa são 40.315 voluntários cadastrados que aderiram ao Programa. A exemplo de ações anteriores da Secretaria da Educação, o Programa conta com a participação do Instituto Brasil Voluntário, destinado a implementar o programa Jovem Voluntário - Escola Solidária.

⁷ A Unesco lançou um estudo que traça um panorama da mortalidade na juventude brasileira e confirma, entre os jovens, os maiores causadores e as principais vítimas da violência. Como resposta a esse fato, a Escola da Família se coloca como alternativa para tirar pessoas desta faixa etária da rua, e ocupar o tempo ocioso.

A UNESCO implantou essa iniciativa primeiramente nos estados do Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco. Depois, implantou em São Paulo, com a quase totalidade da rede. Recentemente exportou o projeto para a Argentina e, em breve, implantará no Marrocos e no Peru.

Segundo Gonçalves e Sposito (2002), a partir do ano de 2000, em decorrência dos altos índices de violência nas escolas envolvendo jovens, foram empreendidas iniciativas pelo Poder Público, visando reduzir o índice de violência escolar. Os autores discutem a violência nas escolas e apresentam algumas formas de enfrentar essas questões em três capitais brasileiras: São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte. Descrevem os modos de ações de políticas públicas voltadas para a prevenção ou diminuição da violência escolar no Brasil. Nos interessam as afirmações desses autores sobre essas iniciativas no Estado de São Paulo.

Em junho de 1999 o Ministério da Justiça criou uma comissão de especialistas que elaborou diretrizes para enfrentar a violência nas escolas, e contou com o apoio de alguns institutos de pesquisa e organizações não-governamentais. Dessa parceria surgiu o Programa Paz nas Escolas, realizado pelo Ministério da Educação, em conjunto com as Secretarias Estaduais de Educação, e desenvolvido a partir de 2000 em 14 estados brasileiros.

Segundo Gonçalves e Sposito (2002), São Paulo, através do Poder Público, criou duas iniciativas visando diminuir a violência escolar: A primeira, tornou obrigatória a abertura das escolas nos fins de semana para uso da população em atividades de lazer, cultura e esporte. A segunda, através da Secretaria Municipal de Educação - gestão Mário Covas (1983/1985), estabeleceu o projeto Fim de Semana, propôs o uso do espaço escolar, aos fins de semana, com atividades que envolviam a comunidade intra e extra-escolar. Esse projeto podia ser aderido pelas escolas que recebiam apoio para o seu desenvolvimento.

Dentre os resultados positivos dessas atividades os autores consideram que os portões abertos para atividades esportivas, culturais e de lazer reduziram índices de violência anteriormente observados na escola. Segundo os autores, o sucesso decorreu da atuação das associações da comunidade local como uma liderança positiva e da possibilidade da escola transmitir uma nova imagem para os jovens.

Dentre as experiências de fracasso consta que em algumas escolas os índices de depredação aumentaram, houve desgaste de equipamentos, sem rápida reposição, maior necessidade de recursos humanos e falta de verba, falta de um projeto pedagógico para alterar as práticas escolares. Nessas escolas, os autores avaliam que a ocupação dos espaços e tempos ociosos não possibilitava resultados positivos.

Nesta mesma trajetória de inovação e promoção da abertura das escolas aos finais de semana, e na busca da diminuição dos índices de violência entre os jovens, a Unesco lançou, em 2000, o *Programa Abrindo Espaços: Educação e cultura para a paz*, que atualmente vem sendo desenvolvido nos Estados de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, Rio Grande do Sul, Minas Gerais e Piauí.

Em seguida, agregando experiências anteriores, o Programa Escola da Família foi implementado em 23 de agosto de 2003, na Rede Pública do Estado de São Paulo.

Segundo Gonçalves e Sposito (2002, p. 108), essa tendência de democratização da escola pública, tem se marcado a partir dos anos 1980, sob o pretexto de diminuir os processos de exclusão, como a evasão e a repetência.

[...] o tema da democracia vinha articulado à idéia de participação de vários atores sociais na vida escolar. Em outros termos, propunha-se a democratização da gestão interna da escola e, também, sua abertura para interações mais intensas com alunos e moradores dos bairros da periferia, mediante a ocupação dos espaços escolares, nos fins de semanas, para o desenvolvimento de atividades esportivas, culturais e de lazer.

Conforme a afirmação demonstra, a gestão democrática nas escolas começa a ser considerada como uma alternativa para não violência escolar. A abertura dos espaços escolares aos finais de semana passa a ocupar os momentos ociosos da juventude, sendo pensada como proposta para diminuir o fracasso escolar.

No Programa Escola da Família a escola foi aberta aos finais de semana para oferecer aos jovens, suas famílias e a comunidade em geral, atividades centradas em quatro eixos: Cultura (envolve todas as formas de manifestação artística), Esportes (inclui as atividades esportivas e físicas de um modo geral), Saúde (abarca questões relacionadas à saúde e qualidade de vida) e Qualificação para o trabalho (engloba atividades que proporcionam geração de renda, competências e habilidades para o mercado de trabalho).

Essas atividades são desenvolvidas por voluntários, e bolsistas universitários do Programa, capacitados pela Equipe de Fortalecimento (professores de Arte e professores de Educação Física) e sob a orientação de Educadores Profissionais.

A escolha desses eixos e a grade de atividades propostas pelo Programa basearam-se no resultado de pesquisa realizada com escolas estaduais participantes do Projeto Parceiros do Futuro da Rede Estadual de Ensino da Grande São Paulo. E segundo o Manual Operativo do Programa Escola da Família:

“A grade de atividades propostas... tem como intenção criar oportunidades para a ampliação de horizontes e perspectivas para todos os participantes,

fortalecendo o sentimento de pertencimento da comunidade intra e extra escolar, a auto-estima e a identidade cultural dessa população.” (São Paulo: s/d, p. 16).

Além disso, a proposta do Programa, que visa uma cultura de paz, está centrada nos *Quatro Pilares do Conhecimento* que são respectivamente: ***Aprender a conhecer, Aprender a viver juntos, Aprender a fazer e Aprender a ser*** propostos na obra *Educação: um tesouro a descobrir* (DELORS, 2001), que resultou em Relatório elaborado para a Unesco, conhecido desde sua publicação em 2001 como Relatório Delors.

Podemos resumir os Quatro Pilares da seguinte forma: ***Aprender a ser*** é aprender sobre si mesmo, responder quem é, e do que é capaz. ***Aprender a viver juntos*** é você em relação com o outro, convivendo com as diferenças. ***Aprender a conhecer*** é ampliar os conhecimentos além dos limites do seu próprio mundo, ultrapassando-o. ***Aprender a fazer*** é o fazer recriando, transformando, evoluindo no conhecimento e na competência.

O quadro do Programa Escola da Família é constituído na Diretoria de Ensino por uma *Coordenação Regional*, da qual fazem parte um Supervisor de Ensino e um Assistente Técnico-pedagógico- ATP da Oficina Pedagógica, que juntamente com os Coordenadores de Áreas (profissionais responsáveis pelo andamento de cerca de dezenove escolas) promovem as reuniões de capacitação e trocas de experiências em função dos objetivos do Programa.

Cada escola possui, em seu quadro, um Educador Profissional responsável pelo andamento das atividades na unidade, por alimentar os relatórios da unidade no site do Programa, pela firmação de parcerias e pelos projetos dos Educadores Universitários⁽⁸⁾ e Voluntários que são os executores das atividades. Deve fazer parte do quadro um gestor da unidade escolar, este pode ser o diretor, ou o vice-diretor, ou o coordenador, entretanto, quando nenhum dos gestores assume o Programa, a escola funciona sem a presença dele.

As propostas iniciais do programa foram:

Art. 2º - O Programa Escola da Família tem como proposta a abertura das escolas públicas estaduais aos finais de semana, com o propósito de atrair os jovens e suas famílias para um espaço voltado para a prática da cidadania, onde são desenvolvidas ações socioeducativas, com o intuito de fortalecer a auto-estima e a identidade cultural das diferentes comunidades que formam a sociedade paulista.

Art 3º - Os espaços das escolas públicas estaduais, de que trata o artigo anterior, devem estar disponíveis a fim de estimular a participação da comunidade intra e extra-escolar em atividades artísticas, esportivas, recreativas, formativas e informativas, voltadas para o exercício da cidadania,

⁸ O quadro de universitários de cada unidade escolar é determinado pelo número de alunos matriculados na escola, ou seja, pelo público em potencial.

em perfeita sintonia com o projeto pedagógico da unidade escolar, a fim de favorecer o desenvolvimento de uma cultura participativa e o fortalecimento da escola com a comunidade (SÃO PAULO, 2004, DOE).

O Programa foi criado em consonância com os princípios básicos da Política Educacional do Estado: **Inclusão** é o respeito às diferenças, **Participação** é a interação escola comunidade, e **Autonomia** é no sentido de participação no projeto pedagógico. Portanto, as atividades seguem os princípios da Secretaria da Educação, explicitados como: a defesa do lema “aprender a aprender”, e das propostas construtivistas.

Embora o lema “aprender a aprender” aparentemente colabore para uma formação mais participativa na construção do aprendizado, é necessário que se reflita em relação às conseqüências eventualmente implícitas neste discurso, referido como “inovador” e “democrático”. É importante salientar, entretanto, que a adesão a este lema não é consenso na literatura. Dentre aqueles que apresentam críticas a este modelo, destaca-se Duarte (2000), que acredita que essa pedagogia, entre outras, que envolvem a defesa do construtivismo, do “aprender a aprender” e da pedagogia das competências, estão voltadas para valorização do conhecimento tácito, pelo aprender por si mesmo, desvalorizando o papel do professor e do conhecimento científico. Para o referido pesquisador o “aprender a aprender” possibilita que as consciências sejam manipuladas pela classe dominante, uma vez que a adoção de tal lema, estaria a serviço de uma filosofia neoliberal e do pós-modernismo, difundidos pelo sistema capitalista.

Para Duarte (2000, p.8) tais pressupostos destinam as massas para a pobreza intelectual e reafirmam as desigualdades sociais, como observa:

O lema “aprender a aprender”, ao contrário de ser um caminho para a superação do problema, isto é, um caminho para uma formação plena dos indivíduos, é um instrumento ideológico da classe dominante para esvaziar a educação escolar destinada à maioria da população enquanto, por outro lado, são buscadas formas de aprimoramento da educação das elites.

Por outro lado, a literatura tem referido autores que, como Perrenoud (2005) consideram como importante o princípio do “aprender a aprender”, segundo o qual, o aluno aprende na medida em que os professores são mediadores que podem ajudá-lo, criando situações de aprendizagem, dando sentido à uma pedagogia ativa e construtivista ou, em outras palavras, ao ensinar a aprender. Ainda segundo este autor, por meio de um ensino voltado ao desenvolvimento de competências necessárias para conviver em sociedade e do

resgate de valores éticos e filosóficos, é que a escola poderá desenvolver a cidadania e cumprir a sua função educativa, tal como afirma:

O desafio da escola obrigatória são as competências que fazem de nós não apenas trabalhadores, independentes ou assalariados, mas seres autônomos, cidadãos responsáveis, pessoas que têm uma vida privada, familiar, espiritual, sexual, associativa, de lazer, de engajamento em diversos projetos e em diversas causas. Essa reflexão não é apenas técnica; ela coloca, antes de tudo, a questão das *finalidades da escola*. É urgente reconstruir uma transposição didática com base em sondagens sérias a respeito do que as pessoas precisam efetivamente para viver, refletir, formar-se e atuar em todos esses registros. (PERRENOUD, 2005, p. 71, grifos do autor).

Conforme o autor demonstra, a necessidade de aprender a aprender e o desenvolvimento de competências estão relacionados às exigências da vida, dentre as quais se localiza também o campo do trabalho, ou seja, trata-se de preparar o indivíduo a lidar com os diversos tipos de atividades cotidianas, presentes na sua realidade.

Segundo Perrenoud (2005) essas competências não são avaliadas com testes, ou medidas de inteligência, pois extrapolam a avaliação de conhecimentos específicos; não são ensinadas mas construídas e incluem a formação de habilidades. A validação dessas competências, segundo o autor,

[...] se faz em situações reais, que não podem ser padronizadas, sincronizadas. Assim, está mais próxima do ateliê artístico ou de um treinamento esportivo: a transmissão condensada de um saber é limitada em proveito de uma prática que o formador observa, delimita, regula e avalia sobre essa base, muito longe das provas escritas ou dos testes orais clássicos realizados no ambiente escolar (p.76)

Embora as opiniões de teóricos como Duarte (2000) e Perrenoud (2005) possam se mostrar antagônicas, no sentido de que, ou essas experiências de aprendizado por esforço próprio sejam fruto de inspiração neoliberal ou de que o “aprender a aprender” e o desenvolvimento de competências sejam necessários para o convívio na atual sociedade da informação, há que ser considerada a necessidade de verificar sistematicamente quais os aspectos positivos e negativos de tais circunstâncias.

Para a análise sobre como alguns princípios desta mesma natureza possam estar ocorrendo durante a implementação do Programa Escola da Família, compete a pesquisa científica e para tanto, o presente estudo visa contribuir.

Neste trabalho, são relevantes as figuras do Educador Profissional, do Universitário, do Voluntário, do Público Participante e as atividades artísticas do Eixo Cultura. No que

refere aos protagonistas do PEF, o Manual Operativo (2005/2006) comenta sobre os perfis de cada um deles, a saber:

O Educador Profissional do Programa Escola da Família deve possuir formação superior em qualquer área do conhecimento ligado à Educação e, dentre suas principais atribuições destacam-se: a orientação dos universitários e voluntários na elaboração de seus projetos; a busca de parcerias e voluntários para o Programa; a organização da Grade de Atividades e a divulgação da programação para a Unidade Escolar e Comunidade; a organização e distribuição de materiais referentes às atividades; a elaboração e preenchimento de relatórios *on-line*; a participação em reuniões com as coordenações local, regional e geral; a orientação, acompanhamento, avaliação e emissão de relatórios acerca dos projetos dos educadores voluntários e universitários.

O Bolsista Universitário está vinculado a um curso de graduação, de Instituição Privada de Ensino Superior conveniada com o Programa. Para se candidatar à bolsa deve ter cursado as três séries do Ensino Médio na Rede Pública Estadual Paulista ou na Rede Municipal e não pode estar recebendo outro benefício para custeio da mensalidade do curso de graduação.

Dentre as suas principais atribuições estão: elaborar projetos para desenvolver no Programa, conforme orientações recebidas; cumprir a carga de horária de 16 horas, aos finais de semana, nos espaços escolares previamente indicados pela Diretoria de Ensino ou pela Secretaria Municipal de Educação; elaborar relatórios mensais das atividades desenvolvidas e entregá-los ao Educador Profissional responsável pelo Programa na Unidade Escolar de atuação; participar das reuniões de capacitação e avaliação do Programa, sempre que solicitado pelos Coordenadores de Área, Assistente Técnico Pedagógico ou Supervisor; utilizar os conhecimentos adquiridos no curso de graduação ou suas habilidades pessoais, no exercício de suas funções; colocar em prática as instruções recebidas para a implementação do *Game SuperAção* do Instituto Ayrton Senna (IAS) - nas escolas em que haja público alvo indicado.

Especificamente em relação a esta última atribuição dos Bolsistas Universitários, é necessário esclarecer que esta proposta do Instituto visa a que os jovens possam ser vistos nas escolas, não mais como um problema social, mas como fonte de soluções para a educação, a escola e a comunidade.

Para isso, conclama os Educadores Profissionais e Universitários participantes do Programa Escola da Família, por meio das suas instâncias de Coordenação, para

desenvolverem o Programa *SuperAção Jovem* que envolve ações e projetos com adolescentes e jovens de 14 a 18 anos, a partir de uma metodologia social considerada inovadora, a partir, também, dos pressupostos dos quatro pilares da Educação propostos pela UNESCO mediante os quais, propõe um segundo avanço, na medida que os relacionam com competências para a vida, respectivamente, a saber: aprender a ser relacionado às competências pessoais; aprender a conviver com aspectos relacionais; aprender a fazer articulado com competências produtivas e aprender a conhecer, relacionado a competências cognitivas.

No Programa *SuperAção Jovem*, essas quatro competências são trabalhadas em três eixos pedagógicos simultâneos: Protagonismo Juvenil – estimula a participação dos jovens no enfrentamento de problemas concretos de sua comunidade; Educação para Valores – subsidia os jovens, para que possam situar-se diante de si e do mundo, capacitando-os para a tomada de decisões; Cultura da Trabalhabilidade – auxilia os jovens a compreender o mundo do trabalho e a preparar-se para nele ingressar e permanecer.

Assim, todas as instâncias de Coordenação do Programa Escola da Família são envolvidas na implementação do *SuperAção Jovem* e capacitadas para esse fim, entretanto, os Bolsistas Universitários são capacitados para que atuem como facilitadores, tornando-se portanto, tal como ocorre com os Educadores Profissionais, os agentes principais para a sua implementação junto aos jovens das escolas estaduais.

Ao Educador Voluntário, é solicitada a doação de seu tempo e trabalho para desenvolver ações voltadas às expectativas da comunidade realizando atividades inseridas na programação das escolas, aos finais de semana, de maneira espontânea e não-remunerada. O seu processo de adesão deve ser instruído pelo Educador Profissional da própria escola e/ou Diretoria de Ensino onde executa suas ações, nos termos da Lei Federal nº 9.608, de 18 de fevereiro de 1998 (⁹).

Dentre as suas principais atribuições estão previstas: firmar termo de adesão (conforme modelo do Anexo II do Manual Operativo do Programa Escola da Família 2005/2006); desenvolver atividades relativas à sua área de atuação profissional – para a qual possui habilitação técnica ou formação específica – ou outras relacionadas às suas habilidades pessoais, desde que as mesmas não requeiram formação técnica e específica; definir, previamente, junto à Coordenação Local, um plano de trabalho com a respectiva carga horária

⁹ Considera-se serviço voluntário, para fins desta Lei, a atividade não remunerada, prestada por pessoa física a entidade pública de qualquer natureza, ou a instituição privada de fins não lucrativos, que tenha objetivos cívicos, culturais, educacionais, científicos, recreativos ou de assistência social.. O serviço voluntário não gera vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista previdenciária ou afim.

semanal; cumprir o horário e a programação previamente acordados, atendendo às expectativas da comunidade participante e comunicando, com antecedência, suas eventuais ausências.

O Manual Operativo 2005/2006 deixa claro que o Programa tem como foco principal o jovem e o adolescente, apesar do Programa Escola da Família ter como norte envolver toda a comunidade. Considera a adolescência / juventude como um período de transição entre a infância para a vida adulta, como um momento privilegiado para a incorporação e discussão de valores e atitudes positivas relevantes para o estabelecimento de um convívio social saudável, solidário e ético.

No Manual Operativo (2005/2006) consta, ainda, uma lista de sugestões de atividade para o Eixo Cultura no Programa Escola da Família, na qual são observadas: Arte musical, Arte cênica, Arte visual, Danças populares, Danças clássicas, Gincanas, Feiras, Atividades de leitura (uso da sala de leitura), Exibição de fitas de vídeo.

O Manual oferece também, um detalhamento sobre as possibilidades para a implementação das atividades mencionadas, no qual são sugeridos: Gibiteca, Bandeira da paz, Grafiteagem, Cinema e vídeo, Desenho, Hip – hop (DJ, MC, *Break*, *Street Dance*), Canto coral, Origami, Pirografia, Oficinas musicais, Formação de fanfarra, Rádio comunitária, Jornal impresso ou eletrônico, Feira de trocas, Mostre a sua arte (exposições de trabalhos artísticos da comunidade), Feira cultural, monitorada pelos alunos, Teatro de fantoches e sombras.

Embora exista essa lista de sugestões, a partir do ano de 2004, por solicitação das Coordenações Central e Regional do Programa, as escolas passaram a elaborar os seus projetos de acordo com a realidade e as necessidades locais da sua comunidade atendida, cadastrando-os no *site* do Programa. Assim, cada unidade possui a sua lista específica de projetos dentro dos quatro Eixos do Programa.

Além da proposta de atividades culturais sugeridas para o desenvolvimento no Eixo Cultura, o Manual Operativo traz sugestão de ações que podem ser desenvolvidas para esse eixo. Essas ações são: Concurso de poemas ou desenhos entre os alunos, cujo tema seja “Paz”. Os trabalhos serão avaliados pelas comunidades intra e extra-escolar e os trabalhos vencedores serão transformados em *banner* e ilustrarão o espaço da escola; Concurso ou festival de videokê a partir da formação de um repertório para os cantores participantes, que pode ser apresentado ao público, baseado em músicas de determinado compositor, período ou região do Brasil, discutindo-se as principais características, estilo e contexto da produção das

obras; Arte no prédio escolar, com a realização de intervenções artísticas no espaço escolar, com pinturas, grafites, esculturas com sucatas, texturização de paredes, instalação de móveis e outros, que modifiquem o espaço físico da escola; Concurso de fantasias, cuja atividade é uma das várias possibilidades de desenvolvimento do tema Mitos e Lendas Brasileiras, podendo retratar as personagens e mitos do Folclore Brasileiro. A caracterização pode ser feita utilizando-se materiais de sucata ou outro recurso de baixo custo que estimulem a criatividade e a originalidade.

Na lista de sugestões de atividades para o Eixo Esporte, constante do Manual Operativo (2005/2006) são relacionados: Jogos pré – desportivos, jogos esportivos, jogos populares, jogos cooperativos, Atletismo, Lutas, Ginástica e Recreação.

No detalhamento da lista de possibilidades para implementação dessas atividades constam: Jogos lúdicos (dama, dominó e xadrez), Futebol de botão, Pebolim, Ping – pong, *Skate*, Patins, Oficinas, Campeonatos, Hóquei sobre patins, Boxe, Gincanas, Ginástica Aeróbica, Caminhada, Ciclismo, Frescobol, Futevôlei, Golf, Peteca e pião, Tênis de campo, Trilhas, Vídeo – game, Karaokê, Capoeira, Circo, Queimada, pique – bandeirinha, gol a gol e bobinho, Oficina de brinquedos/brincadeiras, visando o resgate da cultura popular.

Dos exemplos de ações específicas para o Eixo Esporte, constam: matroginástica, festival de futebol – adaptado, passeio sobre rodas, jogos cooperativos.

Para o Eixo Qualificação Para o Trabalho as sugestões de atividades do Manual são: Informática, Curso de línguas, Cursos pré – vestibular, Cursos básicos de qualificação profissional.

São também detalhadas as seguintes possibilidades para realização dessas atividades: Cerâmica, Pintura, Tapeçaria, Mosaico, Bijuteria, Corte e costura, Tricô, crochê, bordados, Confeitaria, Culinária, Panificação, Pedreiro, Texturização de paredes, Manicure e pedicure, Cabelereiro, Marcenaria, Jardinagem, Apicultura, Contabilidades, Embalagens, Enfermagem, Eletricista, Etiqueta social, Fotografia, Letrista, Malabarismo, Marketing, Primeiros socorros, Recepcionista, *Silk Screen*, Vitrine viva, Linguagem de sinais, Reciclagem de lixo.

Para o Eixo Qualificação para o Trabalho, além dos cursos e oficinas que constituem uma ferramenta para a inclusão social e geração de renda, sugere-se também a realização de palestras com profissionais de diferentes áreas para conhecimento das especificidades de suas carreiras, vistas como oportunidades para ampliar o universo e as perspectivas de vida de jovens e adolescentes.

As atividades sugeridas para o Eixo Saúde são: Formação de multiplicadores de ações preventivas, Encontros e outras formas de veiculação de informação. Essas atividades também são detalhadas na seguinte lista de sugestões para implementá-las: Planejamento familiar, Acompanhamento nutricional, Almoço comunitário, Cuidados na gravidez e puericultura, Primeiros socorros, Responsabilidade na criação de animais domésticos.

No que refere às ações para o Eixo Saúde, destacam-se: discussão dos professores com seus alunos, durante o período letivo, de assuntos relacionados à prevenção das DST/Aids e do uso indevido de drogas, ou à dengue, por exemplo, formando alunos multiplicadores; firmar parcerias com o posto de saúde local, promovendo palestras a serem ministradas no decorrer da semana, para a capacitação dos multiplicadores, ou aos finais de semana, diretamente à comunidade.

Segundo o Manual Operativo (2005/2006) para os quatro eixos, o quadro de sugestões de atividades e as suas diversas possibilidades de execução, pode ser adequado e/ou alterado de acordo com a realidade local e conforme as necessidades ou expectativas da comunidade.

São sugeridas, ainda, algumas ações para o funcionamento do Programa comuns a todos os eixos e que destacam a observação de três aspectos importantes para o bom funcionamento do projeto, a saber: captação de voluntários, estabelecimento de parcerias e a conservação da limpeza.

Alguns exemplos de temas abordados nas aulas das diversas áreas do conhecimento durante a semana, terminam motivando algumas das atividades relacionadas na grade do Programa Escola da Família, tais como:

- A Paz: esse tema pode ser abordado de forma ampla, envolvendo diversas situações locais cotidianas e/ou mundiais;
- Raízes culturais da comunidade – objetiva recuperar a história local, valorizando as origens da comunidade/bairro/cidade em que se insere a escola;
- Mitos e Lendas Brasileiras – organização de eventos relacionados ao folclore;
- A cultura *hip-hop* – essa manifestação cultural, cuja origem remete aos negros norte-americanos, envolve quatro modalidades de expressão artística – a dança (*break*), a discotecagem, a música (*rap*) e o grafite.

Algumas ações sugeridas, além de revelarem sua natureza transversal em relação às várias áreas de conhecimento, são também articuladas aos próprios eixos, como exemplo: Caminhada por uma cultura de paz nas escolas; Horta comunitária; Coleta seletiva de lixo e preservação ambiental.

O Manual Operativo (2005/2006) sugere também que os relatos de experiência das Diretorias de Ensino e das escolas sejam enviados à Coordenação Geral do Programa Escola da Família, a fim de que as experiências mais significativas possam ser divulgadas e compartilhadas, multiplicadas e reconhecidas. ⁽¹⁰⁾

1.2 Algumas abordagens sobre o estudo da Criatividade

A literatura especializada tem indicado que os estudos sobre Criatividade constituem tema recorrente, que vem alcançando cada vez mais visibilidade. Isto parece ocorrer, especialmente quando se tem presente, a demanda constatada em vários níveis, por indivíduos que sejam considerados criativos e, portanto, mais aptos a atenderem às transformações necessárias para que se constituam plenamente como sujeitos e reconhecidos socialmente enquanto tal.

Entretanto, desde os primórdios da civilização tem sido exatamente a atividade criativa do ser humano que tem conseguido a transformação do indivíduo e de sua realidade, especialmente nos momentos em que o homem se apropria de relações estéticas como uma forma de lidar com a realidade, condição essencial à afirmação do sujeito em plenitude.

Criatividade, portanto, além de referir um processo que humaniza o indivíduo tem se mostrado imprescindível para a produção de conhecimentos e a busca do inovador, do que está ainda por vir, das contradições possíveis, constituindo assim, também relevante objeto de análise.

Não obstante, conforme comentado por Zaniolo (2000), embora a manifestação criadora seja tão antiga quanto a própria civilização, seu reconhecimento como fator de educação, é relativamente recente, ainda que pese a sua preconização, já desde os filósofos gregos, que propunham a educação do indivíduo pela arte.

Longe de figurar, então, no campo das utopias inalcançáveis, o processo criativo tem se mostrado como um elemento essencial a ser considerado, especialmente mediante as transformações sociais importantes que têm sido ocasionadas mundialmente e, inclusive, no que diz respeito à produção de novos conhecimentos científicos.

É pela intervenção em busca do novo, pela descoberta de um reconhecimento estético acerca da realidade, que o ser humano consegue romper com os paradigmas anacrônicos, com

¹⁰ Cabe esclarecer que, posteriormente a realização da coleta houve mudanças na estruturação do Programa decorrentes da Resolução SE 82, de 11 de dezembro de 2006, que dispõem sobre diretrizes e procedimentos para a consolidação do Programa Escola da Família. Tais mudanças, ocorridas principalmente em relação à logística organizacional, serão comentadas posteriormente neste estudo.

a ausência de significações observadas em determinados contextos sociais e estabelecer outras interfaces de atuação, imprimindo novos sentidos às relações estéticas, vigentes até então.

Trata-se, portanto, em última instância, de assimilar o ato criativo como um grande desafio, cuja problematização ocorra mediante questionamentos permanentes sobre o que está posto pela realidade e, criativamente, procurar expressá-los, em toda a sua complexa multiplicidade.

Koellreutter (1999), ao discutir o valor e o (des)valor da arte, afirma que ela pode alargar a consciência do homem, modificando a ele mesmo e à sociedade. Segundo o autor, o valor primordial da arte e da atividade artística em geral, está no estilo próprio do artista, considerado como a mensagem pessoal do artista. Por meio do estilo e da atividade artística, a experiência de novos conteúdos é transmitida ao apreciador e faz com que ele pense para além do exterior da obra e da ação artística.

Esse autor entende estilo como algo original, algo como um traço da personalidade, pois para ele:

Estilo não é jamais imitação, mediocridade ou aquilo que agrada à maioria, que faz sucesso; estilo é marca da personalidade, marca de distinção, a expressão da vivência individual, do conteúdo da informação transmitida. Estilo é o próprio ser humano. (KOELLREUTTER, 1999, p.259)

A constituição do estilo pessoal pode ser alcançada através de processos que desencadeiam a criatividade. Logo, se o estilo pessoal do artista ou criador é percebido através da sua obra, há que ser questionado se qualquer atividade artística, até mesmo aquelas destinadas a preencher o tempo do ócio, podem alcançar resultados positivos no que tange ao desenvolvimento do estilo pessoal e da criatividade.

Considerando que parece não haver consenso acerca da concepção sobre criatividade e que este tema tem sido tratado pelas mais diversas áreas do conhecimento, parece oportuno apresentar um breve panorama, no intuito de retratar os variados enfoques e referenciais presentes na literatura.

É notório que a expressão artística fornece elementos para despertar a percepção e a sensibilidade do homem, proporcionando-lhe maior consciência de si mesmo e do meio-ambiente. Entretanto, para que esse nível de percepção seja alcançado é necessário que qualquer atividade artística proporcione a ampliação do pensamento e dos processos perceptivos que levam a criatividade.

A literatura especializada tem possibilitado conhecer como alguns teóricos têm pretendido responder a esses questionamentos sobre o processo criativo, por meio de estudos realizados por Csikszentmihalyi (1992, 1999), Alencar e Fleith (2003), Torrance & Torrance (1974), Barron (1975) e Yoshiura (1982), Wechsler (1993) e outros.

Segundo explicações de Yoshiura (comunicação oral) ⁽¹¹⁾, qualquer coisa que o homem faça pode ser considerado criativo, porém existem teorias que permitem a ampliação dessa capacidade.

Para Alencar e Fleith (2003), dentre os estudiosos sobre a criatividade que se dedicam à ampliação dessa capacidade, é possível destacar Csikszentmihalyi, que acredita que os limites da consciência podem ser ampliados e que o processo criativo depende dessa capacidade de dominar a consciência. Por meio da atenção focada e das escolhas dos indivíduos, é determinada a qualidade de suas vidas, considerando que a fruição da Arte é importante por ser agradável, por desenvolver sua autoconfiança, suas capacidades e possibilitar contribuições significativas para a humanidade.

Ainda segundo os autores, Csikszentmihalyi defende a idéia de que a criatividade se dá na interação entre o criador e a sua audiência. A criatividade não é compreendida como própria do indivíduo, mas do julgamento que fazem de um trabalho quando comparado ao que já existe naquele domínio. Assim, o ambiente estimulador é considerado como importante para o sucesso da criatividade. Em decorrência, o autor citado considera mais provável uma resposta criativa de alguém que possua um certo domínio de informações referentes a uma área de interesse, além de afirmar que considera essencial para os estudos sobre a criatividade, o reconhecimento da influência de fatores sociais, culturais e históricos, na produção criativa e na avaliação do trabalho criativo.

Esses pressupostos parecem de acordo com a teoria da criatividade de Torrance e Torrance (1974), que considera a importância da cultura para sua manifestação, e para a qual, a criatividade é uma combinação de capacidades, habilidades e motivação. É uma habilidade possível de ser ensinada, mas que depende da motivação do indivíduo e do professor. O pensamento criativo, sob essa perspectiva, traduz-se por um processo pelo qual o indivíduo se conscientiza de um problema ainda sem solução, busca essa solução formulando hipóteses para resolução desse problema, testa as soluções, faz modificações, reexamina e comunica os resultados.

¹¹ Durante a disciplina *Processo Criativo: O fenômeno e implicações para a ação educativa*, oferecida no Programa de Pós-graduação em Educação Escolar na UNESP de Araraquara no ano de 2005.

Para Barron (1975) a criatividade decorre das maneiras estilísticas de usar a mente, tendo observado que os indivíduos criativos têm a atitude perceptiva desenvolvida, são mais flexíveis e abertos a experiências, são intuitivos e preferem maior complexidade nas coisas das quais se ocupam, fugindo daquilo que lhes pareça óbvio.

Preocupada com os processos que estimulam a criatividade Yoshiura (1982) realizou pesquisa que visou compreender como o desenvolvimento criativo do indivíduo pode ser estimulado através da Arte e apresentou uma sugestão metodológica voltada ao desenvolvimento da criatividade, bem como os resultados de sua aplicação em Curso de Sensibilização Artística da Fundação Mokití Okada. Segundo Yoshiura (comunicação oral) esse curso foi elaborado por ela para ser aplicado no referido instituto, mas tem tido continuidade em outras instituições ao longo desses anos.

Na verificação do desenvolvimento da personalidade e do pensamento criativo os dois instrumentos utilizados foram as tarefas de figuras incompletas, extraídas da bateria de testes de Minnesota, para avaliar os fatores de fluência, flexibilidade e originalidade, segundo modelos de Guilford (1962, apud YOSHIURA,1982) e Torrance (1976, apud YOSHIURA,1982), e análise, a partir do modelo proposto por Jackson e Messick (1968, apud YOSHIURA,1982), das predisposições cognitivas, das características da personalidade, das propriedades das respostas e dos tipos de respostas estéticas.

O primeiro instrumento utilizado permitiu avaliações quantitativas. Referiu-se, portanto, às características figurativas (não verbais), relativas à fluência, flexibilidade e originalidade, cujos significados são explicitados a seguir.

Fluência é definida como a quantidade de elementos figurativos produzidos pelo indivíduo num determinado tempo. Flexibilidade como a versatilidade no número de vezes que o indivíduo altera o rumo que confere a sua expressão ao produzir elementos figurativos, num dado tempo. E Originalidade é relativa à qualidade do elemento figurativo criado, no sentido incomum, em comparação aos dos demais participantes do grupo. Essas são as características da personalidade criativa, identificadas por Guilford (1962).

Os dados relativos às características da personalidade indicados por Guilford - primeiro instrumento de medida da pesquisa - revelaram considerável desenvolvimento criativo na maioria dos sujeitos que freqüentaram o curso de sensibilização artística. Os sujeitos apresentaram desenvolvimento com relação à originalidade e a flexibilidade.

Para Yoshiura (1982), a vivência do processo criativo se dá na participação ativa das situações-problema passando pelas etapas da preparação, expressão e reflexão. Todas as suas

aulas do curso de sensibilização do Instituto Mokiti Okada, usavam relaxamento ou aquecimento, para facilitar a abertura dos processos que levam a criatividade quando da expressão individual ou grupal, e finalmente os participantes avaliavam individualmente ou em grupo o processo geral das atividades. O relaxamento também foi usado em seu curso na pós-graduação em Araraquara, o que nos possibilitou experimentar parcialmente a proposta aplicada por Yoshiura (1982) no Instituto Mokiti Okada, já que a professora utilizou nas aulas sobre a teoria da criatividade, procedimentos semelhantes aos que aplicou em sua pesquisa.

A pesquisadora utilizou a técnica da observação prolongada - baseada no psicólogo japonês Sakurabayashi (1953, apud YOSHIURA,1982). Contemplação da obra e em seguida expressão das sensações percebidas, verbal, sonora, plástica, corporal e dramática. E identificação entre os elementos existentes na obra e nas expressões a partir dela. (Despreza-se o elemento relativo a conhecimentos históricos e estilísticos, a ênfase é dada à percepção, sensação do “aqui e agora” da obra de arte).

A mencionada autora considera a criatividade pouco estimulada na escola, devido à cultura de supervalorização dos conhecimentos conteudistas e racionais em detrimento do pensamento criativo. Sua proposta enfatiza os processos que possam desencadear a criatividade nas várias linguagens artísticas, entendendo que a única possibilidade de trabalhar no âmbito da criatividade é através de processos de relaxamento e de busca da intuição, pelas expressões artísticas.

Segundo Wechsler (1993) as principais linhas de investigação da criatividade são as que enfocam os processos de pensamento criativo, as modalidades de produção criativa, as características da personalidade criativa, os tipos de ambientes facilitadores da criatividade ou quaisquer combinações entre duas ou mais dessas formas de investigação.

Como a literatura científica esclarece, os estudos sobre a criatividade podem ser realizados com base na investigação sobre a personalidade criativa, sobre o processo, o produto ou a respeito das influências do contexto social para a criatividade.

Sobre os estudos da criatividade que abordam o processo Wechsler (1993, p.1) comenta:

A criatividade como processo é uma abordagem teórica onde se enquadram as investigações e os questionamentos sobre o tipo de pensamento que leva o indivíduo à descoberta criativa. Estudam-se também os aspectos relacionados com os passos necessários para se atingir a produção criativa, onde a preparação, a incubação e a verificação merecem atenção especial.

Sobre os estudos da criatividade que enfocam o produto, a já referida pesquisadora esclarece:

A abordagem teórica que explica a criatividade como produto prioriza a originalidade deste para o indivíduo ou a sua relevância para o meio social. O produto criativo pode ser avaliado sob diversas formas, principalmente pelo impacto que causa em áreas específicas do conhecimento, ou pelo preenchimento de necessidades sociais existentes. (WECHSLER, 1993, p.1)

Com relação aos estudos sobre as características da personalidade criativa a autora diz que essas abordagens têm gerado múltiplos questionamentos, dada às variações do objeto, e os pesquisadores têm buscado chegar a um consenso. Há pesquisadores que acreditam que as características da personalidade criativa podem ser influenciadas pela cultura e até pelas questões de gênero.

Sobre as pesquisas que investigam o ambiente favorável à criatividade a pesquisadora afirma que essas linhas buscam as possibilidades de estimular o desenvolvimento da criatividade nos diversos contextos de interação humana. Segundo a autora, a importância de um ambiente estimulador para o potencial criativo tem sido muito pesquisada.

Para uma melhor compreensão da criatividade a pesquisadora apresenta as abordagens em que se divide a Teoria da Criatividade e demonstra a evolução filosófica e psicológica do conceito, assim como a compreensão do processo e do produto por diversos teóricos.

Segundo Wechsler (1993) as Teorias da Criatividade podem se dividir em:

- Abordagens Filosóficas;
- Abordagens Biológicas;
- Abordagens Psicológicas: (a) Teorias associativas, comportamental e gestaltista, b) Teorias Psicanalíticas, c) Teorias Humanistas, d) Teoria Desenvolvimentais;
- Abordagens Psicoeducacionais: (a) Teoria Cognitivista, b) Teoria Educacional;
- Abordagens Psicofisiológicas;
- Abordagens Sociológicas;
- Abordagens Psicodélicas;
- Abordagem Instrumental.

Para as Abordagens Filosóficas, a Criatividade é vista como decorrente de inspiração divina e os conhecimentos sobre o pensamento criativo ainda são vagos. Observa que, na visão de Platão, o homem quando criava passava pelo domínio de um poder superior sendo que, na Antiguidade a criatividade era associada à intuição e não raramente, à loucura.

Conforme afirma Wechsler (1993), nas Abordagens Biológicas, as idéias sobre criatividade foram influenciadas por Darwin e passa a ser vista como inerente à vida, comentando que outros pesquisadores compreendem a criatividade como hereditária e que para alguns, a própria vida é criativa. Segundo a autora essas idéias sobre a criatividade ainda estão presentes na mente de muitas pessoas.

As Abordagens Psicológicas se dividem em: a) Teorias associativas, comportamental e gestaltista, b) Teorias psicanalíticas, c) Teorias humanistas, d) Teorias desenvolvimentais.

a) Sobre as Teorias associativas, comportamental e gestaltista do século XVII na Inglaterra, são consideradas as idéias oriundas da experiência (empirismo) e do associacionismo, ou seja, um paralelo entre as sensações e idéias. Surgem as idéias de Skinner de que a criatividade era formada por associações entre estímulo e resposta. E a visão gestaltista de que a criatividade é a busca de uma solução para uma forma incompleta ou gestalt.

b) Com as Teorias Psicanalíticas o processo criativo é entendido com base nas idéias de Freud que o considera como uma força emergente do inconsciente que chega à consciência, ou seja, uma forma inconsciente de solução de conflitos.

Na perspectiva de psicanalistas freudianos, tanto a criatividade quanto a neurose são conflitos do inconsciente.

Wechsler (1993) refere que para Jung o processo criativo consistiria na ativação do inconsciente coletivo ou pessoal e as imagens arquetípicas são moldadas nos trabalhos finais de seus executores.

Wechsler (1993) ainda refere que a criatividade pode ser entendida como pré-consciente e não inconsciente, não deixando de mencionar os bloqueios neuróticos sobre a criatividade, enfatizando o processo criativo através dos inibidores como a ansiedade, a culpa e o medo. Considera três processos: consciente, subconsciente e inconsciente, sendo que a gênese do processo criativo, ou seja, o pensamento intuitivo e a flexibilidade, surgem com o desbloqueio do subconsciente.

A autora também comenta sobre a noção do querer e da vontade, como importante no desenvolvimento psicológico humano, a partir da qual, as tipologias do desenvolvimento humano são do tipo adaptado, tipo neurótico e tipo criativo.

c) Para as Teorias Humanistas, a criatividade é vista como tendência do ser humano à auto-realização. Assim Wechsler (1993) diz que Carl Rogers considera as forças positivas do

homem. Para que a criatividade desabroche é necessário a abertura às experiências, o lugar interno da avaliação e as habilidades para viver o momento presente.

Menciona que as características da pessoa criativa são tolerância às ambigüidades, ausência de rigidez nos comportamentos e pensamentos, confiança nos sentimentos e percepções, procura da auto-realização, desfrutando o momento presente e adaptando-se ao meio, busca de organização contínua da personalidade.

Weschler (1993) afirma que parte dos estudiosos consideram a criatividade como um encontro intenso com uma idéia, um pensamento e que outra parte deles, tem uma interpretação da criatividade que está relacionada com conceitos de totalidade pessoal e auto-realização.

d) As Teorias Desenvolvimentais, segundo a autora mencionada, são representadas por autores que consideram: 1) a imaginação criadora e para os quais, a criatividade está relacionada com o processo de assimilação e acomodação ao longo da vida; 2) a concepção de que a criatividade depende de amar e ser amado e da inspiração do ser amado; e 3) concepções segundo as quais, a criatividade se desenvolve em estágios.

As Abordagens Psicoeducacionais se dividem em: a) Teoria Cognitivista e b) Teoria Educacional.

a) A Teoria Cognitivista se baseia nos estudos de Guilford sobre a mente humana, sobre as operações realizadas ao pensar, o conteúdo sobre o qual se pensa e os produtos resultantes desse processo. Segundo Wechsler (1993) para Guilford a mente humana pode realizar as seguintes operações: cognição, memória, produção convergente, produção divergente e avaliação. O conteúdo sobre o qual se pensa pode ser: figural, simbólico, semântico e comportamental. Os produtos resultantes das operações mentais são: unidade, classes, relação, sistemas, transformações e implicações. Assim, considera no processo criativo, a operação somada ao conteúdo e ao produto. Para ele a criatividade é uma operação do tipo divergente que resulta do pensamento criativo para resolução de problemas. O pensamento criativo implicaria, portanto, na produção de diferentes respostas e alternativas para a solução de um problema.

Wechsler (1993) diz que para Guilford o pensamento divergente é medido por meio de quatro principais maneiras: fluência, flexibilidade, originalidade e elaboração. Considera a Fluência como a capacidade de gerar um grande número de idéias, podendo ser: ideativa, associativa e expressiva. Considera a Flexibilidade a mudança do significado ou interpretação de algo, podendo ser espontânea ou adaptativa. Considera a Originalidade como a produção

de respostas diferentes ou incomuns e, finalmente, a Elaboração como habilidade necessária ao planejamento e organização. O autor mostrou a importância dos traços da personalidade para expressão criativa, da abertura a novas experiências, da tolerância às ambigüidades e da sensibilidade às novas informações.

b) A Teoria Educacional tem como representante Torrance que realizou testes e pesquisas demonstrando a possibilidade de identificar e desenvolver a criatividade. Definiu a criatividade como um processo de perceber falhas, deficiências ou desarmonias, identificar dificuldades e elementos ausentes, formular hipóteses sobre as lacunas encontradas, testar e retestar essas hipóteses e, finalmente, comunicar os resultados encontrados.

O autor combina o pensamento convergente e o pensamento divergente para explicar a criatividade. Na fase de formulação das hipóteses sobre o problema, predomina o pensamento divergente e as idéias são soltas, fluentes, flexíveis, sem julgamentos críticos, predominando a fantasia e a imaginação.

Já, para testar as hipóteses utiliza-se do pensamento convergente, crítico, analítico que busca a melhor solução ou a mais elegante resposta ao problema, onde as idéias anteriores são avaliadas e podem surgir novas idéias, mais elaboradas ou outras modificadas, fruto do pensamento divergente. O pesquisador considera a comunicação dos resultados como importante para avaliação do processo de criação.

Para Wechsler (1993) a conceituação da criatividade de Torrance é aplicável a qualquer área do conhecimento e comparável ao método científico hipotético-dedutivo.

Torrance estudou a criatividade através de aspectos cognitivos e características emocionais. Na área cognitiva ressalta os seguintes fatores: fluência (quantidade de idéias expressas), flexibilidade (mudança de classes ou de categorias nas idéias), originalidade (idéias incomuns) e elaboração (embelezamento e detalhamento das idéias). Vale lembrar que nos seus estudos esse autor constata significativa queda na criatividade de crianças, em decorrência do seu ingresso na escola.

As Abordagens Psicofisiológicas consideram o estudo dos hemisférios cerebrais para compreensão da criatividade. O hemisfério esquerdo é considerado racional e o hemisfério direito emocional. São verificados os desempenhos dos dois lados do cérebro nas etapas de resoluções de problemas. Nas etapas iniciais de resolução de problemas o hemisfério direito tem importante papel com a intuição, a fluência e flexibilidade de idéias, e a aprendizagem passa por ação, exploração, manipulação ou questionamentos. Nas etapas seguintes o

hemisfério esquerdo analisa os detalhes das soluções encontradas e faz a testagem e as modificações para apresentar os resultados.

As Abordagens Sociológicas, segundo Wechsler (1993), têm como principais representantes Amabile que considera que a criatividade deva ser estudada em relação a sociedade na qual o indivíduo está inserido e os fatores que a determinam são: a motivação intrínseca e a motivação extrínseca. Segundo Wechsler (1993) para Amabile o interesse do indivíduo deve decorrer da própria tarefa a ser realizada, ou seja, motivação intrínseca.

Outro representante das abordagens sociológicas, Csikszentmihalyi, entende a criatividade não como um atributo que o indivíduo possui, mas como um julgamento externo realizado do trabalho executado, em comparação ao que já existe de produção naquele domínio.

Nas abordagens Psicodélicas, as teorias abordam a criatividade sobre os efeitos de estados alterados de consciência, procurando enfatizar a expansão da consciência, a abertura da mente e a busca de novas fontes de inspiração. Fazem parte dessas teorias os processos de relaxamento, meditação ou hipnose.

Segundo Wechsler (1993), Kathena considera que os artistas necessitam de imagens para sua produção criativa; Acredita que as imagens mentais surjam de processos pré-conscientes que influenciam o processo criativo, classificando-as em quatro categorias: imagem-conseqüência (depende da estimulação sensorial do sujeito), imagem-visão (espontânea e de maior durabilidade, geralmente é tridimensional), imagem-memória (acontecimentos passados, presentes ou futuros), imagem-imaginação (surge em estados hipnóticos, sonhos, efeitos de drogas ou ausência de qualquer estímulo).

A Abordagem Instrumental tem como principal representante Stenberg que se dedicou a investigação dos processos criativos através de suas finalidades, a teoria da criatividade como investimento. Para esse autor, a criatividade é entendida através do seu produto final. No comportamento criativo considera quatro fatores básicos: processos intelectuais e suas representações, características de personalidade, motivação e contexto ambiental.

Embora Wechsler (1993) apresente a distribuição da Teoria da Criatividade por abordagens, alguns pesquisadores como, por exemplo, Yoshiura (1982) utilizam as contribuições de várias dessas abordagens para a formulação de sua proposta pessoal para desenvolvimento da criatividade. Yoshiura, ao desenvolver sua proposta denominada P.E.R.A., utiliza-se de processos de relaxamento / concentração e meditação da Abordagem Psicodélica, das Abordagens Psicológicas considera os estados pré-conscientes e

inconscientes tratados pelas Teorias Psicanalíticas, bem como a neurose como ausência do criativo além das contribuições da Gestalt. Utiliza ainda, as considerações da Abordagem Psicofisiológicas sobre os hemisférios cerebrais, as concepções da Teoria Educacional de Torrance de que a criatividade é educável, as contribuições da Teoria Cognitivista com as características da personalidade criativa apresentadas por Guilford, a noção de intuição presente no conceito de criatividade das Abordagens Filosóficas, a criatividade como força vital e as contribuições das neurociências, entre outros.

Alencar e Fleith (2003) afirmam que até os anos 70 do século XX, os estudos sobre a criatividade visavam traçar o perfil do indivíduo criativo e desenvolver programas e técnicas voltados ao desenvolvimento da expressão criativa. Mas a partir daquela data, os estudos se voltam para a influência dos fatores sociais, culturais e históricos no desenvolvimento da criatividade. Esses estudos consideram o ambiente no qual o indivíduo criador está envolvido e a sua influência para produção criativa. Segundo as autoras, fazem parte dessas abordagens três modelos de criatividade: A Teoria do Investimento de Stenberg, o Modelo Componencial de Criatividade de Amabile e a Perspectiva de Sistemas de Csikszentmihalyi.

Em seu artigo as pesquisadoras apresentam essas três abordagens recentes sobre o estudo da criatividade e afirmam que para esses teóricos a produção criativa surge de um conjunto de fatores que incluem o indivíduo e as variáveis sociais, culturais e históricas do ambiente onde ele se encontra inserido. Consideram essas abordagens contrastantes às contribuições teóricas anteriores por enfatizarem distintos elementos do contexto social que favorecem ou oportunizam a expressão criativa.

Segundo Alencar e Fleith (2003) a Teoria de Investimento da Criatividade de Stenberg além de considerar o ambiente para criatividade, considera também características pessoais como facilitadoras ou dificultadoras da criatividade. O processo criativo resulta da convergência de seis fatores distintos e necessários para expressão criativa: a inteligência, os estilos intelectuais, o conhecimento, a personalidade, a motivação e o contexto ambiental.

As autoras esclarecem que para Stenberg no recurso da inteligência são importantes três habilidades cognitivas: redefinir problemas, reconhecer dentre as próprias idéias as que merecem investimentos, convencer outros sobre o valor das suas idéias.

Quanto ao conhecimento, segundo as pesquisadoras, Stenberg considera que para que haja uma contribuição significativa para uma determinada área é fundamental o conhecimento daquela área. Nesse caso, tanto os conhecimentos formais quanto informais são importantes para criatividade. Também considera que alguns traços da personalidade contribuem para

expressão da criatividade como a predisposição a correr riscos, autoconfiança, tolerância às ambigüidades, coragem para expressar novas idéias, perseverança e auto-estima, mesmo que nem todos estejam presentes ao mesmo tempo.

Quanto à motivação, segundo as autoras, Stenberg considera que esses recursos motivacionais impulsionam a *performance* criativa e quando motivada a pessoa responde mais criativamente a uma tarefa dada. E com relação ao contexto ambiental Stenberg considera que ele afeta a produção criativa de três maneiras diferentes: o grau de favorecimento às novas idéias, a extensão em que encoraja e dá o suporte necessário ao desenvolvimento das idéias criativas, possibilitando a geração de produtos tangíveis e a avaliação que é feita do produto criativo.

Segundo Alencar e Fleith (2003) o Modelo Componencial de Criatividade proposto por Amabile tenta explicar como fatores cognitivos, motivacionais, sociais e de personalidade influenciam o processo criativo. São considerados três componentes necessários ao trabalho criativo: habilidades de domínio, processos criativos relevantes e motivação intrínseca. Para que a criatividade exista, esses componentes precisam interagir entre si.

O componente denominado habilidades de domínio inclui elementos relacionados ao nível de *expertise* em um domínio, assim como talento, conhecimento formal e informal, experiências e habilidades técnicas na área.

O componente denominado processos criativos relevantes têm relação com o estilo de trabalho, estilo cognitivo, domínio de estratégias que favoreçam a produção de novas idéias e traços da personalidade. Esses elementos influenciam no uso que se faz das habilidades de domínio.

A motivação intrínseca refere-se à satisfação e envolvimento do indivíduo na tarefa, independente de reforços externos, envolvendo interesse, competência e autodeterminação.

Segundo Alencar e Fleith (2003) o estilo de trabalho criativo é caracterizado por Amabile como a habilidade de concentrar-se por longo tempo, de dedicar-se ao trabalho, dispendir energia, persistir frente às dificuldades, buscar excelência e ser hábil para abandonar idéias improdutivas. São considerados como relevantes ao processo criativo, favorecendo a produção criativa, os seguintes traços da personalidade: autodisciplina, persistência, independência, tolerância por ambigüidades, não conformismo, automotivação e desejo de correr riscos.

Alencar e Fleith (2003) esclarecem ainda, que o Modelo de criatividade proposto por Amabile inclui cinco estágios: Identificação do problema, preparação, geração de resposta, comunicação e validação da resposta e, finalmente, o resultado.

No estágio da identificação o indivíduo toma consciência de um problema que requer solução. Na preparação, o indivíduo despende informações relevantes para solucionar o problema. No estágio da geração da resposta é determinado o nível de originalidade do produto ou da resposta. No quarto estágio ocorre a comunicação ou validação da resposta, se faz necessário que de algum modo o criador comunique sua idéia ou produto. O quinto e último estágio envolve o resultado e a tomada de decisões com relação à resposta e ao estágio anterior. Se os resultados forem favoráveis ou desfavoráveis o processo termina. Se os resultados forem parciais o processo retorna aos estágios anteriores. Os resultados são apropriados a novos processos e experiências em busca de respostas ainda mais criativas.

Conforme esclarecem Alencar e Fleith (2003) são sugeridas por Amabile algumas alternativas de estimulação à criatividade em sala de aula e no trabalho: encorajar a autonomia do indivíduo, cultivar a autonomia e independência com ênfase em valores e não em regras, ressaltar realizações e não notas e prêmios, enfatizar o prazer de aprender, evitar situações de competição, propor experiências de estímulo à criatividade, encorajar o questionamento e a curiosidade, usar *feedback* informativo, proporcionar opções de escolha aos indivíduos, apresentar pessoas criativas como modelos.

Alencar e Fleith (2003), também apresentam A Perspectiva de Sistemas de Csikszentmihalyi que além do indivíduo focaliza os sistemas sociais nos estudos de criatividade. Assim, a criatividade surge dos processos de pensamento do indivíduo e do contexto sócio cultural. Segundo as autoras, tal perspectiva considera importante pesquisar em que medida o ambiente social, cultural e histórico reconhece uma produção como criativa ou não.

Conforme esclarecem as pesquisadoras, a Perspectiva de Sistemas propõe que a criatividade resulta da intersecção de três fatores: da bagagem genética e experiências sociais do indivíduo, do domínio cultural e do sistema social ou campo. Mencionam que as características do indivíduo criativo são: curiosidade, entusiasmo, motivação intrínseca, abertura a experiências, persistência, fluência de idéias e flexibilidade de pensamento.

As pesquisadoras também afirmam que Csikszentmihalyi considera importante para a criatividade, que o indivíduo esteja inserido num ambiente estimulador, onde se valorizem a

produção criativa, o processo de aprendizagem, as oportunidades de acesso a mentores e recursos que são aspectos fundamentais para o favorecimento da expressão criativa.

Segundo Alencar e Fleith (2003), o autor responsável pela Perspectiva de Sistemas defende a importância da informação para alcançar a criatividade. Para ele, quando se tem acesso a um domínio por meio de livros, *internet* e outros recursos, e essas informações se conectam umas às outras, há maior probabilidade de surgirem as idéias criativas. Idéia que só é criativa quando aprovada pelo campo, que inclui todos os conhecedores ou “*experts*” de uma determinada área. Entretanto, um produto pode ser considerado não criativo num dado momento e criativo posteriormente, já que os critérios de julgamento são passíveis de mudança.

Para Alencar e Fleith (2003) um ambiente social adequado, com recursos e estímulo às oportunidades de criação aumenta a ocorrência de idéias criativas. As autoras lembram que em qualquer ambiente, para que o indivíduo seja criativo, é necessário que esse indivíduo seja preparado para pensar criativamente.

As autoras esclarecem que Csikszentmihalyi considera mais produtivo numa pesquisa sobre criatividade que a atenção seja voltada às comunidades do que exclusivamente para o indivíduo, pois acredita que são elas que possibilitam a expressão criativa.

Alencar e Fleith (2003) esclarecem que nas três abordagens apresentadas (A Teoria do Investimento, o Modelo Componencial de Criatividade e a Perspectiva de Sistemas) os teóricos consideram que embora o indivíduo tenha papel ativo no processo criativo, é fundamental que as pesquisas também reconheçam a importância dos fatores sociais, culturais e históricos na produção e avaliação do trabalho criativo. Para uma visão ampla sobre a criatividade devem ser considerados a interação entre as características individuais, ambientais, as transformações sociais e os novos paradigmas estabelecidos, além do impacto do produto criativo na sociedade.

Com base no exposto, a noção de criatividade adotada no presente estudo, está pautada a partir das contribuições de um dos referenciais teóricos enunciados, qual seja, o da Perspectiva de Sistemas proposta por Csikszentmihalyi. Com ênfase no contexto social e nas concepções do sócio-interacionismo, uma vez que trata de considerações diversificadas acerca dos aspectos referentes ao processo, ao produto, ao contexto e à personalidade criativa, tal escolha possibilita um diálogo com alguns dos pressupostos do Programa, favorecendo a análise e discussão dos resultados obtidos pelo estudo.

1.3 Algumas considerações sobre a pesquisa em Arte

Segundo Pedro Demo (2000) a educação tem sido reduzida à condição de instrução, transmissão de informações e reprodução, quando deveria incluir instrumentação criativa e emancipação. Para o autor, o próprio exercício voltado à pesquisa científica é um procedimento criativo, ou seja, só é possível aprender a criar, por meio da pesquisa, uma vez que a pesquisa visa a resolução de um determinado problema e pede soluções criativas. Isso se aplica inclusive, à pesquisa no campo das Artes.

Nas concepções do mencionado autor, aluno e professor são considerados como pesquisadores e a atitude de pesquisa ocorre por meio do questionamento criativo, da invenção de soluções próprias, da descoberta e criação de alternativas até mesmo para os relacionamentos. Para Demo (2000), sem pesquisa não pode haver ensino, nem condições de criatividade, tampouco emancipação; só pode haver reprodução imitativa.

O autor considera que a pesquisa passa por descobrir e criar, a partir do diálogo e de questionamentos acerca da realidade. Para ele a realidade captada depende dos objetivos estabelecidos, bem como da metodologia e da teoria utilizada. A pesquisa é produção de conhecimento, significa aprender por meio da criação e não pela imitação e deve começar na infância através de uma educação criativa.

Observa-se, assim, que a aprendizagem artística pressupõe pesquisa, assim como qualquer outra aprendizagem. Conforme propõe Demo (2000), sem pesquisa não há ensino. O papel do professor é estimular a capacidade de questionamento, descoberta e criação. Essa criação envolve o desenvolvimento de atitudes que vão além do mero aprendizado de técnicas, proporcionando o contato com obras de arte de diferentes épocas e culturas, e a elaboração da produção artística mobilizada por processos de sensibilização, de escolhas de materiais e suportes, solucionando problemas para, através do produto, expressar um determinado sentimento ou tema.

Uma educação criativa, portanto, parece ser possível na medida em que os educadores se aproximem de uma prática científica e, por meio de um maior conhecimento acerca das teorias da criatividade e das linhas de investigação na área, possam propiciar processos que desencadeiem o pensamento criativo.

Por outro lado e, especificamente em relação à pesquisa em Artes, Zamboni (1998) afirma que na década de 80 do século XX, houve dificuldades de caracterizar esta modalidade de pesquisa e o reconhecimento da área de Artes, devido à resistência do CNPq (Conselho

Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) que alegava “faltarem critérios claros e objetivos para o julgamento de projetos em artes”, só após muitas discussões a arte foi efetivamente reconhecida como área por aquela agência.

Por aquela época, surgia a necessidade de enquadrar e julgar os projetos de pesquisa em artes, sob os mesmos critérios de outros campos do conhecimento, a fim de manter viva a área de pesquisa em arte.

Segundo o autor, em princípio os critérios eram insuficientes e pouco claros para definir a pesquisa em arte e havia dificuldade de gerenciar a pesquisa em linguagens visuais, relacionada à criação artística. Para o autor, ainda hoje cabe uma reflexão sobre a pesquisa em artes para elevar a uma posição de destaque os projetos e iniciativas da área artística.

Zamboni (1998) refere que pesquisa é a busca de soluções com o fim de descobrir e estabelecer fatos referentes a qualquer área do conhecimento humano, sendo que requer um método ou caminho para atingir seus objetivos. Sobre a pesquisa em arte o autor esclarece que: “Enquanto descoberta, enquanto solução, não se pode fazer nenhuma distinção fundamental entre criação artística e científica” (p. 31). Portanto, o autor considera a pesquisa em arte tão séria e científica quanto à das demais áreas do conhecimento humano.

Para Zamboni (1998) a pesquisa em artes pode apresentar diversas faces como, por exemplo, a criação, a recepção, o ensino. Essas faces podem ser estudadas em muitas disciplinas, uma das quais é a arte-educação.

Para o autor, a arte não se reduz a um conhecimento meramente artístico, através dela é possível compreender mais sobre a experiência humana, outros tipos de conhecimento e os seus valores.

Zamboni (1998) considera a criatividade como um processo de soluções interiores e inconscientes, que se tornam conscientes na medida em que vão surgindo e sendo postas em prática por qualquer meio de expressão artística, ou por resoluções científicas: “O que ocorre frequentemente dentro de um processo de trabalho criativo é a existência de seqüências de momentos criativos (intuitivos), seguidos de ordenações racionais” (p.29).

Para o autor a criatividade está ligada à intuição e à descoberta. Considera que a arte vai além desses processos intuitivos e do processo de criação artística e depende do interlocutor para efetivar a sua recepção, significação e instaurar o seu caráter multissignificativo.

Zamboni (1998) afirma que para se criar arte de forma consciente é preciso ter conhecimento, repertório cultural de produções artísticas e seus autores em diferentes épocas

e culturas. Para ele a criatividade também representa a busca de soluções, só que nesse caso, soluções interiores, vinculadas à uma atitude pré-consciente, que vai ganhando forma e consciência na formulação do produto.

Torrance e Torrance (1974) entendem que a criatividade pode ser ensinada e que esses processos que levam a ela devem ocorrer através da resolução de situações problemas.

Preocupada com os processos que estimulam a criatividade, Yoshiura (1982) propõe o desenvolvimento criativo através da Arte a partir de uma sugestão metodológica para o desenvolvimento criativo. Considera a criatividade pouco estimulada na escola, devido à cultura de supervalorização dos conhecimentos em detrimento do criativo. Sua proposta enfatiza os processos que desencadeiam a criatividade nas várias linguagens artísticas, entendendo que a única possibilidade de trabalhar no âmbito da criatividade é através de processos de relaxamento e de busca da intuição, pelas expressões artísticas.

Bosi (1985) considera que as artes precisam ser decifradas sem preconceito, nem etnocentrismo, buscando o significado de suas formas. Considera fundamental para arte o fazer, o conhecer e o exprimir. Para ele “a arte é um conjunto de atos pelos quais se muda a forma, se *transforma* a matéria oferecida pela natureza e pela cultura. Nesse sentido, qualquer atividade humana, desde que conduzida regularmente a um fim, pode chamar-se artística” (p. 13).

Partilhando dessas mesmas concepções Duarte Junior (1983) entende que o povo deve conhecer as manifestações e produções artísticas da sua cultura, sem classificá-las como “arte menor” ou de “incultos”. Para ele, relegar essas produções artísticas a um plano inferior “é fazer o jogo da dominação e destruição cultural”. Assim, cabe aos arte-educadores trabalharem no sentido de uma conscientização estética, da qual faz parte não só o contato com obras consagradas, mas também da cultura popular e do folclore.

Segundo Lowenfeld e Brittain (1970), já desde os anos 70 do século XX, enfatizavam que o contato com as obras de arte do seu próprio meio aumentam as chances do desenvolvimento dessa consciência estética.

Também para Lanier (1984) o conhecimento das artes plásticas, deve incluir artesanato e arte popular, bem como os meios de comunicação de massa e as novas tecnologias. O papel educacional da arte é ampliar as capacidades estético-visuais. O referido pesquisador entende que o ensino de arte não deve estar alheio aos acontecimentos cotidianos e a realidade das massas, considerando que a educação estética não deve se voltar apenas para a arte elitista, mas às várias manifestações artísticas.

Na LDB nº 9.394/96 (BRASIL, 1996) está prevista a valorização da cultura popular, assim como nos PCNs. Nos Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte (BRASIL, 2001): vemos que aprender arte envolve, basicamente: fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Além de desenvolver a sensibilidade e percepção a arte amplia o desenvolvimento do pensamento artístico e da percepção estética. Envolve, também: conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas (¹²). Pois, a partir do conhecimento de diferentes culturas pode-se aprender a respeitá-las, como explica Duarte Junior (1983, p. 68, grifos do autor):

Através da Arte somos ainda levados a conhecer aquilo que não temos oportunidade de experienciar em nossa vida cotidiana. E isto é básico para que se possa compreender as experiências vividas por outros homens. Quando, no cinema, *sinto* as emoções do alpinista, quando, no teatro, *sinto* o drama do preso político, quando frente às telas de Portinari, *sinto* a tragédia dos retirantes, descubro meus sentimentos frente às situações (ainda) não vividas por mim, que não me são acessíveis em meu dia-a-dia. Assim, a arte pode possibilitar o acesso dos meus sentimentos a situações distantes do nosso cotidiano, forjando em nós as bases para que se possa compreendê-las.

Segundo o autor citado, a função da Educação Artística não deve prescindir da formação para a apreciação artística de obras de arte consagradas, extrapolando as do seu cotidiano, a fim de propiciar a ampliação do seu repertório cultural. Diferentemente de Lanier (1984), o referido autor entende que o público necessita mais do contato com obras consagradas, para aprimorar o seu repertório cultural e o senso estético.

Para Duarte Junior (1983), portanto, parece claro que o ensino de arte não deva se restringir ao aprendizado de técnicas, mas deva buscar no educando o desenvolvimento de si mesmo e de uma consciência estética, da capacidade de escolher e criticar sem se submeter, alienadamente, à imposição de valores e sentidos.

Já Louis Porcher (1982) afirma que, por ocasião da industrialização, a feiúra e o mau gosto passaram a fazer parte de nossas vidas, e que, ao invés, de nos tornarmos indivíduos sensíveis às belas obras de arte, devemos nos sensibilizar, primeiramente, com a feiúra que tem feito parte do ambiente. Segundo o autor, se os indivíduos fossem mais bem educados para a sensibilidade do ambiente não aceitariam qualquer tipo de destruição da sociedade e da natureza.

Para Porcher, a Arte permite perceber o mundo além das aparências e ter competência artística significa estabelecer comparações entre uma obra e outras, pelas suas semelhanças e

¹² A proposta de Apreciar, Fruir e Produzir Arte é centrada na Metodologia Triangular de Ana Mae Barbosa, defendida pelos PCNs.

diferenças, por ligação a diferentes épocas e estilos e também com relação ao tratamento do tema.

Porém, perceber o mundo por meio da arte não é uma tarefa fácil, isto não se dá mediante atividades de entretenimento ou de transmissão de “receitas prontas”, porque segundo Freitas (2003), a arte recusa uma comunicação imediata com seu contemplador, não fala diretamente como a linguagem cotidiana. Portanto, é preciso um grau de conhecimento maior para aguçar o gosto e a contemplação da Arte.

São os membros da cultura que definem o que é arte ou não, nos diz Coli (1986) e, entende que muitas coisas se tornaram arte porque ganharam o *status* para isso, foram eleitas como sendo arte e levadas aos museus. Portanto, o estatuto da arte é definido pela nossa cultura. “A arte instala-se em nosso mundo por meio do aparato cultural que envolve objetos: o discurso, o local, as atitudes de admiração, etc.” (p.12) Assim, caso os especialistas do campo, como críticos, historiadores e *marchands* desejem, qualquer objeto pode ganhar o *status* de arte, como exemplo o autor comenta sobre a obra “A Fonte” de Marcel Duchamp, sobre a utilização de máscaras africanas e sobre o uso de peças do artesanato nordestino ¹³. Segundo Flávio Kothe (1978), o artista inconformado com a sociedade estaria mais habilitado a apresentá-la em suas obras. Se em determinada época, existirem artistas capazes de expor a sociedade na qual vivem, é porque possuem consciência sobre como ela é. Portanto, para o autor, o ensino de arte na escola merece possuir uma significação muito mais abrangente do que a transmissão de técnicas ou a formação de artistas, abrangendo, sobretudo, a formação das consciências.

Para Ana Mae (1985), até mesmo o método da auto-expressão pode complementar os processos criativos mas, segundo ela, os professores precisam estar conscientes de que não é qualquer método de ensino de Arte que permite desenvolver a criatividade. Só um ensino baseado em uma concepção sobre criatividade, pode mobilizar a evolução do potencial criador.

¹³ A Fonte é um urinol de porcelana branco, sendo uma das mais notórias obras do artista Marcel Duchamp e uma das obras mais representativas do Dadaísmo na França. Conforme esclarecem Janson e Janson (1996) o Dadaísmo foi um movimento artístico cujo objetivo era contrariar os valores morais ou éticos e demonstrar que eles haviam perdido o significado em decorrência da Primeira Guerra Mundial. Com esse propósito, Duchamp criou muitos *ready-mades* deslocando seu contexto de utilitário para o estético. A utilização de máscaras africanas em duas das personagens da obra "As Senhoritas de Avignon" de Pablo Picasso também chamou a atenção por incorporar motivos da arte dita primitiva e foi considerada chocante sob todos os aspectos na época, revolucionando a linguagem da pintura ocidental. A obra viria a ser o marco fundador do Cubismo. O artesanato nordestino de Mestre Vitalino também ganhou *status* de Arte Brasileira e ficou conhecido dentro e fora do país.

É notável, portanto, a necessidade e relevância de produção sistematizada de conhecimentos, que subsidiem a elaboração de pesquisas científicas articulando os diversos temas que possam relacionar conceitos como criatividade, arte e educação.

1.4 O referencial teórico sobre Criatividade adotado para o estudo

Para o presente estudo, foi adotada a Perspectiva de Sistemas, representada por Mihaly Csikszentmihalyi. Esse autor é professor de Psicologia e Educação na Universidade de Chicago, Membro da Academia Americana de Educação, da Academia Americana de Artes e Ciências, da Academia Nacional de Estudos Sobre o Lazer, e também Diretor do Centro de Pesquisa de Qualidade de Vida, instituto de investigação que estuda temas como, criatividade, motivação intrínseca e responsabilidade.

O interesse do pesquisador centra-se no estudo da criatividade e inovação e no que denomina a gestão do fluxo. É também colaborador regular de revistas e jornais além de autor de vários livros.

O modelo de sistemas supõe a criatividade como um processo decorrente do produto da interação entre três subsistemas: Domínio (Cultura), Campo (Sistema Social) e Indivíduo (Aspectos Genéticos e Experiências Pessoais).

O Domínio representa a cultura onde um determinado comportamento tem lugar e consiste em um conjunto de normas, procedimentos simbólicos, conhecimento acumulado, culturalmente estabelecido e compartilhado em determinado grupo social. Refere-se a um corpo organizado de conhecimentos associados a uma área.

O campo é composto por indivíduos que conhecem as regras do domínio e que decidem se o desempenho do indivíduo é criativo ou não. Ao exercerem o papel de juízes, cabe a esses a função de decidir se uma nova idéia ou produto é criativo e deve, portanto, ser incorporado ao domínio. É o campo que reconhece, seleciona e preserva o que deve ser incorporado ao domínio e, portanto, para que uma idéia nova seja agregada ao domínio, é imprescindível que ela seja aceita.

O indivíduo é quem assimilou as regras do domínio, encontrando-se pronto para imprimir no campo suas variações individuais e introduzir mudanças no domínio ou área de conhecimento. Dois aspectos são identificados: características associadas à criatividade e repertório (*background*) social e cultural. Aos indivíduos criativos, o autor relaciona

características como curiosidade, entusiasmo, motivação intrínseca, persistência, fluência de idéias e flexibilidade de pensamento.

Contudo, o foco dos estudos sobre criatividade deve ser os sistemas sociais e não exclusivamente o indivíduo, uma vez que o fenômeno da criatividade é construído por meio da relação entre o criador e sua audiência, constituindo um atributo dos sistemas sociais que expressam julgamento sobre os indivíduos. O foco principal para a visão sistêmica é considerar, portanto, a interação entre características individuais e ambientais.

Propondo uma nova abordagem do fenômeno criativo que também enfoque o contexto social Csikszentmihalyi (1988) argumenta:

Não podemos estudar criatividade isolando indivíduos e suas obras do contexto social e histórico onde estas ações ocorrem. Isto porque o que chamamos criatividade nunca é o resultado da ação individual do sujeito. É, isto sim, o produto de três domínios principais que delimitam o fenômeno: o grupo das instituições sociais (Campo) que selecionam entre os vários produtos individuais aqueles que serão preservados; um aspecto cultural estável (Domínio) que preserva e transmite os produtos selecionados para as próximas gerações e, finalmente, o sujeito (Indivíduo) que promove mudanças no Domínio que devem ser consideradas criativas pelo Campo (p.325).

Para o autor, a criatividade não está dentro dos indivíduos, mas é resultado da interação entre os pensamentos do sujeito e o contexto sócio cultural e deve ser compreendida não como um fenômeno individual, mas como um processo sistêmico. Tal processo resulta da interseção de três fatores: o indivíduo com sua bagagem genética e experiências pessoais; o domínio da cultura ou de parte dela, traduzido num conjunto de regras e procedimentos simbólicos estabelecidos entre os pares de uma comunidade; e o campo, a sociedade, que tem a função de decidir se uma nova idéia ou produto é ou não criativo.

A concepção de criatividade de Csikszentmihalyi (1996) vai ao encontro das idéias de Vygotsky (1980) quando afirma que o processo de constituição do sujeito é social.

Para Csikszentmihalyi (1996), "criatividade não ocorre dentro dos indivíduos, mas é resultado da interação entre os pensamentos do indivíduo e o contexto sócio cultural. Criatividade deve ser compreendida não como um fenômeno individual, mas como um processo sistêmico" (p. 23).

Neste sentido, a atividade criadora é mediada pelo entorno histórico, social e cultural. O indivíduo é capaz de criar a partir dos encontros que estabelece com outros sujeitos, tais

encontros são mediatizados pelas possibilidades e limites das relações sociais em cada momento histórico.

Dentre os principais conceitos que apresenta em sua teoria, Csikszentmihalyi (1999) denomina “fluxo”, as experiências onde ocorre a completa imersão do indivíduo em uma atividade.

Ainda, relaciona o fluxo à uma experiência otimizada, um “estado na qual as pessoas estão tão envolvidas em uma atividade que nada mais parece importar; a experiência em si é tão agradável que as pessoas farão mesmo com grande custo, pela pura consideração em fazê-lo” (CSIKSZENTMIHALYI, 1991, p.4).

Em suma, Csikszentmihalyi pensa a experiência como um processo com início e fim que ocorre quando os objetivos traçados por metas e intenções são alcançados.

Csikszentmihalyi (1999) chamou de "estado de fluxo" um alto grau de envolvimento enquanto se realiza uma atividade prazerosa, de livre escolha e de acordo com sua capacidade, o fluxo ocorre quando atingimos este estado e não percebemos o tempo passar, pensamos apenas e tão somente na atividade e, ao terminá-la, nos sentimos realizados, felizes e satisfeitos e faríamos tudo novamente.

Descreve as experiências de fluxo como aqueles momentos onde parecemos mais felizes e satisfeitos e nos sentimos mais realizados, esses momentos são considerados como os melhores de nossa vida. Em poucas palavras, segundo o autor, o fluxo costuma ocorrer quando “[...] uma pessoa encara um conjunto claro de metas que exigem respostas apropriadas” (p. 36).

Para o referido autor, qualquer atividade pode levar ao fluxo desde que mantenha os elementos pertinentes: metas claras, *feedback* não ambíguo, senso de controle, desafios correspondentes às habilidades e poucas distrações. Assim, os problemas com o ego, stress, dificuldades, são considerados entraves à instalação do fluxo.

O autor esclarece que as atividades que induzem ao fluxo são chamadas de “atividades de fluxo” e permitem a concentração do indivíduo em metas claras e compatíveis, além de proporcionarem um *feedback* imediato e deixarem claro o seu desempenho. para ele, “o fluxo tende a ocorrer quando as habilidades de uma pessoa estão totalmente envolvidas em superar um desafio que está no limiar de sua capacidade de controle.” (p.37)

Csikszentmihalyi (1999) deixa claro, ainda, qual o grau dos desafios em que ocorre o fluxo:

Se os desafios são altos demais, a pessoa fica frustrada, em seguida preocupada e mais tarde ansiosa. Se os desafios são baixos em relação às habilidades do indivíduo, ele fica relaxado, em seguida entediado. Se tanto os desafios quanto as habilidades são percebidos como baixos, a pessoa se sente apática. Mas quando altos desafios são correspondidos por altas habilidades, então é mais provável que o profundo envolvimento que estabelece o fluxo à parte da vida comum ocorra. (p. 37)

Para o referido autor, a importância do controle da atenção, ou da “energia psíquica”, é fundamental para assumir o controle da própria vida. Ao descrever sua teoria psicológica do fluxo Csikszentmihalyi (1991) afirma que:

[...] as pessoas se sentem melhor quando fazem coisas que as fazem sentirem envolvidas, concentradas e competentes... As experiências do fluxo engajam a habilidade individual através de demandas esclarecedoras e desafiadoras por ação, e assim produzem o estado dinâmico de consciência que requer um constante reequilíbrio da razão entre desafio e habilidades. (p. 24)

Assim, o autor relaciona algumas maneiras de aumentar a criatividade: fazer coisas interessantes, aumentar a complexidade e o grau de desafios das atividades, reservar tempo para reflexão e descontração, descobrir as preferências para fazer mais o que se gosta e menos o que odeia, assistir os problemas de todos os pontos de vista possíveis, ter fluência de idéias e experimentar produzir idéias originais.

Com base, então, no que foi exposto nesta seção introdutória, o presente estudo, de caráter exploratório, teve como principais objetivos: caracterizar o perfil dos protagonistas do Programa Escola da Família, identificar as atividades artísticas do Eixo Cultura, tentando compreender como ocorre o ensino e quais as concepções de arte vigentes no Programa, caracterizar as atividades desenvolvidas no programa e verificar as opções metodológicas utilizadas; conhecer o processo de ensino / aprendizagem das atividades desenvolvidas, caracterizando como se realiza o fazer pedagógico dos monitores (Universitários, Educadores Profissionais e Voluntários) e como os usuários percebem seu aprendizado; identificar quais as contribuições específicas que a área da arte pode oferecer à educação e ao desenvolvimento cultural dos participantes das atividades artísticas do Programa, a partir do processo e do produto artístico resultante.

2 MÉTODO

Criatividade
Atividade
que irrompe
com a vida
e independe
da idade.

A coleta de dados ocorreu em oito escolas do Município de Araraquara, selecionadas como campo da investigação.

Os critérios para a definição e operacionalização da coleta e tratamento dos dados estiveram baseados em fatores quanti-qualitativos, uma vez que foram adotadas informações compostas por índices quantitativos, referentes às listagens que serviram de base para a elaboração e recorte do universo pesquisado, bem como, para o tratamento dos dados.

Já para a análise dos resultados (embora a análise quantitativa de dados parciais tenha favorecido a demonstração de determinados resultados), foi adotada prioritariamente a abordagem de natureza qualitativa, pressupondo que esta abordagem pudesse oferecer uma maior compreensão do fenômeno estudado, partindo do suposto de que o preponderante são os fenômenos em si e não apenas a quantidade de vezes que eles ocorrem.

Para o presente estudo, foi observado o que afirmam Bogdan e Biklen (2003), os quais consideram que as principais características da investigação qualitativa são: o ambiente natural como fonte direta de dados e o investigador como principal instrumento de coleta; ser uma investigação descritiva onde a palavra escrita tem maior importância do que os dados numéricos; o fato dos investigadores se interessarem mais pelo processo do que pelos produtos e resultados; o significado é muito importante na abordagem qualitativa, ou seja, a percepção de como os sujeitos da pesquisa concebem o mundo social do qual fazem parte.

Para atender às demandas do estudo, a base teórica esteve fundamentada em pressupostos do campo da Arte-educação e da Teoria da Criatividade, em contraponto às diretrizes oficiais divulgadas pelo Governo do Estado de São Paulo ao qual o Programa Escola da Família está subordinado. O respaldo teórico-metodológico da Arte-educação e da Teoria da Criatividade foi escolhido uma vez que oferece conhecimentos sobre o fazer artístico e oportunidade de compreender esse processo de troca de conhecimentos entre educadores e educandos no contexto de atuação.

As diretrizes do Programa foram compostas a partir de manuais e parâmetros destinados a orientar os professores da rede estadual de ensino e, neste estudo, foram analisadas à luz de fontes bibliográficas primárias e secundárias.

No intuito de conhecer estudos referentes ao Programa Escola da Família, foi elaborada revisão bibliográfica em várias bases de dados e catálogos eletrônicos que indexam publicações científicas. Para tanto, foram pesquisados os seguintes bancos de teses e dissertações: UNICAMP, USP, IBICT, UNESP e CAPES, utilizando-se as seguintes palavras chaves: arte; arte-educação; arte e ações sociais; arte e programas educacionais; arte e programas governamentais; arte educação para família; arte comunitária; educação pela arte; reformas educacionais e arte; artes plásticas e família; arte e Programa Escola da Família; Programa Escola da Família; educação da família através da arte; programas sociais e arte-educação, Programa Abrindo Espaços (¹⁴); UNESCO; Comunidade Presente (¹⁵); escola aos finais de semana; escola aberta para comunidade; políticas governamentais; políticas públicas; programas sociais; políticas educacionais; reformas educacionais; educação artística; educação arte e cultura; arte e família; arte na educação; ensino da arte.

Com essa busca, foram encontrados muitos trabalhos na área de Arte, mas nenhum relacionado com o Programa Escola da Família e nem sobre programas similares. Foram, então, solicitadas por EEB (Empréstimos entre bibliotecas), algumas pesquisas que tratavam especificamente sobre arte-educação, que resultou no acesso a apenas uma delas. Serviram de base, ainda, as dissertações sobre arte-educação defendidas no programa de pós-graduação em Educação Escolar da UNESP/ Araraquara além de alguns *downloads* de dissertações disponíveis na Internet e de solicitação por e-mail a pesquisadores, através da localização de seu correio eletrônico na “Plataforma Lattes” do CNPq.

Constatada a ausência de estudos específicos sobre o assunto nos bancos de teses e dissertações, foi acessado o banco de artigos e periódicos do SCIELO, usando as mesmas palavras chaves mencionadas anteriormente, no qual, foi identificado um artigo que fazia menção ao Programa Escola da Família. Assim, foram considerados também, estudos com as temáticas da Arte-educação e da Teoria da Criatividade, acrescentando às buscas de artigos a palavra chave: criatividade. Apesar de nessas pesquisas não serem encontrados dados específicos sobre o Programa Escola da Família, esses estudos contribuíram para compreender melhor o processo de ensino-aprendizagem da arte, bem como o que vem sendo estudado na área e os desafios e conquistas ocorridos ao longo da história.

¹⁴ O Programa Abrindo Espaços foi introduzido pela UNESCO com proposta de abertura das escolas aos finais de semana nos estados da Bahia, Rio de Janeiro, São Paulo, no ano de 2000, em parceria com as secretarias da educação. Posteriormente, em 2003 a UNESCO e a Secretaria da Educação do Estado de São Paulo implantaram o Programa Escola da Família, baseado nessa primeira iniciativa.

¹⁵ Outra iniciativa da Secretaria Estadual da Educação que culminou na proposta do Programa Escola da Família, tendo como objetivo a inserção da comunidade na escola.

Outro procedimento adotado como sistemática, foi retornar freqüentemente às bases mencionadas para verificar a entrada de novo material bibliográfico, o qual pudesse, a qualquer tempo, contribuir para o estudo.

Foram analisados documentos oficiais e outros que de alguma forma estivessem relacionados ao PEF.

O conhecimento advindo dessa análise documental propiciou que novos recortes metodológicos fossem reforçados, sobretudo em referência aos critérios para seleção dos participantes e das unidades escolares além de procedimentos para coleta de dados.

O presente estudo, ao propiciar à pesquisadora diversas formas de aproximação com a pesquisa de campo como a prática de entrevistas, observações, registros em diário de campo, registros fotográficos e filmagem, ilustraram de forma bastante eficaz o universo analisado bem como, subsidiaram em certa medida, a discussão sobre os dados obtidos.

Para tanto, foram consideradas também, as sugestões de Bogdan e Biklen (2003), que afirmam que, na investigação qualitativa as duas estratégias de representação mais significativas são a observação participante e a entrevista. Os dados qualitativos são ricos e descritivos, ligados aos fenômenos investigados e ao contexto natural.

Segundo esses autores o ambiente natural é fonte direta de dados nessa abordagem de pesquisa e o investigador é um instrumento de acesso a eles. Os dados obtidos pelo investigador não podem ser desvinculados do seu contexto para não perder de vista seus significados. De certa forma, a pesquisa qualitativa tenta compreender os sujeitos a partir dos seus pontos de vista. Para os autores, a palavra é importante na abordagem qualitativa, tanto no registro de dados quanto na comunicação dos resultados.

2.1 Procedimentos para definição de instrumentos para a Coleta de Dados

O principal instrumento de coleta de dados, a entrevista, foi escolhido portanto, pela possibilidade de compreender como os participantes do Programa Escola da Família percebiam o Programa e quais eram as suas concepções e preferências sobre ele.

Optou-se pela gravação e posterior transcrição das entrevistas, considerando-se que, para Lüdke e André (1986) a gravação proporciona maior liberdade para o pesquisador entender o que foi falado porque permite revisitar o diálogo. Além disso, o entrevistador pode prestar maior atenção ao entrevistado já que não tem tanta preocupação em fazer anotações naquele momento.

As autoras esclarecem as vantagens do uso da entrevista na pesquisa qualitativa: “A grande vantagem da entrevista sobre outras técnicas é que ela permite a captação imediata e corrente da informação desejada, praticamente com qualquer tipo de informante e sobre os mais variados tópicos” (LÜDKE e ANDRÉ, 1986, p. 34). Além disso, a entrevista permite esclarecimentos e adaptações que contribuem para a obtenção das informações desejadas.

Para o estudo, foi também observado o que Tancredi (1995) refere, quando afirma que para escolha de um instrumento de coleta de dados, deva ser considerada a vantagem de um instrumento em relação ao outro. Nesse estudo, a entrevista foi considerada mais interessante do que o questionário por possibilitar um grau maior de liberdade ao entrevistado e ao entrevistador.

Segundo Rosália Duarte (2002) as pesquisas qualitativas geralmente exigem a realização de entrevistas longas e semi-estruturadas e a definição dos sujeitos que comporão o universo da investigação segundo critérios confiáveis, pois a delimitação da população influenciará diretamente a qualidade das informações e constituirá a análise e compreensão do problema.

Com base nisso, a entrevista foi escolhida considerando também a possibilidade de alcançar um conjunto bastante diversificado de informantes, como também no que referisse à caracterização dos participantes, em relação à sua escolarização, faixa etária, profissão, etc.

Segundo Lüdke e André (1986) a entrevista semi-estruturada, por não ser aplicada rigidamente permite que o entrevistador faça adaptações necessárias, e sendo um instrumento mais flexível, é mais adequado à pesquisa educacional. Portanto, pretendendo conhecer a visão dos educadores e do público sobre o PEF, optou-se pela preparação de uma entrevista mais longa e cuidada, feita com base em um roteiro de questões mas que garantisse certa flexibilidade.

Para aplicação das entrevistas foram tomados os cuidados recomendados por Lüdke e André (1986) e Bogdan e Biklen (2003) referentes aos procedimentos considerados éticos na investigação com sujeitos humanos, como o respeito pelo entrevistado, o esclarecimento dos objetivos da pesquisa, a preservação da identidade dos sujeitos, o roteiro relacionado ao universo dos entrevistados, a audição atenta, o estímulo ao fluxo natural das informações e a um clima de confiança entre pesquisador e entrevistado.

Segundo Bogdan e Biklen (2003) as notas de campo constituem o relato escrito do que o pesquisador ouve, vê, experiencia, pensa no decorrer da coleta, junto à reflexão sobre os dados de um estudo qualitativo. Para os autores, essas notas ajudam o pesquisador na

visualização do projeto e o conscientizam sobre como os dados afetaram a pesquisa e o próprio pesquisador. Os autores esclarecem que as notas de campo consistem em dois tipos de materiais: descritivo, em que a preocupação é captar uma imagem por palavras do local, pessoas, ações e conversas observadas; e reflexivo, onde se apreende mais o ponto de vista do observador, as suas idéias e preocupações. Os autores sugerem que as notas de campo sejam transcritas para o computador, para facilitar o registro dos dados e permitir maior agilidade no trabalho de análise do material.

Durante a pesquisa de campo, foram feitas anotações em um diário de campo, a cada visita feita à escola para aplicação das entrevistas nas quais procurou-se descrever alguns aspectos julgados como relevantes durante as observações das visitas e entrevistas, bem como informações relatadas em conversas informais. Essas observações, entretanto, não se basearam em um roteiro sistematizado, visto que o principal instrumento de coleta de dados da pesquisa foi a entrevista.

Segundo Lüdke e André (1986) para realização de uma pesquisa faz-se necessário o confronto entre os dados, evidências e informações levantadas sobre um assunto, bem como o conhecimento acumulado cientificamente sobre ele.

Para Tancredi (1995) por meio dos levantamentos de dados sobre uma realidade é possível realizar uma análise e emitir opiniões e encaminhamentos que permitam aprimorar a realidade investigada. Para aquela autora, a análise dos dados coletados deve contemplar as mudanças ocorridas no decorrer do processo.

Segundo a mencionada pesquisadora, o objetivo principal de uma avaliação é refletir sobre o trabalho realizado a partir de dados confiáveis, buscando aperfeiçoá-lo. A autora considera algumas dificuldades para a avaliação como: diversidade de concepções existentes, vários aspectos a serem avaliados, diferentes formas de proceder, estabelecimento de princípios norteadores, definir caminhos adequados, conclusão do processo. Considera importante levar em conta na avaliação o que os dados dizem verdadeiramente, sendo isento na análise e tendo compromisso com os dados obtidos e com o desvelamento da realidade pesquisada.

A partir dessas premissas, adotou-se como procedimento analisar os dados e levantar aspectos para a discussão com base nas informações apontadas pelos dados, e nos fundamentos da literatura científica, considerando aspectos relativos às transformações ocorridas no Programa Escola da Família ao longo do período de duração dessa pesquisa.

2.2 Procedimentos para definir critérios para Seleção dos Participantes

Os participantes da pesquisa foram selecionados dentre as categorias de pessoas que vinculavam-se ao Programa, tanto no que diz respeito ao seu planejamento e execução quanto aos que dele eram beneficiários e/ou colaboradores. Assim, foram identificadas quatro categorias de participantes: os Educadores Profissionais, os Educadores Universitários, os Participantes Voluntários e o Público Frequentador do Programa Escola da Família. O foco da pesquisa foi o ensino das atividades artísticas do Eixo Cultura do referido programa e teve por finalidade identificar as concepções sobre o ensino da arte vigentes na implementação dessa proposta.

É importante considerar que as dinâmicas adotadas por determinadas disciplinas do Programa de Pós-graduação em Educação Escolar, também contribuíram para que o projeto de pesquisa pudesse ser reorganizado.

A partir das adequações ocorridas no projeto de pesquisa, as decisões referentes às escolas pesquisadas e aos instrumentos utilizados para coleta de dados, além dos critérios para análise desses dados foram definidos junto ao orientador da pesquisa, mediante estudo de informações a respeito do Programa Escola da Família, adquiridas junto à Coordenação Regional do Programa da Diretoria de Ensino de Araraquara. Para tanto, foram analisadas listagens com dados referentes ao Programa, para que se tornasse possível traçar um panorama sobre como o PEF estava estruturado na Diretoria de Ensino de Araraquara e desse modo, estabelecer o recorte do universo que seria, efetivamente, pesquisado.

Assim, mediante a associação de informações de diferentes naturezas, foi possível definir os participantes da pesquisa, conforme o que propõe Rosália Duarte (2002), quando afirma que a associação de informações advindas de diferentes fontes permite organizar um banco de dados para detalhamento e construção da população da pesquisa.

Os dados sobre o PEF que foram analisados para subsidiarem a escolha das escolas que constituíram o campo da pesquisa, incluíam três listagens referentes ao índice de frequência nas escolas de Araraquara e região atendidas pela Diretoria de Ensino local. A primeira, referente ao segundo semestre do ano de 2004, e as outras duas ao primeiro e segundo semestres do ano de 2005.

Após análise dessas listagens, o universo do estudo foi recortado dentre as 56 escolas atendidas na região pela Diretoria de Araraquara para as 27 escolas localizadas na cidade de Araraquara. O período considerado nas listagens também foi delimitado para o segundo

semestre do ano de 2005, somando seis meses de relatórios sobre o público freqüentador e atividades gerais desenvolvidas no programa (Julho a Dezembro).

Da somatória e articulação desses dados foi formulada uma nova tabela, extraindo os dados referentes às 27 escolas da cidade de Araraquara para comparação entre outros dados extraídos das demais listagens e a escolha de um universo mais específico de escolas. Nessa tabela constavam somente as escolas situadas na cidade e os dados sobre o número de projetos do Eixo Cultura, a quantidade de atividades desenvolvidas em todos os eixos e o número de público participante, no período de julho a dezembro de 2005. Posteriormente, para uma melhor visualização dos dados foi acrescentada à tabela, o percentual dos projetos do Eixo Cultura em relação às demais atividades. O APÊNDICE A, permite observar essa listagem, bem como a visualização gráfica dos seus dados.

Entretanto, supondo a possibilidade de que as informações não fossem suficientemente seguras para representarem uma amostragem verídica, considerando-se que as atividades gerais e o público geral correspondiam a uma somatória do período de 6 meses (julho a dezembro), enquanto que os projetos do Eixo Cultura eram equivalentes ao número de projetos cadastrados em uma única vez, foram cogitadas algumas alternativas para obter equivalência de grandeza, dentre as quais, avaliar se o número de projetos não deveria ser multiplicado por 6 para tornar-se equivalente ao período de seis meses? Contudo, essa alternativa não foi considerada viável, visto que não dispúnhamos de dados específicos que permitissem tal equiparação. Nosso questionamento então, foi refletir se caberia pensar a porcentagem dos projetos do Eixo Cultura em relação às atividades gerais desenvolvidas, já que esses também tratavam de grandezas diferentes, ou seja: projetos e atividades não seriam também coisas distintas?

Com base nesse novo questionamento e considerando que, em tese, não haveria atividades na escola que não estivessem vinculadas a um projeto e, mesmo considerando que, na prática, pudessem ocorrer atividades desvinculadas de um projeto, ou várias atividades vinculadas a um mesmo projeto, elaboramos novas tabelas considerando projetos de uma mesma grandeza, onde estivesse relacionado **o número de projetos dos quatro Eixos do Programa Escola da Família nas escolas da cidade de Araraquara** (Eixo Cultura, Eixo Esporte, Eixo Saúde e Eixo Qualificação para o Trabalho), e extraímos também o percentual dos projetos do Eixo Cultura em relação aos demais projetos. O quadro resultante dessas comparações foi elaborado tendo como base os dados relativos à **quantidade de projetos por Eixo** (que demonstravam o número de projetos de cada escola em cada um dos quatro eixos

norteadores do Programa, referente ao período de dezembro de 2005). Este quadro, bem como a sua transposição gráfica, podem ser observados no APÊNDICE B.

Além dos dados já considerados e descritos, foram consultadas também: a listagem referente ao **número de Voluntários** (essa lista proporciona conhecer o número de voluntários que atuam no Programa por escola) e outra, referente a **quantidade de vagas para Universitários nas escolas** (que discrimina o número de vagas disponíveis para universitários nas escolas e o número de vagas efetivamente ocupadas), referentes ao período de março de 2006.

A partir da análise dos dados dessas tabelas foram determinados critérios para escolha das escolas e a elaboração de roteiros de entrevistas, bem como definido o número de escolas que seriam observadas e quantas entrevistas seriam realizadas com os participantes da pesquisa (Educador Profissional, Educador Universitário, Voluntário e Público).

2.3 Definindo critérios para Aplicação das Entrevistas

Considerando que cada Unidade Escolar possuía um único Educador Profissional, para recorte das entrevistas com esse ator do Programa, foram determinados os seguintes critérios, baseando-se nas dados disponíveis:

- Entrevista com o Educador Profissional da escola com maior número de projetos do Eixo Cultura;
- Entrevista com o Educador Profissional da escola com menor número de projetos do Eixo Cultura;
- Entrevista com o Educador Profissional da escola com maior frequência de Público;
- Entrevista com o Educador Profissional da escola com menor frequência de Público;
- Entrevista com o Educador Profissional da escola com maior número de Universitários;
- Entrevista com o Educador Profissional da escola com menor número de Universitários;

- Entrevista com o Educador Profissional da escola com maior número de Voluntários;
- Entrevista com o Educador Profissional da escola com menor número de Voluntários;

Desse primeiro recorte ficamos com um total de oito entrevistas com Educadores Profissionais que estavam previstas inicialmente para serem desenvolvidas em oito escolas. No entanto, como uma mesma escola se enquadrava em duas categorias ao mesmo tempo (maior frequência de público e maior número de universitários), o número de escolas caiu para sete e, portanto, o número de entrevistas também ficou determinado em sete.

O APÊNDICE C apresenta a distribuição de Voluntários atuantes nas escolas, que serviram de base para determinar os locais onde seriam aplicadas as entrevistas, cujos dados foram transpostos também para gráfico.

Para as entrevistas com Voluntários do Programa foram comparados os dados referentes às vinte e sete escolas de Araraquara nas listagens e tabelas e feito o seguinte recorte:

- Escolha da escola com maior número de Voluntários cadastrados no Programa;
- Escolha da escola com menor número de Voluntários cadastrados no Programa;
- Escolha de uma escola com número intermediário de Voluntários cadastrados, (escolhida dentre seis escolas que possuíam número semelhante de voluntários).

O APÊNDICE D apresenta a distribuição de Bolsistas Universitários atuantes nas 27 escolas que serviram de base para determinar os locais onde seriam aplicadas as entrevistas.

Para recorte da coleta com os Bolsistas Universitários os critérios também foram semelhantes aos já mencionados anteriormente e foram observados em listagens específicas. Assim, os dados foram comparados e as escolas escolhidas foram:

- A escola com maior número de vagas ocupadas no quadro disponível de universitários;

- A escola com menor número de vagas ocupadas no quadro disponível de universitários;
- Uma escola com número intermediário de vagas ocupadas, ou seja, uma escola dentre cinco com ocorrência de número semelhante de bolsistas universitários, a saber, cinco universitários respectivamente em cada quadro.

O APÊNDICE E apresenta a distribuição do Público Usuário, freqüentador do Programa nas 27 escolas que serviram de base para determinar os locais onde seriam aplicadas as entrevistas, bem como a visualização gráfica desses dados.

Para o recorte das escolas onde seriam realizadas entrevistas com os participantes usuários do Programa (público originário da comunidade intra e extra- escolar), serviram de base os dados específicos verificados nas listagens referentes ao público freqüentador. Assim, as opções escolhidas foram:

- A escola com maior número de público freqüentador;
- A escola com menor número de público freqüentador;
- Uma escola com número intermediário de público freqüentador, isto é, uma escola dentre três com número semelhante de público, numa faixa da ordem de nove mil freqüentadores.

Tendo como referência que as entrevistas com os Educadores Profissionais ficaram determinadas em sete, optamos por determinar as entrevistas com os Universitários, Voluntários e Público (participantes da Comunidade Intra e Extra-escolar), também em sete, para cada modalidade.

Para a decisão do recorte, dentre as escolas que apresentavam médias intermediárias foram priorizadas as escolas que já haviam aparecido na listagem das sete escolas relacionadas na coleta para a categoria do Educador Profissional, e assim, conforme os critérios eram estabelecidos para coleta com os demais atores do Programa sempre era verificado, dentre a relação de escolas intermediárias, qual delas já havia aparecido anteriormente, com o propósito de facilitar a ida da pesquisadora a campo e proceder à coleta dos dados.

A distribuição das entrevistas com Voluntários, Universitários e Participantes da Comunidade Intra e Extra-escolar foi feita da seguinte maneira: o número total de entrevistas, ou seja, sete para cada uma dessas modalidades de participantes, foi distribuído entre as três escolas escolhidas procurando comparar o universo disponível em cada escola.

O quadro de entrevistas ficou composto, portanto, por um total de vinte e oito entrevistas que foram aplicadas em oito escolas, conforme pode ser observado a seguir:

ESCOLAS	JUSTIFICATIVAS	ENTREVISTAS POR CATEGORIA			
		EDUCADOR PROFISSIONAL	BOLSISTA UNIVERSITÁRIO	VOLUNTÁRIOS	PÚBLICO
A	Menor número de projetos de cultura Número intermediário de Voluntários	01	-----	02	-----
B	Maior número de projetos de cultura	01	-----	-----	-----
C	Número intermediário de Bolsistas Universitários	-----	02	-----	-----
D	Menor número de Bolsistas Universitários Número intermediário de Público	01	01	-----	02
E	Maior Número de Voluntários	01	-----	04	-----
F	Menor Número de Voluntários	01	-----	01	-----
G	Maior número de Bolsistas Universitários Maior Público	01	04	-----	04
H	Menor Público	01	-----	-----	01

Quadro 1. Distribuição das 28 entrevistas nas escolas, com as respectivas justificativas.

Fonte: Dados Fornecidos pela Coordenação Regional do Programa Escola da Família

O Quadro 2 permite verificar a caracterização das oito escolas nas quais ocorreu a distribuição das entrevistas, relativa ao número de Educador Profissional, Bolsista Universitário, Voluntários e Público Frequentador, indicando ainda o número de projetos dos quatro Eixos (Cultura, Esporte, Qualificação para o Trabalho e Saúde), respectivamente:

ESCOLAS	EDUCADOR PROFISSIONAL	BOLSISTA UNIVERSITÁRIO	VOLUNTÁRIOS	PÚBLICO (JULHO/DEZEMBRO) ANO – 2005	PROJETOS DOS QUATRO EIXOS			
					C	E	QT	S
A	01	07	06	18.160	10	15	16	09

B	01	09	09	13.013	35	17	12	03
C	01	05	03	4.780	13	10	04	01
D	01	03	04	9.695	22	28	06	01
E	01	06	25	7.477	30	27	25	06
F	01	10	01	13.857	24	24	09	01
G	01	11	07	21.825	21	16	05	05
H	01	08	14	4.288	31	17	18	03

Quadro 2. Caracterização das 8 escolas nas quais ocorreu a distribuição das entrevistas
Fonte: Dados Fornecidos pela Coordenação Regional do Programa Escola da Família

2.4 Definindo os Roteiros de Entrevistas

Para o estabelecimento dos roteiros de entrevistas foram elaborados quatro modelos com perguntas abertas, estruturadas da seguinte maneira: primeiramente, foram utilizadas questões que possibilitassem a caracterização dos participantes da pesquisa e depois foram formuladas perguntas específicas para cada um dos atores do Programa. Esses roteiros foram corrigidos e revistos tendo como base a avaliação sobre qual a natureza dos dados que seriam obtidos com aquelas perguntas, a partir das questões definidas no estudo em relação aos objetivos da pesquisa.

Os roteiros para os quatro elencos específicos de participantes foram analisados e deles foram extraídas as perguntas que poderiam ser comuns aos atores do Programa e as que seriam específicas à(s) determinada(s) categoria(s) de participantes, formulando assim um novo roteiro que foi estabelecido a partir de questões destacadas por cores diferenciadas para facilitar a visualização de cada um dos elencos.

O quadro de cores escolhido para melhor visualização das perguntas foi elaborado da seguinte maneira: as perguntas destacadas em vermelho eram comuns aos quatro participantes do Programa (Educador Profissional, Voluntário, Universitário e Público). As destacadas em azul eram comuns aos Voluntários e Universitários; As verdes eram referentes aos Voluntários, Educadores Profissionais e Bolsistas Universitários; As destacadas em rosa sinalizavam que eram comuns aos Universitários e Educadores Profissionais; Para identificar as perguntas relacionadas ao Educador Profissional a cor usada foi o marrom e, finalmente, para reconhecer as questões destinadas ao Público a cor cinza foi usada.

A partir do novo roteiro estruturado por cores as perguntas foram recortadas e destinadas aos roteiros aos quais estavam relacionadas por serem pertinentes àquela modalidade de participante. As questões foram marcadas com um novo número, no entanto, o

número inicial dos roteiros originais foi mantido para facilitar a visualização quando da análise dos dados obtidos.

Os quatro modelos dos roteiros de entrevistas podem ser observados nos APÊNDICES F, G, H, I.

O pedido de permissão para coleta foi feito por meio de ofício destinado ao Dirigente Regional de Ensino que depois de autorizado, o encaminhou para análise do Supervisor responsável pelo Programa Escola da Família e também do Assistente Técnico Pedagógico responsável, conforme modelo apresentado no APÊNDICE J.

Para coleta de dados o instrumento utilizado foi a entrevista semi-estruturada, com um roteiro prévio para cada um dos grupos de participantes da pesquisa (Educador Profissional, Universitário, Voluntário e Participante). O roteiro foi composto por perguntas abertas, constituindo quatro elencos de entrevistados, com algumas perguntas comuns aos participantes e outras específicas, considerando o perfil de cada um dos grupos.

Rosália Duarte (2002) refere que o roteiro de entrevistas deve ser um instrumento flexível para atender os objetivos da pesquisa e orientar a condução da entrevista. Os dados obtidos devem ser organizados e categorizados por meio de critérios previamente definidos, a partir dos objetivos da pesquisa.

Os elencos foram definidos em função dos quatro principais agentes do Programa envolvidos na Coordenação Local da escola que estão diretamente ligados às atividades dos finais de semana.

Para estruturação dos roteiros de entrevistas foi elaborada uma parte para a caracterização do perfil comum a todos os entrevistados, porém considerando as especificidades no que se refere ao perfil de cada grupo de entrevistados. O Educador Profissional embora não aplique as atividades, elabora o quadro de atividades e coordena sua execução, que é realizada pelos Educadores Universitários ou pelos voluntários, que aplicam as atividades e estão envolvidos diretamente com o público e a execução das atividades dos finais de semana. Já os participantes do público são aqueles que participam do fazer dessas atividades, são como alunos. Portanto, algumas perguntas tanto da caracterização quanto do corpo de entrevistas levaram em conta estas informações próprias dos participantes do Programa que seriam entrevistados.

Para as entrevistas, a princípio foram enunciadas questões relacionadas a cada um dos entrevistados, porém da análise dos primeiros roteiros elaborados foram selecionadas trinta e oito questões consideradas relevantes para a investigação no campo. Essas questões foram

selecionadas em função do grupo de entrevistados e das suas particularidades e, a partir dessa avaliação inicial, foi estruturado um quadro com a divisão dessas questões, as quais foram relacionadas e distribuídas dentro das quatro categorias pesquisadas. Dessa última seleção, o roteiro para o elenco de Bolsista Universitário ficou estruturado em trinta questões, o do Educador Profissional em vinte e oito, o do Público em dezenove e o do Voluntário em vinte e nove perguntas.

A descrição das 38 questões do roteiro original que foram utilizadas para as entrevistas com Educadores Profissionais, Educadores Universitários, Voluntários e Público Freqüentador entrevistados, identificando a quem foram direcionadas e a natureza dos esclarecimentos que foram objeto em cada questão, compõe o APÊNDICE K.

2.5 Sobre o Tratamentos de Dados

As entrevistas foram gravadas com um gravador manual em doze fitas k7, que foram devidamente etiquetadas e posteriormente transcritas para análise de seu conteúdo. A aplicação das entrevistas foi realizada durante quatro meses, no ano de 2006.

Os dados iniciais foram inicialmente organizados com o objetivo de identificar a caracterização da amostra de informantes, referente à faixa etária, nível de escolaridade, sexo, estado civil, instituição e/ou comunidade de origem, com curso e instituição que frequenta (quando aplicável), além de possibilitar conhecer algumas características da escola onde ocorreu a entrevista. A partir dessa caracterização, foi possível também formular figuras com a finalidade de favorecer a visualização gráfica dos resultados desses dados. O modelo do Quadro 3 foi adotado para o registro da caracterização dos participantes:

ELENCO () – Modalidade do entrevistado					
ESCOLAS:	Sexo	Idade	Estado Civil	Escolaridade Curso Série	Comunidade Intra- Extra escolar

Quadro 3. Modelo adotado para o registro da caracterização dos participantes, distribuídos por modalidade

Para a transcrição das entrevistas, cumpriram-se as seguintes etapas:

- Transcrição literal das entrevistas, quando foram elaboradas, com a finalidade de facilitar a identificação e localização da gravação de cada pergunta e subsequente resposta, etiquetas que continham a numeração da fita, o lado da gravação (A ou B), o trecho de localização da gravação (início, meio, fim), a data da entrevista, o local da entrevista, o número e denominação do elenco, ou seja, a qual categoria de participante pertencia o entrevistado (Educador Profissional, Voluntário, Universitário, Público), iniciais e o nome do entrevistado. Em seguida, foram registradas as perguntas e respostas referentes à caracterização dos participantes, já anotadas em um caderno na ocasião da entrevista e, depois, as respostas relativas ao roteiro, transcritas à partir da audição das gravações.
- O preenchimento dos quadros ocorreu posteriormente às transcrições literais das entrevistas e, considerando o tempo necessário para tal procedimento, optou-se por esgotar a audição de todas as entrevistas feitas com cada um dos elencos. Isso possibilitou o preenchimento do quadro com todas as respostas de cada modalidade de participantes, em uma única vez. O primeiro elenco esgotado foi o dos Bolsistas Universitários e, a partir daí, sucessivamente, o do Educador Profissional, o do Público Participante da Comunidade Intra e Extra Escolar e finalmente, o dos Voluntários.
- A etapa seguinte, constou da categorização das respostas dissertativas, buscando registrá-las conforme as unidades de sentido apresentadas respectivamente, em cada uma delas e quantificando-as. A elaboração dessas categorias permitiu a visualização do conjunto de respostas de cada grupo de entrevistados, bem como sua distribuição, respectivamente, em cada uma das instituições, sem comprometer a natureza dos aspectos nelas indicados.
- Esse procedimento foi adotado com cada um dos elencos separadamente e, posteriormente, transcritos em conjunto, mas de forma a não perder as especificidades de informações relativas a cada um dos grupos de respondentes.

- O modelo de registro elaborado durante a etapa de tratamento e análise dos dados, com a finalidade de ser utilizado na seção de resultados do estudo, pode ser apreciado abaixo:

Tratamento de Dados: Elenco (n.) - (Denominação)		
Participantes - Modalidade	Resposta à Questão ____ (n.)	Palavras - Chave / Unidades de Sentido
P(n. e elenco): (INICIAIS)		
Fita : n. Trecho: Início: Final: Lado:		

Quadro 4. Modelo do esquema de registro adotado para o tratamento e análise dos dados coletados nas entrevistas.

- Posteriormente, por meio do agrupamento por semelhança de sentido, foi possível estabelecer uma categorização de síntese, composta e identificada como significante dos diversos aspectos referidos individualmente por cada respondente.
- No passo seguinte, as sete respostas de cada elenco para aquelas questões que eram comuns, foram transferidas, então, para um quadro único (**Quadro 5**), que teve por finalidade favorecer a visualização do conjunto de respostas dado por cada categoria de participantes, durante o tratamento e análise dos dados coletados. Esse quadro foi elaborado a partir de **Zaniolo (2000)** e continha o número e denominação do elenco, o número e as iniciais do participante, o número da fita e o trecho da gravação, o número da questão e a questão tal como apresentada no roteiro original, espaço para registro das respostas e uma coluna para identificação de palavras chaves e/ou unidades de sentido. A utilização deste último quesito no quadro, teve como objetivo, favorecer maior agilidade na identificação de palavras-chave e atribuição de unidades de sentido a partir das respostas obtidas. Após o preenchimento desse quadro, foi elaborada uma síntese das respostas dadas por todos os participantes de cada elenco, à mesma questão e/ou a pequenos conjuntos de questões. O modelo abaixo exemplifica esse quadro:

Tratamento de Dados: Elenco (n.) - (Denominação)		
Participantes -	Resposta à Questão ____ (01)	Palavras - Chave /

Modalidade		Unidades de Sentido
P(n. e elenco): (INICIAIS)		
Fita : n. Trecho: Início: Final: Lado:		
Síntese do Conjunto (P1 a P7)		

Quadro 5. Modelo do esquema de registro de síntese das questões comuns a mais de um grupo de participantes, adotado para o tratamento e análise dos dados coletados nas entrevistas.

2.6 Alguns Registros Fotográficos

Foram feitos ainda, registros fotográficos das atividades artísticas desenvolvidas no PEF, com o propósito de ilustrar, ainda que parcialmente, o contexto em que foi realizada a pesquisa bem como registrar alguns dos aspectos tratados no estudo.

O registro fotográfico ocorreu nos locais em que compreendiam as entrevistas e procurou-se fotografar o desenvolvimento das atividades e também o produto resultante de uma atividade, primeiramente sem a identificação do participante. As atividades fotografadas foram exclusivamente às vinculadas ao fazer artístico previstas para o Eixo Cultura.

Além desse registro realizado nas escolas escolhidas, também foi fotografado o III Evento de Aniversário do Programa Escola da Família que ocorreu na Praça do Parque Infantil da Cidade, no dia 10 de setembro de 2006. O evento foi aberto ao público e naquela ocasião as escolas puderam mostrar parte das atividades desenvolvidas nas escolas. As atividades selecionadas para a exposição foram as relacionadas aos Eixos Cultura e o de Qualificação Para o Trabalho. Nesse ano, ao contrário dos dois anos anteriores o evento de aniversário do Programa priorizou a exposição de atividades artísticas, dos dois eixos acima referidos, exclusivamente artesanais e não montou palco e não realizou atividades de apresentação de dança, teatro e esportes (Taekondo). Ainda assim, houve algumas apresentações por iniciativa própria e de modo informal, como a capoeira e a dança de rua, que ocorreram no solo em frente às barracas de exposição. O Eixo saúde também foi

representado por um universitário com uma demonstração de escovação dos dentes para crianças.

O registro fotográfico do evento de aniversário do Programa, contou com a ajuda de dois assistentes de pesquisa, cada qual com uma câmera fotográfica digital, que puderam fotografar a exposição das escolas nas quais haviam sido desenvolvidas as entrevistas. Para essa atividade, foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido, no qual estava explicitado o objetivo da pesquisa e a solicitação de autorização do uso das imagens das pessoas presentes nas fotos realizadas durante o evento de aniversário do Programa, que pode ser visualizado no APÊNDICE L.

As inserções da pesquisadora nas escolas para a coleta de dados, foram feitas mediante a autorização do gestor responsável, quando havia esse profissional no quadro da escola aos finais de semana, ou do Educador Profissional. Na falta do gestor, portanto, somente o Educador Profissional autorizava a coleta. Foi apresentado o Ofício homologado e autorizado pelo Dirigente Regional de Ensino, além de esclarecidos os objetivos da pesquisa, da nossa vinculação à instituição e ao Programa de Pós-Graduação e quais eram os participantes do Programa que tínhamos por objetivo entrevistar.

Após esses esclarecimentos o Gestor ou o Educador Profissional nos encaminhava para as entrevistas, fazia a mediação do contato entre o entrevistador e o participante do programa a ser entrevistado, nos apresentando, esclarecendo nosso propósito e solicitando a colaboração desses. A partir dessa aproximação feita pelo Educador Profissional, esclarecíamos e complementávamos as explicações sobre a pesquisa e verificávamos quem gostaria de participar. Geralmente, o Educador Profissional mostrava-se grande conhecedor da dinâmica de funcionamento da escola aos finais de semana, das atividades desenvolvidas pelos Universitários e Voluntários e também do Público frequentador e sugeria quem poderia ser entrevistado dentre o quadro de participantes do Programa estudados (Educador Profissional, Voluntário, Universitário e Público). Nesse caso, ele priorizava aqueles Bolsistas Universitários que fossem mais relacionados às atividades artísticas do Eixo Cultura, bem como os Voluntários que atuavam em projetos desse mesmo eixo cultural e os participantes do Público que costumam frequentar essas atividades artísticas, com maior assiduidade.

As entrevistas ocorreram nos finais de semanas nas escolas, e as pessoas entrevistadas falaram durante o desenvolvimento das atividades do Programa, sem interrupção das suas participações. Nas escolas onde dentre as entrevistas estava prevista a audição do Educador profissional, essa foi realizada em primeiro lugar, considerando que cada escola só possui um

profissional dessa modalidade em seu quadro. E também, devido ao vínculo da pesquisadora com o Educador Profissional, tanto por essa condição de coleta de dados para a pesquisa, quanto pelo conhecimento mútuo que já dispunham, em razão da pesquisadora haver atuado no Programa, exercendo essa mesma função.

2.7 Alguns Registros em Vídeo

De posse de parte dos dados coletados, houve-se por bem, promover uma triangulação dos instrumentos utilizados, adotando uma breve documentação em vídeo como um procedimento que pudesse, além de complementar as análises durante o tratamento de dados, propiciar ao estudo maiores esclarecimentos e visualização acerca de algumas das rotinas desenvolvidas no Programa.

O critério adotado, para selecionar o local onde seriam realizadas as filmagens foi o de escolher, dentre as oito escolas visitadas, aquela onde o Programa parecia fluir melhor e aparentemente, estar mais próximo de atingir o objetivo de envolver a comunidade nos finais de semana, com as suas ações, considerando que durante a coleta a pesquisadora pode observar que aquela era a escola com maior número de público e conseqüentemente com mais universitários atuando, o que condizia com o que estava descrito nas listagens do Programa; ainda, por ter como intuito, possibilitar uma visão bastante fiel dos resultados alcançados frente aos propósitos que originaram o Programa.

Além disso, seu público incluía participantes de várias faixas etárias e a participação de pais e adultos da comunidade nas atividades do fim de semana.

Assim, a opção recaiu sobre uma escola localizada num bairro de periferia da cidade, onde foram gravadas imagens gerais do Programa, independente do eixo de atividade ao qual se vinculavam, numa tomada geral de aproximadamente 20 a 30 minutos que demonstrasse um pouco do que ocorre nas atividades aos finais de semana, e possivelmente revelasse detalhes que pudessem contribuir ou favorecer a análise dos dados coletados. A filmagem foi realizada em duas sessões que ocorreram nos dias 21 de outubro de 2006 e 04 de novembro de 2006, ou seja, em dois sábados, onde a primeira gravação foi realizada no período da manhã e a segunda no período da tarde. Para esse trabalho de filmagem foi necessária a ajuda de um assistente de pesquisa que realizou a gravação das imagens no campo conforme orientações previamente esclarecidas pela pesquisadora.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Só quando a vida é tocada
visão ampliada
mente sensibilizada
e se usa o coração
Criar fica fácil
É o mundo
sendo forte
ou frágil
Real ou ficção
Vira recriação.

Inicialmente, são apresentados os resultados que permitem observar a análise documental desenvolvida para a execução do estudo e, na seqüência, serão apresentados os resultados que permitem observar a caracterização obtida acerca dos perfis das quatro modalidades de participantes, mediante às informações resultantes da parte introdutória que constava dos roteiros de entrevistas. Apesar de geralmente as pesquisas relatarem a caracterização de seus participantes como parte da descrição do Método, este estudo, por seu caráter exploratório, constituiu como um de seus objetivos a identificação dos protagonistas do Programa Escola da Família. Esta é, portanto, a razão para que a caracterização obtida esteja integrando a seção de resultados e discussão. A parte final desta seção será composta pelos resultados e discussão das questões contidas nos roteiros de entrevistas.

Já com relação aos resultados das anotações transcritas no diário de campo podem ser observadas no APÊNDICE M, com o propósito de favorecer ao leitor uma melhor contextualização do universo estudado.

3.3 Análise Documental

Dentre os materiais analisados sobre o Programa Escola da Família constou o Regulamento (2003) que proporcionou uma visão geral sobre a sua organização, composto por uma introdução que apresentava o Programa e esclarecia sobre a equipe responsável por sua implementação na unidade escolar, ou seja, a Coordenação Local do Programa (Educador Profissional, Educador Universitário e Educador Voluntário).

Além disso, o documento trouxe informações sobre as atribuições das instituições privadas de ensino superior concedentes das bolsas de estudos para os universitários em parceria com a Secretaria Estadual da Educação e do seu credenciamento.

Esclareceu as atribuições do Educador Universitário e os procedimentos para sua inscrição no Programa, bem como critérios de classificação e regras para suspensão do benefício. E proporcionou breve esclarecimento sobre o cadastramento e inscrição do Educador Voluntário no *site* do Programa.

Já o Manual Operativo do Programa Escola da Família (2003 / 2004) trouxe uma apresentação do PEF e esclareceu que o jovem e o adolescente são o foco principal do Programa. Demonstrou sua operacionalização esclarecendo as competências da Diretoria de Ensino, das Escolas Estaduais, e as atribuições dos Educadores do Programa: Coordenação Regional (Assistente Técnico Pedagógico- ATP e Supervisor de Ensino do Programa), Coordenador de Área, o Educador Profissional, o Educador Universitário, o Educador Voluntário e finalmente, o Estagiário.

Apresentou organograma da logística do Programa desde a Coordenação Geral (SEE/CENP e UNESCO), passando pela Coordenação Regional na Diretoria de Ensino e a Coordenação Local na escola.

Esse documento ainda demonstrou o modelo para elaboração do projeto a ser trabalhado na escola e as ações para implementá-lo. A proposta de trabalho contém os seguintes itens: Justificativa (Por que fazer?), Objetivo (Para que fazer?), Grupo de Trabalho (Quem está disposto?), Público Alvo (A quem se destina?), Plano de Ação (O que fazer? Como fazer?), Avaliação (O que deve ser modificado?), Registro (Como contar nossa história?), Recursos (O que é necessário?), Cronograma (Quando?).

Além de descrever os quatro eixos norteadores da grade de atividades propostas para o PEF: Cultura, Esporte, Qualificação para o Trabalho e Saúde, apresentou lista de possibilidades de atividades a serem desenvolvidas aos finais de semana dentro dos quatro eixos e sugestões para organizá-las na escola.

O Manual ainda faz uma breve explicação sobre o Programa SuperAção Jovem do Instituto Ayrton Senna, trazendo também sugestões para organização das reuniões do Programa (elaboração da pauta, como presidir a reunião, como firmar um contrato de grupo, como registrar, quem fará o registro e como avaliar).

Possibilitou esclarecimentos sobre o preenchimento da ficha de relatório semestral de atividades, preenchida *on-line*, no *site* do Programa. Sugere cédula para avaliação pelos participantes das atividades do fim de semana, para tabulação das informações pelo Educador Profissional e posteriores adequações dos projetos ao atendimento das expectativas da comunidade.

Apresentando modelo do Relatório Semanal de Atividades a ser preenchido *on-line* pelo Educador Profissional, permitiu conhecer os seguintes Anexos: Lei Nº 9.608 de 18 de fevereiro de 1998 (dispõe sobre o serviço voluntário), Ficha com o Termo de Adesão ao Serviço Voluntário no Programa Escola da Família, Resolução SE 143 de 29 de agosto de 2002 (dispõe sobre a implementação do Programa Estadual Jovem Voluntário – Escola Solidária), Resolução SE Nº 234 de 02 de outubro de 1995 (dispõe sobre Escola em Parceria), e finalmente, o Anexo da Resolução 234/95 que apresenta o Protocolo de Intenções da Associação de Pais e Mestres (APM) com a instituição escolar.

Outro documento analisado, foi o Manual Operativo do Programa Escola da Família (2005/2006), que trouxe uma apresentação do Programa Escola da Família que demonstrava alguns resultados referentes aos dois anos do Programa, reafirmava o jovem e o adolescente como focos do Programa, e mostrava sua Operacionalização através da Coordenação Regional do Programa (agora composta por Dirigente de Ensino, Supervisor de Ensino, Assistente Técnico-Pedagógico – ATP, Coordenadores de Área e Coordenador Técnico) e das competências das escolas estaduais. Apresentava as principais atribuições dos Educadores do Programa, começando por todos os membros já mencionados da Coordenação Regional e, posteriormente, os da Coordenação Local (Gestor da unidade escolar ⁽¹⁶⁾, Educador Profissional, da Equipe de Fortalecimento (Professores de Educação Física e Educação Artística, os Monitores Educacionais e os Educadores Profissionais substitutos) do Educador Profissional, das atribuições do Educador Universitário e dos critérios para concessão e suspensão da bolsa, das atribuições do Educador Voluntário, e finalmente do Estagiário. Assim, demonstra, tal qual no manual anterior, um quadro com a logística organizacional do Programa desde a Coordenação Geral (SEE/CENP e UNESCO), passando pela Coordenação Regional na Diretoria Regional de Ensino e finalizando com a Coordenação Local na unidade escolar.

Assim como o Manual Operativo anterior, este também apresentava sugestões para o trabalho com os projetos nos quatro eixos norteadores do Programa, seguindo a mesma sugestão já mencionada para organização do projeto, com a lista de possibilidades de atividades dos quatro eixos e sugestões de ações para organização das atividades na escola.

Descrevendo novamente o Programa SuperAção Jovem – Instituto Ayrton Senna, fazia breve comentário da UNESCO e do Instituto Brasil Voluntário - Faça Parte, e

¹⁶ O Gestor do Programa Escola da Família no fim de semana pode ser o Diretor, o Vice ou o Professor Coordenador Pedagógico (PCP) da unidade escolar.

apresentava sugestões para organização de reuniões, além das Orientações para o preenchimento da ficha de relatório semanal de atividades e da Sugestão para a Avaliação das atividades, e dos Anexos já constantes do Manual anterior.

O caderno da Série Idéias Nº 32 Escola da Família foi publicado em 2004 para edição comemorativa do aniversário do Programa. O documento, composto por textos de vários autores, na primeira parte permitiu conhecer um histórico do Programa, apresentando em seguida o conceito de cultura de paz, do projeto de vida e da não violência, do Protagonismo Juvenil, discorrendo sobre o Projeto do sonho à concretização, tratando sobre as parcerias, o voluntariado, os eixos norteadores do Programa, e finalmente, apresentando relatos de experiências dos participantes do Programa.

O caderno “Escola da Família: espaços de paz; oficinas – um convite para refletir e agir pela paz” foi publicado em 2005 e trouxe sugestões para o trabalho com as oficinas do Programa Escola da Família, através da apresentação de textos, da sua discussão e da sugestão de dinâmicas para trabalhar com conteúdos afins ao Programa, como por exemplo, a organização das reuniões, do desenvolvimento das competências pessoais apresentadas por Delors (2001) para os pilares do conhecimento (aprender a ser, conviver, fazer e conhecer), do Protagonismo Juvenil, da cultura de paz, do voluntariado e as atitudes cooperativas, das parcerias, da pluralidade cultural, da ética e a cidadania, da gestão de pessoas, dos projetos, dos direitos e deveres, do trabalho com a comunidade e das relações de gênero, da saúde e o meio ambiente.

Brighenti, Santos e Silva (2005), então coordenadoras do Programa Escola da Família na Universidade do Sagrado Coração (USC) de Bauru, analisaram as ações e resultados parciais do Programa Escola da Família naquela universidade. O livro das autoras, além de esboçar o ideário pedagógico que deu origem ao Programa, relatava como os universitários executavam os projetos na escola. Apresentava, também, resultados do “I Encontro dos Universitários da USC do Programa Escola da Família”, que procurou avaliar as metodologias das propostas dos cursos da USC inscritos no Programa. As autoras deixavam claro que consideravam que o Programa proporcionava “ganhos consideráveis e alentadores” para a escola, a família e a comunidade.

3.4 Caracterização do Perfil dos Participantes

No Quadro 6 estão relacionadas as instituições escolares onde foram coletados os dados, as iniciais dos participantes, o sexo, a idade, o estado civil, a etnia declarada, a escolaridade, a instituição universitária a qual os entrevistados estavam vinculados, outras formações, a frequência a eventos e a participação em atividades de lazer, e finalmente se são membros da comunidade intra ou extra-escolar.

Os dados do quadro demonstram que:

Dos entrevistados seis eram do sexo feminino (85,7%) e um do sexo masculino (14,3%).

A idade dos entrevistados varia dos 20 aos 29 anos.

A maioria dos entrevistados era solteira, ou seja, 85,7%, apenas um era casado (14,3%).

Do total de entrevistados dois pertenciam a raça negra (28,5%), os outros cinco (71,4%) eram brancos.

No item escolaridade, dois universitários (28,5%) estavam cursando o 2º ano, um universitário (14,3%) estava no 4º ano e quatro universitários (57,1%) estavam no 3º ano de curso.

Dois dos universitários entrevistados (28,5%) além da faculdade que estavam cursando possuíam curso técnico.

No item outras formações apenas um entrevistado (14,3%) citou um curso de informática, 85,7% dos entrevistados não realizaram outros cursos além daqueles referentes à escolaridade.

Todos os universitários estavam vinculados à mesma instituição universitária, totalizando 100%.

Dos entrevistados, 100% pertenciam à comunidade extra-escolar, ou seja, não tinham vínculo empregatício com a escola durante a semana.

Todos os participantes mencionaram mais de uma atividade como lazer, a quantidade de atividades elencadas varia de 1 a 4 atividades, sendo que 42,8% dos participantes citam 2 atividades de lazer, 28,5% dos participantes mencionam 1 atividade de lazer, e os outros 28,5% mencionam 4 atividades de lazer.

Os participantes A e F tinham em comum como atividade de lazer o teatro, Os participantes B, D e F referiram-se à dança como lazer, Os participantes A, D, F e G citaram

em comum o cinema como lazer, Os participantes D e E tinham como lazer atividades esportivas.

As demais atividades do quadro: shows, bares, leitura e música, foram mencionadas especificamente por cada participante, não constituindo uma informação comum.

No quadro a seguir, consta a caracterização do perfil dos Educadores Universitários participantes do estudo.

Escolas:	Participantes	Sexo	Idade	Estado Civil	Raça	a) Escolaridade b) Curso c) Série	Instituição	Outras formações	a) Frequência a Eventos b) Participação em atividades de lazer	Comunidade Intra – Extra Escolar
A	P1- U	Feminino	20	solteira	branca	a)Cursando Superior b)Pedagogia c)3º ano	Particular	Não	a)Frequentemente b)Teatro, cinema	Extra-escolar
B	P2-U	Feminino	26	solteira	branca	a)Cursando Superior a1)Técnico em Administração b)Ed. Física c)3º ano	Particular	Informática	a)Quase sempre b)dança	Extra-escolar
C	P3-U	Feminino	23	solteira	branca	a)Cursando Superior b)Ed. Física c)3º ano	Particular	Não	a)Show da UNIP anualmente / b)Shows no SESC e Bares	Extra-escolar
D	P4-U	Feminino	21	solteira	branca	a)Cursando Superior b)Ed. Física c)3º ano	Particular	Não	a)Regularmente b)Dança,cinema, esporte e leitura	Extra-escolar
E	P5-U	Masculino	29	casado	negro	a)Cursando Superior b)Ed. Física c)4º ano	Particular	Não	a)Só na faculdade por exigência b)Futebol, vôlei	Extra-escolar
F	P6-U	Feminino	24	solteira	branca	a)Cursando Superior a1)Técnico em contabilidade b)Pedagogia c)2º ano	Particular	Não	a)Faculdade-cada 2 meses b)Teatro, cinema, música, dançar (quase sempre)	Extra-escolar
G	P7-U	Feminino	21	solteira	negra	a)Cursando Superior b) Letras c)2º ano	Particular	Não	a)Como espectadora sempre, como participante raramente. b)Cinema	Extra-escolar

Quadro 6: Caracterização do Perfil dos Educadores Universitários – Elenco 1

Em relação à caracterização do perfil dos Educadores Profissionais participantes do estudo, os resultados foram organizados, considerando as iniciais das instituições escolares onde se coletaram os dados, as iniciais dos participantes, o sexo, a idade, o estado civil, a raça, a escolaridade, a instituição universitária a qual os entrevistados estavam vinculados, outras formações, a frequência a eventos e a participação em atividades de lazer, e finalmente se são membros da comunidade intra ou extra-escolar.

Esses resultados demonstram que:

Dos sete entrevistados um era do sexo masculino (14,3%) e outros seis do sexo feminino (85,7%).

A faixa etária dos entrevistados variava dos 24 aos 50 anos.

Dos respondentes uma era viúva (14,3%), três eram casados (42,8%), um separado (14,3%), uma desquitada (14,3%) e uma divorciada (14,3%).

Cinco dos entrevistados eram da raça branca (71,4%) e dois negros (28,5%).

100 % dos entrevistados possuíam curso superior. Quatro dos participantes possuíam formação na área de humanidades, dois na área de ciências biológicas, e um na área de exatas. Do total de entrevistados 28,5% eram pedagogos.

Dois dos entrevistados (28,5%) tinham duas formações superiores, três entrevistados possuíam uma única formação superior (42,8%), e um entrevistado além da formação superior fez dois cursos complementares a sua formação.

71,4 % dos entrevistados não possuíam outras habilitações e 28,5% possuíam outras habilitações que iam além da formação escolar.

Três participantes (42,8%) freqüentavam eventos artísticos raramente, um nunca freqüentava, um freqüentava a cada dois meses, um freqüentava semanalmente, estes se referiam em suas respostas a quantidade, e o último participante freqüentava essas atividades eventualmente, ou seja dependendo da casualidade, do acaso.

Dos entrevistados dois eram da comunidade intra-escolar (28,5%), ou seja, trabalhavam na escola durante a semana, e cinco participantes (71,4%) eram da comunidade extra-escolar, sem vínculo com a escola durante a semana.

Todos os participantes mencionaram mais de uma atividade como lazer, a quantidade de atividades elencadas varia de 2 a 4 atividades, sendo que 42,8% dos participantes citam 2 atividades de lazer, 42,8% dos participantes mencionam 4 atividades de lazer, e 14,3% mencionam 3 atividades de lazer.

Os participantes A e B tinham em comum como atividade de lazer a leitura, Os participantes A, D e G referiram-se a TV como lazer, Os participantes B e F tinham em comum o cinema como lazer, Os participantes B e E frequentavam clube como lazer, Os participantes C e D tinham como lazer atividades musicais.

As demais atividades do quadro: dança, teatro, curso de violão, trabalho voluntário, caminhada, Programa Escola da Família, Jantar fora, foram mencionadas especificamente por cada participante, não constituindo uma informação comum.

O Quadro 7 apresenta a caracterização do perfil dos Educadores Profissionais participantes do estudo.

Escolas:	Participantes	Sexo	Idade	Estado Civil	Raça	a)Escolaridade b)Curso c)Instituição d)Ano de conclusão	Outras Habilidades	a)Frequência a Eventos e b) Participação em Atividades de lazer	Comunidade Intra – Extra Escolar
A	P1-EP	Feminino	48	viúva	branca	a)Superior b)Serviço social c)Colégio Progresso d)(1980) b)Normal Superior c1)Uniará d1)(2005)	Inglês, Estética, Culinária	a)Nunca b)Lê, vê TV	Extra-escolar
B	P2-EP	Feminino	50	desquitada	branca	a)Superior b)Pedagogia Habilitação em Administração e Supervisão c)São Luis d)(2001)	Não	a)Eventualmente por falta de tempo b)Dança, clube, cinema	Extra-escolar
C	P3-EP	Feminino	44	divorciada	Afrodesscente negra	a)Superior b)História c)Fefiara/ Uniará d)(1992) b1)Enfermagem, b2)Secretariado.	Informática	a)Semanalmente b)Teatro, faz curso de violão, canto, é voluntária em casa assistencial	Intra - escolar
D	P4-EP	Feminino	24	casada	branca	a)Superior b)Pedagogia c)UNIP d)(2005)	Não	a)Cada dois meses; falta de tempo b)Lê, Tv, música e caminhada	Extra-escolar
E	P5-EP	Masculino	48	separado	branca	a)Superior b)Ciências com Hab. Plena em matemática c)FFCL/ Catanduva d)(1994) b1)Administração de Empresas- c1) FAAP- SP d1) (1982)	Não	a)Quase zero, falta de tempo. b)Clube, viagem.	Extra-escolar
F	P6-EP	Feminino	34	casada	negra	a)Superior b)Matemática c)UNIARA d)(2000)	Não	a)Raramente – marido é doente b)Escola da Família, Parque, cinema, missa	Intra - escolar
G	P7-EP	Feminino	43	casada	branca	a)Superior b)Biologia c)UNIARA d)(2002)	Não	a)Raramente após entrada no Programa, não tem mais lazer. b)Jantar fora, filmes em casa	Extra-escolar

Quadro 7: Caracterização do Perfil dos Educadores Profissionais – Elenco 2

No que refere à caracterização do perfil do Público Frequentador, dos sete entrevistados apenas um era do sexo masculino (14,3%) e os demais eram do sexo feminino (85,7%)

A idade dos entrevistados era mista indo dos 8 aos 62 anos, o que demonstra que o público frequentador do Programa é bem diversificado.

Três dos entrevistados eram solteiros (42,8%), três eram casados (42,8%) e um era divorciado (14,3%).

Cinco dos entrevistados disseram pertencer à raça branca (71,4%), um à raça negra (14,3%) e um se denominou como pardo (14,3%).

A maioria dos entrevistados possuía pouca escolaridade, três deles ainda eram estudantes (42,8%), os outros quatro pararam de estudar (57,1 %), sendo que destes um parou antes de concluir o Ensino Fundamental Ciclo I (1ª a 4ª série), e os demais antes de concluir o Ensino Fundamental Ciclo II (5ª a 8ª série).

Quatro entrevistados disseram pertencer a classe média (57,1%), dois disseram pertencer a classe baixa (pobre) (28,5%), e um não soube responder com precisão, mas poderia ser considerado como de classe média. Os argumentos que apresentaram para justificar a sua auto classificação social, referiam aos bens materiais que possuíam ou não.

Dos entrevistados nenhum era aluno da escola na qual frequentava o Programa, ou seja, 100% eram extra-escolares por não possuírem vínculo com a escola durante a semana. Entretanto, a maioria deles pertence à comunidade.

Quatro participantes não costumavam frequentar eventos culturais, dos outros três restantes um participava no final de semana no PEF, um participava de eventos uma vez ao mês e outro era membro do grupo de ginástica da prefeitura com uma participação semanal.

Em relação a distribuição das atividades de lazer referidas pelo público, os resultados demonstraram que o número de atividades mencionadas varia de 1 a 3 atividades, sendo que 57,1% dos participantes citam 3 atividades de lazer, 42,8% dos participantes mencionam 2 atividades de lazer, e 14,3% mencionam 1 atividades de lazer.

Os participantes A e B tinham em comum como atividade de lazer o videogame, Os participantes A e C referiram-se a dança como lazer, Os participantes D e E tinham em comum a TV como lazer, Os participantes D, F e G frequentavam o Programa Escola da Família como lazer, Os participantes A e B tinham como lazer atividades esportivas.

As demais atividades do quadro: Passeio, viagem, curso, praças e brincar foram mencionadas especificamente por cada participante, não constituindo uma informação comum.

O Quadro 8 é composto por estes resultados, ora relatados e referentes à Caracterização do perfil do Público frequentador do Programa, participante do estudo.

Escolas:	Participante	Sexo	Idade	Estado Civil	Raça	Escolaridade Curso Série	Classe social	a)Frequência a Eventos e b) Participação em Atividades de lazer	Comunidade Intra – Extra Escolar
A	P1-PU	Feminino	13	solteira	branca	Cursando 7ª série- EF	Pobre. Não tem muitas coisas e se fosse rica poderia estudar numa escola melhor.	a)Na escola aos fins de semana. b) Vôlei, videogame e dança.	Extra-escolar
B	P2-PU	Masculino	16	solteiro	branca	Cursando 1º colegial	Média – pais têm apartamento e carro	a)Nunca b) Videogame, basquete, natação	Extra-escolar
C	P3-PU	Feminino	58	casada	branca	Estudou até 5ª série - EF	Média - tem uma situação razoável	a)Não participa, está desempregada b)Dança, passeia	Extra-Escolar
D	P4-PU	Feminino	62	divorciada	parda	Estudou até o 2º série- EF	Mais ou menos, nem rica, nem pobre porque tem uma casa pra morar.	a)Não sai. b)TV, Programa Escola da Família aos sábados	Extra-escolar
E	P5-PU	Feminino	56	casada	branca	Estudou até 5ª série - EF	Média - tem carro e casa própria	a)Nada. b)TV, viajar na casa do filho, faz cursos	Extra-escolar
F	P6-PU	Feminino	57	casada	negra	Estudou até a 7ª série- EF	Baixa, por falta de renda.	a)Integrante do grupo de ginástica da PM. b)Estar no PEF pintando.	Extra-escolar
G	P7-PU	Feminino	8	solteira	branca	Cursando 2ª série – EF	Média - casa própria e pais empregados	a)Uma vez por mês ou menos. b)Praças, Escola da Família, brincar em casa.	Extra-escolar

Quadro 8: Caracterização do Perfil do Público participante da comunidade intra/ extra escolar – Elenco 3

Os resultados relativos à caracterização do perfil dos voluntários participantes do estudo demonstraram que:

A maioria dos entrevistados pertencia ao sexo masculino (57,1%), os outros 42,8% eram do sexo feminino.

A idade dos entrevistados varia dos 15 aos 49 anos.

Dos entrevistados cinco eram solteiros (71,4%), um entrevistado era casado (14,3%) e outro era separado (14,3%).

Seis dos entrevistados disseram ser da raça branca (85,7%) e um se denominou como pardo (14,3%).

De modo geral, os entrevistados possuem boa escolaridade, apenas um interrompeu os estudos antes de concluir o Ensino Médio (14,3%), dois possuíam curso superior (28,5%), três estavam cursando o Ensino Médio (42,8%), e um possuía Ensino Médio completo estava em vias de concluir um curso técnico.

Dos entrevistados três freqüentavam eventos artísticos culturais uma vez ao mês (42,8%), um nunca participava (14,3%), um participava pouco (14,3%), e um não deixou claro a freqüência de suas participações (14,3%).

A maioria dos entrevistados pertencia à comunidade extra-escolar (71,4%), apenas 28,5% dos entrevistados eram da comunidade intra-escolar, ou seja, possuíam vínculo com a escola durante a semana, sendo uma professora e um aluno.

O número de atividades de lazer mencionadas variou de 1 a 4 atividades, sendo que 28,5% dos participantes citaram 3 atividades de lazer, 28,5% dos participantes mencionaram 2 atividades de lazer, 14,3% mencionaram 1 atividade de lazer e 42,8% mencionaram 4 atividades de lazer.

Os participantes A e E tinham em comum como atividade de lazer a dança, Os participantes A e G referiram-se ao cinema como lazer, Os participantes B e D freqüentavam o Programa Escola da Família como lazer, Os participantes C e F tinham como lazer atividades com o computador. Os participante, C e E tinham em comum como lazer a TV, o lazer semelhante dos participantes D e F eram atividades em clube.

As demais atividades mencionadas, como leitura, crochê, piano, contar piada, jogar bola, eventos culturais, saraus e exposições foram citadas especificamente por cada participante, não constituindo uma informação comum.

O quadro a seguir enuncia a caracterização do perfil dos Voluntários participantes do estudo.

Escolas:	Participante	Sexo	Idade	Estado Civil	Raça	Escolaridade Curso Série	a) Frequência a Eventos b) Participação em atividades de lazer	Comunidade Intra – Extra Escolar
A	P1-V	feminino	41	solteira	branca	2º grau completando técnico em turismo	a) Uma vez ao mês vê espetáculos b) Leitura, cinema e dança	Extra-escolar
B	P2-V	feminino	45	separada	branca	superior	a) Nada, não sai. b) Programa Escola da Família	Extra-escolar
C	P3-V	feminino	49	casada	branca	superior	a) Uma vez ao mês, devido ao tempo. b) Crochê, piano, internet, filmes na TV (vídeo e DVD)	Intra-escolar professora
D	P4-V	masculino	27	solteiro	branca	Estudou até o 1º colegial	a) Pouco. b) Bailes nos clubes e Escola da Família.	Extra-escolar
E	P5-V	masculino	17	solteiro	pardo	Cursando o 1º colegial	a) Quase sempre participa de apresentações de dança b) Dança, contar piada e raramente TV	Extra- escolar
F	P6-V	masculino	15	solteiro	branca	Cursando 1º colegial	a) Uma vez ao mês vai ao cinema b) Jogar bola, clube, videogame, computador.	Intra-escolar aluno
G	P7-V	masculino	17	solteiro	branca	Cursando o 3º colegial	a) Participa de exposições de mangá, de Arte na Casa da Cultura. b) Cinema, eventos culturais, Sarau, exposições.	Extra-escolar

Quadro 9- Caracterização do perfil dos Voluntários – Elenco 4

3.3 Sobre as questões contidas nos Roteiros de Entrevistas

Os resultados obtidos pelo estudo, por meio das questões contidas nos roteiros de entrevistas, são apresentados com a seguinte organização: agrupados de acordo com temas que guardam certa similaridade, por reunirem questões que agregam respostas de mesma natureza. Assim, puderam ser identificados os seguintes temas: a) **Conhecimento referido sobre o Programa no âmbito deste estudo**, no qual são apresentados os aspectos específicos em relação à organização e funcionamento do Programa, referidos pelos entrevistados; b) **Relações entre Programa e Escola**, no qual estão descritos os aspectos acerca da articulação existente entre o Programa e a Escola que o mantém; c) **Percepções sobre Capacitação, Formação e Atuação**, que reúne os resultados referentes à Capacitação proporcionada pelo Programa, Formação Profissional dos entrevistados e aspectos da Atuação no Programa; d) **Percepções relacionadas à dinâmica do Programa na cidade de Araraquara**, que trata dos resultados referidos pelos entrevistados, acerca de suas impressões e análise do Programa.

As iniciais destacadas no texto (U, EP, PU e V) referem-se aos respectivos grupos de entrevistados: Universitários, Educadores Profissionais, Público e Voluntários.

- **CONHECIMENTO REFERIDO SOBRE O PROGRAMA NO ÂMBITO DESTE ESTUDO:**

Como e quando soube do Programa Escola da Família e da abertura das escolas aos finais de semana?

U- Aproximadamente 57,1 % dos Bolsistas Universitários entrevistados referem sua primeira aproximação ao Programa Escola da Família, a partir de informações obtidas por pessoas que já participavam do projeto. O contato com frequentadores de cursos de graduação parece favorecer que a universidade tenha sido mencionada indiretamente como local de maior divulgação do Programa, para a maioria dos respondentes deste elenco. A *mídia*, especialmente a televisiva e a *internet* são indicadas por cerca de 42,8 % dos participantes.

U- É possível, portanto, depreender que o fato da maioria dos entrevistados ter tomado conhecimento do Programa através do contato com outros participantes dele, parece demonstrar que a maior forma de divulgação do Programa vem ocorrendo de modo informal.

EP- Dos Educadores Profissionais entrevistados 14,3% relatam que souberam do início do programa através do recebimento de um telefonema. Outros 57,1% ficaram sabendo do início do projeto através da escola onde possuíam vínculo empregatício. Os 14,3 % restantes ficaram

sabendo da abertura das escolas aos finais de semana, através da universidade onde estudavam.

EP- Nota-se, assim, que todos os entrevistados deste elenco de participantes tomaram conhecimento da abertura do Programa desde a previsão do seu início em 2003. Aparentemente, a escola foi o maior meio de divulgação do Programa quando da abertura das escolas aos finais de semana.

PU- Aproximadamente 85,7% dos entrevistados dentre o público participante referem sua primeira aproximação ao Programa Escola da Família, a partir de informações obtidas por pessoas que já participavam do projeto. Cerca de 14,3% tiveram contato com o Programa através de divulgação feita na escola em sala de aula.

PU- Tais resultados reiteram a afirmação dos Universitários e parecem sugerir que a maior forma de divulgação do Programa tem ocorrido de maneira informal, através dos próprios participantes dele. Embora a abertura das escolas tenha ocorrido há três anos, muitos participantes tomaram conhecimento há pouco tempo, sendo participantes recentes.

V- Aproximadamente, 42,8 % dos Voluntários entrevistados referem seu primeiro contato com o Programa através de informações obtidas por pessoas que já participavam do projeto. A escola também foi citada por 28,5% dos respondentes como meio de divulgação do Programa. A *mídia* foi citada por 28,5% dos participantes. Outros 14,3% dos participantes souberam da abertura do Programa por acaso, ao verem os portões da escola abertos e terem curiosidade de entrar para descobrirem o que estava acontecendo.

V- Parece provável que a maior forma de divulgação do Programa vem ocorrendo de modo informal através de outros participantes dele. Outras formas de contato referidas foram a *mídia televisiva e a internet*, ou o contato ocasional, por perceberem uma movimentação diferente na escola aos finais de semana e entrarem para verificar o que acontecia.

É possível observar, portanto, que os dados revelam que as formas de contato com o Programa por parte dos quatro grupos de entrevistados são bastante diversificadas, embora em todos os grupos haja predominância do contato com o projeto por via informal, com pessoas já vinculadas ao Programa. Além disso, permitem verificar que a adesão ao Programa ocorre de forma espontânea, pois tão logo os entrevistados souberam do programa, aderiram a ele.

Há quanto tempo tem participado do Programa Escola da família?

U- Dentre os Bolsistas Universitários, 71,4% dos participantes participam do Programa há aproximadamente 3 anos, ou seja, praticamente desde que o projeto teve início. Apenas 2 participantes estão no Programa a pouco mais de um ano.

U- O fato desses participantes possuírem a bolsa de estudos para sua atuação no Programa parece demonstrar que há pouca flutuação desses participantes no Programa, já que a maioria dos Bolsistas entrevistados permanece no Programa há três anos.

EP- No que refere aos Educadores Profissionais, 57,1 % dos entrevistados participam do Programa desde o seu início. Os outros 42,8 % tem participado do Programa num período compreendido de um ano e cinco meses a dois anos.

EP- Parece, portanto, não haver muita flutuação desses educadores do Programa, visto que a maioria deles se encontra em atuação na mesma escola aos finais de semana, desde o seu início.

PU- Uma média de 14,3% dos entrevistados dentre o Público participante, não souberam determinar a quanto tempo participam do Programa. 42,8% dos entrevistados têm participado do Programa num período de tempo que varia de 1 mês a 4 meses. 42,8% dos participam do Programa num período variado de 1 a 3 anos.

PU- Observa-se assim, que a maioria dos participantes está no Programa há pouco tempo porque não souberam há mais tempo da abertura das escolas, o que sugere uma eventual necessidade de uma divulgação eficiente do Programa.

V- Aproximadamente, 42,8 % dos Voluntários entrevistados têm participado do Programa há cerca de três anos. Outros 28,5% dos respondentes freqüentam o Programa há mais ou menos um ano. 14,3% dos entrevistados está no Programa há dois anos, e outros 14,3% freqüentam o Programa há três meses.

V- Aparentemente, a maioria dos Voluntários têm participam do Programa assiduamente e cumprido o acordo firmado no Termo de Compromisso, o que parece demonstrar pouca flutuação também nesta categoria de participantes do programa.

Este conjunto de resultados parece confirmar que a maioria dos entrevistados participava do Programa desde o seu início, ou seja, há pelo menos três anos. isso pôde ser verificado principalmente no caso de Universitários, Educadores Profissionais e Voluntários. os dados demonstram pouca flutuação e é possível verificar que houve assiduidade por parte desses participantes no Programa. já com relação ao Público participante percebe-se também que a maioria freqüentava o projeto há mais de um ano, mas muitos desses participantes só

havia aderido ao Programa há pouco menos de um ano quando finalmente souberam da sua existência, o que reforça o fato da maior forma de divulgação do projeto ocorrer por via informal, através dos seus frequentadores.

Qual é a sua carga horária de participação no Programa e como ela é distribuída?

U- Quanto à carga horária dispensada ao Programa, 100% dos Bolsistas Universitários entrevistados indicam consensualmente o total de dezesseis horas de trabalho semanal distribuídas igualmente entre sábado e domingo, com intervalo de uma hora para o almoço. Nenhum participante menciona carga horária eventualmente despendida com a preparação de materiais ou planejamento das atividades e projetos realizados no Programa. Também não é referido pelos participantes o tempo necessário para sua participação em cursos, capacitações, reuniões de esclarecimento, avaliações, etc.

U- Esse dado sugere que o foco dos Bolsistas Universitários esteja estritamente voltado para as etapas que dizem respeito à execução das atividades durante os finais de semana. É importante esclarecer que a organização do programa não prevê a participação dos Universitários em atividades durante a semana, já que muitos Universitários possuem outras ocupações durante a semana, ou mesmo trabalham em outros locais.

EP- Dentre os Educadores Profissionais, 100% dos entrevistados relatam uma carga horária de participação no Programa de aproximadamente vinte e quatro horas ou mais, compreendidas entre as atividades do fim de semana, as reuniões com a Coordenação Regional, a participação em Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo, a divulgação, a busca de parcerias e a digitação de relatórios.

EP- Parece, portanto, haver uma homogeneização na distribuição da carga horária dos EP que pode ser pré-determinada pela Coordenação Regional.

PU- No que refere ao Público Participante, 42,8% dos entrevistados têm a carga horária de participação referente ao dia todo, com uma parada de aproximadamente uma hora para o almoço, sendo que a carga horária diária do Programa equivale a oito horas. 42,8% referem sua carga horária de participação no Programa de aproximadamente duas horas. 14,3% referem sua participação no Programa distribuída em uma carga horária de três horas, compreendido entre a passagem da manhã para tarde.

PU- Aparentemente, embora a maioria dos participantes esteja no Programa há pouco tempo uma parte significativa frequenta as atividades do final de semana de modo assíduo, participando de aproximadamente, sete horas dentre as oito horas de atividades diárias.

V- Cerca de 42,8 % dos Voluntários entrevistados possuem carga horária de participação no Programa de duas horas. 14,3% não possuem um horário fixo, sua permanência no Programa depende de fatores como frequência de público e de como percebe a animação. 28,5% permanecem na escola o dia todo, com uma carga horária de aproximadamente 7 a 8 horas. 14,3% ficam na escola uma média de três horas, ou menos se for conveniente.

V- A carga horária de participação da maioria dos Voluntários no Programa está relacionada às duas horas de desenvolvimento do seu projeto conforme acordo firmado no termo de compromisso, entretanto, além deste compromisso obrigatório, alguns Voluntários permanecem mais tempo na escola e, em determinados momentos, passam do papel de educador para o de aprendiz participando das atividades de outros Voluntários e Universitários conforme pôde ser constatado pela pesquisadora, durante a coleta.

Nota-se, portanto, com base neste conjunto de resultados, que os dados revelam que a carga horária de participação dos Universitários no Programa é de aproximadamente 16 horas e dos Educadores Profissionais de aproximadamente 24 horas.

É possível observar que a carga horária de participação dos Universitários é praticamente equivalente ao horário de funcionamento do Programa no fim de semana, sendo que aos sábados geralmente eles participavam de uma hora de reunião na unidade com o Educador Profissional, antes da abertura da escola; assim, portanto, não caberia a ele a participação em reuniões de planejamento semanal e nem em Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC). Seu envolvimento ocorria mais na aplicação das atividades. Esporadicamente, os Universitários podem freqüentar a escola durante a semana para divulgação dos seus projetos se isso for conveniente.

Já a carga horária de voluntários e do público é de livre escolha e embora a participação seja espontânea a maioria desses participantes se dedica mais de duas horas ao Programa. Dos 14 respondentes desses dois grupos mencionados, 5 permanecem o dia todo na escola.

Qual a faixa etária de seus alunos?

U- A faixa etária dos alunos freqüentadores dos Programa, citada pelos Universitários, varia de 03 à 50 anos. V- De maneira semelhante, as faixas etárias citadas pelos Voluntários entrevistados referentes aos seus alunos do Programa variam de 5 a 60 anos, sendo que dentre estes, 71,4% dos entrevistados citaram que a faixa dos seus alunos varia de 5 a 20 anos e 28,5% dos participantes consideram que a faixa etária dos seus alunos varia de 15 a 60 anos.

U- De acordo com o que referiram os Universitários nota-se que o público do Programa é bastante diversificado e que, embora o seu foco seja a criança e o adolescente ele tem atingido várias faixas etárias que têm usufruído das atividades aos finais de semana. V- tal afirmação é ratificada pelo que informam também os Voluntários, uma vez que permitem identificar que o público freqüentador do Programa é bastante heterogêneo.

Assim, conforme referido pelos participantes, o público do Programa é diversificado e as faixas etárias citadas variam dos três aos 60 anos. É possível perceber, por meio das falas dos entrevistados que, muitas vezes, pessoas de diferentes faixas etárias participam juntas das mesmas atividades. Essa dinâmica adotada na organização das atividades, pôde ser registrada em vídeo pela pesquisadora, durante uma das visitas à escola pesquisada. cabe mencionar que tal medida demonstrou ser avaliada, alternadamente, como positiva ou negativa pelo público. Segue alguns trechos ilustrativos das falas dos entrevistados:

“É misto e variado o público, tem crianças de 6 a 10 anos, mães e adolescentes” (P4-U)

“De 3 a 17 anos” (P3-U)

“De 8 a 50, é bem diversificado” (P6-U)

“De 4 a 25 anos” (P7-U)

“Não é específica, vai dos 16 anos aos 50 anos” (P1-V)

“É mista, tem dos 15 aos 60 anos”. (P3-V)

“Dos 6 aos 20 anos” (P4-V)

**Que tipo de acompanhamento tem sido oferecido aos projetos desenvolvidos no Programa?
Quem realiza esse acompanhamento e como ele é feito?**

U- Dos Universitários entrevistados 71,4 % analisam que o acompanhamento dado aos projetos têm sido feito pelo Educador Profissional, principalmente por meio da observação, supervisão e avaliação dos universitários nos seus projetos. Desses, um respondente menciona além do Educador Profissional, a figura do Gestor como auxiliador. Dentre os universitários, 28,5% mencionam que quem realiza o acompanhamento aos projetos são os Professores de Educação Básica II, nas áreas de Artes e de Educação Física, sendo que desses respondentes, um cita o Coordenador de Área como acompanhante dos projetos.

U- Depreende-se, portanto, que para os universitários, parece que o Educador Profissional é quem proporciona maior contribuição e apoio aos seus projetos, por estar diretamente ligado ao acompanhamento e execução das atividades do Programa.

EP- Dos Educadores Profissionais entrevistados 85,7 % citam o EP como quem realiza o acompanhamento dos projetos desenvolvidos no Programa. Além da orientação aos projetos dos Universitários, revendo e adequando as necessidades da comunidade, esse acompanhamento também tem sido feito com base nos relatórios mensais dos Universitários e nos depoimentos do Público participante das atividades. Assim, o EP analisa as necessidades do público e faz avaliações mensais das atividades.

EP- Conforme referido pelos Educadores Profissionais eles próprios são quem oferecem o principal acompanhamento aos projetos através do apoio, acompanhamento e adequação às necessidades do público.

V- No caso dos Voluntários 14,3 % não souberam responder quem realiza o acompanhamento aos projetos do programa. 42,8 % dos entrevistados responderam que o acompanhamento dos projetos é oferecido pelo Educador Profissional e pelo Gestor da escola no fim de semana. Desses respondentes, um demonstrou insegurança na resposta dizendo desconhecer a parte organizacional da escola. Segundo eles, o EP transmite as informações dadas pela Coordenação Regional, observa e auxilia nas atividades.

Dentre os Voluntários, 28,5% acreditam que o acompanhamento aos projetos é feito pelo Educador Profissional através da observação, orientação e controle da frequência. Outros 14,3% dos entrevistados desconhecem as funções dos educadores do programa, chamando todos por diretores, porém como a escola não possuía gestor no fim de semana foi possível inferir que a resposta se refere ao Educador Profissional e ao Universitário e que o acompanhamento aos projetos é feito através de observações e dos relatos dos participantes.

Do total de entrevistados, 85,7% citaram o Educador Profissional como responsável pelo acompanhamento dos projetos desenvolvidos no Programa.

V- Segundo a maioria dos Voluntários entrevistados é o Educador Profissional quem oferece acompanhamento e apoio aos projetos do Programa, controlando a frequência e apoiando seu desenvolvimento.

É possível observar, portanto, que os resultados demonstram que o acompanhamento oferecido aos projetos desenvolvidos no Programa foi realizado principalmente pelo Educador Profissional. Os universitários e os próprios Educadores Profissionais mencionam que esse apoio ocorreu através das observações e auxílio na elaboração dos projetos, no acompanhamento e avaliação para verificar se atendiam aos anseios da comunidade e, ainda,

pelas administrações das verbas e materiais. Fica evidenciado também, o apoio aos projetos por parte da Coordenação Central e Regional, através dos Coordenadores de Área e Assistente Técnico Pedagógico e do Gestor responsável pela unidade escolar no fim de semana. Observa-se ainda que, os Voluntários também concordam que o Educador Profissional é o principal responsável pelo acompanhamento dos projetos, dirigindo as reuniões realizadas aos sábados antes do início das atividades, para esclarecimento e troca de informações, auxiliando na organização das atividades, bem como, observando o transcorrer dos trabalhos e fazendo o controle de frequência. É observável que os Voluntários, além de referirem o apoio do Educador Profissional mencionam o apoio da Direção da Escola, o que permite inferir que esses entrevistados sejam mediados na escola por esses dois atores do Programa, uma vez que parece não possuírem acesso à Coordenação Regional do Programa.

Como você tomou conhecimento das diretrizes propostas pelo Programa?

U- Dos Universitários pesquisados 85,7% mencionam que tomaram conhecimento das diretrizes propostas pelo Programa através do Educador Profissional, desses um participante menciona além do Educador Profissional a “cartilha” (Regulamento do Programa) como forma de contato com as diretrizes, e um outro menciona o *site* e o Gestor. 14,3% dos entrevistados tiveram seu contato com as diretrizes do Programa através do “Manual do Educador Universitário” e do “*site* do Programa”. Portanto, o *site* do Programa foi citado por dois respondentes.

U- Parece que o Educador Profissional é a maior forma de divulgação e conhecimento das diretrizes propostas pelo Programa Escola da Família que chega até os universitários. E que esse contato pessoal é o meio mais utilizado, embora existam outros meios de divulgação das diretrizes.

EP- Dos Educadores Profissionais entrevistados, 57,1% relataram que tomaram conhecimento das diretrizes propostas pelo programa através da leitura do Manual Operativo. A segunda forma de contato mais citada pelos entrevistados são as reuniões com a Coordenação Regional. Também foram citados como meio de acesso as diretrizes do programa: a internet, o Assistente Técnico Pedagógico, o Coordenador de Área, a Diretoria de Ensino, a Coordenação Regional e o trabalho no dia a dia.

EP- Parece que o Manual Operativo e a Coordenação Regional constituem para o Educador Profissional o maior meio de acesso as diretrizes do Programa. Embora exista também o acesso ao *site* como um dos recursos, a leitura do manual e o posterior contato pessoal com a

coordenação parecem ser mais acessíveis e facilitadores do contato com as diretrizes, talvez por proporcionarem maior proximidade.

V- 85,7 % dos Voluntários entrevistados tomaram contato com as diretrizes do programa através de outros participantes dele, como o Educador Profissional, os voluntários e colegas. Do total de entrevistados, 28,5% mencionam a *internet* e a televisão como forma de contato com as diretrizes do Programa. Outros 14,3 % citaram os cartazes na parede como esclarecedores das diretrizes do Programa. 14,3% aprenderam sobre as diretrizes ouvindo as reuniões dos Educadores com os Bolsistas.

V- Para os Voluntários o contato informal com outros participantes do Programa constitui um dos principais meios de acesso as diretrizes do Programa. O que sugere que Voluntário não possua muito contato com a parte operacional e os documentos oficiais do Programa.

Os dados revelam que as formas de contato com as diretrizes propostas pelo Programa são as mais variadas possíveis, desde o meio impresso à *mídia* televisiva ou a *internet*, mas em sua maioria as próprias pessoas vinculadas ao programa são o maior veículo de divulgação das Diretrizes.

Quais os materiais, recursos e espaços físicos que você dispõe para o desenvolvimento das atividades artísticas do Programa Escola da Família?

EU/EP- A maioria dos Universitários entrevistados cita como recursos para o desenvolvimento dos projetos do Programa os materiais adquiridos com a verba específica do Programa. Já os espaços físicos citados como os mais utilizados, são os das salas de aulas, quadra e pátio. Tal informação parece condizente com o que relataram os Educadores Profissionais, que além daqueles três espaços mais utilizados, citam o refeitório, a cozinha, o quiosque e a sala de informática. Concordam também em relação aos materiais utilizados que são adquiridos com a verba específica.

PU- O Público também reforça essas afirmações, pois 100% citam a sala de aula como um dos espaços físicos utilizados para o desenvolvimento das atividades artísticas do Programa. Outros ambientes citados foram o pátio e a biblioteca. E segundo eles, a maioria dos materiais utilizados para o desenvolvimento das atividades são fornecidos pelo Programa. Os materiais mais citados são aqueles que se prestam a atividades artesanais, geralmente envolvendo o uso de tintas e a pintura.

V- Do mesmo modo, cerca de 71,4% dos voluntários entrevistados citaram a sala de aula, quadra e pátio. Do total de entrevistados, 14,3% utiliza como materiais as apostilas fornecidas

pela ONG responsável pelo curso. Outros 28,5% citaram materiais esportivos como bola, mesa de ping pong, raquetes e outros. Já 14,3% utilizam materiais trazidos pelos alunos. Os 28,5% restantes citaram como materiais papel, lousa, coadores de café, cola, tesoura lápis e borracha.

U/EP/PU/V Os espaços físicos mais referidos além da sala de aula, foram a quadra e pátio que geralmente são muito utilizados também no desenvolvimento de atividades esportivas. A verba referida pelos entrevistados é anual e geralmente é administrada em função dos projetos desenvolvidos pela unidade escolar aos finais de semana. Segundo o público, A maioria dos materiais fornecidos pelo programa são para o desenvolvimento de artesanatos.

De acordo com o que foi referido pelos entrevistados, aparentemente os educadores do programa possuem bom acesso aos espaços físicos da unidade escolar e contam com recursos materiais.

Dentre os materiais citados pelos Voluntários para o desenvolvimento das atividades artísticas foram referidos alguns pertencentes a outros eixos como o de Esporte, por exemplo, o que demonstra aparente confusão entre os eixos.

Conforme demonstram os dados a maioria das atividades ocorre em sala de aula, mas também foram citados como ambientes para desenvolvimento de atividades o pátio, o refeitório, a quadra, a biblioteca, a sala de informática e espaços ao ar livre. Dentre os materiais citados para o desenvolvimento das atividades artísticas figuram principalmente aqueles relacionados às artes plásticas e voltados para as técnicas de pintura. Além desses materiais, os participantes citam que existem outros adquiridos com a verba específica do Programa, de acordo com as necessidades dos projetos e aqueles trazidos pelos participantes. Nas respostas de PU e V foram citados espaços e materiais de dois eixos distintos (Cultura e Esporte) confundindo as atividades artísticas e as atividades esportivas. Os resultados permitem observar que a abertura dos espaços escolares depende do aval da direção da escola, definindo quais ambientes podem ser abertos ou não.

Como é realizado o controle e a frequência do público nas atividades do Programa Escola da Família?

U-100% dos Universitários entrevistados mencionam como controle de frequência a lista de assinatura no caderno de frequência dos cursos do Universitário. Desses 42,8% mencionam que também há controle de lista de frequência na entrada da escola para o público assinar.

U- Parece que as escolas têm algumas medidas comuns para controle da frequência do público, mas que, além disso, cada escola pode traçar suas alternativas para controle do seu público.

EP- Dos Educadores Profissionais entrevistados, 100 % mencionaram que o controle da frequência do público nas atividades do programa é feito através de caderno ou lista de presença nas oficinas dos universitários. Desse total, três entrevistados mencionaram uma outra forma de controle de frequência em forma de lista de presença ou ata de assinatura para todos os frequentadores assinarem, geralmente quando da entrada na escola.

EP- Conforme as respostas dos Educadores Profissionais a frequência ocorre também de maneira comum em todas as escolas, sendo que algumas escolas adotam ainda, por conta própria, medidas para reforçar o controle de público, como é o caso da ata de assinatura na entrada da escola.

PU- Dentre o Público entrevistado 85,7% dos entrevistados mencionaram que o controle e a frequência do público nas atividades do Programa é feito através de “caderno de assinatura”, onde são colhidas as assinaturas dos participantes durante cada uma das oficinas e cursos realizados. 14,3% dos respondentes cita o “livro de assinatura” na entrada da escola como forma de controle da frequência do público.

PU- Mais uma vez, com o referido pelo público entrevistado, pode-se depreender que a forma de colher a frequência do público nas atividades dos finais de semana parece ter sido previamente determinada pela Coordenação Regional e ocorrer da mesma maneira em várias escolas.

V- Em média 57,1 % dos entrevistados realizam o controle e a frequência dos participantes do Programa através do caderno de assinatura. 14,3% dos voluntários controlam a frequência através de chamadas em todas as aulas. 14,3 % dos respondentes anotam o nome dos participantes para controlar a frequência dos participantes da oficina. E os 14,3 % restantes dos Voluntários não possuíam cadastro, portanto o controle da frequência nas suas atividades era feito pelo Educador Profissional.

V- A exemplo dos demais entrevistados, a maioria dos voluntários referiram o controle do público realizado através dos cadernos de frequência.

Segundo o relato dos entrevistados o controle e frequência às atividades do Programa são feitos geralmente através dos cadernos de assinaturas utilizados nas oficinas, o que demonstra certa padronização desta conduta nas escolas. Além desse recurso, algumas escolas contam ainda com uma lista de frequência na entrada da escola. Os dados sobre o público são

transmitidos pelos Universitários e Voluntários ao Educador Profissional que anota numa planilha e transmite para o *site* do Programa, que contabiliza os dados.

Quais os Projetos que desenvolve junto ao Programa Escola da Família?

U- A maioria dos projetos desenvolvidos pelos Universitários pertencem ao Eixo Esportes. Os projetos desenvolvidos com atividades do Eixo Cultura e Eixo Qualificação para o Trabalho referem-se principalmente à atividades artesanais que vinculam a possibilidade de obtenção de renda. Aparentemente, o fato de não haver projetos do Eixo Saúde citados pelos universitários pode sugerir que o desenvolvimento das atividades desse eixo exijam domínios e conhecimentos específicos.

Para comparar as respostas dos Universitários com o que está previsto nos documentos do Programa, a pesquisadora analisou as listagens referentes às participações por Projetos do Eixo Cultura e do Eixo Qualificação Para o Trabalho na Diretoria de Ensino de Araraquara. A partir da comparação das atividades citadas com as das listagens foi possível verificar que a maioria dos projetos citados pelos Universitários pertencem ao Eixo Esporte, depois viriam os projetos do Eixo Cultura e do Eixo Qualificação para o Trabalho. Nenhum projeto citado pelos Universitários pertence ao Eixo Saúde.

Conforme comparação com as listagens já referidas, as atividades citadas do Eixo cultura foram: brinquedo reciclado, pintura em tela, dobradura, *biscuit*, balé, dança (axé e dança de salão), projeto de datas comemorativas, artesanato, pintura em vidro, dança do ventre.

Dentre as atividades pertencentes ao Eixo Esportes, foram mencionados: ginástica localizada e alongamento, jogos lúdicos, vôlei, tênis de mesa, recreação esportiva (futebol, *handball* e basquete), recreação infantil (pular corda, amarelinha, desenho), *futsal*, futebol de campo, recreação.

Em relação ao Eixo Qualificação para o Trabalho, foram comentados: pintura em tela, *biscuit*, *decoupage*, artesanato, sabonetes artesanais e fuxico. Não foram citadas atividades do Eixo Saúde. Foi possível observar ainda que algumas das atividades referidas pelos entrevistados, não fazem parte de nenhuma das listagens dos quatro eixos como é o caso de: trabalhos manuais e projeto cantinho da beleza.

Provavelmente, também a denominação que o universitário dá ao projeto não tenha relação com os nomes constantes da listagem, como por exemplo, no caso do “projeto cantinho da beleza”, que diz respeito às atividades de salão de cabeleireiro como corte de

cabelo e maquiagem, que estaria relacionado no Eixo Qualificação para o Trabalho. E “trabalhos manuais” que provavelmente se refira ao artesanato que consta de duas listagens.

É interessante observar que, às vezes, é comum o mesmo projeto aparecer nas duas listagens, ou seja, tanto no Eixo Cultura, quanto no Eixo Qualificação Para o Trabalho, além de, eventualmente, também ocorrer de uma mesma atividade aparecer mais vezes na mesma lista com nomes diferentes.

Como é definida a grade de projetos que serão desenvolvidos no Programa? Como ocorre o repasse e administração de verbas do programa?

EP- Dos Educadores Profissionais entrevistados 57,1% mencionam que os projetos são escolhidos pelos Universitários de acordo com a sua habilidade e atuação. Outros 14,3% dos entrevistados organizam a grade de projetos de acordo com os projetos mais procurados pela comunidade. Ainda, 14,3% planejam a grade de projetos no fim do ano com a coordenação regional pensando nas necessidades da comunidade. Cerca de 14,3% dos EP escolhem os projetos dos Universitários a partir das habilidades que percebem neles.

Segundo os respondentes a verba é anual e chega até a escola por meio de uma conta da Associação de Pais e Mestres (APM), sendo distribuída com base no público da escola aos finais de semana. Apenas um entrevistado acredita que a verba seja distribuída de acordo com o número de projetos de cada eixo. Cerca de 57,1 % dos entrevistados administram a verba recebida distribuindo-a em função de todos os projetos da escola e, aproximadamente, 28,5 % dos entrevistados administram a verba de acordo com os projetos mais procurados.

EP- De maneira geral, portanto, conforme os Educadores Profissionais referem, os principais fatores determinantes para escolha da grade de projetos são a habilidade ou aptidão dos Universitários para o desenvolvimento de uma determinada atividade e o interesse da comunidade. Segundo os Educadores Profissionais a verba foi distribuída principalmente entre os projetos do Eixo Cultura, Saúde e Qualificação para o Trabalho, uma vez que os materiais esportivos haviam sido entregues anteriormente pela Coordenação Regional, via Diretoria de Ensino.

De quais atividades você participa no Programa?

PU- A maioria das atividades citadas pelo Público pertencem ao Eixo Cultura, seguidas das atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho. Algumas atividades são comuns a esses

dois eixos e fazem parte das listagens verificadas referentes às Participações por Projetos do Eixo Cultura e do Eixo Qualificação Para o Trabalho na Diretoria de Ensino de Araraquara.

As atividades citadas do eixo cultura foram: EVA, pintura, pintura em guardanapo, pintura em tecido, boneca, meia de seda, *biscuit* e pintura em tela. as atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho referidas foram: EVA, pintura, pintura de guardanapo, boneca, biscuit, pintura em tecido e pintura em tela. do eixo esportes foram citados: futebol, ping pong e vôlei.

A atividade de *Break* não se encontra discriminada especificamente na listagem do Eixo cultura, mas era contemplada pelo curso de dança, que se encontra nessa listagem.

Foi possível observar que algumas atividades desenvolvidas aos finais de semana podem não aparecer no relatório de digitação das atividades ou constar como outra atividade. nesse caso, o que ocorre na prática pode não corresponder aos dados digitados, pois pudemos verificar durante nossas visitas que os participantes e voluntários têm certa autonomia para realizarem as atividades que lhe aprazem, mesmo que elas não estejam previstas para aquele determinado momento.

Como pôde ser percebido quando da entrevista com um dos participantes (P5-PU), naquele momento ela desenvolvia atividades de confecção de bonecas, mas o que estava previsto era o curso de pintura em tecido, seguido do curso de meia de seda. Entretanto, como as participantes demonstraram interesse para aquele aprendizado, a voluntária abriu espaço para a atividade preferida e a ensinou, mesmo que ela não estivesse contemplada e prevista anteriormente.

Ao referir sobre o desenvolvimento de diversos tipos de atividades Csikszentmihalyi (1999) afirma que “[...] se o indivíduo usa o lazer para praticar um esporte, uma forma de arte ou um *hobby*, então os requisitos para o fluxo estarão presentes.” (p. 69)

- **RELAÇÕES ENTRE PROGRAMA E ESCOLA**

O referido Programa faz parte da Proposta Pedagógica da escola onde você atua?

U- Dentre os Universitários entrevistados, 28,5% não acreditam que o Programa faça parte da Proposta Pedagógica da escola e outros 28,5% não souberam responder com certeza. Já 42,8% acreditam que sim, mas a maioria não deixa claro como.

U- Apesar de nas respostas dos Educadores Universitários não ficar claro como o Programa faz parte da Proposta Pedagógica da escola, foi possível notar que geralmente essa

participação ocorre nos finais de semana, em atividades previstas no Calendário Escolar denominadas como Atividades Didáticas Pedagógicas (ADPs) e realizadas em datas comemorativas, cívicas ou em festas da unidade escolar, dentre outras.

Em várias das visitas da pesquisadora às instituições, foi possível observar que diversas das atividades desenvolvidas eram pertencentes à Proposta Pedagógica da Escola. Essas atividades compreendiam desde a participação de professores mostrando projetos realizados com alunos durante a semana, como exposições de livros confeccionados pelos alunos, teatro, saraus de poesia, jogos variados, origami, tudo envolvendo histórias da literatura. Nesse caso, as atividades foram elaboradas durante a semana e o Programa se tornou um meio de divulgação e alcance do público à tal programação.

EP- Dos Educadores Profissionais entrevistados, 85,7% afirmam que o Programa faz parte da Proposta Pedagógica da escola de atuação e essa ligação entre o Programa e a escola parece ocorrer através de atividades como festas e campeonatos esportivos. Além disso, nas escolas de tempo integral o *Game SuperAção* faz parte do currículo e é trabalhado durante a semana (apenas uma dentre as escolas selecionadas para a coleta é de tempo integral). Cerca de 14,3% dos entrevistados afirmam que não ocorre essa ligação do Programa com a Proposta Pedagógica da unidade escolar, em virtude da resistência apresentada pelo corpo docente.

EP- Parece notável, portanto, que apesar de reconhecida a importante e necessária mobilização do corpo docente e diretivo da escola para participação no Programa, ainda não foi obtida unanimidade na adesão à Proposta, por parte dos Educadores Profissionais.

V- Em relação aos Voluntários, a maioria parece não ter claro se existe e como ocorre o envolvimento do Programa com a Proposta Pedagógica da unidade escolar, uma vez que Aproximadamente 71,4% dos Voluntários entrevistados não souberam responder. Cerca de 28,5% dos entrevistados afirmam que o Programa faz parte da Proposta Pedagógica da escola na qual atuam e outros 14,3% dos Voluntários responderam terem dúvidas acerca do Programa fazer parte da Proposta Pedagógica da escola.

Assim, tais resultados permitem depreender que a maioria dos entrevistados considera que o Programa Escola da Família faz parte da Proposta Pedagógica das escolas onde atuam aos finais de semana e parecem acreditar que esse envolvimento ocorra principalmente através dos eventos com finalidade pedagógica organizados aos finais de semana. É notável que, embora a maioria considere que o Programa faça parte da Proposta Pedagógica da escola, boa parte dos respondentes não soube afirmar com certeza ou por desconhecimento, o que sugere falta de esclarecimento dos participantes acerca dessa informação ou até mesmo, por

alguma outra razão, parece faltar maior envolvimento entre a Proposta Pedagógica da escola e o Programa.

Esses dados puderam ser confirmados ainda, pela observação da pesquisadora durante o período de coleta de dados, que possibilitou verificar que o envolvimento do Programa com a Proposta Pedagógica da escola acaba restrito às atividades e eventos da escola programados para o fim de semana (como feira literária, festa junina, feira cultural e gincanas, dentre outros).

Outro procedimento observado foi que, para esses eventos, o corpo diretivo e docente é convocado a participar, sob a forma de Atividades Didático Pedagógicas (ADPs), o que pode representar uma estratégia para amenizar uma eventual resistência por parte dos professores, conforme enunciado também por um dos respondentes.

“Apesar das tentativas de integrar o corpo docente da escola, do contato com eles, eles são resistentes e por isso acredito que não”. (P5-PU)

Você participa das reuniões de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) na escola onde atua no Programa? Com que finalidade?

U- Cerca de 71,4 % dos entrevistados não participam das reuniões de HTPC na escola onde atuam no Programa e 28,5% dos Universitários já participaram pelo menos uma vez, mas não participam mais.

U- No início do Programa a participação no HTPC fazia parte das atribuições do Educador Universitário; entretanto, no decorrer do Projeto, houve algumas mudanças e reformulações e os Educadores Universitários foram dispensados dessa atribuição, que ficou apenas a cargo do Educador profissional.

EP- Dos Educadores Profissionais ouvidos, 85,7 % participavam das reuniões de HTPC. As finalidades referentes às participações mais apontadas foram: divulgação e convite para participação no Programa, integração da escola com o Programa, apoio aos professores. Desses entrevistados, um percebeu que os assuntos tratados em HTPC geralmente não contemplam o Programa. Outros 14,3% fazem horário de HTPC individual devido a um acordo feito com a Coordenação Regional do Programa em virtude da incompatibilidade de horários, devido a lecionarem em outra unidade escolar. Desse modo, aparentemente, o cumprimento dessas horas para esse participante não constituiria um Horário Pedagógico Coletivo (HTPC), já que não envolve a troca de experiências com o outro. Mas sim, o chamado Horário de Trabalho Pedagógico Livre (HTPL).

O HTPC, ainda que talvez pudesse constituir um bom recurso com vistas a acompanhar e manter em permanente contato o Programa e as Propostas Pedagógicas da escola que o sedia, parece não ser utilizado para este fim, na opinião dos entrevistados. Seria necessário a inclusão na pauta das reuniões, assuntos específicos da relação entre o Programa e a Escola, tal como afirma um dos depoentes:

“Vou para saber no que os professores querem ajuda e fazer a ponte entre a escola e o Programa Escola da Família. [...] então eu to sempre aqui, mas os assuntos que trazem não; a gente percebe que não tem nada a ver mesmo com a escola da família”. (P3-EP)

Por outro lado, é notável também que parece ocorrer relativa ausência de critérios que norteiem a participação no HTPC, por parte dos Educadores, como afirma:

“Olha eu participo só que este ano eu estou com aula numa outra escola e que o meu HTPC bate com o HTPC daqui, mas eu faço ele (sic) num horário à parte sozinha, mas o ano passado eu estava presente em todos HTPCs.” (P7- EP)

A escola onde você atua possui um gestor responsável pelo Programa?

Quem tem exercido e qual tem sido o papel do gestor nesta Escola, com relação à estruturação e funcionamento do Programa?

U- Segundo 100% dos Universitários entrevistados, o Gestor da escola no fim de semana é o Professor Coordenador Pedagógico (PCP) e o papel que tem exercido com relação à estruturação e funcionamento do Programa é o de mediador das atividades da escola com as do Programa no final de semana; além disso, ele também orienta, divulga e busca parcerias para o Projeto.

U- Foi possível observar que, para os Bolsistas Universitários, Provavelmente, o Coordenador Pedagógico, exercendo a função de gestor do Programa pode facilitar o envolvimento da escola e a sua mediação com as atividades do Programa, por ser o membro mais envolvido com os aspectos Pedagógicos, dentre os que pertencem à equipe que compõe o corpo diretivo da instituição escolar.

EP- De acordo com os Educadores Profissionais, 71,4 % das escolas visitadas possuem um gestor responsável pelas atividades do fim de semana. Desse total, 28,5 % dos gestores do fim de semana são compostos por Coordenadores Pedagógicos que atuam na unidade durante a semana. Outros 42,8% são diretores que participam do projeto aos finais de semana. Segundo eles, o papel dos gestores têm sido o de facilitadores do projeto e do acesso aos espaços da escola e ao corpo docente, dando apoio e orientação. O número de escolas sem gestores responsáveis pelo programa nos finais de semana corresponde a 28,5%.

EP- Conforme os Educadores Profissionais a maioria das escolas possuía um gestor responsável pelo Programa no fim de semana e seu papel era facilitar o acesso a escola e apoiar o programa.

Autores como Osborne (1986) afirmam que, apesar de muitas pessoas considerarem estranho aplicar o conceito de gestão à educação, é evidente que a gestão já ultrapassou as formas racionais, técnicas e mecanicistas que a caracterizaram por muito tempo e parece, cada vez mais evidente, que os professores gostam de trabalhar em escolas bem dirigidas e organizadas, reconhecendo a gestão, como uma componente decisiva para a eficácia escolar.

Você pertence à comunidade local, foi ou é aluno da escola?

PU- Dos Participantes do Público entrevistados, 71,4% são moradores do bairro, mas nunca foram alunos da escola, 14,3 % são moradores do bairro e ex-alunos da escola, e 14,3% não são da comunidade e nunca foram alunos da escola. Aparentemente o maior público do programa é composto por moradores do bairro e do entorno da unidade, na sua maioria adultos que não são vinculados à escola como alunos.

PU- Conforme os resultados obtidos demonstraram, o público é diversificado, a maioria pertence a comunidade e não estudaram na escola. Entretanto, Foi possível à pesquisadora observar ainda, que no Programa também havia freqüentadores de outras comunidades, com ou sem vínculo anterior com a escola.

V- Do total de voluntários entrevistados aproximadamente 28,5 % não pertencem à comunidade e não foram alunos da escola de atuação. Um deles não pertence à comunidade, mas foi aluno da escola (14,3%). Outro não foi aluno, é professor e pertence à comunidade (14,3%). Ainda, 28,5 % foram alunos e pertencem à comunidade, além de 14,3% que pertencem à comunidade e são alunos da escola.

V- A partir dos dados é possível perceber que a maioria dos voluntários pertence à comunidade mas, também há voluntários de outras comunidades, distantes da escola e que nunca foram alunos nela.

Assim, os resultados confirmaram que, na expressão do conjunto total de entrevistados, a maioria dos entrevistados que participa do Programa, pertence à comunidade local, embora não refira vínculo anterior com a escola. Outro interessante aspecto observado nos resultados, consiste na vinculação de pessoas oriundas de outras comunidades, com ou sem vínculo anterior com as unidades escolares onde atuam ou freqüentam o programa.

Em relação à percepção de pertencimento a uma comunidade Csikszentmihalyi (1999, p.85) observa que em comparação com outras características principais do ambiente social, são as amizades que oferecem tanto os contextos emocionais mais recompensadores no presente imediato quanto as maiores oportunidades ao desenvolvimento do próprio potencial a longo prazo.

Os demais professores têm procurado o apoio do Programa ou têm se relacionado de alguma maneira com as atividades desenvolvidas no final de semana?

EP- Segundo 28,5 % dos Educadores Profissionais entrevistados, os professores não têm procurado o apoio do programa ou se relacionado de alguma maneira com as atividades do fim de semana. Cerca de 14,3 % dos entrevistados referem que possuem professores que participam diretamente das atividades do fim de semana como voluntários. Outros 57,1% dos entrevistados afirmam que têm professores que participam indiretamente das atividades do programa, dando apoio para a sua divulgação ou recebendo ajuda do Programa para seus projetos de sala de aula.

EP- Conforme referido pela maioria dos Educadores Profissionais a participação dos professores no programa geralmente ocorre indiretamente e, na maior parte das vezes, como apoio na divulgação dos projetos ou recolhimento de materiais, o que serve talvez, para confirmar novamente o fato também indicado em outras respostas à entrevista, de que parece haver certa resistência do corpo docente para participação direta nas atividades do final de semana. ainda, talvez como decorrência desta aparente resistência, foi possível constatar que a maioria dos professores não têm procurado o apoio do programa, segundo a opinião dos Educadores Profissionais.

Como afirma Csikszentmihalyi (1999, p. 82-83) para que um relacionamento leve ordem à consciência, deve satisfazer pelo menos duas condições: a existência de alguma compatibilidade entre nossas metas e as metas dos outros, o que é difícil em princípio, porque cada participante da interação tenderá a buscar a realização de seus próprios interesses. E a disposição para investir atenção nas metas da outra pessoa, o que também não é tarefa fácil. Entretanto, o autor salienta que quando essas condições são alcançadas é possível experimentar o fluxo que surge da interação ótima.

- **PERCEPÇÕES SOBRE CAPACITAÇÃO, FORMAÇÃO E ATUAÇÃO**

Quais as suas atribuições no Programa Escola da Família?

U- Cerca de 57,% dos Universitários, citam como atribuição o desenvolvimento de projetos esportivos e artísticos voltados para crianças, população que parece ser o foco principal dos projetos que desenvolvem, tal como expresso por um dos entrevistados:

“Desenvolvo oficinas para crianças e adolescentes da comunidade”. (P1- U)

Os dados apontam ainda, que a maioria dos Universitários do Programa atua em projetos da área esportiva, mas também desenvolvendo projetos em praticamente todas as demais áreas, como se pode observar:

“Desenvolvo projetos na parte cultural, artística e esportiva, e de saúde, mas trabalho mais com dança que se relaciona com saúde e cultura”. (P2-U)

“Como sou de Educação Física dou esportes para as crianças: Vôlei, regras, como se joga. E também dou uma área de artesanato também, que é uma área de decoupage, que mexe com vidro, madeira, essa parte.” (P3-U)

“Dou recreação esportiva, dança, atividades de lazer, brincadeiras pra crianças, diversas coisas. Tento tirar as crianças da rua e trazê-las para escola, num lugar seguro para fazer cursos e aprenderem”. (P4-U)

U- As atribuições referidas pelos Universitários parecem estar diretamente relacionadas mais à execução dos projetos previstos para o programa do que ao seu planejamento, embora não deixem de mencionar a importância que atribuem à sua participação no Programa, como forma de aprimorar sua formação, tal como pode ser observado na fala de um dos entrevistados:

“Eu desenvolvo meus projetos como uma forma de integração com os meus participantes. É eu desenvolvo meus projetos como Educadora Universitária e minha função não é apenas ensinar, além da gente ta aqui trabalhando pra conseguir a nossa bolsa é como um estágio na verdade, é um estágio, a gente já sai, a gente dentro do Programa, a gente adquire uma série de informações, conteúdos que a gente vai poder né, não só ta desenvolvendo aqui dentro do Programa, mas futuramente depois da nossa formação.” (P7-U)

EP- Segundo os Educadores Profissionais entrevistados, suas principais atribuições são: a abertura das escolas aos fins de semana, o levantamento das necessidades da comunidade, a organização do cronograma de atividades, a orientação e divulgação dos projetos dos Universitários, a busca de parcerias e voluntários, a elaboração de relatórios semanais para o site do Programa, o controle da frequência dos Universitários, dos Voluntários e do Público;

estabelecer relacionamento com o gestor e o corpo docente, enfim tudo o que for necessário ao bom funcionamento das atividades do fim de semana.

EP- Aparentemente os Educadores Profissionais identificam que possuem uma gama bastante ampla de atribuições, com uma carga de responsabilidade bastante grande, uma vez que deixam claro que se sentem responsáveis por todo o funcionamento da unidade escolar e das atividades durante os finais de semana.

É possível, portanto, confirmar que a percepção destes entrevistados sobre este tema, parece bastante fiel ao que está previsto no Manual Operativo do Programa, quando descreve as principais atribuições sob a responsabilidade dos Educadores Profissionais.

V- Dos Voluntários entrevistados, 28,5% afirmaram não possuir projetos ou atribuições fixas no PEF, referindo sua ajuda na cozinha ou dando artesanatos esporadicamente para os interessados, tomando conta das atividades esportivas da quadra, controlando frequência e auxiliando outros Voluntários. Cerca de 28,5% oferecem cursos relacionados ao Eixo cultura: dança, mangá e 42,8% dos entrevistados ministram cursos relacionados ao Eixo Qualificação Para o Trabalho: crochê e tricô, Agente Receptivo na Área de Turismo (representando uma Ong), panificação. Desses respondentes, o da panificação, por estar sem alunos devido às férias, auxiliava temporariamente na distribuição dos materiais esportivos.

V- A partir dos resultados obtidos, foi possível inferir ainda que alguns Voluntários não necessariamente desenvolviam um projeto cadastrado no Programa e vinculado à execução de cursos mas, ofereciam também, ajuda às atividades do fim de semana, mesmo que para auxiliar os outros educadores do Programa. Durante as visitas, foi possível à pesquisadora constatar que para alguns dos Voluntários entrevistados, uma das razões de sua opção em participar do Programa, ocorreu em função de ter vontade de pleitear uma Bolsa Universidade para atuar no Programa futuramente, e a consciência de que a participação como Voluntário seria vantajoso posteriormente, por ocasião da seleção.

Os resultados permitem perceber que as atribuições dos Universitários e Voluntários são semelhantes até certo ponto porque ambos estão diretamente ligados à realização das atividades do Programa, sendo os responsáveis por elas. Entretanto, no caso dos Voluntários, esses nem sempre possuíam uma atribuição fixa, estavam motivados mais por integrarem e contribuírem de alguma maneira com o Programa, embora nem sempre possuíssem um vínculo formal. Neste sentido, é possível observar que os Voluntários referem as suas atribuições, geralmente centradas no tipo de atividade que desenvolvem : aulas de tricô, por exemplo.

Já no caso dos Universitários, a preocupação maior parece ser com o desenvolvimento das atividades, enquanto uma forma de responderem adequadamente aos propósitos apresentados pelo Programa. Assim, quando citam suas atribuições mencionam as atividades relacionando-as com os objetivos do programa como, por exemplo, tirar as crianças da rua ou atender adolescentes e adultos. Talvez isso ocorra por possuírem maior conhecimento das diretrizes do programa ou porque suas atividades são avaliadas através dos seus relatórios e da observação do Educador Profissional.

O caso dos Educadores Profissionais parece ser bem mais específico, na medida em que suas respostas visavam demonstrar o grau da sua responsabilidade e das atribuições que lhes cabiam. Explicitando que eram responsáveis pelos Universitários, pelos Voluntários, pelo funcionamento de toda escola no fim de semana, organizando, acompanhando, orientando, divulgando, administrando as verbas do Programa junto com a direção da escola e ainda prestando contas sobre o andamento do Programa para a Coordenação Regional e Central. Entretanto, tal como fica confirmado pelos respondentes em vários momentos das entrevistas, observa-se que nem todos podiam dividir essas atribuições com os eventuais gestores porque havia escolas nas quais não ocorrera a adesão das pessoas que poderiam ocupar esta função no final de semana (diretor, vice-diretor e/ou professor coordenador pedagógico, respectivamente).

Quais os conhecimentos que você possui na área de Arte e como os adquiriu?

U- Dentre os Universitários, 42,8 % dos entrevistados citaram que adquiriram seus conhecimentos através das capacitações do Programa. Entretanto, parece que a maioria dos entrevistados adquiriu seus conhecimentos artísticos mais por seus interesses pessoais do que pelos programas de capacitação.

U- A troca de experiências informal têm se mostrado bastante freqüente e constitui um dos maiores meios de aprendizado entre os Universitários do Programa.

V- Cerca de 28,5% dos Voluntários entrevistados não possuem conhecimentos na área de Artes. Outros 28,5 % dos respondentes adquiriram seus conhecimentos artísticos através do contato com familiares e procuram meios de aperfeiçoá-los como a *internet* e o DVD.

Aproximadamente 28,5% dos voluntários adquiriram seus conhecimentos artísticos através de eventos e fazendo cursos em casas de cultura, sendo que 14,3% dos entrevistados adquiriram seus conhecimentos artísticos por meio da observação das atividades trabalhadas pelos universitários do programa.

V- Os dados demonstram que a maior fonte de aprendizado dos participantes do Programa se dá informalmente.

Os resultados indicam que os Universitários participaram de capacitações do Programa, mas os Voluntários não. É possível constatar, portanto, que os conhecimentos na área de Arte foram adquiridos pelos participantes mais por seu interesse pessoal e contato com amigos e familiares, do que pelo contato com instituições ou cursos. Por outro lado, o estudo permitiu identificar, por meio das respostas dadas à outras questões nas entrevistas, qual era o repertório que dispunham quando ingressaram no Programa Escola da Família, e quais as capacitações que aderiram, bem como, apontar indícios da sua formação continuada ao aderirem ao Programa, o tipo de formação que receberam e de que maneira isso pôde contribuir para sua atuação no projeto.

Como você se sente orientando os projetos e as atividades artísticas no Programa Escola da Família?

U- A maioria dos Universitários (85,7 %) afirma sentir-se bem ao trabalhar com projetos artísticos no Programa. Dos entrevistados, apenas um (14,3 %) disse ter se sentido mal, orientando os projetos e as atividades artísticas no Programa, pois prefere orientar projetos na área esportiva para a qual está voltada sua formação. A maioria dos entrevistados considera que a participação no Programa constitui uma oportunidade de aprendizado e de troca de experiências.

V- Dos Voluntários entrevistados 14,3 % não orientam projetos nessa área, mas têm seu projeto como desafio e pretendem formar novos Voluntários. Cerca de 85,7% dos entrevistados mencionam que se sentem bem ao orientar projetos e atividades artísticas no Programa, principalmente por se sentirem bem ao ajudar os outros.

Os resultados demonstram que a maioria dos entrevistados menciona se sentir bem ao orientar os projetos e atividades artísticas no Programa. É possível observar que os Universitários parecem estar convencidos que a atuação no Programa contribui para sua formação e aprendizado além de valorizarem a oportunidade pela troca de experiências que propicia. Já com os Voluntários, os resultados parecem indicar que se sentem bem ajudando ao outro, revelando seu idealismo e bem estar pela contribuição que possam oferecer ao público do Programa, motivo de sua satisfação pessoal. Apenas um entrevistado, da categoria universitária, disse que quando orientou atividades artísticas se sentiu fora da sua área de atuação e teve dificuldades para ensinar e ser compreendido, o que talvez, possa estar

relacionado com o fato da preparação e treinamento serem bastante direcionados à determinadas áreas, visando atender às opções de atuação que os universitários desejarem, conforme o estudo pôde constatar.

Csikszentmihalyi (1999, p.62) comenta a descoberta de que as fontes de fluxo na vida dos adultos podem ser encontradas com maior facilidade no trabalho do que no tempo livre, o que parece bastante surpreendente em princípio. Os momentos em que uma pessoa está em uma situação de alto desafio e que exige extrema habilidade acompanhada por sentimentos de concentração, criatividade e satisfação, foram relatados mais freqüentemente no trabalho do que em casa. Assim, o trabalho tende a ter a estrutura de outras atividades intrinsecamente recompensadoras que fornecem fluxo tais como jogos, esportes, música e arte.

Participou devido ao Programa, de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes?

U- Dos Universitários entrevistados, 71,4% participaram de capacitações ou cursos na área de Artes e 28,5 % participaram apenas das capacitações na área de Esportes.

U- Parece que a oportunidade de participar das capacitações foi dada a todos os Universitários, que tiveram livre arbítrio para decidir de que cursos de capacitação participariam ou não, conforme os projetos que desenvolvem, seu interesse e a sua área de formação e atuação.

EP- Cerca de 85,7 % dos Educadores Profissionais afirmam que não participaram devido ao Programa, de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes. Já 14,3% dos entrevistados dizem ter participado de capacitação onde foram realizadas palestras e oficinas.

EP- Embora os EP acompanhem e orientem os projetos de Universitários e Voluntários do Eixo cultura que compreende as atividades artísticas, aparentemente a maioria desses educadores não participou de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes. Parece que os EP contam apenas com o repertório cultural ou conhecimento prévio que detêm sobre o assunto.

V- Dos Voluntários entrevistados 71,4% não participaram devido ao Programa, de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes. 14,3% dos entrevistados participaram de cursos de aperfeiçoamento promovido por uma Ong para orientar curso nas atividades do fim de semana. Outros 14,3% dos entrevistados receberam convite para capacitações, mas não aceitaram devido a compromissos pessoais.

V- Aparentemente as capacitações do programa não contemplaram os Voluntários, do total de entrevistados, apenas um deles foi convidado a participar das capacitações, mas não aceitou, por impedimentos pessoais.

Com base na comparação das respostas dos entrevistados ficou claro que as capacitações na área de Artes oferecidas pelo Programa priorizaram o Educador Universitário. em sua maioria, o Educador Profissional e o Educador Voluntário não foram contemplados com as Capacitações de Artes. Assim, o conhecimento artístico do Educador Profissional e do Voluntário fica vinculado ao seu repertório prévio e ao seu interesse para buscar outras formas de aperfeiçoamento pessoal, no contato com o outro, nas suas observações ou por meio de pesquisas.

É possível inferir, portanto, que esta preparação aparentemente oferecida de forma ainda insuficiente aos que atuam no Programa, possa representar um dos aspectos que contribuam para fragilizar, em certa medida, as potencialidades de alcance dos resultados que um programa desta natureza pretenda alcançar, uma vez que parece estar subentendido que uma capacitação eficaz, poderia resultar em melhor qualidade de ensino e, conseqüentemente, em benefícios à aprendizagem dos seus frequentadores.

De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para a sua formação universitária? (No caso dos Bolsistas Universitários) e De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para a sua formação profissional? (No caso dos Educadores Profissionais) e De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para a sua formação pessoal ou profissional? (No caso dos Voluntários e do Público)

U- 100% dos Universitários entrevistados consideram que a atuação no Programa tem contribuído para a formação universitária. Desses, 71, 4% consideram que o contato com o público e a diversidade do Programa são as contribuições mais importantes, como pode ser observado nos seguintes depoimentos:

“Tem contribuído muito por trabalhar com várias faixas etárias, várias pessoas, crianças e adolescentes. Então isso tudo vai trazendo uma bagagem, um conhecimento profissional de trabalhar tanto com adultos quanto com crianças, que muitas vezes na faculdade a gente aprende o como trabalhar, mas não com quem, e aqui a gente tá vendo na prática mesmo, isso contribui bastante.” (P1-U)

“Acho que é como um estágio de como agir com as crianças, como agir em diferentes situações, e também com relação à inclusão social”. (P2- U)

“Contribui para minha formação porque aprendi muito com as crianças, e a como lidar com todos os tipos de crianças e educação, pois serei professora”. (P3- U)

E 28,5% dos entrevistados consideram a prática que exercitam no Programa como sendo fundamental para sua formação:

“O contato com o público tem ajudado muito porque tento aplicar o que aprendo na faculdade, principalmente nos jogos, formação de equipe que é o que gosto de fazer”. (P5- U)

“Acho que a prática tem sido fundamental, o retorno, a expectativa, o crescimento das crianças, isso não adquire em nenhuma faculdade, é uma lição de vida, por isso estou realizada”. (P6- U)

“O contato direto com a escola e com o público vem ajudando na minha formação para quando eu estiver no mercado de trabalho já ter uma experiência, uma bagagem”. (P7-U)

U- foi possível observar que os Universitários entrevistados eram todos de cursos de licenciatura e acreditavam na contribuição do Programa para sua formação, principalmente por proporcionar maior contato com o público de diferentes faixas etárias.

EP- Dentre os Educadores Profissionais, 100% dos entrevistados citam contribuições do Programa, mas a maioria das contribuições citadas são em nível pessoal e não profissional. As contribuições mais significativas são: amadurecimento, tal como pode ser observado:

“Mais na área de cultura na parte de artesanato aonde de repente eu quase nunca dei tanto valor a área de artesanato de pintura, de reciclagem, de EVA, e hoje eu to começando a ver e me interessar um pouco por essas oficinas, uma coisa que realmente eu não dava valor nenhum, então só está me enriquecendo e trazendo mais conhecimentos para mim”.

“Tenho amadurecido, nunca atuei em sala de aula, mas percebo que o Programa tem ajudado bastante a compreender o porquê dos alunos problemas, porque em sala se fica pouco tempo com a criança e no final de semana o contato é maior. Era muito rigorosa, e cobrava muito de mim mesma, aprendi a trabalhar, conversar ... eu tive caso aqui de um menino ex-presidiário, então hoje ele trabalha aqui com a gente, então você sabe como trabalhar, como lidar com a pessoa... tem muitos professores que não tão preparados pra isso, mas ele marginaliza a criança, ah, porque o pai é drogado... ele precisava estar aqui pra saber a origem, porque que a criança passa por tudo isso, porque aqui nós temos assim grandes exemplos, você aprende muito, muito, muito”. (P6- EP)

Outras contribuições mencionadas foram a convivência com o outro, valorização da cultura e artesanato,

“Outra coisa que eu acho, por exemplo, a parte de artesanato, o que eu aprendi, que eu já sempre gostei de fazer essas coisas, e agora eu aprendi muito, as coisas que eu aprendi, você vai na reunião você ouve muita coisa, que eles trazem pra

gente... eu acho que eu vou levar uma bagagem bem assim boa, quando eu sair.” (P2-EP)

A tolerância em relação a si mesmo e ao outro, oportunidade de trabalho (no caso de uma bolsista do Programa que virou Educadora Profissional ao concluir a graduação

“Olha, na minha formação profissional tem contribuído muito porque eu me formei o ano passado e já era bolsista, quer dizer eu estudava e vim trabalhar na escola, já tive um contato assim com as crianças, com os jovens dentro de um ambiente escolar, e hoje como Educadora Profissional pra mim é muito importante né, eu ganho muita experiência aqui no dia- a- dia.” (P4-EP)

EP- É observável, portanto, que todos os Educadores Profissionais acreditavam que o programa oferecia contribuições e que, apesar do questionamento pretender focar as contribuições profissionais, aparentemente o Programa favoreceu mais contribuições em nível pessoal para essa categoria de entrevistados, como foi o caso do P1 – EP que mencionou a superação da depressão:

“Ah, eu cresci muito viu. Eu vi coisa que eu nunca tinha visto e também aprendi muito com as crianças. Sabe, eu achava que o meu problema era enorme, hoje eu acho que o meu problema é muito pequeno perto do deles e acho que as crianças do Programa são uns verdadeiros heróis porque eles têm problemas de monte e eles são alegres, jogam bola, não tão nem aí com nada, eu aprendi muito com eles.” (P1- EP)

PU- Em relação ao Público participante, 14,3% dos entrevistados não souberam responder e 85,7% dos entrevistados acreditam que o Programa tem contribuído para sua formação pessoal ou profissional, uma vez que parece constituir-se em um espaço que propicia aprendizagens diferenciadas, como demonstram os depoimentos:

“De muita maneira. Ah, as coisas que antes eu não fazia nada assim direito agora eu faço com mais facilidade... tipo assim, a minha mãe ela adora fazer esses bichinhos de gesso, esses enfeites, e antes ela pedia pra mim ajudar só que eu não conseguia fazer, aí aqui na escola eu aprendi a fazer direito agora eu ajudo ela.” (sic) (P1-PU)

“Acho que contribui porque tive poucas oportunidades na vida para aprender e hoje estou mais tranqüila para poder aprender, no Programa convivo com várias pessoas de classes diferentes, então acho que aprende muito e é muito importante”. (P5- PU)

“Sim. Ah, porque nós aprende né aqui.” (sic) – (P7- PU)

Citam ainda, como maiores contribuições: as amizades, a oportunidade de aprendizado e convívio social, tal como pode ser depreendido pela seguinte resposta:

“É bom para fazer mais amizade, arrumar bons amigos, distrair a mente. Tive problemas de saúde há uns dez anos e quase morri, não posso passar nervoso, por isso procuro distração”. (P4-PU).

PU- Para os participantes do Público as amizades e o convívio social são duas das contribuições do programa que foram destacadas, o que parece estar em consonância com o que afirma Csikszentmihalyi (1999) quando refere que as experiências de fluxo relatadas como mais positivas geralmente são compartilhadas com amigos “apesar de muitas atividades de fluxo serem agradáveis apenas durante curto período, porque seus desafios logo se esgotam, os amigos podem oferecer um estímulo infinito durante a vida, aperfeiçoando nossas habilidades emocionais e intelectuais”. (p. 83)

Isso vai de encontro às idéias de Chakur (2006) que acredita que os laços presentes nos cursos do Programa Escola da Família são temporários e o vínculo é frágil, o que impossibilita o estabelecimento de uma relação afetiva.

V- No caso dos Voluntários 100 % apresentaram contribuições pessoais advindas da atuação junto ao Programa. As principais contribuições citadas foram: novas descobertas, tolerância, socialização, compensação pessoal, ampliação cultural, alegria, oportunidade de lazer e ocupação, distanciamento das ruas. Dos sete entrevistados, um disse não ter obtido nenhuma contribuição profissional pela atuação no programa. Apenas dois citaram contribuições profissionais, como convites para apresentação de dança mediante recebimento de remuneração, ajuda na busca da vocação profissional.

V- A exemplo dos participantes do Público, os Educadores Voluntários também citam contribuições advindas da interação com o outro e como pode-se perceber em Csikszentmihalyi (1999) a busca da sociabilidade relaciona-se com a felicidade:

Quando nos sentimos ativos e fortes, temos maior probabilidade de nos sentirmos felizes, de modo que, com o tempo, a escolha do que fazemos também afetará a nossa felicidade. Do mesmo modo, a maioria das pessoas acha que é mais alegre e sociável quando está com outras pessoas do que quando está sozinha. (p. 29)

Tal afirmação, justifica o que alguns entrevistados mencionaram de procurar o programa em busca de se sentirem mais felizes e de saírem, inclusive, da depressão, tal como é possível observar nos seguintes depoimentos:

“Considero como uma descoberta nova porque melhorou o meu ponto de vista por conviver com várias personalidades e novos pontos de vistas e acho que estou mais tolerante”. (P1- V)

“[...] tudo contribui pra cultura da gente né, então é tudo ligado a vida da gente né,... tudo o que é feito é pra compensação da gente, inclusive quando você vê uma pessoa completar um trabalho você fica contente, então isso também o ego da gente fica né, elevado, como eleva o da pessoa.”(P3- V)

“Bastante, ajudou bastante, Fica mais, fica mais alegre no serviço, você faz tudo.” (P4- V)

“Profissional nenhuma, mas pessoal muita. Eu venho aqui por causa de companhia... é onde eu consegui me socializar que eu não conseguia mais. Então, aqui eu já consigo conversar, brincar, né. Antes eu não conseguia.” (P2- V)

Assim, a partir dos resultados, é possível supor que em todas as categorias de entrevistados a interação com os outros pode ter proporcionado esse sentimento de alegria e também, experiências de fluxo, já que maioria das contribuições citadas pelos participantes são contribuições em nível pessoal, principalmente em relação ao convívio social e a tolerância em relação a si mesmo e ao outro. Dentre os grupos de participantes entrevistados, o conjunto dos Universitários e o dos Educadores Profissionais são os que citam mais contribuições profissionais. No dos Voluntários também foram citadas contribuições profissionais, como, por exemplo, no caso do Voluntário que afirma que devido à sua participação no Programa, começou a investir mais no desempenho de algumas habilidades que acabaram por impulsionar seu desenvolvimento profissional.

“Ah, fez sim eu melhorar mais o meu desenvolvimento, o meu jeito de dançar, fez eu desenvolver mais a minha cultura de dança né, que eu desenvolvi mais, aprendi mais. Já muita gente me viu dançando, fez vários convites, que nem dia 29 agora eu vou dançar lá em Lorena que um moço chamou eu pra dançar tudo, aí dia 05 eu vou dançar numa festa... dia 06 ... eu vou dançar dança de rua com meu grupo. Ah, está me ajudando sim!” (sic) - (P5- V)

Que tipo de capacitação lhe foi oferecida para atuar no Programa? De que forma e por quem foi ministrada essa capacitação?

U- Dos Universitários entrevistados 85,7% tiveram capacitação oferecida por profissionais do Programa, Professores de Educação Básica II de Artes e Educação Física (PEB II). Apenas um dos participantes (P2-U) dentre os Universitários diz não ter sido capacitado para atuar no Programa; entretanto, parece que este participante se refere nessa pergunta ao início do Programa, por ocasião do seu ingresso, já que em outro momento da entrevista, ao responder à outra questão afirma que em arte participou da capacitação de bijuteria e que fez as outras capacitações em esportes. Do total de entrevistados, um considera o tempo das capacitações insuficiente.

U- Aparentemente as capacitações são oferecidas no início do ano e a adesão aos cursos é de livre escolha dos Universitários. De certa forma, tal situação parece resultar também em certa crítica, expressa pelos universitários nos seguintes termos:

“Para trabalhar no Programa, não tivemos capacitações pra isso, a gente simplesmente foi convidada, ou melhor, a gente se inscreveu, foi chamado e caiu de pára-quedas aqui dentro. Aí cada um tem o seu conhecimento e foi desenvolvendo projeto de acordo com o que conhecia, aí depois mais pra frente foi comentado as regras do Programa, então não foi estudado, não a gente vai trabalhar assim porque o Programa quer isso, de forma alguma, isso não aconteceu.” (P2- U)

EP- Cerca de 85,7 % dos entrevistados participaram de capacitações do *Game SuperAção*. 14,3% dos entrevistados não receberam capacitações para atuar no Programa.

EP- Aparentemente, as capacitações oferecidas por profissionais vinculados ao instituto Ayrton Senna e pela Coordenação do Programa para a implementação do *Game SuperAção*, parecem ser as únicas alternativas de preparação que os educadores profissionais afirmam ter recebido para atuarem no Programa. de acordo com o que referem, este tipo de formação parece ainda não ser suficiente, conforme o que se pode depreender dos seguintes depoimentos:

“As capacitações que eu fiz até hoje foi do Game que eu fui uma vez e a segunda é que eu fui pra Águas de Lindóia e fiquei três dias lá aprendendo assim, sobre algumas oficinas sobre o Protagonismo Juvenil, sobre como trabalhar com a comunidade, então valeu a pena sim, mas eu não fui capacitada não, e só as reuniões de sexta-feira que a gente recebia alguma orientação, mais foi raça mesmo.” (P1- EP)

“Participei de capacitação ligada ao Game SuperAção, ministrada pelo Instituto Ayrton Senna, onde mostraram os pilares do funcionamento do game e da importância desse projeto.” (P5- EP)

“Entrei no Programa em agosto de 2004 e não tive capacitação para iniciar no Programa. Tive capacitações para o Game Superação, sendo que uma delas foi em Águas de Lindóia e durou 3 dias.” (P6- EP)

Dentre os Educadores Profissionais que afirmaram não receber capacitação prévia para atuarem no Programa, um desses enfatiza que:

“Olha eu não tive nenhuma capacitação eu simplesmente entrei no Programa com a cara e a coragem, como dizem né, eu fui jogada de pára-quedas e não sabia nada, e não sabia nem como funcionava, então foi através das reuniões, o coordenador ajudando, porque assim quando eu entrei no Programa trocou o Coordenador de Área, então o Coordenador que está no momento, ele me auxiliou bastante, me ensinou um monte de coisas que eu não sabia.” (P7- EP)

Não obstante, parece haver, eventualmente, determinadas atividades que, na percepção dos Educadores Profissionais, acabam por contribuir para a sua capacitação, mesmo que indiretamente:

“Participo das reuniões de sexta-feira que são como capacitações com dinâmicas e ensinamentos dirigidas pelo Coordenador de área e pela ATP, onde

recebo suporte técnico para atuar nos finais de semana com universitários e público. Tive capacitação em Águas de Lindóia com palestras e oficinas.” (P4- EP)

“Aprendi muito com colegas e nas reuniões do final de semana.... as dúvidas a gente tira ali entre eles, porque a reunião é muito importante, porque de repente você tem dúvida você corre com um amigo, com a própria Coordenação, mas não tem como a gente tirar dúvida com quem já está ali no dia-a-dia. Não tem como.” (P6-EP)

V- Dentre os Voluntários, 71,4% dos entrevistados afirmaram que não participaram de capacitações no Programa Escola da Família. Outros 14,3 % dos Voluntários não participaram de capacitações embora tivessem sido convidados mas não puderam ir. E os 14,3 % restantes participaram de capacitações na ONG da qual participam para representá-la no Programa com o curso de Agente Receptivo – Turismo; neste caso, a capacitação foi ministrada pelo Coordenador e pelo Presidente da ONG, à qual estava vinculado e representava junto ao Programa.

V- Foi possível observar que os Voluntários constituem o grupo de participantes que, embora desenvolvendo atividades de ensino junto ao Programa, não recebem qualquer tipo de capacitação para tanto. parece ficar claro que a principal referência para o trabalho que desenvolvem, pode estar apoiada tanto na experiência prévia que trazem em determinada atividade que se propõem a ensinar:

“Não participei, mas tenho 40 anos de bagagem de crochê.... então eu falei, eu com capacitação ou não eu acho que consigo desempenhar o meu papel aqui.” (P3- V)

Assim como, contraditoriamente, apesar da ausência de experiência anterior na atividade que vão ensinar,

“Não. Nunca fiz nenhum curso nada pra aprender dançar, nem no Programa. Nunca chamaram eu não.” (P5-V)

Conforme estes dados demonstram, somente os Universitários e Educadores Profissionais participaram de capacitações pelo Programa. Os Universitários participaram de capacitações com os Professores de Artes e de Educação Física (PEBs II) contratados para atuarem na Equipe de Fortalecimento do Programa, e conforme seus relatos, geralmente as capacitações ocorreram no início do ano. Foi observado ainda que ocorreu um levantamento dos projetos mais desenvolvidos na escola para oferecer a capacitação e os universitários puderam escolher se participariam das capacitações esportivas ou artísticas, conforme suas necessidades para o desenvolvimento dos projetos. Uma entrevistada referiu que os

profissionais que ministraram as capacitações eram bem instruídos, mas considera o tempo do treinamento ainda insuficiente para absorver tantas informações.

Já os Educadores Profissionais, que participaram de capacitações oferecidas pelo Instituto Ayrton Senna para implantação do *Game SuperAção*, afirmam que puderam adquirir conhecimentos sobre o Protagonismo Juvenil, o trabalho com a comunidade além de participarem de palestras sobre os quatro Eixos Norteadores do Programa (Cultura, esporte, Saúde e Qualificação para o Trabalho). Além dessas capacitações, alguns dos Educadores Profissionais parecem valorizar as informações recebidas nas reuniões semanais com a Coordenação Regional do Programa, ao referirem esta estratégia como mais uma alternativa benéfica para a sua capacitação.

De acordo com os resultados, parece que para os Voluntários não está consolidado ainda um padrão de atividades que resulte em sua capacitação, uma vez que é possível observar que a maioria deles não recebeu capacitações oferecidas pelo Programa. Um Voluntário foi capacitado para atuar no Programa pela organização não governamental da qual fazia parte, para que pudesse ministrar o curso de Agente Receptivo da Área de Turismo representando sua entidade, o que pode estar mais voltado a atender a uma finalidade de seu treinamento junto àquela organização do que junto ao Programa. Apesar de outro voluntário afirmar que recebeu convite feito pelo Educador Profissional para participar das capacitações e que, por questões pessoais não pode participar, foi possível constatar que os Voluntários do Programa contaram apenas com seu conhecimento prévio, ou seja, com o repertório que já dispunham, mesmo que tal repertório pudesse, eventualmente, não atender a um desejável grau de boa qualidade de ensino.

Neste sentido, Csikszentmihalyi (1999) afirma que, para alguns indivíduos, o fluxo é uma parte constante de sua atividade profissional e apesar de operar nas fronteiras do conhecimento, o que necessariamente inclui muitas dificuldades e agitação interior, a alegria de fazer com que a mente alcance novos territórios parece ser a característica mais óbvia de suas vidas, até mesmo depois da idade em que as pessoas estão geralmente satisfeitas em se aposentar.

Você já fez ou está fazendo algum curso artístico fora do Programa desta Escola?

U- Dentre os Universitários, 57,1% dos entrevistados não fizeram cursos fora do Programa. Outros 42,8 % dos entrevistados participaram de algum curso artístico fora do Programa da escola.

EP- Dentre os Educadores Profissionais 85,7% não fizeram cursos artísticos fora do Programa e 14,3% dos entrevistados já haviam feito cursos artísticos fora do Programa, embora, por ocasião da entrevista não faziam mais.

U/EP- Foi possível observar que a maioria dos Universitários contavam apenas com o conhecimento adquirido nas capacitações oferecidas pelo Programa e nas trocas de experiências informais ocorridas entre eles e os demais participantes, o que parece ter ocorrido também com a maioria dos Educadores Profissionais, que não participou de cursos artísticos fora do programa.

Foi possível depreender ainda que, como a maioria dos Educadores Profissionais não havia recebido capacitações específicas em Arte, contavam apenas com seu conhecimento prévio para orientar os Bolsistas e Voluntários conforme referido em outra pergunta da entrevista.

PU- Em relação ao Público frequentador, 57,1 % dos participantes não fizeram cursos artísticos fora do PEF. Os outros 42,8 % dos participantes fizeram cursos artísticos fora do PEF sendo, geralmente, cursos de artesanato oferecidos gratuitamente.

PU- Igualmente para este grupo de entrevistados, a maioria dos participantes do público também não frequentava cursos artísticos fora do Programa da escola em que foram entrevistados. Aparentemente, Para esses participantes as atividades artísticas do programa foram uma, senão a única, oportunidade de aproximação e contato com atividades dessa natureza.

V- Do total de Voluntários entrevistados, aproximadamente 71,4 % não fizeram ou estavam fazendo, por ocasião da realização da entrevista, algum curso artístico fora do Programa Escola da Família, embora cerca de 14,3% dos entrevistados mencionaram já terem feito há muito tempo mas, não recentemente. Outros 14,3% faziam curso particular de desenho de mangá.

V- É observável que a maioria dos Voluntários não participou de cursos artísticos fora do Programa da escola de atuação, como também não foram capacitados pelo Programa, o que parece deixar implícito que contaram com seu repertório prévio quando trabalhavam com atividades artísticas.

Portanto, conforme pode ser verificado, a maioria de todos os participantes entrevistados no programa não fez ou fazia algum curso artístico fora do Programa Escola da Família. Dentre aqueles que realizaram cursos artísticos fora do Programa, em sua maioria, o fizeram por meio de cursos ligados ao aprendizado de técnicas artesanais, embora,

eventualmente, tenham mencionado também, participações em cursos de dança, música e em curso de cabeleireiro, citados como artísticos.

A partir destes resultados, é possível verificar que apesar da ausência de preparação sistemática destinada aos educadores por parte do Programa, em certa medida parece estar garantida a qualidade de ensino para algumas das atividades ali desenvolvidas. Entretanto e, considerando que o Manual Operativo indica que as ações do Programa devam ser de prevenção à ocorrência da violência, o desenvolvimento da criatividade, ainda que não conste como um dos objetivos principais do programa, poderia constituir-se como meta e uma importante ação para esse fim. Tal como afirma Csikszentmihalyi (1996), "é mais fácil desenvolver a criatividade das pessoas mudando as condições do ambiente, do que tentando fazê-las pensar de modo criativo" (p. 1).

A universidade em que você estuda tem alguma proposta de trabalho ou orientação que envolva a sua participação no Programa Escola da Família?

U- Os 100% dos bolsistas universitários entrevistados afirmaram que não há uma proposta de trabalho ou orientação por parte da universidade em que estudam que envolva suas participações no Programa.

Neste sentido, apesar do Manual Operativo (2005/2006) explicitar que caberá à universidade designar um professor orientador para acompanhamento e apoio aos Universitários no Projeto, os resultados do estudo parecem indicar que o papel da universidade de origem dos entrevistados, tem se limitado à concessão da bolsa de estudos, sem um acompanhamento específico ao Projeto.

A decisão de continuarem atuando no Programa, mediante apenas o recebimento de recursos financeiros providos pela universidade, pode indicar que as motivações que os levam a permanecer estejam relacionadas a outros interesses que visam alcançar. Contudo, mesmo admitindo o não cumprimento do compromisso da universidade de fornecer-lhes apoio e acompanhamento, não expressam percepção acerca de eventuais prejuízos que isto possa lhes causar, em termos do aproveitamento de sua experiência no Programa.

Que materiais você utiliza para orientar os bolsistas e voluntários na elaboração dos seus projetos?

EP- Segundo os Educadores Profissionais entrevistados, os materiais mais utilizados para orientar os bolsistas e voluntários na elaboração dos seus projetos são livros, revistas, textos, materiais obtidos por pesquisa, além de dinâmicas e de materiais recebidos nas orientações com a Coordenação do Programa.

Dentre os Educadores Profissionais entrevistados, um se baseia somente nas orientações recebidas pela Coordenação Regional, e outro refere oferecer auxílio durante a elaboração do projeto.

A maioria dos Educadores Profissionais entrevistados, cerca de 71,4%, tem feito uso ainda, de outras alternativas, tais como pesquisa, livros, textos, uso da internet, além das instruções transmitidas pela Coordenação do Programa, para orientar os bolsistas e voluntários na elaboração dos projetos.

Aparentemente, os Educadores Profissionais utilizam materiais diversificados para orientar os bolsistas e os voluntários na elaboração dos projetos e, além do apoio da coordenação do programa, procuram outras possibilidades de implementarem as instruções, principalmente por meio de livros e textos .

▪ **PERCEPÇÕES RELACIONADAS À DINÂMICA DO PROGRAMA NA CIDADE DE ARARAQUARA**

Qual é o público mais freqüente ao programa? Ele é composto por alunos ou por membros da comunidade? Como você analisa essa situação?

U- Na opinião de 57,1% dos Universitários o público mais freqüente ao Programa é composto por pessoas da comunidade e 42,8% dos respondentes consideram que tanto alunos quanto a comunidade são freqüentadores do Programa. A maioria cita que a freqüência ocorre primeiro pela proximidade da escola, depois pelas condições financeiras e falta de opções de lazer e entretenimento.

U- Os Universitários parecem ter clareza ao afirmarem que o público é diversificado, composto pela comunidade e por alunos que vem no PEF uma opção de lazer no fim de semana.

EP- Segundo 85,7% dos Educadores Profissionais entrevistados, o público mais freqüente ao programa é composto por alunos que são moradores da comunidade. Mas a escola aos finais de semana também é freqüentada por ex-alunos, pela comunidade do bairro e por pessoas de

outros bairros. Segundo um dos entrevistados falta divulgação ao programa para que mais pessoas da comunidade tomem conhecimento dele e passem a frequentá-lo.

EP- Aparentemente, também para os educadores profissionais, o programa possui um público bem diversificado, tanto no que se refere a alunos, ex-alunos e a comunidade em geral, como também pelo fato de ser composto por várias faixas etárias.

PU- Para o público participante 42,8% dos entrevistados do Público consideram os membros da comunidade, geralmente adultos, como o público mais freqüente ao programa. Outros 42,8% de respondentes apontam os alunos, crianças, como o público mais freqüente ao Programa. E 14,2% dos entrevistados acreditam que tanto alunos, quanto a comunidade são bons frequentadores do programa.

PU- A percepção que o Público apresenta, indica igualmente, a questão da diversidade de frequentadores, que reúne tanto os integrantes e ex-integrantes da escola como pessoas da comunidade de diferentes idades.

V- Dos Voluntários entrevistados, 28,5 % acreditam que o público mais freqüente ao Programa é composto por alunos, por procurarem diversão e por falta de opção de lazer aos finais de semana. 57,1% dos entrevistados acreditam que o público do Programa é diversificado, composto por alunos e pela comunidade. 14,3% dos entrevistados acreditam que as crianças da comunidade compõem o público mais freqüente ao Programa, devido às atividades e as refeições servidas por algumas escolas aos finais de semana.

V- Os voluntários também reforçam as respostas dos demais entrevistados de que o público do Programa é diversificado.

Assim, o grupo de respostas dos entrevistados permite verificar que aparentemente o programa possui um público bem diversificado, tanto no que se refere a alunos, ex-alunos, a comunidade em geral e pessoas de outras comunidades, sendo composto por várias faixas etárias. Segue alguns trechos ilustrativos das falas dos participantes:

“São alunos, pessoas da comunidade e também pessoas que não moram aqui no bairro também, eu tenho percebido assim nos últimos tempos, pessoas vindo de outros bairros pra ta frequentando aqui, então não só da comunidade. Mas maior são as crianças que frequentam a escola. Ah, por morar aqui no bairro eu acredito que seja isso”. (P6- EP)

“Pessoas da comunidade que inclui alunos, parentes, amigos. O Programa dá condições através das capacitações de uma qualificação, pra quem ta precisando de uma renda e também oferece o material porque nem sempre o frequentador tem condições de comprar”. (P6-U)

“Um pouco da comunidade, mas mais alunos. As crianças se interessam mais por brincadeira e os adultos por aprender”. (P3-PU)

“Por membros da comunidade e também por alunos, mas há uma variedade muito grande tanto quanto a idade, como a condição sócio econômica, não é um público específico, tem uma variedade grande de pessoas interessadas. Acho importante essa diversidade tanto para o público jovem quanto para o adulto para troca de experiência, e para inserção no mercado”. (P1-V)

Alguns participantes sugerem que as pessoas aderem ao PEF por falta de opções de lazer e entretenimento e vêm nele uma opção de lazer no fim de semana, Conforme expressam as falas dos seguintes participantes:

“Acho que é pela escola ser de um bairro periférico e faltar opções de entretenimento no final de semana, também por falta de dinheiro e a distância do centro a escola se tornou uma forma de entretenimento pra comunidade”. (P7- U)

“Sei lá eu acho que mais é o público mesmo né, a comunidade, porque a gente não teve assim oportunidade que antigamente não tinha essas oportunidades que a gente tem hoje, então acho que é por isso que a gente aproveita né, eu principalmente né”. (P5- PU)

Aparentemente o tipo de atendimento que a escola oferece durante a semana e as ações de divulgação do programa também ajudam a determinar a adesão e frequência de pais e adultos da comunidade, assim, escolas que atendem as primeiras séries do Ensino Fundamental possuem, em tese, maior comprometimento e frequência da comunidade adulta, Conforme esclarecem trechos da fala dos entrevistados:

“Na escola toda mais por pessoas da comunidade, a escola é de 1ª a 4ª e tem mais adolescentes e adultos participando do que crianças”. (P7- U)

“Membros da comunidade. Sei porque a escola é de 1ª a 4ª e verifico a frequência nos cadernos de registro das oficinas onde há assinatura, idade e escola. E na ata de assinatura que fica no pátio”. (P1-EP)

“No ano passado tinha mais alunas, esse ano tem também pessoas da comunidade, foi divulgado em reunião de pais, porque acho que os adolescentes não divulgam para os pais”. (P3- V)

Embora o adolescente e o jovem sejam o foco principal do Programa, os resultados obtidos pelo estudo demonstraram que o público do PEF é bem diversificado. Geralmente, a escola é frequentada por pessoas de várias faixas etárias, integrantes da comunidade e de seu entorno. Seu público é composto tanto por alunos, quanto ex-alunos, ou mesmo aqueles que nunca tiveram vínculo com a escola, mas que vêm nas atividades do fim de semana uma opção de lazer, convívio social e de aprendizado. Ainda, foi possível observar que os frequentadores estabelecem relações entre as alternativas de atividades como motivo para sua participação. É notável que os voluntários mencionam ainda, que o oferecimento de refeição atrai a frequência das crianças no Programa. Conforme demonstra a seguinte fala:

“Por crianças da comunidade que freqüentam por causa das atividades e da comida”. (P2-V)

É necessário esclarecer que as verbas do programa escola da família não contemplam o oferecimento de refeições para os freqüentadores e que qualquer iniciativa nesse sentido é realizada espontaneamente pela coordenação local da escola, composta pelos educadores do programa e pelo gestor atuante na unidade escolar no fim de semana, através de mobilizações próprias e da obtenção de parcerias.

Ainda que a maioria dos dados demonstrem boa adesão ao programa pelo público diversificado que o compõem, cabe ressaltar a fala de um Universitário que acredita na existência de preconceito por parte dos pais:

“Mais da comunidade do que alunos da escola, muito mais. ah, os alunos não costumam vir...por causa dos pais, preconceito, a maioria deles, porque eles não mandam vir sozinho porque tem medo e também não arrumam tempo pra trazer, por isso não vem, então as crianças ficam mais na rua mesmo do que acabam vindo pro programa”. (P2-U)

A partir dos resultados surgem alguns questionamentos: o que tem atraído o público e os voluntários para utilizarem seu tempo livre no programa escola da família? Quais as motivações que têm levado o público do Programa a aderir espontaneamente ao Programa Escola da Família? Será que o Programa tem constituído para os seus membros uma ocupação produtiva e significativa que tem substituído os momentos de ócio e de lazer passivo por momentos de lazer ativo aos finais de semana? Estariam essas pessoas investindo sua energia nas atividades do Programa Escola da Família buscando melhor qualidade de vida, como menciona Csikszentmihalyi (1999) através de atividades consideradas por elas como prazerosas e agradáveis? Ou é possível que ocorra o oposto e que o lazer esteja sendo usado como paliativo para uma sociedade cujas políticas sociais e ações culturais deixam a desejar? Pois conforme alerta Csikszentmihalyi (1999, p. 78) o lazer pode ser tanto causa quanto efeito, na medida que ao se tornar dependente demais do entretenimento, ao indivíduo restará menos energia psíquica para lidar de maneira criativa com os demais desafios com que inevitavelmente vai se deparar.

Com base na sua participação, como você avalia a função desempenhada pelo Programa, quanto ao desenvolvimento cultural dos seus participantes?

U- Todos os Universitários entrevistados acreditam que o Programa contribua para a formação cultural dos seus participantes e citam como contribuições o convívio social e a ampliação do repertório cultural. Apenas um entrevistado considera que o alcance cultural do

Programa depende da dedicação do participante. Um outro participante acredita que o Programa não forma, mas contribui para o processo de formação. O desenvolvimento da criatividade também foi citado por um dos Universitários entrevistados.

“Acho que contribui porque as crianças recebem noções de educação...a gente acaba ensinando a eles o obrigado, o por quê, e na área de artes, de esportes também eles acabam aprendendo regras... eu acho que isso é bom pra eles”. (P3-U)

“Eu acredito que com as minhas aulas de dança as meninas se tornem diferentes sim, a maneira delas agirem, conhecimento que elas têm com relação a outros tipos de música que elas só escutam axé e funk por aí né, aí chega numa música clássica, é uma cultura diferente, se portam diferente também por isso, aí acaba levando mãe, pai assistir, acabam gostando disso também, às vezes, pesquisar mais sobre isso... acredito que um desenvolvimento bem legal aí.” (P2-U)

“Alcança, depende muito da pessoa, do que a pessoa espera da oficina, do trabalho desenvolvido, se ela espera um bom aproveitamento, se ela tem um bom aproveitamento, o projeto consegue, agora tem muitas pessoas que não vem pra, ah não tenho nada pra fazer vou ver o que acontece, e aí essas pessoas não conseguem muito, mas quem tem um objetivo dá pra fazer um trabalho bem bacana”. (P1-U)

“Acredito que sim, embora o Programa não dê nenhuma formação. Mas que a pessoa saia com alguma coisa a mais.” (P7-U)

“Ah eu acho que o desenvolvimento tem sido de qualidade assim fora de série, tem muitas crianças que a gente acompanha com problemas mesmo, até de relacionamento com os outros e a gente vê o crescimento dessa criança até socialmente né e a criatividade dela, muitas vezes aqui ela tem abertura pra ta fazendo muitas coisas que talvez ela teria que ir pra um outro lugar que desse condições e muitas vezes ela não tem condições de ir pra outro lugar fazer né”. (P6-U)

EP- Aproximadamente 14,3 % dos Educadores Profissionais entrevistados associam o desenvolvimento cultural dos participantes do Programa com a possibilidade do ganho financeiro através da venda dos produtos que aprenderam a fazer nas atividades do fim de semana, tal como pode ser depreendido:

“Avalio bem porque o público tem aprendido a ganhar dinheiro... teve gente que pagou aluguel fazendo cachecol aqui, que aprendeu, biscuit, tem uma mãe que vende até hoje biscuit aqui, que aprendeu aqui, vende até na feirinha que tem aí na Santa Cruz, saiu várias pessoas ganhando dinheiro sim, aprendeu ganhar dinheiro.” (P1- EP)

Outros 28,5% acreditam que o Programa tem contribuído para o desenvolvimento cultural dos participantes baseando-se no público que costuma freqüentá-lo e na procura pelas atividades e cursos gratuitos:

“Acho que tem contribuído sim porque tem bastante público e procura pela parte de arte, “artesanato”. (P2- EP)

“Considero muito importante e acredito que como os cursos são oferecidos gratuitamente são bem aceitos pela população, acho que a escola do final de semana veio fortalecer os laços entre a escola durante a semana.” (P4- EP)

Outros 14,3% dos EP consideram que o PEF contribui para o desenvolvimento cultural dos participantes tendo como base a preparação dos Universitários para desenvolverem as atividades do fim de semana, tal como afirmam:

“O Projeto contribui realmente porque com todas essas capacitações que eles fazem eles vêm aptos a desenvolver cada vez melhor essas oficinas e acredito que eles teriam capacidade de aumentar muito mais o público na escola”. (P5- EP)

E finalmente, 42,8% dos respondentes justificam que o Programa contribuí para o desenvolvimento cultural dos participantes por proporcionar o contato com atividades raras de lazer, devido a distância do bairro, e por perceberem o desenvolvimento pessoal e interesse dos participantes:

“Acho que sim, que tem sido proveitoso principalmente pras crianças, pelo bairro ser distante... eu me faço a seguinte pergunta, se nós não estivéssemos aqui dando esse apoio pra comunidade, onde estariam essas crianças? Então eu acho assim, é muito importante pra eles”. (P6- EP)

“Acho que contribui sim porque é um lugar onde tem atividades, contato com outras pessoas, esportes, educação, lazer, ler uma revista, um jornal, onde se procura mostrar outra realidade para eles”.(P7-EP)

EP- Nota-se, portanto, que a maioria dos educadores profissionais entrevistados associam o desenvolvimento cultural às oportunidades de lazer, e também foi associado às possibilidades de ganho financeiro.

PU- Dentre o Público Participante, 14,3% dos entrevistados não souberam responder a pergunta. 85,7% acreditam que o Programa tem contribuído para o desenvolvimento cultural dos participantes dele. Citam como principais contribuições o aprendizado diversificado:

“Porque a gente aprende mais coisa, aprende bastante coisa aqui. Aprende jogar, aprende dançar, aprende fazer um monte de coisas com EVA, aprende um monte de coisas aqui.” (P1- PU)

A distração, o lazer, o fato de tirar as crianças da rua e a criatividade, como atestam os seguintes depoimentos:

“Tem contribuído porque têm várias coisas para participar na escola. Não freqüenta quem não quer”. (P3- PU)

“Acho que contribuí porque distrai, e é bem criativo... às vezes é melhor você tá fazendo aqui um trabalho do que agüentando um desaforo de vizinho às vezes né.” (P4-PU)

“Ah, muito. Eu acho que muito porque você vê pra gente né que é muito bom que a gente aprende aqui, principalmente pras crianças que ao invés deles fica na rua eles ficam aqui dentro aprendendo muita coisa que aqui tem tudo quanto é tipo de curso né, pra todos, pra todas as idades, então é muito interessante.” (sic) - (P5-PU)

“Eu acho muito porque apesar da gente gostar de aprender tudo, há necessidade também, é a forma de um lazer porque nós não temos condições de passear, então quer dizer, além dali, ali a gente ocupa a nossa cabeça porque um lazer há necessidade pra qualquer ser humano”. (P6-PU)

Além disso, este conjunto de participantes parece identificar também o espaço do PEF como possibilidade de aprendizado, conforme afirmaram:

“Então ali nós estamos buscando bagagem pras nossas atividades, aprendendo coisas. Só como eu já disse, nós não temos aonde expor, botar em prática tudo o que aprendemos, porque não temos aonde vender o nosso trabalho.” (P6-PU)

“Acho que contribui porque é como estar numa escola durante a semana. Eles ensinam”. (P7-PU)

V- Dos Voluntários entrevistados 100% acreditam que o Programa contribui para o desenvolvimento cultural dos participantes dele. As principais justificativas foram: descoberta de potenciais, oportunidade de lazer para as comunidades carentes, o “Programa como porta para a cultura”, os cursos, “todo aprendizado é válido”. Dos respondentes, apenas um acha que contribui, mas não sabe em que medida e nem como.

V- Ficou evidenciado que todos os voluntários entrevistados acreditam na contribuição do programa para o desenvolvimento cultural dos participantes principalmente pela oportunidade de lazer que propicia.

Em síntese, 100 % do conjunto geral de todos os entrevistados, demonstram acreditar que o Programa Escola da Família contribua para o desenvolvimento cultural dos seus participantes por diversas razões, dentre elas destacam-se principalmente a escola aos finais de semana como opção de lazer, convívio social e aprendizado para a população de bairros periféricos. Dentre outras funções desempenhadas pelo Programa, quanto ao desenvolvimento cultural dos seus participantes foram citadas o desenvolvimento social, a criatividade e o contato com diferentes culturas. O desenvolvimento cultural também é associado, às vezes, ao ganho financeiro e a disposição do participante de se envolver com a proposta.

Segundo Csikzentmihalyi (1999) “ter lazer à sua disposição não melhora a qualidade de vida, a menos que a pessoa saiba como usá-lo de maneira eficaz; o lazer não é de modo algum algo que a pessoa aprenda a fazer automaticamente” .(p.67)

O autor considera que o uso do lazer é importante para o fluxo e que a maioria das pessoas está despreparada para o ócio e, muitas vezes, não sabe aproveitar os momentos dedicados ao lazer. Apesar do lazer poder proporcionar momentos de fluxo, muitos indivíduos, ao não focarem sua atenção para uma determinada atividade considerada mais estruturada, optam muito mais por atividades de lazer passivo do que de lazer ativo; desta forma não se envolvem e acabam perdendo o interesse e ficando desmotivados. Assim, é compreensível que os seres humanos se sintam melhor no fluxo, quando estão envolvidos em desafios, com a resolução de problemas e com a descoberta de novidades. É possível assim, observar que o estudo confirma que tais circunstâncias compõem, também, algumas das características do processo criativo.

De acordo com a sua experiência de atuação no Programa, como se distribui a participação do público nos eixos do Programa?

U- Dentre os Bolsistas Universitários, 57,1% dos entrevistados acreditam que o Eixo Esporte possui a maior participação de público do Programa. Desses respondentes um menciona como segundo mais freqüentado o Eixo Qualificação para o Trabalho e um considera que a freqüência nos demais eixos, além do Esporte é incerta. Dentre esses entrevistados, 14,3% acham que o Eixo Cultura tem maior público do que o Eixo Esporte. E os outros 14,2% dos bolsistas acreditam que todas as áreas têm seu público definido, portanto estariam em certo equilíbrio proporcional.

Alguns respondentes estabelecem ligação entre a preferência pelo eixo de atividade e o gênero do público: esportes estariam mais relacionados com as crianças e jovens do sexo masculino, a área artística e cultural com meninas e adultos, assim como a qualificação para o trabalho e a saúde para adultos.

U- Segundo a maioria dos respondentes o Eixo mais procurado é o Esporte, já com relação aos demais eixos os participantes ficam em dúvida sobre qual seria a ordem de preferência do público.

EP- Dentre os Educadores Profissionais, 100% dos entrevistados acreditam que o Eixo Esporte é o mais freqüentado pelo público aos finais de semana. O segundo eixo mais procurado seria o Eixo Cultura, na opinião de 85,7% dos entrevistados. Cerca de 28,5% dos entrevistados acreditam que o Eixo Saúde é o terceiro mais procurado. Já 14,3% dos entrevistados acham que depois do Eixo Esporte viria o Eixo Qualificação para o Trabalho como sendo o mais freqüentado.

Alguns entrevistados relacionam a distribuição do público nos Eixos de acordo com o gênero: esportes seria mais freqüentado por jovens do sexo masculino, Eixo Cultura, mais freqüentado por crianças e adultos do sexo feminino, Eixo Qualificação para o Trabalho maior participação de senhoras da terceira idade, Eixo Saúde mais freqüentado por crianças.

Se fosse estabelecer uma ordem segundo os dados extraídos das respostas dos Educadores Profissionais participantes, os eixos ficariam dispostos da seguinte maneira conforme a procura do público: Esportes, Cultura, Saúde e Qualificação para o Trabalho.

EP- Embora nas respostas dos EP o Eixo Saúde apareça como mais freqüentado do que o Eixo Qualificação para o trabalho, em nossas visitas às unidades escolares percebemos que o Eixo Saúde tem sido o menos desenvolvido, e poucas têm sido as atividades realizadas nesse eixo, provavelmente devido à dificuldade de tratar um assunto tão complexo e delicado e que geralmente requer apoio de pessoas especializadas e iniciativas como palestras, campanhas, etc.

Talvez o fato do Eixo Saúde ter sido cotado em terceiro lugar pelos entrevistados se deva, também, ao fato dos educadores frequentemente confundirem as atividades do Eixo Cultura, com as atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho, já que há atividades em comum nas duas listagens, e desse modo, eles não separam os limites entre um eixo e outro.

V- Com relação aos Voluntários, 14,3% dos entrevistados não responderam a pergunta, discorreram sobre outros assuntos mesmo diante da reformulação da questão. Aproximadamente, 71,4% dos voluntários acreditam que o maior público do programa é no Eixo Esporte, seguido do Eixo Cultura e do Eixo Qualificação para o trabalho, sendo que o Eixo Saúde não foi mencionado. Outros 14,3% acham que o Eixo Saúde é o mais procurado, devido a alimentação oferecida no fim de semana, seguido do eixo Cultura, do eixo Esporte e, nesse caso, o Eixo Qualificação para o Trabalho não foi citado.

Alguns voluntários fazem relação do Eixo com o gênero dos participantes e a idade: cultura – meninas e mães buscando geração de renda, esportes - meninos, qualificação para o trabalho / informática - todas as idades.

V- Para a maioria dos Voluntários participantes, também parece ser clara qual é a predominância do público nos Eixos do Programa que obedeceria a seguinte ordem de preferência: Esportes, Cultura, Qualificação para o Trabalho e Saúde.

Conforme demonstram os dados, a maioria dos participantes concorda que a distribuição da participação do público nos eixos do Programa é a seguinte: o Eixo com maior público era o Esporte, Cultura era o segundo Eixo mais procurado, seguido do Eixo Qualificação para o Trabalho e do Eixo Saúde. Na maioria das vezes, todos os conjuntos de

entrevistados relacionam os eixos com questões de gênero, como por exemplo, meninos em esportes, meninas e adultos em cultura, adultos em saúde e qualificação para o trabalho para todas as idades.

Com base nos resultados indicados, é possível, portanto inferir que a empatia do indivíduo com uma determinada atividade, possa influir no desempenho de sua execução, uma vez que, como afirma Csikszentmihalyi (1999), a motivação intrínseca (querer fazer) como a motivação extrínseca (ter de fazer) são preferíveis ao estágio onde se age por falta de coisa melhor, sem possuir qualquer tipo de meta para focalizar a atenção (p.30). Nesse sentido, parece ser coerente pensar que a escolha por determinadas atividades, possam decorrer também, de aspectos pessoais como faixa etária, condições sociais, gênero e, por vezes, a maior ou menor oferta de opções de atividades, disponíveis ao indivíduo.

Na escola onde você participa do Programa quais são as atividades predominantes dentro do Eixo Cultura?

U- Os Universitários não citam apenas as atividades do Eixo Cultura, apesar da maioria das atividades citadas pertencerem a ele, também foram citadas atividades dos demais eixos. As atividades citadas do Eixo Cultura foram: pintura, dança, pintura em tela, decoração de vidros, biscuit, decoração de caderno, pintura em tecido, artesanato e dança do ventre. As atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho foram: pintura em tela, *decoupage*, *biscuit*, decoração de caderno, artesanato, pintura em tecido e crochê. Do Eixo Esportes foram citadas as ginásticas. Atividades como Resgate de Valores não foram identificadas em nenhuma listagem. Algumas atividades pertencem a mais de um eixo, por exemplo, ao analisar as listas de atividades do Programa referentes as Participações por Projetos do Eixo Cultura e do Eixo Qualificação Para o Trabalho na Diretoria de Ensino de Araraquara, na tentativa de suprimir dúvidas sobre as respostas dadas pelos entrevistados, foi possível verificar que o *biscuit* aparece em Qualificação para o Trabalho apenas como *biscuit* e também como Curso de *biscuit*, além de aparecer no Eixo Cultura como Curso de *biscuit*. A Pintura em Tecido também aparece nas duas listagens.

U- As atividades do Eixo Cultura parecem se confundir com as atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho. O que justificaria uma atividade ser comum a dois eixos, ou aparecer duas vezes no mesmo eixo apenas com a palavra curso antes? Estaria relacionado a uma atividade ocorrer esporadicamente e a outra com maior aprofundamento, ou a um equívoco no cadastramento da atividade na listagem, o que poderia ter levado a uma mesma

atividade vir a constar em mais de uma listagem. Teria que se considerar, entretanto, que tal procedimento poderia induzir a desvios de interpretação sobre os dados do programa, dentre outros, em relação à contabilização de frequência na (s) atividade (s).

Algumas atividades citadas não pertencem a nenhum dos dois eixos, como é o caso de pintura em sabonete e resgate de valores, a pintura em sabonete talvez seja ensinada no curso de sabonete artesanal do Eixo Qualificação para o Trabalho e o resgate de valores provavelmente faria parte do Eixo Saúde? Parece que os Universitários não relacionam claramente as atividades aos seus respectivos eixos, pois citam o Eixo Qualificação Para O Trabalho como menos freqüente, mas mencionam várias atividades comuns a esse eixo (*biscuit*, pintura em tecido, crochê) talvez o fato dos universitários não terem claro a que eixo pertencem as atividades esteja ligado ao fator de uma atividade constar em dois eixos ao mesmo tempo na listagem do programa.

EP- Dos Educadores Profissionais entrevistados 71,4 % citaram o *biscuit* como atividade predominante do Eixo Cultura. O sabonete também foi citado por quatro dos entrevistados como uma das atividades predominantes do Eixo Cultura, porém essa atividade de acordo com consulta à listagem de participação por projetos na Diretoria de Ensino de Araraquara pertence ao Eixo Qualificação para o Trabalho. As atividades de reciclagem, gesso e EVA foram citadas duas vezes cada uma, e são comuns as listagens tanto do Eixo Cultura, quanto de Qualificação para o Trabalho.

Outras atividades foram mencionadas uma única vez como: argila, bordado em fita, dobradura, artesanato, vela, tear, *decoupage*, pintura em tela, oficina de pipa, pintura em vidro, unha artística, pintura em tecido. Algumas dessas atividades também são comuns aos dois eixos já mencionados.

EP- Nas atividades citadas pelos EP parecem ser mais procuradas pelo público as atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho, foram citadas uma média de vinte e uma atividades desse eixo, para cerca de dezesseis atividades do Eixo Cultura. Essa resposta é contraditória ao dado obtido como resposta à outra questão (pergunta (14. (21)) onde o Eixo Qualificação para o Trabalho apareceu por último na distribuição do público nos quatro eixos norteadores do programa.

PU- Foram citadas 22 atividades pelos participantes do Público como sendo predominantes dentro do Eixo Cultura, dessas atividades 16 pertencem ao Eixo Cultura e 13 ao Eixo Qualificação para o trabalho, ou seja, algumas das atividades também são comuns aos dois eixos.

As atividades do Eixo Cultura citadas foram: EVA, *biscuit*, dobradura, pintura em tecido, artesanato, enfeites de geladeira, capoeira, violão e pintura em tela. As atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho: EVA, *decoupage*, *biscuit*, pintura em tecido, artesanato, *biscuit* e pintura em tela. A atividade de pintura em telha, por exemplo, que não aparece em nenhuma das duas listagens e que provavelmente deva ser contemplada dentro do curso de pintura.

PU- A exemplo dos demais entrevistados, os participantes do Público também parecem confundir as atividades do Eixo Cultura com as do Eixo Qualificação para o Trabalho.

V- Foram citadas 13 atividades pelos participantes voluntários. dessas atividades citadas 4 pertencem ao Eixo Cultura, representando 30,8% das atividades. 1 pertence ao Eixo Esporte e 4 ao Eixo Qualificação para o Trabalho. As outras 4 atividades são comuns ao Eixo Cultura e ao Eixo Qualificação para o Trabalho.

V- Assim, tal como ocorreu com todos os elencos, parece que os entrevistados não têm claro a que eixos pertencem as atividades. Os limites das atividades do Eixo Cultura e do Eixo Qualificação para o Trabalho parecem muito tênues, não permitindo distinção clara entre eles.

Os resultados indicam que as atividades predominantes dentro do Eixo Cultura são principalmente as relacionadas às técnicas de pintura e aos diversos artesanatos que possam reverter em lucro para o participante. muitas das atividades citadas do Eixo Cultura também constam da lista do Eixo Qualificação para o Trabalho por sua associação com a possibilidade de rendimento financeiro. Também foram citadas atividades de outro eixo, como o esporte. Os respondentes parecem confundir os eixos do programa, e nem sempre distinguem os limites entre eles, ainda mais quando esse se mostra mais indefinido como parece ocorrer no caso de cultura e qualificação para o trabalho.

Você acredita que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula? De que forma?

U- No que se relaciona aos Universitários 85,7 % acreditam que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula. Citam como maior contribuição as mudanças de comportamentos dos alunos relatadas por professores, e 14,2% dos entrevistados acreditam que o Programa não tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula e que as crianças o freqüentam pelo lazer. A seguir alguns depoimentos para exemplificar:

“Acho que sim porque as crianças que freqüentam e estudam trazem amigos aprendem noções de educação, aprendem a conviver juntas e isso pode ser levado para sala de aula”. (P3-U)

“Não tenho dados para dizer que tem ajudado as crianças, mas quando participava dos HTPCs os professores falavam que os alunos estavam melhorando e associavam ao fim de semana. Eu acho que eles têm acalmado um pouco mais, que eles brincam bastante, e tem a escola livre toda pra eles brincarem.” (P5-U)

“Acredito que contribui, falo com base nas aulas de capoeira do voluntário Zezinho, onde um menino passou a ter interesse por estudar e aprender história depois que começou a fazer capoeira. A mãe freqüenta o Programa e relatou que o menino melhorou depois que começou a freqüentar o Programa”. (P7-U)

“Não, acredito que não. É difícil o pessoal vir no Programa pra, assim aprimorar alguma coisa que eles tenham aprendido na escola, se coloca alguma coisa eles já deixam de lado que o negócio deles é brincar, eles não levam a sério o Programa.” (P2-U)

EP- Uma média de 85,7 % dos Educadores Profissionais acreditam que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula. A maioria deles refere essa mudança, por meio de traços comportamentais, como o respeito pelo outro e a preservação do patrimônio e acreditam que isso se reflita na sala de aula. Outros 14,3% dizem não ser possível avaliar isso, que não percebem porque as crianças sempre estão acompanhadas dos pais, então fica impossível avaliar os comportamentos. Conforme demonstram alguns trechos das entrevistas:

“[...] a gente percebe que o respeito entre as crianças, os jovens e adultos, e os educadores, são fortalecidos... então isso gera uma amizade maior entre o educando e o educador, e fortalece os laços, eu acredito que sim, isso reflete durante a semana dentro de uma sala de aula”. (P4-EP)

“Os alunos que freqüentam o Programa se tornam amigos da escola, não picham, não estragam, não quebram as escolas, tem amor por ela e isso facilita o serviço dos educadores durante a semana”. (P5-EP)

“Principalmente em relação à disciplina, percebo que o comportamento da semana em sala de aula muda no final de semana...você percebe que ele já ouve melhor a gente conversar, você consegue conversar com ele, então através dessa conversa aí a gente leva ao conhecimento dele que da mesma forma que ele se comporta durante o sábado e domingo ele tem que se comportar em sala de aula”. (P6-EP)

PU- Aproximadamente 14,3% dos participantes do público acham que o Programa não tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula e que não representa diferença significativa. Dentre os entrevistados, 85,7% acreditam que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula, citam como principais contribuições a mudança de comportamento, a melhora no desempenho escolar, a dedicação e atenção dos educadores. Conforme observa-se nos seguintes depoimentos:

“Tem, você consegue fazer as coisas com mais facilidade. Quando a professora de Educação Artística vai passar alguma coisa pra fazer, talvez até você já tenha feito aqui na escola, aí lá você faz com mais facilidade.” (P1-PU)

“Eu acho que ajuda bastante né. Eu acho que tudo que a gente aprende, que as crianças aprendem, eu acho que na sala passa, e influi na sala de aula, porque você vê o comportamento, é muita coisa que muda, então por isso que eu acho que é muito interessante né.” (P5-PU)

“Acredito que ajuda, que tira as crianças da rua para que elas façam atividades em conjunto, com professores atenciosos”. (P6-PU)

EU/EP/PU- É notável, portanto, que as principais contribuições do Programa que são observadas em sala de aula, citadas pelos Universitários, Educadores Profissionais e participantes do Público, geralmente referem-se às mudanças comportamentais, mais do que ao aprendizado de conteúdos.

V- Dos Voluntários 28,5 % acham que o Programa Escola da Família não tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula, enquanto que 57,1 % dos entrevistados acreditam que o PEF tem auxiliado nessas atividades em sala. Desses, um não sabe explicar como e os demais acreditam que pela oportunidade de lazer, geração de renda, envolvimento dos alunos com a escola, fazem com que aprendam a ser mais educados. Cerca de 14,3 % dos entrevistados não souberam responder com certeza. Segue alguns relatos que permitiram constatar tais circunstâncias:

“Acredito que sim, porque considero importante a preocupação do governo, das entidades políticas e dos educadores de que as crianças e adolescentes disponham de um espaço para realizar atividades aos finais de semana, e de que os pais aprendam a ganhar uma renda através das oficinas...”.(P1-V)

“Acho que também quando os alunos estão no final de semana na escola eles também tão aprendendo a se educar acho que é uma maneira que ta ajudando também na sala de aula”. (P7- V)

“Acho que não, eu acho que não ajuda muito não.” (P6-V)

V- Aparentemente a maioria dos Voluntários acredita que a oportunidade de lazer oferecida aos finais de semana implicava na mudança do relacionamento dos alunos com a escola e consequentemente em mudanças comportamentais. Parecem crer também que a possibilidade de obtenção de renda, traz benefícios para família e que isso acaba repercutindo no desempenho dos alunos na sala de aula.

Com base no exposto, fica evidente que a maioria dos entrevistados afirma acreditar que o PEF constitui um recurso auxiliar das atividades de sala de aula, principalmente pelo envolvimento dos alunos com a escola, observadas, especialmente pelas alterações e

mudanças de atitudes pessoais, reveladas pela manifestação de comportamentos considerados mais adequados.

Conforme exposto por Csikszentmihalyi (1999), a sociedade precisa de mais do que boas escolas e laboratórios atualizados. A educação deve acontecer em toda a comunidade, em seus diversos ambientes.

Como você analisa o funcionamento do Programa Escola da Família?

U- A maioria dos universitários analisa que o Programa funciona bem mas requer aprimoramento. Dentre as necessidades de aprimoramento afirmam o tempo insuficiente para o desenvolvimento dos projetos, as cobranças excessivas, e indicam que existe certa desorganização no planejamento e execução do Programa. Conforme verifica-se nos seguintes relatos:

“É se tivesse menos cobrança acho que funcionava mais tranquilo, seria mais agradável trabalhar no Programa, acho que o pessoal ia trabalhar com mais vontade, seria bem melhor desenvolvido.” (P2-U)

“Acho bom na escola, mas com algumas falhas na parte burocrática. Analiso que funciona bem porque a violência diminuiu aos finais de semana. O respeito aumentou e acho que tem melhorado muito pra comunidade”.(P5-U)

“Tem escola que funciona, tem escola que não, tem hora que funciona e tem hora que não, Os eventos são desorganizados, as ordens são mal resolvidas, tem hora que fala que vai faltar e vai ficar com presença e depois fica com falta, não pode confiar nas ordens deles, Os eventos são marcados para um final de semana e em seguida mudam, eles são um pouco desorganizados.” (P4-U)

“Às vezes me sinto perdida por causa do tempo e do número de projetos, oito projetos. Acho que no Eixo Cultura o tempo é mínimo, e que nem sempre dá pra se fazer aquilo que foi pensado”. (P6-U)

EP- Dos entrevistados, 100% acreditam que o PEF tem um bom funcionamento. Dentre os Educadores Profissionais, 14,3% responderam que o programa funciona bem, mas necessita de aprimoramento. Outros 14,3% acreditam que o programa funciona bem, mas deixam subentendido que ele está passando por aprimoramentos necessários desde sua implementação. Já, 42,8% dos respondentes consideram o Programa bom e que atende as necessidades do público e da escola. E 14,3% consideram o Programa como a melhor iniciativa e projeto do Governo. Conforme ilustram alguns relatos:

“Em geral eu acho que contribui muito pra comunidade porque a criança não tem um clube pra ir, fica sempre vendo televisão, jogando videogame, tirou ele disso.

Ele voltou a brincar, a jogar bola, a jogar basquete, peteca ... Muita brincadeira que a gente faz aqui tava morta, essas brincadeiras, criança adolescente não fazia isso, o adolescente vem brincar de corda aqui.” (P1-EP)

“Acho que está funcionando bem, mas necessita de aprimoramento e acredito que vai melhorar. Eu acho que vai melhorar muito e tem que melhorar, mas que ele já tá bem, que eu acho que o funcionamento não tá assim maravilhoso, de parabéns, mas já tá ótimo, eu acho que vai chegar lá se Deus quiser, eu acredito que vai dar certo e vai melhorar muito, eu sou uma das pessoas que acredito muito no Programa Escola da Família.” (P2-EP)

“Olha o Programa Escola da Família eu vejo assim como um Programa muito bom. Eu sou fã desse Programa né, as propostas dele são bem legais assim, que vem de encontro mesmo as necessidades do público porque as escolas abrem e oferecem vários tipos de curso que a pessoa se identifica e pode fazer tudo gratuitamente, eu acho muito legal.” (P4-EP)

“Acredito que o Programa é bom, que os frequentadores pegam amor e não destroem, eles saem das ruas e das coisas erradas e se interessam pelo Programa até se oferecendo como voluntários”. (P5-EP)

“Olha o que eu tenho pra falar pra você é o seguinte, eu acho que isso daí, dos projetos do Governo do Estado, eu acho que foi um dos que mais eles acertaram porque, se você sair em algumas escolas você vai ver que têm público, outras escolas não têm público, pras que têm público você faz a seguinte pergunta... O que seria dessas crianças se a escola estivesse fechada hoje, se não houvesse o Escola da Família, onde estariam essas crianças?...” (P6-EP)

“É o funcionamento é bom, ele é bem, é difícil né, tudo tem que funcionar muito bem, tudo tem que se encaixar direitinho pra que esse programa vai ter um nome realmente do jeito que ele já está tendo e pra que as coisas aconteçam da melhor maneira, então ele tem sim uma organização e tem que existir essa organização né”. (P7-EP)

PU- Para os frequentadores, 100% dos entrevistados acreditam que o Programa tem funcionado bem. Mas nem todos esclarecem o porquê, aqueles que o fazem acreditam que o Programa foi uma boa opção de lazer para a comunidade. Conforme depreende-se pelos depoimentos:

“Como um todo eu acho maravilhoso pra todos nós e pra todos aqueles que participam e nós fazemos de tudo pra contribuir pra levar a mensagem, levar mais pessoas pro Programa.” (6-PU)

“Ah, eu acho que é ótimo, funciona muito bem e eu acho que foi a melhor coisa que fizeram porque antes aqui as escolas eram depredadas, porque acho que eles não tinham, principalmente as crianças né. Os jovens e os adolescentes, eles não tinham aonde, aqui no bairro nosso que é mais pobre né, não tinham aonde, não tinham como fazer nada. Então, com a escola aberta, com esses cursos, com essas atividades todas que têm eu acho que foi muito bom pra formação deles, eles têm um local pra ir né, eu acho muito bacana, o Projeto aqui é muito bom.” (P5-PU)

V- Aproximadamente 57,1 % dos entrevistados acreditam que o Programa Escola da Família tem funcionado bem. Outros 28,5 % dos entrevistados consideram que o PEF tem bom funcionamento, mas requer aprimoramento porque falta divulgação e ele é pouco valorizado e aproveitado pelos professores. Os 14,3 % restantes consideram que o Programa funciona mal e que exista muita cobrança sobre os universitários devido a “politicagem” e alvo de estatísticas políticas em torno do projeto. A seguir, exemplos dos relatos:

“Acho que é uma iniciativa que deu certo. Lamento por nem todos poderem participar por trabalharem no horário ou por problemas de transporte. Considero como um progresso para todo mundo”. (P1-V)

“Está com uma estrutura boa, mas falta divulgação do Programa, para ter mais público e voluntários”. (P7-V)

“Acho bom e sempre fui a favor do Projeto, acho que poucos professores valorizam e aproveitam o Programa, não só para ser voluntário, mas frequentar e mandar os filhos”. (P3-V)

“[...] Eu acho um horror a forma que eles trabalham com os universitários, eu acho um Coronelismo absurdo eles não podem conversar entre si... Então, eu acho que é um Coronelismo tremendo, eles trabalham sobre uma pressão horrorosa, é um terror o que fazem com esses universitários... E eu vejo que é muita politicagem porque eles querem tirar os universitários que estão pra colocar outros, pra falar, olha, quantos que já passaram pelo Programa. Colocar estatística de Política. Bem rude, mas eu acho isso.” (P2-V)

A maioria dos entrevistados acredita que o PEF tem funcionado bem e atendido as necessidades de lazer da comunidade. Mas vários entrevistados, acreditam que o programa requer aprimoramento e, dentre os aspectos que precisam ser aprimorados foram citados a burocracia aparentemente excessiva, a falta de divulgação, as exigências referentes ao Bolsista Universitário e o tempo insuficiente para desenvolver adequadamente os projetos do Eixo Cultura em cada dia do final de semana.

Como você avalia a atuação do Programa no cotidiano desta instituição, em relação a alcançar os objetivos a que se propõe?

U- Dentre os Universitários, 100 % dos entrevistados acreditam que o Programa tem alcançado seus objetivos e parecem perceber esse alcance pela frequência e participação do público.

EP- Em relação aos Educadores Profissionais, 57,1% dos entrevistados consideram o programa bom na escola onde atua, mas que ainda não alcançou todos os seus objetivos,

requerendo aprimoramento. Desses entrevistados um citou como um dos entraves, a falta de colaboração do corpo diretivo e docente, conforme pode ser observado:

“Acho difícil avaliar isso porque não há nenhuma participação direta do diretor, de vice-diretor né, então fica meio complicado, mas têm funcionado, tanto tem funcionado que o público aqui é bastante.” (P3-EP)

Ainda, 42,8% dos EP consideram que o Programa tem alcançado seus objetivos, sendo positivo para a escola também para a comunidade como opção de lazer e oportunidade de geração de renda.

PU- Do Público participante, 85,7% dos entrevistados acreditam que o Programa tem alcançado seus objetivos na unidade escolar na qual o frequentam. Outros 14,3 % acreditam que alcança, mas não afirmam com certeza os motivos, pelo pouco tempo de frequência ao programa.

Aqueles que justificam a afirmação acreditam que o programa tem alcançado seus objetivos pelo ensino dos educadores, pela frequência do público e por atender as necessidades da comunidade.

V- Para os Voluntários, 85,7 % dos entrevistados acreditam que o Programa tem alcançado os objetivos a que se propõe nas suas escolas de atuação e percebem isso principalmente com base na boa frequência do público, mesmo sendo espontânea em atividades informais; outro dado significativo é que consideram positiva a abertura da escola para as crianças. Desses, um acha que o PEF alcança os objetivos a que se propõe mas não sabe explicar como. E 14,3 % dos voluntários não souberam responder.

É notável, portanto, que a maioria de todos os conjuntos de entrevistados acredita que o PEF tem alcançado os objetivos a que se propõe nas escolas onde atuam no final de semana. Similarmente, percebem esse alcance principalmente pelo índice de público, pela oportunidade de lazer para comunidade e pelas mudanças observadas com relação ao convívio social, aos comportamentos e, mais do que isso, à própria imagem que a escola passou a ter para eles, conforme demonstram os seguintes depoimentos:

“Eu acho que tem sim porque continua bastante gente vindo aí, eu acho que tão gostando todo mundo e tá fazendo as metas do Programa”. (sic) – (P6- V)

“Acho que alcança porque sempre tem público, e pela participação das pessoas vejo que está sendo muito importante”. (P5-PU)

“Acredito que sim pelas condições financeiras porque eles não têm aonde ir, não têm lazer, o bairro é distante, então encontram essa oportunidade de lazer e recreação na escola”. (P6- EP)

“Ai eu acho que sim, com certeza os objetivos dele estão tudo em cima do que nós estamos procurando, vários cursos e pretendemos assim que, estender mais... Mais coisas diferentes pra nós né, e também uma cooperativa pra nós seria assim um objetivo né pra todos.” (P6-PU)

“Estou no Programa há um ano e meio e observo grandes mudanças nas pessoas e vontade de aprender, acho que os educadores e o público já formaram uma comunidade, uma família. E que o público está satisfeito com o trabalho realizado, porque fazem feiras, bazar, festas, todos se reúnem, para mostrar e vender suas coisas”. (P6-U)

“Acho importante as crianças participarem da escola no final de semana, acredito que elas estejam mais ligadas à escola e que agora vejam a escola de forma diferente”. (P1-U)

Em síntese, os depoimentos dos entrevistados parecem enunciar com bastante transparência, as percepções que elaboram acerca do funcionamento do Programa e como observam o aparente êxito da iniciativa, embora não deixem de expressar suas dificuldades. Neste sentido, parece ser significativo e relevante que, de certa maneira, seja possível observar, por parte dos participantes, a construção de uma “conscientização” aparentemente bastante fidedigna ao alcance que o Programa tem obtido.

Que cursos não são oferecidos nas atividades artísticas nesta escola em que você frequenta o programa que você gostaria que fossem oferecidos?

U- Dos Universitários entrevistados 71,4 % consideram que o quadro de atividades artísticas da sua escola de atuação está completo, não necessitando de outras atividades e, desses, dois mencionam que faltam atividades dos demais eixos. Conforme demonstram os seguintes trechos da entrevista:

“Acho que não falta curso na área artística na escola. o que falta são cursos de qualificação para o trabalho e saúde”. (P5-U)

“Acho que o quadro das atividades artísticas está completo na escola, e bem diversificado para o público. estaria faltando nos outros, nos outros falta muito, mas quanto à cultura eu acho que está ok.” (P7-U)

Ainda, dos demais respondentes, 28,5% sugerem como atividades artísticas os cursos de pintura e de música.

EP- Dos Educadores Profissionais 28,5 % estavam satisfeitos com as atividades artísticas que eram oferecidas aos finais de semana na sua escola de atuação e não apresentaram sugestões de atividades, conforme exemplifica o seguinte relato:

“Acho que nenhum, que a escola oferece tudo e que os cursos que tem são bons. eu acho que não falta nada não. eu acho que eu repetiria assim, se sair os universitários, sempre os mesmos porque são coisas boas.” (P1-EP)

Outros 42,8% dos entrevistados citaram como sugestões de atividades artísticas: dança, teatro, bordados, capoeira, artesanato em pintura à óleo e argila. Desses respondentes que apresentaram sugestões, dois citaram atividades que não são consideradas como artísticas: lutas, Inglês, Espanhol e informática. Um deles demonstrou dúvida em relação ao eixo, parecia perceber que as atividades eram de outro eixo. Cerca de 14,3% dos entrevistados acreditavam que sua necessidade de atividades, bem como parceiros e voluntários, ocorria em relação ao eixo qualificação para o trabalho. Outros 14,3% dos EP não citaram atividades como sugestão mas, mencionaram a necessidade de espaço físico e materiais adequados para o desenvolvimento delas, conforme segue depoimento:

“Gostaria de ter uma quadra de areia e uma sala mais adequada só pra artes, porque essas atividades são desenvolvidas no pátio. não penso em cursos porque os que já tem são bons, penso na necessidade de material certo, em quantidade e qualidade”. (P5- EP)

PU- Dos entrevistados, 28,5% consideram que as atividades artísticas que a escola possui em seu quadro são suficientes.

“Acho que já tem o essencial e que as atividades que já têm são boas”. (P2-PU)

“Ah, nenhum. acho que já tem o suficiente.” (P7-PU)

Outros 14,3% dos participantes preferiram não opinar a respeito:

“Não sei, porque, como freqüento há pouco tempo e fico poucas horas não conheço todos os cursos. e não tenho tempo de vir, além das duas horas, então prefiro não opinar” . (P4-PU)

Cerca de 42,8% dos entrevistados sugerem como opção de cursos, o bordado, o crochê, a pintura em tecido e o curso computação ou informática. Dessas atividades citadas o curso de bordado não se encontra discriminado nem na listagem do eixo cultura, nem na listagem do eixo qualificação para o trabalho, o curso de crochê faz parte da listagem do Eixo Qualificação para o Trabalho e o curso de computação ou informática também pertence ao Eixo Qualificação para o Trabalho. a informática ou computação foi citada por dois dos entrevistados, dos quais um mencionou que tinha o conhecimento de que não pertencia ao Eixo Cultura, mas que não se recordava de outros cursos.

V- Dos Voluntários entrevistados 100 % citaram sugestões de atividades para integrar o quadro de atividades artísticas no fim de semana. As atividades citadas foram: teatro, dança, alongamento, redação, cursinho vestibular, desenho, informática, campeonatos esportivos, crochê, recreação.

V- Dessas atividades citadas pelos Voluntários apenas quatro pertencem ao Eixo Cultura, o que demonstra que os respondentes não relacionam as atividades do Programa com seus respectivos eixos, conforme alguns exemplos de relatos:

“Cursos preparatórios para o vestibular, ou para conhecer as áreas e cursos que eles podem ingressar”. (P7- V)

“Desenhos, curso de informática, alguns campeonatos de bola, crochê, recreações”. (P5-V)

“Acho que poderia voltar o alongamento para jovens e para segunda idade. e os cursos de redação e cursinho preparatório”. (P3-V)

Grande parte dos entrevistados sugere atividades artísticas para complementarem o quadro das atividades de que participam no Programa. Entretanto, muitas vezes, os respondentes citam atividades pertencentes a outros eixos como sugestão, pois parecem não ter claro a classificação proposta pela organização do Programa, das atividades com os seus respectivos eixos, como no caso de Inglês, Espanhol, informática e lutas. Em síntese, o conjunto de atividades para o Eixo Cultura, sugeridas pelos respondentes, indicaram as seguintes: dança, teatro, bordados, capoeira, artesanato em tinta à óleo, pintura em tecido, desenho e argila.

O que te levou a se tornar voluntário do Programa?

V- Aproximadamente 28,5 % dos voluntários entrevistados começaram a atuar no programa por disposição e vontade própria de ensinar e ajudar o outro. Conforme demonstram as seguintes respostas:

“Acredito que quando alguém procura o Programa, como eu, é porque ela está disposta a receber e trocar experiência”. (P1- V)

“Ah, porque gostava né, ficava olhando, comecei gostar e fiquei de voluntário aí. Fiquei ajudando aí... Eu gosto de ficar ajudando os outros, eu gosto de ajudar as pessoas.” (P4- V)

Outros 28,5 % começaram a participar do programa a partir de convite feito por pessoas que já estavam no projeto no fim de semana.

“Fui convidado e aceitei porque gosto de ensinar e de dividir o que sei.” (P5-V)

“A pedido das alunas que me viram fazendo crochê no fim de semana quando assistia a um filme no Programa”. (P3- V)

Dos demais Universitários entrevistados, 14,3 % aderiram ao programa por problemas de saúde: depressão. E 28,5 % ingressaram no programa visando escolher uma profissão e conseguir uma vaga do Bolsa Universidade.

“É pra ajudar as Pessoas e pra mais pra frente tentar fazer faculdade também, pra mim conseguir pegar uma vaga na faculdade.” (sic) – (P6-V)

“Ah, é a oportunidade de escolher uma profissão, acho que isso vai ajudar muito pra mim, acho que foi por causa disso.” (sic) – (P7- V)

V- Aparentemente, embora os Voluntários tenham aderido ao programa pelas mais diferentes razões, todos tinham em comum a motivação por ajudar o outro, ainda que alguns deixassem claro que visavam a longo prazo um retorno por sua ação voluntária. Já que a participação voluntária no Programa poderia servir como critério de desempate, concedendo pontos no processo seletivo para o participante pleitear uma bolsa como Universitário do Programa Escola da Família.

Assim, tendo em vista que alguns voluntários do programa, conforme evidenciaram os dados, eram motivados simplesmente por ajudar o próximo, suas personalidades podem estar relacionadas com o que Csikszentmihalyi (1999) chama de personalidade autotélica, que segundo ele, denota aquele indivíduo que realiza uma atividade por si mesma, sem alcançar uma meta externa posterior: “As pessoas autotélicas se preocupam menos consigo mesmas e, portanto, possuem mais energia psíquica livre para experimentar a vida”. (p. 121).

Com base no exposto, os depoimentos dos participantes (P1-V e P4-V) parecem demonstrativos de indivíduos autotélicos, pois conforme o autor esclarece, o termo autotélico se aplica aos indivíduos que vêem importância naquilo que fazem, sem buscar recompensa, porque se sentem gratificados pela experiência em si, pois numa atividade autotélica a realização da experiência ou a vivência do processo é a meta principal.

Qual (is) a (s) sua(s) atividade (s) preferida (s) no Programa?

PU- Dos participantes do Público entrevistados, 28,5 % citaram como atividades preferidas as esportivas, sendo elas: vôlei e ping-pong. Outros 57,1 % citaram as atividades artísticas do

Eixo Cultura e do Eixo Qualificação para o Trabalho como as suas preferidas. A maioria dessas atividades eram comuns aos dois eixos sendo elas: pintura, artesanato e pintura em tecido. A atividade de meia de seda pertencia somente ao Eixo Cultura.

As atividades do Eixo Cultura e do Eixo Qualificação para o Trabalho, em comum nas duas listagens, parecem se relacionar à possibilidade de obtenção de renda financeira. O Eixo Saúde não teve nenhuma atividade mencionada, o que parece reforçar a preferência do público e sua vinculação às atividades esportivas, seguidas pelas atividades culturais e de qualificação para o trabalho, sendo o Eixo Saúde o menos procurado.

Segundo Csikszentmihalyi (1999), para fazer o melhor uso do tempo livre, é necessário empreender engenhosidade e atenção, o que parece estar de acordo com o referido por um dos entrevistados:

“Se eu pudesse eu faria todas porque eu adoro trabalhos manuais. A preferida é pintura em tecido e meia de seda” (P6-PU)

Nesse sentido, o autor afirma que: “Toda a arte popular - as canções, os tecidos, a cerâmica e as esculturas que dão a cada cultura sua identidade e renome particular - é resultado da luta de pessoas comuns pela expressão de sua melhor habilidade no tempo que sobra do trabalho e das tarefas de manutenção.” (p.77)

Dos projetos desenvolvidos por você no Programa, quantos pertencem ao Eixo Cultura? Descreva e comente sobre essas atividades.

V- Dos Voluntários entrevistados 14,3% desconheciam os Eixos do Programa e não identificavam para que Eixo pertencia seu projeto. Conforme observa-se no relato:

“Não sei o que é isso”. [Após explicação sobre os eixos] “Então deve ser de qualificação né, porque faz esse artesanato, a pessoa pode vender ou não, então eu acho que é isso né”. (P2-V)

Outros 28, 5% dos entrevistados desenvolvem projetos do Eixo Cultura: dança e desenho de mangá.

“Acho que a dança é uma cultura e dou um alongamento antes da dança para não doer o corpo”. (P5-V)

“O meu projeto agora é passar a cultura japonesa pras pessoas porque ninguém sabe a variedade, o poder do desenho pra vida da pessoa, porque o desenho mudou a minha vida e eu acho que eu posso ajudar as outras pessoas mudando a delas também”. (P7- V)

Cerca de 28,5% dos entrevistados não desenvolvem projetos do Eixo Cultura, um já desenvolveu e o outro acredita que indiretamente seu projeto trata de segmentos da cultura, mesmo não pertencendo a esse eixo.

“Não desenvolvo projetos nesse eixo, mas indiretamente trato de segmentos da cultura porque abordo eventos no projeto Agente Receptivo da Área de Turismo”.
(P1-V)

Outros 14,3% dos Voluntários não desenvolvem projetos, sua função é de auxílio aos Educadores do Programa. Os 14,3% restantes relacionam seus projetos à cultura popular, mas não esclarecem o eixo do projeto, que na verdade pertence ao Eixo Qualificação para o Trabalho.

“O crochê faz parte da cultura popular né, que é passado de pais pra filhos, pra avós, então eu acho que faz parte até do nosso folclore brasileiro, então tapeçaria que a gente faz tapetes, então é uma cultura popular né.” (P3-V)

Os resultados demonstram que a maioria dos Voluntários entrevistados não desenvolvia atividades relacionadas ao Eixo Cultura. Além disso, aparentemente, alguns Voluntários não têm clareza a respeito de que eixo seu projeto está vinculado. Também é notável a existência do vínculo do Voluntário com o Programa, não voltado exclusivamente para o desenvolvimento de projetos mas, para o auxílio às atividades desenvolvidas pelos demais educadores do Programa Escola da Família.

Csikszentmihalyi (1991) entende que a cultura cumpre sua função quando a consciência está organizada para sustentá-la e dirigi-la e que a organização da consciência é a questão central da cultura. Nossos valores, visões de mundo e até as decisões que tomamos, se originam no modo como nossa consciência está organizada.

Em referência a esse tema, Santos (s/d) afirma que as preocupações com cultura têm se orientado por duas concepções básicas: ou tratam da totalidade das características de uma realidade social ou dizem respeito ao conhecimento que a sociedade tem da realidade e à maneira como o expressam. Para o autor, o relacionamento entre essas duas concepções pode ser um instrumento para compreensão da cultura e estudar as sociedades contemporâneas.

Assim, “[...] cultura passa a ser entendida como uma dimensão da realidade social, a dimensão não material, uma dimensão totalizadora, pois entrecorta os vários aspectos dessa realidade”. (SANTOS, s/d, p.30)

Quais são os aspectos positivos e os negativos que você identifica para o funcionamento do Programa?

U- Dentre os aspectos positivos identificados pelos Universitários para o funcionamento do Programa constam: as capacitações e cursos, a abertura das escolas, a oportunidade de lazer, a participação e aceitação do público frequentador, o horário de funcionamento, a preservação do prédio, o companheirismo. Desses aspectos positivos foram citados em comum as capacitações e o público.

Dentre os aspectos negativos identificados pelos Universitários para o funcionamento do Programa constam: as cobranças e exigências, a necessidade de maior abertura para participação em cursos extras, mais capacitações com profissionais qualificados, o tempo insuficiente para o número de projetos, e o caderno de frequência. Desses aspectos negativos foram citados em comum as exigências, cobranças e o número de projetos.

U- Os Universitários entrevistados referem como aspectos positivos, as oportunidades de capacitação e participação em cursos, embora mencionem não ocorrerem na frequência desejada. Outros aspectos considerados positivos dizem respeito ao que o Programa proporciona em termos de relacionamento social, oportunidades de lazer e a preservação dos bens públicos pela coletividade.

Aparentemente, os principais aspectos negativos referidos pelos Universitários dizem respeito a burocracia excessiva e algumas necessidades que eles percebem, de serem promovidas mudanças na estruturação do programa.

EP- Cerca de 85,7% dos entrevistados apresentaram aspectos negativos para o funcionamento do programa. Os aspectos apresentados por eles foram: resistência a abrir os espaços da escola, falta de apoio da direção, antipatia pelo programa, verba pequena, necessidade de capacitação sobre motivação para os universitários, necessidade de verba complementar para alimentação. Apenas 14,3 % dos entrevistados não apresentaram aspectos negativos. 100% dos entrevistados apresentaram aspectos positivos para o funcionamento do programa, esses foram: abertura das escolas, apoio da comunidade, aumento de frequentadores, capacitações para Universitários, Bolsa dos Universitários, lazer para as crianças.

EP- Os Educadores Profissionais foram unânimes em identificar aspectos positivos do Programa, dentre os quais, destacaram o funcionamento durante os finais de semana, que amplia as possibilidades de participação do público, as relações que se estreitam entre os agentes do programa na escola com a comunidade, a ampliação do número de frequência do público e em especial, a oportunidade de lazer destinada às crianças, além do auxílio

financeiro e da formação profissional que promove para os universitários que participam do programa.

Os aspectos negativos apresentados pelos Educadores Profissionais parecem ser aqueles que influenciam diretamente sua atuação como coordenadores das atividades e educadores do Programa aos finais de semana.

PU- Os aspectos positivos identificados pelos entrevistados para o funcionamento do programa foram: a escola como local de lazer, a estética dos trabalhos, a oportunidade de aprendizado e lazer para as crianças e os cursos.

Os aspectos negativos identificados pelos entrevistados para o funcionamento do programa foram: adultos e crianças como alunos numa mesma atividade, a necessidade de valorização do voluntário.

Dos entrevistados, 14,3 % não souberam responder a pergunta. 28,5 % não apresentaram aspectos negativos e 14,3 % acham que tudo está bem e não mencionaram nem aspectos positivos, nem negativos.

PU- De maneira geral, os participantes do público parecem ver mais aspectos positivos para o funcionamento do programa do que negativos. Dentre os aspectos negativos apresentados alguns vêem a participação de pessoas de diferentes faixas etárias numa mesma atividade como um problema. Entretanto, conforme verificado no campo pela pesquisadora e referido por outros entrevistados durante as entrevistas, isso provavelmente é uma riqueza que a dinâmica com que está estruturado o Programa, acaba propiciando.

V-14,3 % dos respondentes consideram que o programa tem bom funcionamento, mas não apresentaram aspectos positivos e nem negativos. Outros 14,3 % dos voluntários consideram que o Programa funcione bem, mas requer aprimoramento para melhora do desempenho.

Cerca de 71,4 % dos entrevistados apresentaram como principais aspectos positivos para o funcionamento do programa: a formação de um núcleo familiar aos fins de semana, o fato de tirar as crianças das ruas e oferecer lazer, a participação e aumento do público.

Quanto aos aspectos negativos, do total de entrevistados, 14,3 % não apresentaram aspectos negativos. Os principais aspectos negativos apresentados pelos demais respondentes foram: descaso e preconceito com relação ao programa, necessidade de mais cursos e divulgação, falta de atividades.

V- Os aspectos positivos apresentados pelos Voluntários dizem respeito a ampliação do acesso ao lazer e os negativos a fatores dificultadores dessa oportunidade.

Os principais aspectos positivos apresentados pelos entrevistados com relação ao funcionamento do Programa foram: as capacitações, a saída das crianças da rua com a

abertura das escolas aos finais de semana, a oportunidade de participar de atividades de lazer e aprendizado para comunidade e a gratuidade dos cursos. Alguns aspectos positivos apresentados são muito particulares de cada grupo de entrevistado, como por exemplo, os citados pelos Universitários com relação ao companheirismo e trabalho em equipe. Outros aspectos positivos que podem ser destacados foram a bolsa de estudos concedida aos Universitários do Projeto, a preservação do patrimônio público, o apoio da comunidade e o aumento do público.

Dos aspectos negativos, em relação ao funcionamento do Programa ocorre certa resistência à aceitação da abertura das escolas aos finais de semana. Os outros aspectos negativos são muito subjetivos e dependem das necessidades percebidas por cada um dos grupos de participantes. Os Universitários vêem como aspectos negativos a burocracia para sua participação em cursos fora do Programa, as cobranças e regras, além do fato de terem que desenvolver projetos somente de forma individual. Açam que o número de projetos pelos quais são responsáveis, geralmente 8 projetos, é excessivo e que o tempo de execução das atividades se torna insuficiente. Acreditam que deveria haver mais capacitações com profissionais especificamente qualificados nas áreas que se referem aos eixos do Programa. Além disso, consideram o controle de frequência como algo negativo, visto que aparentemente, comprometem a agilidade do andamento das atividades.

Os Educadores Profissionais citaram como aspectos negativos, as verbas insuficientes, a resistência do corpo diretivo à abertura dos espaços escolares, uma eventual antipatia pelo Programa e a necessidade de mais capacitações para os Educadores Universitários, principalmente com relação à promoverem maior motivação.

Os Participantes do Público mencionaram como aspectos negativos, a realização de atividades nas quais participam pessoas de diversas idades. Sugerem a necessidade de realizar atividades conforme a faixa etária, separando adultos de crianças. Acreditam que deveria existir também, uma ajuda financeira ou cachê para o voluntário, especialmente no caso de pessoas que, apesar de disporem de condições econômicas precárias, passam o dia todo colaborando efetivamente com o Programa.

Já os Voluntários apontaram como aspectos negativos para o funcionamento, certo preconceito ou resistência do público em participar de algumas atividades por se considerarem sem preparo para o aprendizado. Além da necessidade de contarem com mais cursos e atividades. Afirmam ainda, que a divulgação do Programa é insuficiente.

Comente como você analisa a importância do Programa nesta escola e nos demais bairros onde ele ocorre?

U- Dos Universitários entrevistados 100 % consideram o Programa importante para a escola e o bairro na qual ela se localiza. 57,1% dos universitários mencionam que a importância do programa está em tirar as crianças da rua. Outros motivos da importância do Programa citados são o lazer, a diminuição da violência, e a oportunidade de aprendizado.

U- Todos os universitários entrevistados consideram a importância do Programa para a escola e demais bairros da cidade, principalmente pela oportunidade de lazer e distanciamento das crianças da rua.

EP- 100% dos Educadores Profissionais entrevistados consideram o programa importante para a escola e os demais bairros da cidade onde ele ocorre. Justificam sua importância por tirar as crianças e jovens da rua e do sedentarismo, e os distanciando da marginalidade e das drogas, e também por oferecer aprendizado informal, cursos gratuitos, atender as necessidades de lazer da comunidade substituindo a falta de um clube ou área de lazer, por promover o respeito pelo patrimônio e a identificação com a escola.

EP- Todos os Educadores Profissionais consideram o Programa como importante para a escola e comunidade e justificam sua importância principalmente pela oportunidade de acesso ao lazer e distanciamento da marginalidade.

PU- No caso do Público, 100 % dos entrevistados consideram importante o funcionamento do Programa na unidade da qual frequentam e nos demais bairros onde ele ocorre. Dentre seus comentários sobre a importância do Programa destacamos: tirar as crianças da rua, desenvolver habilidades e interesse pelos estudos, a importância para comunidade carente, pela gratuidade e oportunidade de lazer, o incentivo a educação de pais e filhos

PU- Todos os participantes do Público também reafirmam a importância do Programa principalmente pela oportunidade de lazer e distanciamento das ruas.

V- Do total de Voluntários entrevistados 100 % consideram importante o funcionamento do Programa Escola da Família na escola de atuação e nos demais bairros da cidade onde ele ocorre. Citam como importâncias principais: tirar as crianças das ruas e afastar da violência, desenvolver talentos, assumir responsabilidade social, diversão, oportunidade de lazer e qualificação profissional para a comunidade, socialização.

V- O total de Voluntários consideram importante o Programa Escola da Família, assim como os demais participantes, pela oportunidade de lazer e distanciamento das ruas.

Todos os entrevistados consideram importante o funcionamento do Programa na escola onde freqüentavam ou atuavam nos finais de semana e nos demais bairros onde ele ocorre. Citam como fator mais significativo, a abertura das escolas localizadas em bairros periféricos aos finais de semana, como uma oportunidade de lazer e de aprendizado para a comunidade do bairro e o distanciamento das crianças e jovens da rua, o que parece ocasionar em diminuição do índice de violência. A escola é vista por muitos como um ponto de encontro, um clube de lazer para a população mais carente. O Programa parece ser visto como uma iniciativa de grande importância social.

Conforme afirma Csikszentmihalyi (1999, p. 22), a vida cotidiana não é definida apenas pelo que fazemos mas também por aqueles com quem estamos. Assim, nossos atos e sentimentos são sempre influenciados por outras pessoas. Para o autor, “com o passar dos anos, o conteúdo da experiência determinará a qualidade de vida. Portanto, uma das decisões mais essenciais que qualquer um de nós pode fazer é sobre o modo como nosso tempo é alocado ou investido” (p.17).

Neste sentido, a participação e o reconhecimento do Programa parece atestar a aprovação dos que dele participam, especialmente por constituir uma importante possibilidade de empregar seu tempo, na convivência prazerosa com o grupo que integra. Nas palavras de Csikszentmihalyi (1999, p. 59) “Uma pessoa que cresce experimentando a maior parte do dia como sem importância e sem prazer dificilmente encontrará muito significado no futuro”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Criar é integração
Buscar a resolução
Criar é se contemplar
Reencontro com novo olhar
E ao se redescobrir
antever o que está por vir.

Em relação às atividades artísticas do Eixo Cultura e também às atividades do Eixo Qualificação para o Trabalho, o Programa Escola da Família tem se voltado para o ensino de Artesanato.

Faz-se oportuno, portanto, discorrer sobre as manifestações artesanais, no intuito de promover, não apenas um esclarecimento necessário acerca de eventuais pré-conceitos resultantes da concepção de que o artesanato constitui uma forma de arte menor, se comparada à Arte consagrada – esta, geralmente relacionada aos clássicos da História da Arte, como também, no sentido de discutir a sua significação enquanto expressão de valores e tradições culturais, representativos da identidade de uma determinada comunidade.

O artesanato, assim como outras atividades do campo das Artes Visuais, pode demonstrar o esforço do artesão/artista na solução de problemas e expressar a sua criatividade, que pode ser percebida na busca de novos materiais ou suportes para execução da obra, no domínio e apropriação de técnicas existentes e na criação de alternativas para expressar a sua temática. Também é possível reconhecer em trabalhos artesanais características do produto criativo como originalidade e inovação, expressas pela literatura científica sobre criatividade.

Nesse sentido, conforme afirma Santos (2004) devido às contribuições culturais advindas da colonização e a diversidade geográfica e cultural, o interior Paulista é capaz de produzir um artesanato diversificado, que é a maior característica da sua produção artesanal. Não obstante, segundo ele, a industrialização do Estado restringiu a criatividade dos artesãos e os espaços para sua manifestação, e a tendência atual é a de recuperar o “saber fazer” e resgatar as produções artesanais.

Conforme declara Santos (2004) há alguns fatores que contribuem na produção das peças artesanais como: a influência da configuração geoambiental, a disponibilidade de recursos naturais, a cultura representativa de uma sociedade, ou seja, o imaginário coletivo e individual.

O autor esclarece que a industrialização incutiu a idéia de que o artesanato era rústico e pouco desenvolvido, ou seja, obsoleto. A partir daí instaurou-se o preconceito contra o que é artesanal e o artesanato passou a ser requisitado mais pela sua estética do que pela sua função utilitária.

Segundo Santos (2004), atualmente, em decorrência da globalização e massificação, os produtos artesanais estão sendo procurados novamente por se distinguirem dos padrões e serem carregados de simbologia e histórias. “Essa valorização, em escala global, da criatividade e os saberes da população mais simples reflete-se no atual resgate do artesanato paulista, depois de cinco séculos de existência e um longo período de declínio”. (p. 120)

Santos (2004) esclarece que atualmente existem programas para valorização das raízes culturais e tradições populares, que além de gerarem renda, proporcionam a valorização do artesanato. Esses têm resgatado as técnicas artesanais quase extintas e estimulado as temáticas originais de cada comunidade, além de aproximar os artesãos dos pólos consumidores.

O autor afirma que, embora o termo artesanato seja usado mais comumente para denominar o “saber fazer” do povo manifestado em objetos, abarca manifestações como a arte popular, o artesanato e os trabalhos manuais. Sobre a classificação do termo, o autor comenta que “Independente da sua classificação, é importante conhecer sua distinção para entender suas diferenças de valor, tanto econômico quanto sociocultural, e suas complexas relações com a cidade ou região de origem”. (p. 123)

Santos (2004) esclarece que conforme a Portaria da Superintendência do Trabalho Artesanal das Comunidades (SUTACO), o artesanato é considerado como todo trabalho manual em que há mais de 80% de trabalho das mãos do artesão, com ou sem auxílio de instrumentos rudimentares, para transformação da matéria bruta, geralmente comum na região, em produto acabado que reflete traços da cultura local. Já os trabalhos manuais são os artefatos que envolvem no mínimo 60% de trabalho manual produzido a partir de receitas de domínio público com materiais geralmente industrializados, sem traços culturais peculiares e comumente encontrados como o crochê, o tricô, o bordado, a pintura em tecido, o ponto cruz, dentre outros.

Com base nas afirmações de Santos (2004) a respeito do artesanato, é possível inferir que as atividades do Programa Escola da Família nem sempre são representativas da comunidade e nem expressam temáticas significativas para ela, mas se vinculam mais a reprodução de técnicas e a um “saber fazer” que nem sempre estimula a busca da identidade cultural da comunidade e o estímulo à criatividade. Mas procura servir ao desenvolvimento de

competências e habilidades manuais, pela reprodução de técnicas, através da execução de trabalhos manuais que sirvam para qualificação profissional e geração de renda.

Isso parece de acordo também com o que afirma Santos (s/d) de que cultura é uma produção coletiva e está em transformação, sendo considerada como criativa. Esse autor entende a cultura popular como as manifestações independentes da cultura erudita, e que estão fora de suas instituições, mesmo sendo contemporâneas a ela.

Com a sua pesquisa sobre o artesanato paulista, Santos (2004) constatou a grande diversidade da produção artesanal, além de concluir que através de pesquisas é possível a descoberta e a criação de novas técnicas artesanais, como no exemplo citado de Araraquara, município do interior paulista, de artefatos elaborados em casca de laranja e bagaço de cana, feitos através de moldagem e aplicação de pirografia que, segundo o pesquisador, conservam a presença da lavoura e a representatividade da terra.

Ainda, o autor comenta que também pode ocorrer o resgate de técnicas já quase esquecidas e extintas, para manter viva a representatividade artesanal paulista. Segundo o autor: Os esforços para identificar, recuperar e dinamizar tais atividades, contribuem à preservação da diversidade cultural paulista e contribuem para o reforço da cidadania de seus criadores. (SANTOS, 2004, p. 138).

Assim, o autor confia que o estímulo a essas manifestações e atividades contribui para sua expressão, criatividade, representatividade e ampliação do acervo artístico e cultural.

Desse modo, reunir artesanato e estímulo à criatividade seria um ganho excelente para o Programa Escola da Família, visto que também atenderia aos anseios da comunidade, conforme foi destacado em dois trechos do depoimento de um participante que acredita que a formação de uma cooperativa para divulgação e comercialização dos trabalhos artesanais ali produzidos, seria importante para todos.

“Ai eu acho que sim, com certeza os objetivos dele estão tudo em cima do que nós estamos procurando, vários cursos e pretendemos assim que, estender mais que as pessoas coloca (sic) mais coisas diferentes pra nós né, e também uma cooperativa pra nós seria assim um objetivo né pra todos.” (P6-PU) [em relação ao Programa alcançar seus objetivos]

“[...] Então ali nós estamos buscando bagagem pras nossas atividades, aprendendo coisas. Só como eu já disse, nós não temos aonde expor, botar em prática tudo o que aprendemos, porque não temos aonde vender o nosso trabalho.” (P6-PU) [em relação ao desenvolvimento cultural dos participantes]

Portanto, mais do que ensinar simplesmente a reprodução de técnicas, poderia também caber ao Programa Escola da Família criar ações para apoiar a comunidade na divulgação dos resultados da sua produção, assim a formação de grupos e associações representativas dos

artesãos, poderia ser um estímulo para ampliar as produções artesanais, representativas da comunidade.

Nesse sentido, o Programa poderia também investir em capacitações com profissionais aptos, que envolvessem todas as instâncias de Educadores do Projeto, mesmo aquelas que não atuam no ensino como é o caso do Educador Profissional que orienta os projetos e incluindo, também, os Voluntários. Assim, na transmissão de técnicas estaria vinculado o estímulo da criatividade e a possibilidade da criação de novas técnicas pelos participantes e Educadores. Dessa forma, além da prática seriam incorporados conhecimentos sobre o fazer artístico, a ampliação da criatividade, bem como, a ampliação do repertório artístico e o conhecimento a respeito da Arte.

Apesar dos projetos dos Educadores Universitários serem organizados de acordo com o mesmo modelo preconizado pelo Programa, os seus objetivos não são, aparentemente, consensuais e dependem da situação e do contexto no qual a escola se localiza.

Ainda, foi possível ao estudo, constatar que alguns dos Universitários tiveram seu primeiro contato com o desenvolvimento de atividades artísticas por meio do Programa Escola da Família, para o qual haviam adquirido alguma habilidade técnica minimamente suficiente para transmitir e que, posteriormente foram aprimorando. A pesquisa demonstrou que um dos recursos utilizados pelos universitários é o aprendizado de técnicas oferecido em revistas de artesanato, acessíveis em bancas de jornal.

Tais condições ocasionaram alguns questionamentos, quais sejam: Que implicações podem advir dessa falta de experiências para o aprendizado dos participantes do Programa e ao seu desenvolvimento criativo? O Educador Universitário é capaz de transpor os obstáculos com que se depara para que suas habilidades correspondam ao alto grau do desafio exigido, conforme Csikszentmihalyi (1999) afirma que é necessário acontecer?

Um interessante desafio com que o estudo se deparou, foi devido à ocorrência de mudanças verificadas no Programa, durante o período de realização da pesquisa mas, posterior à coleta de dados. Frente a este novo desafio e, embora a apresentação de breve análise sobre o impacto dessas mudanças não pudesse estar prevista por ocasião do início do estudo - uma vez que as alterações ocorreram posteriormente - a decisão por acompanhá-las proporcionou à pesquisadora, a reflexão sobre outros questionamentos, advindos das alterações realizadas na proposta original do Programa.

Assim, conforme mencionado anteriormente, o Programa Escola da Família sofreu algumas mudanças por ocasião da Resolução SE 82 , de 11-12-2006, que reafirma a inclusão do Programa no projeto pedagógico da unidade escolar para favorecer o desenvolvimento da

cultura de participação e colaboração da comunidade com a escola. Além disso, reforça os objetivos principais do programa de abertura da escola para a prática da cidadania, do desenvolvimento de ações sócio-educativas voltadas para o desenvolvimento da auto-estima a partir dos Eixos Norteadores: Cultura, Esporte, Saúde e Qualificação para o Trabalho, e de promoção de uma cultura de paz e do desenvolvimento educacional.

Tais mudanças implicaram no redimensionamento do programa que passou a ser desenvolvido pela Fundação para o Desenvolvimento da Educação- FDE, a quem cabe a gerência e operacionalização do PEF.

A Coordenação Regional na Diretoria de Ensino passou a ser constituída por uma comissão definida pelo Dirigente Regional de Ensino, constituindo-se de no mínimo, um Supervisor de Ensino e um Assistente Técnico Pedagógico para atuação exclusiva no programa.

Com o redimensionamento o Educador Profissional passou a ser um professor com 24 aulas atribuídas no processo inicial de atribuição de classes e aulas, pois até o término de 2006 o Educador Profissional não era, necessariamente, professor e recebia uma ajuda de custo, sem vínculo com a Secretaria de Estado da Educação.

Na reformulação, ocorreu o fechamento de várias unidades escolares, justificado pelos seguintes argumentos, disponíveis no *site* do programa: “privilegiamos as áreas mais carentes de cada município, levando-se em consideração dados comprovados de vulnerabilidade juvenil e critérios censitários como: nível de frequência às atividades nas escolas e existência de equipamentos e instalações nas proximidades das mesmas”.

Devido a redução do número de escolas participantes do programa o Coordenador de Área foi dispensado com a justificativa de que sua função tornou-se desnecessária e que o Dirigente Regional de Ensino, o Supervisor de Ensino, o Assistente Técnico, o Coordenador Técnico, o Gestor Escolar, o Educador Profissional e o Educador Universitário possuem condições de acompanhar o desenvolvimento dos projetos desenvolvidos em cada unidade escolar. Igualmente, a Equipe de Fortalecimento, que era constituída por professores de Arte, Educação Física e Educadores Profissionais substitutos foi dispensada.

Como conseqüência desta reorganização, das 27 unidades escolares da cidade de Araraquara que participavam do programa escola da família apenas 11 escolas (40,7%) permaneceram abertas, ou seja, 59,3 % das escolas fecharam.

Das 16 escolas que foram fechadas, 8 já pertenciam à lista de escolas consideradas frágeis pela coordenação regional e, tal como descrito no relatório da Coordenação, sua fragilidade devia-se aos seguintes motivos: ou a escola era central, ou possuía alunado da

semana transportado, ou devido a proximidade com outra unidade escolar, ou por causa do relacionamento com o corpo diretivo, ou por falta de universitário, ou a combinação de mais de um desses motivos.

As mudanças ocorreram, principalmente, em relação à logística organizacional.

Tais alterações de rumo dadas ao Programa, porém, permitiram detectar que a presente pesquisa permanece com seus resultados validados, assim como a mostra representativa do universo estudado e dos participantes do estudo. Ainda, se for considerado que o recorte inicial de 8 escolas para desenvolvimento da coleta de dados foi feito com base na relação de 27 escolas disponíveis e que, com a reformulação ocorrida posteriormente, 37,5% do total de escolas que constituíram o universo do estudo fizeram parte da lista das escolas consideradas frágeis e, conseqüentemente, fechadas, torna-se possível evidenciar que, em termos de proporcionalidade, o universo pesquisado se configura ampliado, correspondendo, atualmente e frente às modificações ocorridas, a 5 escolas entrevistadas dentro do universo de 11 escolas no momento disponíveis.

É possível observar que o Programa teve continuidade em escolas de periferia nas quais foi verificada maior demanda da população por ambientes e atividades de lazer disponíveis para a comunidade do bairro onde a escola se localiza, ou seja, onde os espaços de lazer são quase inexistentes. Há que ser ressaltado ainda que a presença de espaços para o lazer, em determinados bairros e nas suas proximidades, está restrita ao espaço das casas, das ruas, bares e das praças, por não disporem de centros culturais, clubes ou outros núcleos de convivência. Além de algumas praças equipadas para atividades físicas e de lazer, evidencia-se a necessidade de maiores investimentos com o objetivo de, não apenas implantar novos espaços voltados ao lazer mas, também, promover ações para sua manutenção e animação cultural.

Assim, com base nas alterações descritas, outros importantes questionamentos foram propiciados pelo estudo, acerca do Programa Escola da Família: Que conseqüências o redimensionamento do Programa e o fechamento de várias unidades escolares provocaram para as escolas que permaneceram abertas? Houve aumento do público? Em caso positivo, esse aumento não implicou na qualidade das atividades artísticas oferecidas pelo Programa, bem como, na qualidade das demais atividades?

Outra argüição importante é a seguinte: Em que medida o redimensionamento trouxe conseqüências negativas e positivas para a escola e a comunidade? Como ficou o envolvimento da comunidade com a escola e o “sentimento de pertencimento” que é uma das propostas do Programa, após o fechamento das unidades para as atividades do fim semana?

Houve aumento dos índices de violência e depredação do patrimônio nessas escolas que não mais alocam o Programa nos finais de semana? O que os participantes das comunidades que eram atendidas pelo Programa aos finais de semana têm feito com o seu tempo livre e a quais opções de lazer têm aderido?

Neste sentido, o estudo possibilitou ainda, a edição de um registro videográfico, no qual podem ser observados, ainda que parcialmente, alguns aspectos importantes, relativos às atividades e suas dinâmicas de funcionamento em momentos anteriores às reformulações ocorridas no Programa, o que poderá, no futuro, servir como elemento comparativo à nova operacionalização a que o Programa teve que aderir.

A pesquisa permitiu também, observar que alguns participantes relataram estados que poderiam ser considerados como de fluxo, no entanto, conforme já mencionado, para Csikszentmihalyi (1999) os desafios têm que ser correspondentes às habilidades para que ocorra o fluxo. Logo, o Programa Escola da Família teria que estar constantemente motivando e aumentando os desafios na medida em que as pessoas adquirem novas habilidades e competências. O estudo permitiu demonstrar, portanto, novas questões, para as quais, a análise aprofundada por meio de futuras pesquisas, poderá obter respostas. Dentre essas, inclui-se a de confirmar se os participantes do Programa têm realmente experimentado os benefícios concedidos pelas experiências de fluxo, através da experiência ótima, e em que medida isso tem contribuído para sua qualidade de vida, para ampliação da criatividade e de seu conhecimento artístico.

Concluindo, apesar de reconhecer que a educação possui um significado mais amplo que a escolarização, parece não ocorrerem ainda na medida necessária, discussões que tratem da dimensão educativa do sujeito, em outros momentos que não seja o da rotina escolar. Entretanto, é notório que no processo de formação do indivíduo, as oportunidades de vivências culturais, artísticas ou de lazer e entretenimento, desempenham relevante função, na medida que constituem práticas educativas de grande alcance, especialmente por propiciarem o acesso à experiências voltadas à educação das sensibilidades dos indivíduos. E a este compromisso, a escola não deveria se furtar. Mas, como têm ocorrido tais relações, entre o processo de escolarização e as experiências culturais e criadoras das pessoas? Quais as buscas que têm sido realizadas com o sentido de aproximar os projetos pedagógicos das escolas com as propostas de formação humana, voltadas à uma experiência crítica e criativa sobre a arte, a cultura, o lazer?

Essas são algumas das inquietações que se fizeram presentes ao longo deste estudo. E tais questões, situadas no limiar entre o processo de escolarização e as práticas sociais que

visem o acesso à vivência cultural, parecem requerer um entendimento, sob o qual, reconheçam-se interdependentes, ao ponto de possibilitar a convicção de que os processos culturais que ocorrem em momentos não escolares, são igualmente, requisitos essenciais para a elaboração dos sentidos que a escolarização obterá, junto aos componentes de uma determinada comunidade social.

Nesse sentido, o conhecimento que pôde ser sistematicamente produzido neste estudo, parece abarcar importantes pistas acerca dos interesses, concepções e valores, expectativas e percepções de educadores, voluntários e usuários do Programa Escola da Família, e essa talvez seja uma das principais contribuições que o estudo oferece. Tal como afirmado por Arroyo (2002, p.147): “a compreensão das dimensões formadoras ou deformadoras que acontecem em outros espaços sociais nos ajuda a melhor entender a centralidade e os limites da educação escolar, da formação no trabalho, da socialização na família, na rua, nos grupos de juventude” .

Sobre a dimensão não escolar da educação Canário (2006) afirma que o atual contexto educacional é influenciado pela crise da escola tradicional, somado a afirmação e descoberta da educação não-escolar. Essa nova dimensão da educação tornou-se possível, na medida em que, a educação passou a ser percebida como um trabalho que cada pessoa realiza sobre si própria, valorizando a experiência e os percursos individuais de formação. Segundo ele, uma outra condição complementar foi “uma reformulação teórica dos processos de socialização que evidenciou o forte potencial formativo das diferentes situações sociais, nomeadamente dos contextos de trabalho” (p. 116) .

Para o autor, nas práticas educativas distintas do modelo escolar as pessoas são, ao mesmo tempo, objeto, sujeito e agente de socialização/ educação, e a integração da ação educativa surge da articulação entre a pessoa, a organização e o território.

Desse modo, parece ficar demonstrado pelo estudo, que a interdependência mencionada entre escolarização e práticas sociais não-escolares podem e talvez, devam, conviver para contribuírem igualmente na formação de sujeitos sociais. Conhecer o contexto de tais relações, concebidas a partir da implementação de uma iniciativa de política pública, pode oferecer indicativos importantes que futuramente, venham subsidiar outras importantes discussões neste campo. Além disso, o estudo trouxe luz a alguns elementos que certamente, poderão propiciar extensa problematização e, dessa forma, contribuir para o aprimoramento de iniciativas, que tenham natureza semelhante à da realidade estudada.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S. de; FLEITH, D. S. **Contribuições teóricas recentes ao estudo da criatividade**. Psicologia.: Teoria e Pesquisa. Brasília, v. 19, n. 1, 2003 . Disponível em: <<http://www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 21 Out 2006.

ANDRADE, C. D. de. **Antologia poética**. 48. Ed. Rio de Janeiro: Record, 2001, p. 44 - 46.

ARROYO, M. Trabalho – Educação e Teoria Pedagógica. In: FRIGOTTO, G. (org.). **Educação e Crise do Trabalho. Perspectivas de final de século**. Petrópolis:Vozes, 2002. p.138-164.

BARBOSA, A. M. T. B. **Teoria e Prática da Educação Artística**. 3 ed. São Paulo: Ed. Cultrix, 1985.

BARRON, F. Percepción y atitude In: DAVIS, A. G. ; SCOTT, J. A.,(Ed.). **Estratégias para la Creatividad**. Tradução: Antonio C. Beraldi Jr, Revisão: Eunice V. Yoshiura. Buenos Aires: Paidós, 1975. p. 48- 62.

BOGDAN, R. e BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto editora, 2003.

BOSI, A. **Reflexões Sobre a Arte**. São Paulo: Editora Ática, 1985. (Série fundamentos)

BRASIL. **Lei Federal nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Dispõe sobre as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília,, 1996. Disponível em: <www.semesp.org.br/ldb.php>. Acesso em: 06 de março 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001. (volume 6).

BRIGHENTI, M. J. L; SANTOS, M. A. P.; SILVA, E. I. **Escola da Família: comunidade e universidade**. Bauru: Edusc, 2005. (Coleção Educar).

CANÁRIO, R. **A escola tem futuro?** Das promessas às incertezas. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CHAKUR, G. S. L. **Violência e Escola**: estudo psicanalítico de um programa educacional . Dissertação de Mestrado em Educação Escolar, Araraquara- UNESP, 2006.

COLI, J. **O que é Arte**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COSTA, A. (Org.). et al. **Escola da família**.. São Paulo: FDE, 2004. (Série Idéias, 32).

CSIKSZENTMIHALYI, M. Society, culture, and person: a systems view of creativity. In: STERNBERG , R.. (Org.), **The nature of creativity** New York: Cambridge University Press, 1988, p. 325-339.

_____. **Creativity**. New York: HarperCollins, 1996

_____. **Consciousness for the Twenty-First Century** *Zygon: Journal of Religion and Science* 26 (March): 1991. 7-26.

_____. **A descoberta do fluxo**: a psicologia do envolvimento com a vida cotidiana. Tradução: Pedro Ribeiro. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. **A Psicologia da felicidade**. São Paulo: Saraiva, 1992.

DEMO, P. **Princípio científico e educativo**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2000. (Biblioteca da educação: série I. Escola; v. 14).

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. 6. ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC/UNESCO, 2001.

DUARTE JUNIOR, J. F. **Por que Arte-Educação?** Campinas: Papyrus, 1983.

DUARTE, N. **Vigotski e o “aprender a aprender”**: crítica às aproximações neoliberais e pós-modernas da teoria Vigotskiana. Campinas, SP: Autores associados, 2000. (coleção educação contemporânea) p. 2 –69

DUARTE, R. **Pesquisa qualitativa**: reflexões sobre o trabalho de campo. Cad. Pesquisa, São Paulo, n. 115, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 18 Jul. 2007.

FREITAS, V. **Adorno & A Arte Contemporânea**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

GONCALVES, L. A. O.; SPOSITO, M. P. **Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil**. Cadernos de Pesquisa., São Paulo, n. 115, 2002 . Disponível em: <<http://www.scielo.br>. >. Acesso em: 21 Out 2007.

JANSON, H. W.; JANSON, A. F. **Iniciação à história da arte**. Tradução: Jefferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

KOTHE, F. R. **Benjamin e Adorno – confrontos**. São Paulo: Ática, 1978. (Ensaio 46)

KOELLREUTTER, H. J. **Sobre o valor e o desvalor da obra de arte**. *Estud. av.* [online]. set./dez. 1999, vol.13, no.37 [citado 31 Janeiro 2006], p.251-260. Disponível em: www.scielo.br/scielo>. Acesso em: 12 nov. 2006.

LANIER, V. Devolvendo Arte à Arte-Educação. In: BARBOSA, A. Mae. (Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

LOWENFELD, V. e BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora**. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

LÜDKE, M. e ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MELO NETO, J. C. de. **Morte e Vida Severina e outros poemas para vozes**. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p. 46.

OSBORNE, A. Managerialism: treatment or illness? *Education*, 4 July, 1986, p.19. In: NOVOA, A. (Org.). **As Organizações Escolares em Análise**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1995. Temas de educação 2. Coleção Nova Enciclopédia

PERRENOUD, P. **Escola e Cidadania: o papel da escola na formação para a democracia**. Tradução: Fátima Murad. Porto Alegre: Armed, 2005.

PORCHER, L. **Educação Artística- luxo ou necessidade?**.5. ed. São Paulo: Summus, 1982.

SANTOS, J. L. **O que é cultura**. São Paulo: Circulo do Livro, s/d.

SANTOS, R. Artesanato Paulista: Técnicas e Materiais da Terra. Cap. 3, p. 117 a 137. In: SETUBAL, Maria Alice (coord.). **Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo**. CENPEC: Imesp, 2004. (Coleção Terra Paulista: história, arte e costumes, v. 3)

SÃO PAULO (Estado). **Manual Operativo do Programa Escola da Família**. São Paulo: Secretaria da Educação, [2004?].

_____. Decreto nº48.781, de 08 de junho de 2004. Institui o Programa Escola da Família. **Diário Oficial do Estado**, volume 114, número 128. Disponível em: <<http://www.imprensaoficial.com.br>> Acesso em: 08 jul. 2004.

_____. Resolução SE 82, de 11 de dezembro de 2006. Dispõe Diretrizes para Consolidação do Programa Escola da Família. Secretaria Estadual da Educação. Disponível em <<http://www.educacao.sp.gov.br>> Acesso em: 08 de janeiro de 2007

_____. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Manual Operativo do Programa Escola da Família**. 2005/2006. Disponível em: <<http://www.escoladafamilia.sp.gov.br>> acesso em 05 de set. de 2006

_____. Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. **Regulamento do Programa Escola da Família**. 2003. Disponível em: <<http://www.escoladafamilia.sp.gov.br>> Acesso em 07 de jul. de 2004.

_____. **Escola da Família: espaços de paz; oficinas – um convite para refletir e agir pela paz**. São Paulo: SEE, 2005.

TANCREDI, R. M. S. P. A. **A formação do professor nos cursos de licenciatura da área de Ciências na UFSCAR: Uma análise da questão sob a ótica dos licenciandos**. 1995. 498 p. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós- graduação em Educação, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 1995.

TORRANCE, E. P.; TORRANCE, J. P. **Pode-se Ensinar Criatividade?** São Paulo: EPU, 1974.

WECHSLER, S. O conceito de criatividade. In WECHSLER, S. **Criatividade: Descobrimos e encorajando**. Campinas: Psy, 1993.

YOSHIURA, E. F. V. **Desenvolvimento criativo:** Uma proposta metodológica e sua verificação. Dissertação de Mestrado. ECA - USP: Escola de comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 1982.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em arte:** um paralelo entre a arte e a ciência. São Paulo: Editores Associados, 1998.

ZANIOLO, L.O. **O papel da universidade na formação artística, docente e científica do profissional de dança:** a percepção de ex-alunos. Tese de Doutorado. São Carlos: UFSCar, 2000.

BIBLIOGRAFIA

ADORNO, T. W. **Educação e Emancipação**. Tradução de Leo Wolfgang Maar. São Paulo, Paz e Terra, 1995

ANDRADE, E. B. F. **Investigando O Professor de Arte em Busca de Novos Caminhos: compreendendo sua formação**. Dissertação de mestrado em Educação Escolar. Araraquara - UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2000.

ARNHEIM, R. **Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora**. Tradução de Ivone Terezinha de faria. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARBOSA, A. M.(Org.). **Arte-Educação: leitura no subsolo**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

BARBOSA, A. M. **Arte-Educação no Brasil**. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CALABRESE, O. **A linguagem da arte**. Tradução de Tânia Pellegrini. Rio de Janeiro: Globo Ed., 2002.

DUARTE, N. Educação e moral na sociedade capitalista em crise. In. CANDAU, V. M. **Ensinar e aprender: Sujeitos, saberes e pesquisa**. Rio de Janeiro, DP & A Editora, 2000, p. 175-189.

DUARTE, N. (org.). **Sobre o construtivismo: contribuições a uma análise crítica**. Campinas, SP: Autores associados, 2000. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 77).

CAMARGO, L. O. L. **O que é lazer**. São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção primeiros passos)

ECO, U. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1983.

EGBERT, D. D. **El Arte en la Teoria Marxista y en la Prática Soviética**. Barcelona: Tusquets Editor, 1973.

LEVISCHI, B. Escola da Família na internet . **SP. Gov.** Ano 3, n. 7, p. 40 a 43, mar. de 2006, ISSN 1807-3131. Publicação trimestral.

FABRIS, A. **A Pesquisa em Artes Visuais**. Porto Alegre, 1991.

FERRAZ, M.H.C. de T; FUSARI, M.F.de R. **Metodologia do Ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GENTILE, P. Um mundo de imagens para ler. **Nova Escola**, Ano XVIII, n. 161, ab. de 2003, p. 44 – 49.

HERNANDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

LISONDO, A. B. D. No Fim do Milênio: Por que é cada vez mais difícil aprender? In: OLIVEIRA, M. L. (Org). **Educação e Psicanálise: História, atualidade e perspectivas**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. p. 17 - 77.

MARIN, A. J. **Educação, arte e criatividade: estudo da criatividade não verbal**. São Paulo: Pioneira, 1976.

MARTINS, M. C.; PICOSQUE, G. ; GUERRA, M. T. T. **Didática do Ensino de Arte**. São Paulo: FTD, 1998.

MORAES, M. C. M. de. Recuo da Teoria. In: MORAES, M. C. M. (org). **Illuminismo às avessas: Produção de conhecimento e políticas de formação docente**. Rio de Janeiro: DP & A, 2003, pp. 151 –167.

OLIVEIRA, N. A. P. de. **Da função à operacionalização do plano de ensino de Educação Artística de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental: desafios e tendências**. Dissertação de Mestrado em Educação Escolar- Faculdade de Ciências e Letras, Universidade estadual Paulista, Araraquara, 2003.

OSTROWER, F. **Criatividade e Processos de Criação**. 6. ed. São Paulo: Vozes, 1987.

PAZ é matéria da escola. **SP.Gov**. Ano 2, n. 5, p. 26 a 31, Jul. de 2005, ISSN 1807-3131, Publicação trimestral.

PARREIRA, S. M. C. P. **Experimentar-te: As Oficinas de Recursos Expressivos em uma Casa Abrigo**. Dissertação de Mestrado em Psicologia e Sociedade, Assis: Universidade Estadual Paulista, 2005.

READ, H. **A educação pela arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

REILY, L. **Armazém de imagens**: Ensaio sobre a produção artística de pessoas com deficiência. Campinas, SP: Papyrus, 2001. (Série Educação Especial)

SAVIANI, D. **A nova lei da educação**: trajetória, limites e perspectivas. Campinas, SP: Autores associados, 1998.

_____. **Educação**: do senso comum à consciência filosófica. São Paulo: Cortez & Autores associados, 1986, p. 9- 15.

_____. **Pedagogia Histórico-crítica**: primeiras aproximações. 7. ed. Campinas, SP: Autores associados, 2000. (Coleção polêmicas do nosso tempo, v. 40).

SETUBAL, Maria Alice (Coord.). **Manifestações artísticas e celebrações populares no Estado de São Paulo**. São Paulo: CENPEC, 2004. (Coleção Terra Paulista: história, arte e costumes, v. 3)

SILVA, C. V. **A Arte na Escola**: Experiência Emancipadora ou Atividade Paralela? Dissertação de mestrado em psicologia. Assis- Universidade Estadual Paulista, 2003. Disponível em: <<http://.ibict.br>> acesso em: 19 de ag. de 2005.

SIMÕES, E. F. **O Programa TV Escola e suas implicações no cotidiano escolar do professor de arte**. Dissertação de Mestrado em Engenharia de Produção, Florianópolis - UFSC, 2001. Disponível em: <<http://.ibict.br>> acesso em: 19 de ag. de 2005.

TREVISOL, M. E. M. **Desenvolvimento do potencial criativo nos escolares através das artes plásticas**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, Santa Catarina – UNESC, 2000.

APÊNDICES

**APÊNDICE A - Listagem e transposição gráfica das 27 escolas da cidade de Araraquara-
Programa Escola da Família**

Tabela 1: Listagem das 27 escolas da cidade de Araraquara - Programa Escola da Família

	Nome das Escolas	Tipo de atendimento	Nº de Projetos do Eixo Cultura	Atividades Gerais (julho/dezembro) Ano - 2005	Público (julho/dezembro) Ano - 2005	% dos projetos do Eixo cultura em relação as atividades gerais
1-	A. L. R.	5ª a 8ª, EM (D e N), EJA -EF e EM(PF)	21	1518	15.687	1,38%
2-	A. E. M.	1ª a 4ª s (período integral)	32	914	8.650	3,50%
3-	A. O. B. F.	1ª a 4ª s	18	841	13.733	2,14%
4-	A. S.	5ª a 8ª/ EM (D),EJA-EM (presencial)	35	1236	13.013	2,83 %
5-	A. J. C.	1ª a 4ª s	33	1303	10.406	2,53%
6-	A. L. C.	1ª a 4ª s	10	1261	18.160	0,79%
7-	A. S. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	28	820	5.549	3,41%
8-	B. A.	5ª a 8ª/EM (D e N)/ EJA EM (P)	18	557	5.681	3,23 %
9-	D. A.	5ª a 8ª, EM(D), EJA-EM (P e PF)	20	1462	9.358	1,36%
10-	E. M.	5ª a 8ª, EM(D e N)/ EJA-EF e EM (PF)	32	1047	13.255	3,05%
11-	F. L.	1ª a 4ªs	13	883	7.035	1,47%
12-	F. P. M. S.	1ª a 4ªs	13	671	4.780	1,93%
13-	G. H. A. S.	1ª a 4ªs	14	1011	9.490	1,38%
14-	J. N. G.	1ª a 4ªs	16	551	7.426	2,90%
15-	J. B. O.	5ª a 8ª, EM (D), EJA- EM (P e PF)	30	1118	7.477	2,68%
16-	J. M. A.	5ª a 8ª, EJA EF (P)/ EJA EF e EM (PF)	23	887	6.088	2,59%
17-	J. P. C.	5ª a 8ª / EM (D)/ EJA-EM (P)	14	905	10.913	1,54%
18-	J. R. P. C.	1ª a 4ªs	22	722	9.695	3,04%
19-	L. F. M.	5ª a 8ª/ EM (De N) EJA-EM (P)	29	1263	11.509	2,29%
20-	L. B.	1ª a 8ªs	24	928	13.857	2,58%
21-	L. G. B. C. L.	5ª a 8ª, EM (D), e EJA - EM (P)	12	715	5.887	1,67%
22-	L. R. P.	1ª a 4ª s	21	1371	21.825	1,53%
23-	L. O. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	21	635	7.271	3,30%
24-	N. S. C.	1ª a 4ªs (Período integral) / Ed. Especial	11	634	9.143	1,73%
25-	P. J. N.	5ª a 8ª, EJA/EM	28	1298	10.972	2,15%
26-	S. P. S.	5ª a 8ª e EM (D)	15	1079	11.538	1,39%
27-	V. L.	5ª a 8ª (Período integral), EM(D)	31	930	4.288	3,33%

Fonte: Coordenação Regional- Programa Escola da Família

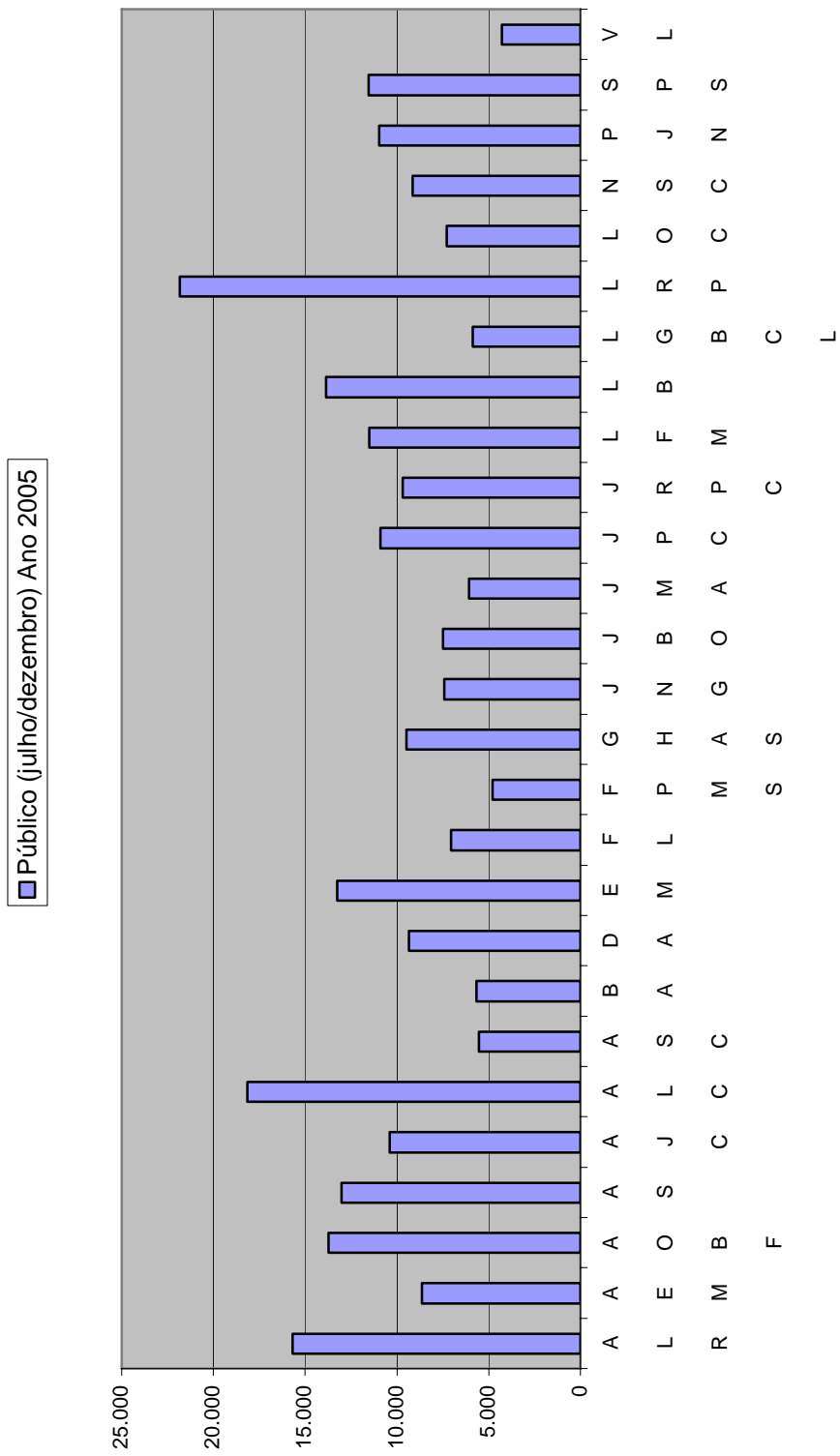


Gráfico 1: Distribuição do Público no período de julho a dezembro de 2005 nas escolas da cidade de Araraquara.

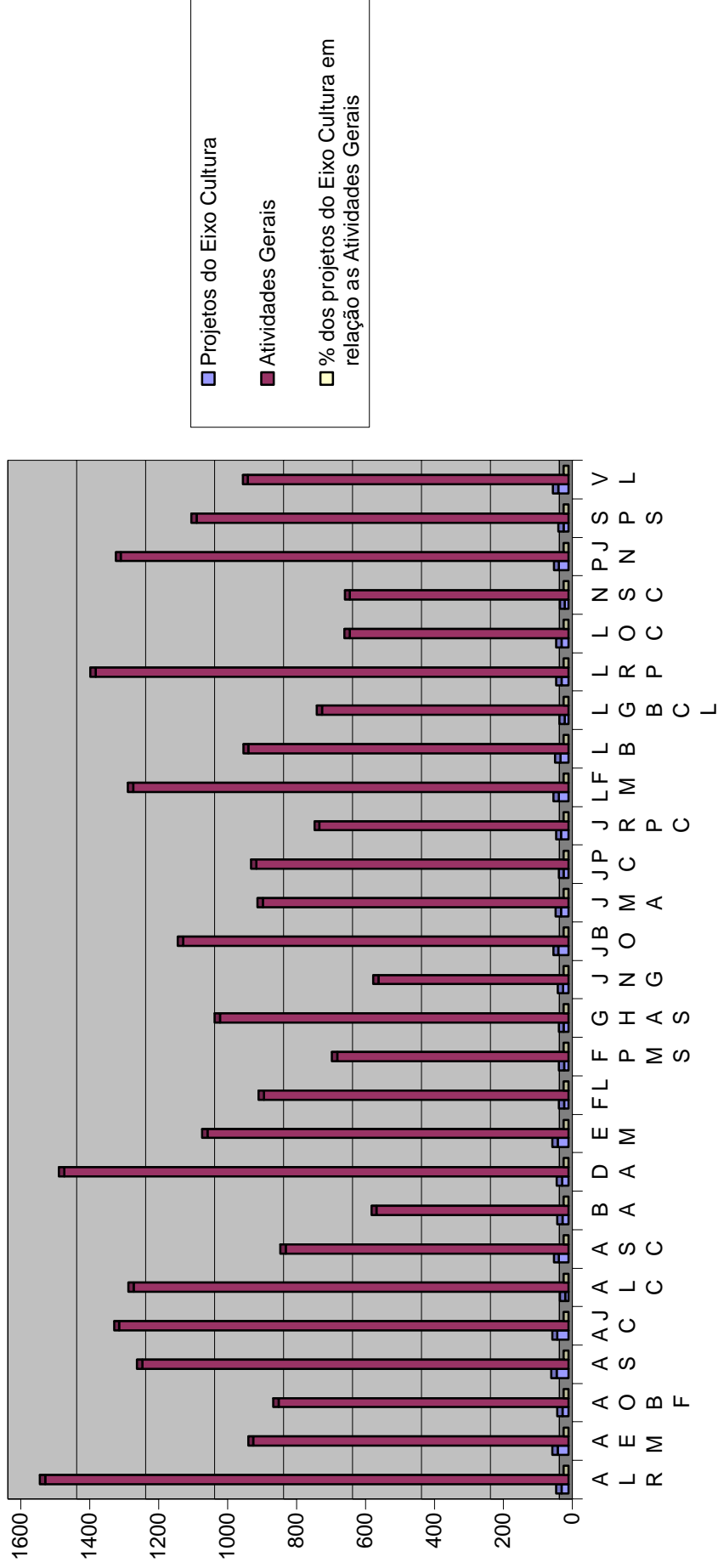


Gráfico 2: Número de Projetos do Eixo Cultura e Atividades Gerais nas escolas da cidade de Araraquara e porcentagem dos projetos do Eixo Cultura em relação as Atividades Gerais.

APÊNDICE B - Listagem e transposição gráfica do Número de projetos dos quatro eixos do Programa Escola da Família nas escolas da cidade de Araraquara

Tabela 2: Número de projetos dos quatro eixos do Programa Escola da Família nas escolas da cidade de Araraquara

	Escolas	Tipo de atendimento	Nº de Projetos do Eixo Cultura	Nº de Projetos do Eixo Esporte	Nº de Projetos do Eixo Qualificação para o Trabalho	Nº de Projetos do Eixo Saúde	Número de projetos da escola	% dos projetos do Eixo cultura em relação aos demais projetos
1-	A. L. R.	5ª a 8ª, EM (D e N), EJA –EF e EM(PF)	21	24	15	04	64	32,8%
2-	A. E. M.	1ª a 4ª s (período integral)	32	27	09	06	74	43,2%
3-	A. O. B. F.	1ª a 4ª s	18	17	14	04	53	33,9%
4-	A. S.	5ª a 8ª/ EM (D),EJA-EM (presencial)	35	17	12	03	67	52,2%
5-	A. J. C.	1ª a 4ª s	33	24	16	04	77	42,8%
6-	A. L. C.	1ª a 4ª s	10	15	16	09	50	20,0%
7-	A. S. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	28	10	17	—	55	50,9%
8-	B. A.	5ª a 8ª/EM (D e N)/ EJA EM (P)	18	16	09	01	44	40,9%
9-	D. A.	5ª a 8ª, EM(D), EJA-EM (P e PF)	20	17	22	—	59	33,8%
10-	E. M.	5ª a 8ª, EM(D e N)/ EJA-EF e EM (PF)	32	26	14	03	75	42,6%
11-	F. L.	1ª a 4ªs	13	10	04	01	28	46,4%
12-	F. P. M. S.	1ª a 4ªs	13	10	05	—	28	46,4%
13-	G. H. A. S.	1ª a 4ªs	14	16	06	—	36	38,8%
14-	J. N. G.	1ª a 4ªs	16	18	07	02	43	37,2%
15-	J. B. O.	5ª a 8ª, EM (D), EJA-EM (P e PF)	30	27	25	06	88	34,0%
16-	J. M. A.	5ª a 8ª, EJA EF (P)/ EJA EF e EM (PF)	23	14	14	02	53	43,3%
17-	J. P. C.	5ª a 8ª / EM (D)/ EJA-EM (P)	14	23	08	02	47	29,7%
18-	J. R. P. C.	1ª a 4ªs	22	28	06	01	57	38,5%
19-	L. F. M.	5ª a 8ª/ EM (D e N) EJA- EM (P)	29	22	20	02	73	39,7%
20-	L. B.	1ª a 8ªs	24	24	09	01	58	41,3%
21-	L. G. B. C. L.	5ª a 8ª, EM (D), e EJA –EM (P)	12	12	07	02	33	36,3%
22-	L. R. P.	1ª a 4ª s	21	16	05	05	47	44,6%
23-	L. O. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	21	13	10	02	46	45,6%
24-	N. S. C.	1ª a 4ªs (Período integral) / Ed. Especial	11	10	14	02	37	29,7%
25-	P. J. N.	5ª a 8ª, EJA/EM	28	34	16	06	84	33,3%
26-	S. P. S.	5ª a 8ª e EM (D)	15	30	07	05	57	26,3%
27-	V. L.	5ª a 8ª (Período integral), EM(D)	31	17	18	03	69	44,9%

Fonte: Dados Fornecidos pela Coordenação Regional do Programa Escola da Família

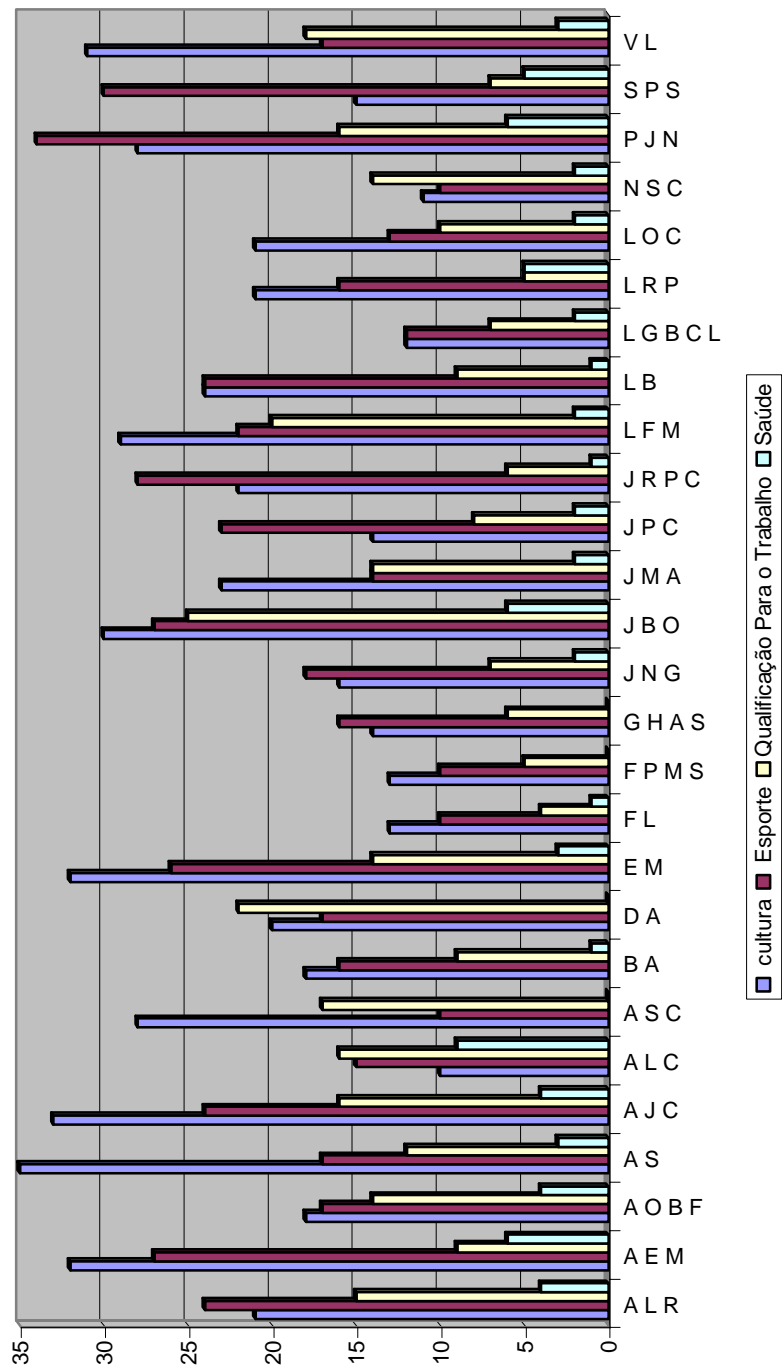


Gráfico 3: Número de Projetos dos Quatro Eixos nas Escolas da cidade de Araraquara

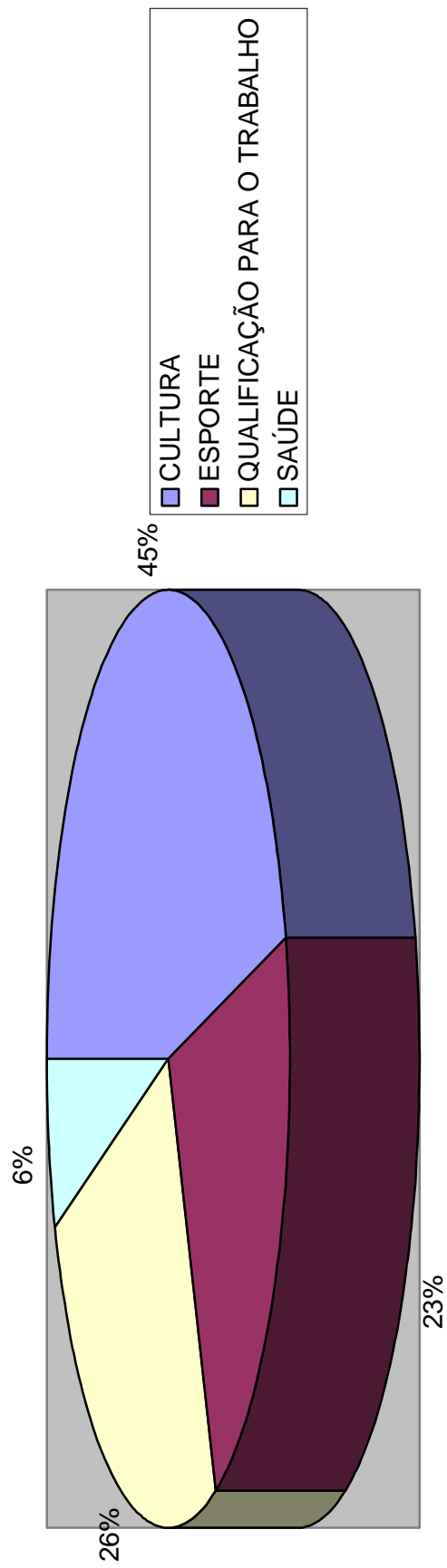


Gráfico 4: Proporção da Distribuição dos Projetos dos Quatro Eixos Norteadores nas Escolas da Cidade de Araraquara

APÊNDICE C- Listagem e transposição gráfica da Relação de Voluntários por escolas da cidade de Araraquara

Tabela 3: Relação de Voluntários por escolas da cidade de Araraquara

	<i>Escolas</i>	<i>Tipo de atendimento</i>	<i>Voluntários</i>
01	A. L. R.	5ª a 8ª, EM (D e N), EJA –EF e EM(PF)	06
02	A. E. M.	1ª a 4ª s (período integral)	05
03	A. O. B. F.	1ª a 4ª s	15
04	A. S.	5ª a 8ª/ EM (D),EJA-EM (presencial)	09
05	A. J. C.	1ª a 4ª s	12
06	A. L. C.	1ª a 4ª s	06
07	A. S. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	03
08	B. A.	5ª a 8ª/EM (D e N)/ EJA EM (P)	10
09	D. A.	5ª a 8ª, EM(D), EJA-EM (P e PF)	06
10	E. M.	5ª a 8ª, EM(D e N)/ EJA-EF e EM (PF)	06
11	F. L.	1ª a 4ªs	02
12	F. P. M. S.	1ª a 4ªs	03
13	G. H. A. S.	1ª a 4ªs	06
14	J. N. G.	1ª a 4ªs	03
15	J. B. O.	5ª a 8ª, EM (D), EJA- EM (P e PF)	25
16	J. M. A.	5ª a 8ª, EJA EF (P)/ EJA EF e EM (PF)	12
17	J. P. C.	5ª a 8ª / EM (D)/ EJA- EM (P)	07
18	J. R. P. C.	1ª a 4ªs	04
19	L. F. M.	5ª a 8ª/ EM (De N)/ EJA- EM (P)	05
20	L. B.	1ª a 8ªs	01
21	L. G. B. C. L.	5ª a 8ª, EM (D), e EJA –EM (P)	06
22	L. R. P.	1ª a 4ª s	07
23	L. O. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	07
24	N. S. C.	1ª a 4ªs (Período integral) / Ed. Especial	07
25	P. J. N.	5ª a 8ª, EJA/EM	12
26	S. P. S.	5ª a 8ª e EM (D)	01
27	V. L.	5ª a 8ª (Período integral), EM(D)	14

Fonte: Dados Fornecidos pela Coordenação Regional do Programa Escola da Família

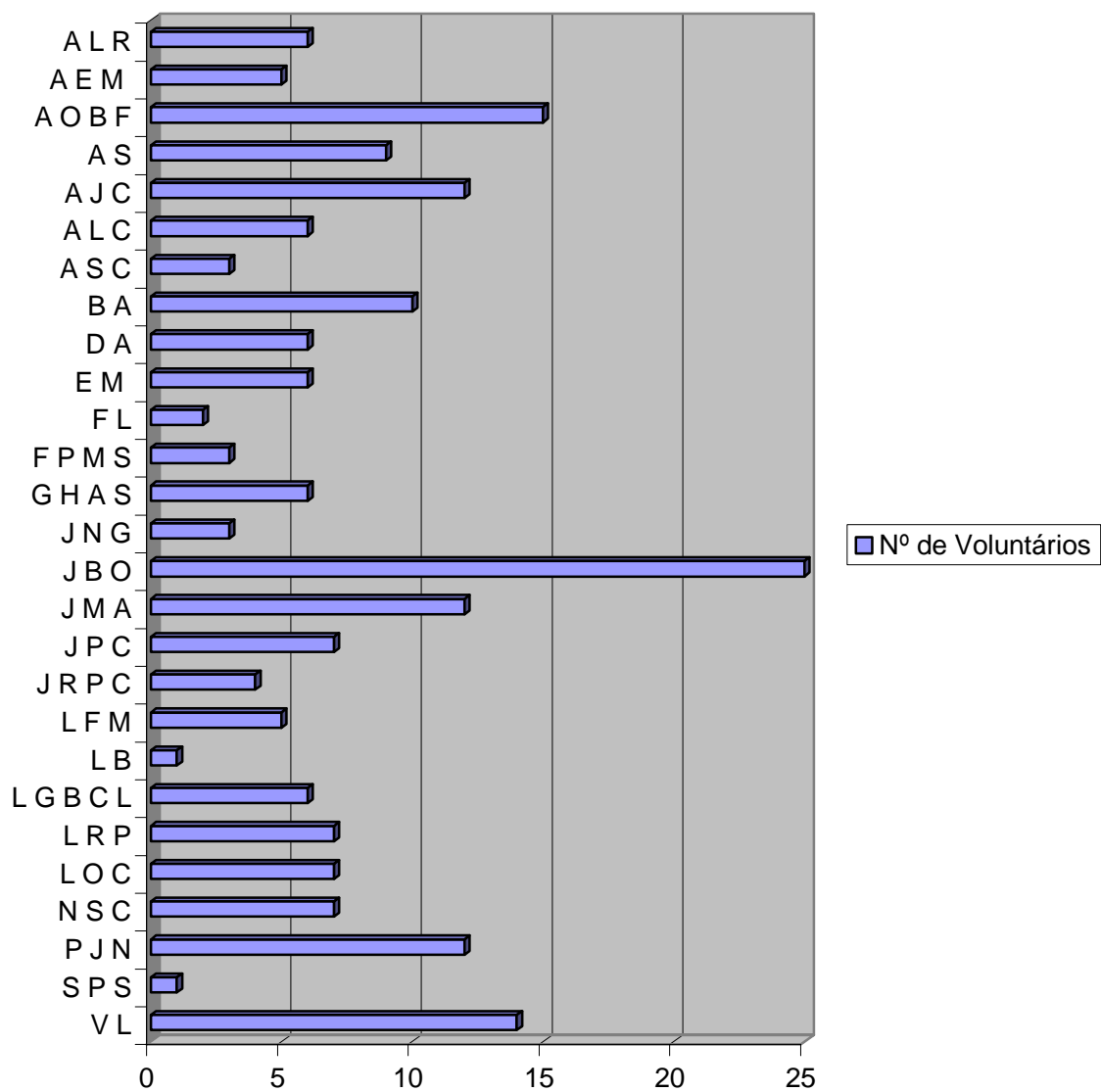


Gráfico 5: Distribuição do Número de Voluntários nas Escolas da Cidade de Araraquara.

APÊNDICE D- Listagem e transposição gráfica da Relação de Universitários nas Escolas da Cidade de Araraquara

Tabela 4- Relação de Universitários nas Escolas da Cidade de Araraquara

	Nome das Escolas	Total de vagas	Vagas ocupadas
01	A. L. R.	11	11
02	A. E. M.	5	5
03	A. O. B. F.	8	8
04	A. S.	9	9
05	A. J. C.	7	7
06	A. L. C.	7	7
07	A. S. C.	7	7
08	B. A.	6	6
09	D. A.	11	10
10	E. M.	11	10
11	F. L.	6	6
12	F. P. M. S.	5	5
13	G. H. A. S.	6	5
14	J. N. G.	4	3
15	J. B. O.	6	6
16	J. M. A.	6	6
17	J. P. C.	8	8
18	J. R. P. C.	5	3
19	L.F. M.	8	8
20	L. B.	10	10
21	L. G. B. C. L.	7	5
22	L. R. P.	11	11
23	L. O. C.	4	4
24	N. S. C.	5	5
25	P. J. N.	9	9
26	S. P. S.	12	10
27	V. L.	8	8

Fonte: Dados Fornecidos pela Coordenação Regional do Programa Escola da Família

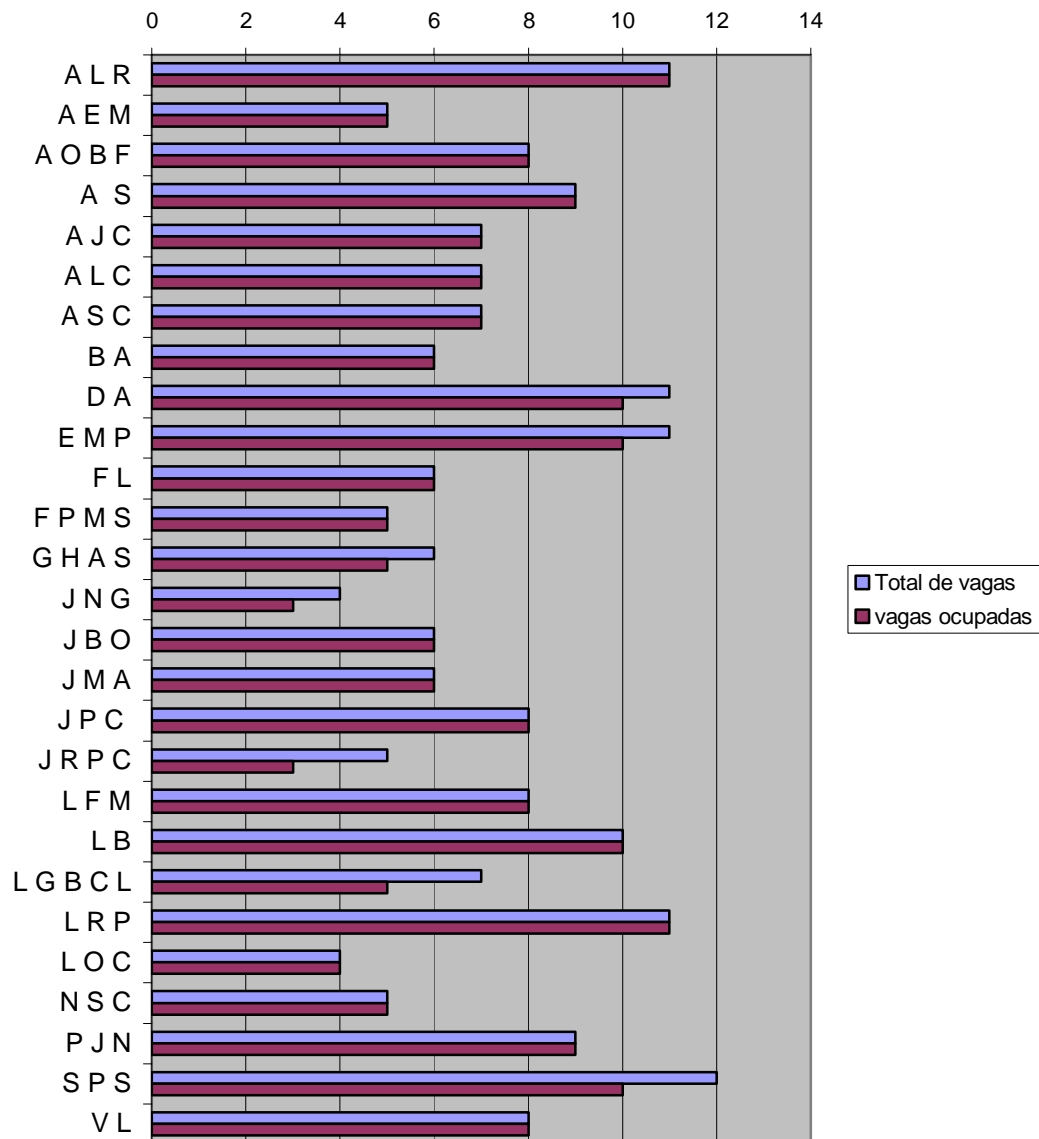


Gráfico 6: Relação de Universitários nas Escolas da Cidade de Araraquara

APÊNDICE E- Listagem e transposição gráfica da Distribuição do Público do PEF nas Escolas da cidade de Araraquara

Tabela 5- Participação do Público nas Escolas da Cidade de Araraquara (Julho/ Dezembro 2005)

	<i>Escolas</i>	<i>Tipo de Atendimento</i>	<i>Público (julho/dezembro) Ano - 2005</i>
1-	A. L. R.	5ª a 8ª, EM (D e N), EJA –EF e EM(PF)	15.687
2-	A. E. M.	1ª a 4ª s (período integral)	8.650
3-	A. O. B. F.	1ª a 4ª s	13.733
4-	A. S.	5ª a 8ª/ EM (D),EJA-EM (presencial)	13.013
5-	A. J. C.	1ª a 4ª s	10.406
6-	A. L. C.	1ª a 4ª s	18.160
7-	A. S. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	5.549
8-	B. A.	5ª a 8ª/EM (D e N)/ EJA EM (P)	5.681
9-	D. A.	5ª a 8ª, EM(D), EJA-EM (P e PF)	9.358
10-	E. M.	5ª a 8ª, EM(D e N)/ EJA-EF e EM (PF)	13.255
11-	F. L.	1ª a 4ªs	7.035
12-	F. P. M. S.	1ª a 4ªs	4.780
13-	G. H. A. S.	1ª a 4ªs	9.490
14-	J. N. G.	1ª a 4ªs	7.426
15-	J. B. O.	5ª a 8ª, EM (D), EJA- EM (P e PF)	7.477
16-	J. M. A.	5ª a 8ª, EJA EF (P)/ EJA EF e EM (PF)	6.088
17-	J. P. C.	5ª a 8ª / EM (D)/ EJA- EM (P)	10.913
18-	J. R. P. C.	1ª a 4ªs	9.695
19-	L. F. M.	5ª a 8ª/ EM (De N)? EJA- EM (P)	11.509
20-	L. B.	1ª a 8ªs	13.857
21-	L. G. B. C. L.	5ª a 8ª, EM (D), e EJA –EM (P)	5.887
22-	L. R. P.	1ª a 4ª s	21.825
23-	L. O. C.	5ª a 8ª s/ EM (D)	7.271
24-	N. S. C.	1ª a 4ªs (Período integral) / Ed. Especial	9.143
25-	P. J. N.	5ª a 8ª, EJA/EM	10.972
26-	S. P. S.	5ª a 8ª e EM (D)	11.538
27-	V. L.	5ª a 8ª (Período integral), EM(D)	4.288

Fonte: Dados Fornecidos pela Coordenação Regional do Programa Escola da Família

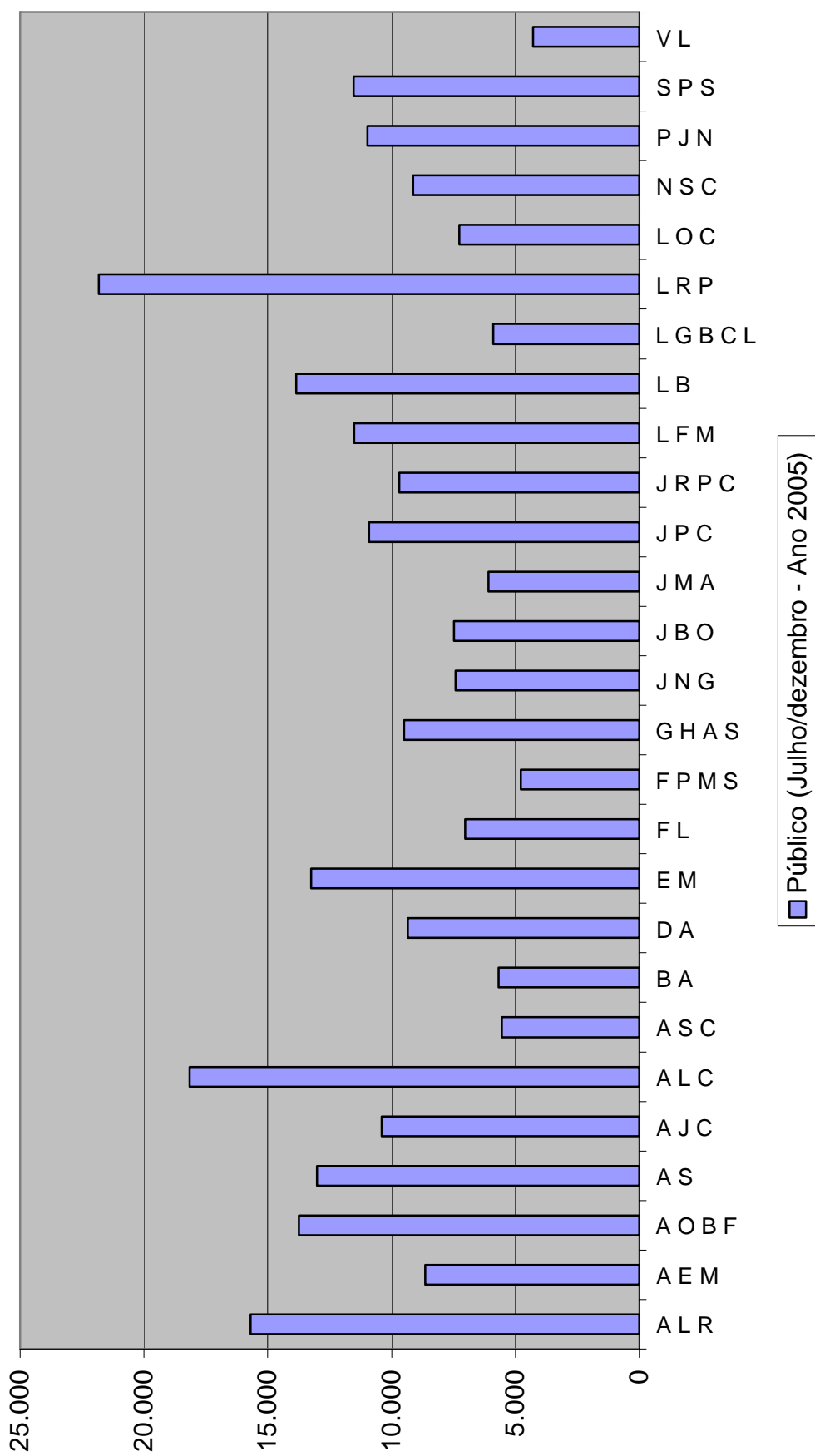


Gráfico 7- Distribuição do Público do PEF nas Escolas da Cidade de Araraquara (Julho/Dezembro - Ano 2005)

APÊNDICE F- Modelo do roteiro de entrevista do elenco 1- Educador Universitário

Elenco 1

BOLSISTA UNIVERSITÁRIO

DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS:
Nome:
Idade:
Nível de escolaridade:
Telefone para contato:
Sexo: f () m ()
Estado civil:
Raça a qual pertence:
Nome da Universidade em que estuda:
Nome do curso:
Série/ano que está cursando:
Ano de conclusão:
Possui outras formações ou habilitações?
Nome da escola onde atua como universitário do Programa Escola da Família:
A escola é de: () Ensino Fundamental () Ensino Fundamental e Médio () Ensino Médio
Com que frequência participa de eventos artísticos: Dança/ Música/ Teatro/ Artes Plásticas/ Cinema ?
Quais as suas principais diversões e atividades de lazer?

1. Como e quando soube do Programa Escola da Família e da abertura das escolas aos finais de semana?
2. Há quanto tempo tem participado do Programa Escola da família?
3. Qual é a sua carga horária de participação no Programa e como ela é distribuída?
4. Quais as suas atribuições no Programa Escola da Família?
5. (7) Quais os Projetos que desenvolve junto ao Programa Escola da Família?
6. (9) Qual é o público mais freqüente ao programa? Ele é composto por alunos ou por membros da comunidade? Como você analisa essa situação?
7. (10) Qual a faixa etária de seus alunos?
8. (11) Quais os conhecimentos que você possui na área de Arte e como os adquiriu?
9. (12) Como você se sente orientando os projetos e as atividades artísticas no Programa Escola da Família?
10. (13) O referido Programa faz parte da proposta pedagógica da escola onde você atua?
11. (14) Que tipo de acompanhamento tem sido oferecido aos projetos desenvolvidos no Programa? Quem realiza esse acompanhamento e como ele é feito?

12. (15) Você participa das reuniões de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) na escola onde atua no Programa? Com que finalidade?
13. (17) A escola onde você atua possui um gestor responsável pelo Programa?
 - 13.1. (17.1) Quem tem exercido e qual tem sido o papel do gestor nesta Escola, com relação à estruturação e funcionamento do Programa?
14. (18) Participou devido ao Programa, de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes?
15. (19) Como você tomou conhecimento das diretrizes propostas pelo Programa?
16. (20) Com base na sua participação, como você avalia a função desempenhada pelo Programa, quanto ao desenvolvimento cultural dos seus participantes?
17. (21) De acordo com a sua experiência de atuação no Programa, como se distribui a participação do público nos eixos do Programa?
18. (22) Quais os materiais, recursos e espaços físicos que você dispõe para o desenvolvimento das atividades artísticas do Programa Escola da Família?
19. (23) Na escola onde você participa do Programa quais são as atividades predominantes dentro do Eixo Cultura?
20. (24) Você acredita que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula? De que forma?
21. (25) A universidade em que você estuda tem alguma proposta de trabalho ou orientação que envolva a sua participação no Programa Escola da Família?
22. (26) De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para a sua *formação universitária*?
23. (27) Como você analisa o funcionamento do Programa Escola da Família?
24. (28) Que tipo de capacitação lhe foi oferecida para atuar no Programa? De que forma e por quem foi ministrada essa capacitação?
25. (31) Como você avalia a atuação do Programa no cotidiano desta instituição, em relação a alcançar os objetivos a que se propõe?
26. (32) Como é realizado o controle e a frequência do público nas atividades do Programa Escola da Família?
27. (33) Quais são os aspectos positivos e os negativos que você identifica para o funcionamento do Programa?
28. (36) Que cursos não são oferecidos nas atividades artísticas nesta escola em que você frequenta o Programa que você gostaria que fossem oferecidos?

29. (37) Você já fez ou está fazendo algum curso artístico fora do Programa desta Escola?

30. (38) Comente como você analisa a importância do Programa nesta escola e nos demais bairros onde ele ocorre?

APÊNDICE G- Modelo do roteiro de entrevista do elenco 2- Educador Profissional

Elenco 2

EDUCADOR PROFISSIONAL

DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS:	
Nome :	
Idade:	
Nível de escolaridade:	
Telefone para contato:	
Sexo: f () m ()	
Estado civil:	
Raça a qual pertence:	
Nível de Escolaridade:	
Nome da Universidade em que concluiu o curso:	
Nome do curso:	Ano de conclusão:
Possui outras formações ou habilitações?	
Nome da escola onde atua como Educador Profissional do Programa Escola da Família:	
A escola é de:	
() Ensino Fundamental () Ensino Fundamental e Médio () Ensino Médio	
Com que frequência participa de eventos artísticos: Dança/ Música/ Teatro/ Artes Plásticas/ Cinema ?	
Quais as suas principais diversões e atividades de lazer?	

1. Como e quando soube do Programa Escola da Família e da abertura das escolas aos finais de semana?
2. Há quanto tempo tem participado do Programa Escola da família?
3. Qual é a sua carga horária de participação no Programa e como ela é distribuída?
4. Quais as suas atribuições no Programa Escola da Família?
5. (9) Qual é o público mais freqüente ao programa? Ele é composto por alunos ou por membros da comunidade? Como você analisa essa situação?
6. (13) O referido Programa faz parte da proposta pedagógica da escola onde você atua?
7. (14) Que tipo de acompanhamento tem sido oferecido aos projetos desenvolvidos no Programa? Quem realiza esse acompanhamento e como ele é feito?
8. (15) Você participa das reuniões de Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) na escola onde atua no Programa? Com que finalidade?
9. (16) Que materiais você utiliza para orientar os bolsistas e voluntários na elaboração dos seus projetos?
10. (17) A escola onde você atua possui um gestor responsável pelo Programa?

10.1 (17.1) Quem tem exercido e qual tem sido o papel do gestor nesta Escola, com relação à estruturação e funcionamento do Programa?

11. (18) Participou devido ao Programa, de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes?

12. (19) Como você tomou conhecimento das diretrizes propostas pelo Programa?

13. (20) Com base na sua participação, como você avalia a função desempenhada pelo Programa, quanto ao desenvolvimento cultural dos seus participantes?

14. (21) De acordo com a sua experiência de atuação no Programa, como se distribui a participação do público nos eixos do Programa?

15. (22) Quais os materiais, recursos e espaços físicos que você dispõe para o desenvolvimento das atividades artísticas do Programa Escola da Família?

16. (23) Na escola onde você participa do Programa quais são as atividades predominantes dentro do Eixo Cultura?

17. (24) Você acredita que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula? De que forma?

18. (26) De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para a sua *formação profissional*?

19. (27) Como você analisa o funcionamento do Programa Escola da Família?

20. (28) Que tipo de capacitação lhe foi oferecida para atuar no Programa? De que forma e por quem foi ministrada essa capacitação?

21. (29) Os demais professores têm procurado o apoio do Programa ou têm se relacionado de alguma maneira com as atividades desenvolvidas no final de semana?

22. (30) Como é definida a grade de projetos que serão desenvolvidos no Programa? Como ocorre o repasse e administração de verbas do programa?

23. (31) Como você avalia a atuação do Programa no cotidiano desta instituição, em relação a alcançar os objetivos a que se propõe?

24. (32) Como é realizado o controle e a frequência do público nas atividades do Programa Escola da Família?

25. (33) Quais são os aspectos positivos e os negativos que você identifica para o funcionamento do Programa?

26. (36) Que cursos não são oferecidos nas atividades artísticas nesta escola em que você frequenta o Programa que você gostaria que fossem oferecidos?

27. (37) Você já fez ou está fazendo algum curso artístico fora do Programa desta Escola?

28. (38) Comente como você analisa a importância do Programa nesta escola e nos demais bairros onde ele ocorre?

APÊNDICE H- Modelo do roteiro de entrevista do elenco 3- Público Participante

Elenco 3

PARTICIPANTE DA COMUNIDADE INTRA E EXTRA-ESCOLAR

CARACTERÍSTICAS PESSOAIS DO PARTICIPANTE:
Nome:
Idade:
Nível de escolaridade:
Telefone para contato:
Sexo: f () m ()
Estado civil:
Raça a qual pertence:
É aluno da Rede Pública Estadual?
Se a resposta anterior foi sim, qual o nome da escola onde estuda?
A escola é de Ensino Fundamental, Ensino Fundamental e Médio ou somente Ensino Médio?
A que classe social você se considera pertencer? Justifique sua resposta.
Com que frequência participa de eventos artísticos: Dança/ Música/ Teatro/ Artes Plásticas/ Cinema ?
Quais as suas principais diversões e atividades de lazer?

- 1- Como e quando soube do Programa Escola da Família e da abertura das escolas aos finais de semana?
- 2- Há quanto tempo tem participado do Programa Escola da família?
- 3- Qual é a sua carga horária de participação no Programa e como ela é distribuída?
4. (5) De quais atividades você participa no Programa?
5. (6) Qual (is) a (s) sua(s) atividade(s) preferida(s) no Programa?
6. (9) Qual é o público mais freqüente ao programa? Ele é composto por alunos ou por membros da comunidade? Como você analisa essa situação?
7. (20) Com base na sua participação, como você avalia a função desempenhada pelo Programa, quanto ao desenvolvimento cultural dos seus participantes?
8. (22) Quais os materiais, recursos e espaços físicos que você dispõe para o desenvolvimento das atividades artísticas do Programa Escola da Família?
09. (23) Na escola onde você participa do Programa quais são as atividades predominantes dentro do Eixo Cultura?
10. (24) Você acredita que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula? De que forma?

11. (26) De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para a sua *formação pessoal ou profissional*?
12. (27) Como você analisa o funcionamento do Programa Escola da Família?
13. (31) Como você avalia a atuação do Programa no cotidiano desta instituição, em relação a alcançar os objetivos a que se propõe?
14. (32) Como é realizado o controle e a frequência do público nas atividades do Programa Escola da Família?
15. (33) Quais são os aspectos positivos e os negativos que você identifica para o funcionamento do Programa?
16. (35) Você pertence à comunidade local, foi ou é aluno da escola?
17. (36) Que cursos não são oferecidos nas atividades artísticas nesta escola em que você frequenta o Programa que você gostaria que fossem oferecidos?
18. (37) Você já fez ou está fazendo algum curso artístico fora do Programa desta Escola?
19. (38) Comente como você analisa a importância do Programa nesta escola e nos demais bairros onde ele ocorre?

APÊNDICE I- Modelo do roteiro de entrevista do Elenco 4- Educador Voluntário

Elenco 4 VOLUNTÁRIO

DADOS PESSOAIS E PROFISSIONAIS:
Nome :
Idade:
Nível de escolaridade:
Telefone para contato:
Sexo: f () m ()
Estado civil:
Raça a qual pertence:
Nome e endereço da escola onde atua como voluntário do Programa Escola da Família:
A escola é de: () Ensino Fundamental () Ensino Fundamental e Médio () Ensino Médio
Com que frequência participa de eventos artísticos: Dança/ Música/ Teatro/ Artes Plásticas/ Cinema ?
Quais as suas principais diversões e atividades de lazer?

- 1- Como e quando soube do Programa Escola da Família e da abertura das escolas aos finais de semana?
- 2- Há quanto tempo tem participado do Programa Escola da família?
- 3- Qual é a sua carga horária de participação no Programa e como ela é distribuída?
- 4- Quais as suas atribuições no Programa Escola da Família?
5. (8) Dos projetos desenvolvidos por você no Programa, quantos pertencem ao eixo cultura? Descreva e comente sobre essas atividades.
6. (9) Qual é o público mais freqüente ao programa? Ele é composto por alunos ou por membros da comunidade? Como você analisa essa situação?
7. (10) Qual a faixa etária de seus alunos?
8. (11) Quais os conhecimentos que você possui na área de Arte e como os adquiriu?
9. (12) Como você se sente orientando os projetos e as atividades artísticas no Programa Escola da Família?
10. (13) O referido Programa faz parte da proposta pedagógica da escola onde você atua?
11. (14) Que tipo de acompanhamento tem sido oferecido aos projetos desenvolvidos no Programa? Quem realiza esse acompanhamento e como ele é feito?

12. (18) Participou devido ao Programa, de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes?
13. (19) Como você tomou conhecimento das diretrizes propostas pelo Programa?
14. (20) Com base na sua participação, como você avalia a função desempenhada pelo Programa, quanto ao desenvolvimento cultural dos seus participantes?
15. (21) De acordo com a sua experiência de atuação no Programa, como se distribui a participação do público nos eixos do Programa?
16. (22) Quais os materiais, recursos e espaços físicos que você dispõe para o desenvolvimento das atividades artísticas do Programa Escola da Família?
17. (23) Na escola onde você participa do Programa quais são as atividades predominantes dentro do Eixo Cultura?
18. (24) Você acredita que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula? De que forma?
19. (26) De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para a sua *formação pessoal ou profissional*?
20. (27) Como você analisa o funcionamento do Programa Escola da Família?
21. (28) Que tipo de capacitação lhe foi oferecida para atuar no Programa? De que forma e por quem foi ministrada essa capacitação?
22. (31) Como você avalia a atuação do Programa no cotidiano desta instituição, em relação a alcançar os objetivos a que se propõe?
23. (32) Como é realizado o controle e a frequência do público nas atividades do Programa Escola da Família?
24. (33) Quais são os aspectos positivos e os negativos que você identifica para o funcionamento do Programa?
25. (34) O que te levou a se tornar voluntário do Programa?
26. (35) Você pertence à comunidade local, foi ou é aluno da escola?
27. (36) Que cursos não são oferecidos nas atividades artísticas nesta escola em que você frequenta o Programa que você gostaria que fossem oferecidos?
28. (37) Você já fez ou está fazendo algum curso artístico fora do Programa desta Escola?
29. (38) Comente como você analisa a importância do Programa nesta escola e nos demais bairros onde ele ocorre?

APÊNDICE J – Modelo do Ofício apresentado ao Dirigente Regional de Ensino para solicitação da coleta de dados.

Araraquara, 09 de maio de 2006.

Senhor (a) Dirigente Regional de Ensino

Solicitamos à vossa senhoria autorização para que a mestrandia -----, RG -----, possa realizar coleta de dados junto ao Programa Escola da Família nas escolas da cidade de Araraquara, através de questionamentos em forma de entrevistas (conforme elencos em anexo) que serão gravadas e do registro fotográfico das Atividades Artísticas do Eixo Cultura do referido Programa. Para fins de pesquisa científica da pós-graduação (mestrado) em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP de Araraquara. Esclarecemos que para realização da pesquisa todos os procedimentos éticos serão considerados e observados, bem como a identidade e integridade dos participantes da pesquisa.

Atenciosamente,

À sua Senhoria

DD. Dirigente Regional de Ensino de

Araraquara- SP

APÊNDICE K- Descrição das questões que compuseram os roteiros de entrevistas e a natureza de esclarecimentos pretendidos.

Descrição das 38 questões do roteiro original que foram utilizadas para as entrevistas, identificando a quem foram direcionadas e a natureza dos esclarecimentos que foram objeto em cada questão.

As questões 1 (Como e quando soube do Programa Escola da Família e da abertura das escolas aos finais de semana?), 2 (Há quanto tempo tem participado do Programa Escola da Família?) e 3 (Qual é a sua carga horária de participação no Programa e como ela é distribuída?) foram comuns aos quatro elencos de entrevistados e visavam compreender de que modo e a partir de quando se deu a vinculação do participante ao Programa e qual o seu grau de assiduidade a ele.

A questão 4 (Quais as suas atribuições no Programa Escola da Família?) foi direcionada aos Educadores Profissionais, Universitários e Voluntários, no intuito de identificar suas atribuições e competências no Programa relacionando-as às descritas no Manual Operativo do Programa Escola da Família 2005/2006.

As questões 5 (De quais atividades você participa no Programa?) e 6 (Qual(is) a(s) sua(s) atividade(s) preferida(s) no Programa?) estavam diretamente relacionadas ao Público Participante da Comunidade Intra e Extra-escolar do Programa, para esclarecer quais são suas tendências e escolhas de participação nas atividades do Programa.

As perguntas 7 (Quais os Projetos que desenvolve junto ao Programa Escola da Família?) para o Universitário, e a pergunta 8 (Dos projetos desenvolvidos por você no Programa, quantos pertencem ao eixo cultura? Descreva e comente sobre essas atividades?) destinada aos voluntários, visavam melhor compreensão das atividades vinculadas ao Eixo Cultura e ao fazer pedagógico dessas categorias de educadores do Programa.

As questões 9 (Qual o público mais freqüente ao Programa? Ele é composto por alunos ou por membros da comunidade? Como você analisa essa situação?) feita para os quatro grupos de entrevistados, e a 10 (Qual a faixa etária de seus alunos?) para Universitários e Voluntários, objetivavam esclarecer quem eram os freqüentadores do Programa.

As indagações de número 11 (Quais os conhecimentos que você possui da área de Arte e como os adquiriu?) e 12 (Como você se sente orientando os projetos e as atividades artísticas no Programa?) foram feitas aos universitários e voluntários para obter esclarecimento sobre o repertório artístico de que dispunham, qualificar o tipo de formação profissional na área e a atuação pedagógica, propriamente dita, desses educadores.

A informação solicitada na questão 13 (O referido Programa faz parte da proposta pedagógica da escola onde você atua?), formulada para Universitários, Voluntários e Educadores Profissionais, procurava saber se a “escola do final de semana” se relacionava à “escola da semana” e vice-versa. Ou seja, conhecer a forma de participação da escola junto ao projeto do final de semana; a relação do projeto social (Programa Escola da Família) com o projeto pedagógico da escola onde aquele era realizado. E também, identificar as ações e formas de participação desenvolvidas pela escola com relação ao Programa e vice-versa.

Do mesmo modo, a pergunta 29 (Os demais professores têm procurado o apoio do Programa ou têm se relacionado de alguma maneira com as atividades desenvolvidas no final de semana?) foi feita para os Educadores Profissionais com a mesma finalidade da pergunta 13.

As perguntas 14 (Que tipo de acompanhamento tem sido oferecido aos projetos desenvolvidos no Programa? Quem realiza esse acompanhamento e como ele é feito?), feita aos Universitários, Voluntários e Educadores Profissionais, e 16 (Que materiais você utiliza para orientar os Bolsistas e Voluntários na elaboração dos seus projetos?) dirigidas ao Educador Profissional, pediam esclarecimento sobre o planejamento da prática pedagógica e identificação das ações envolvidas nessa prática.

A questão 15 (Você participa das reuniões de Horário de Trabalho Pedagógico coletivo (HTPC) na escola onde atua no Programa? Com que finalidade?). Foi feita aos Universitários e Educadores Profissionais para esclarecimento das atribuições desses profissionais e dos compromissos deles fora dos finais de semana com relação ao planejamento e divulgação das atividades do Programa.

As questões 17 (A escola onde você atua possui um gestor responsável pelo Programa?) e 17.1 (Quem tem exercido e qual tem sido o papel do gestor nesta escola, com relação à estruturação e funcionamento do Programa?) foram destinadas aos Universitários e Educadores Profissionais no intuito de compreender quais as contribuições que o gestor tem dado ao Programa naquelas escolas que possuíssem essa modalidade de profissional aos finais de semana.

As perguntas 18 (Participou devido ao Programa, de capacitações ou cursos de aperfeiçoamento na área de Artes?) e 28 (Que tipo de capacitação lhe foi oferecida para atuar no Programa? De que forma e por quem foi ministrada essa capacitação?) foram direcionadas ao Universitário, Educador Profissional e Voluntário e visavam compreender que formação e preparo foram oferecidos para subsidiar a atuação desses profissionais no Programa bem

como identificar qual a filosofia do programa no que referia a complementar a prática pedagógica dessas modalidades de integrantes.

O pedido de esclarecimento 19 (Como você tomou conhecimento das diretrizes propostas pelo Programa?) visava que Educadores profissionais, Voluntários e Universitários discorressem sobre o seu contato com os objetivos do Programa, a fim de verificar em que grau as propostas estabelecidas pelo Programa, eram conhecidas por essas modalidades, se ocorria adesão efetiva às propostas e de que maneira ou por quais mecanismos isso ocorria.

As questões 21 (De acordo com a sua experiência de atuação no Programa, como se distribui a participação do público nos eixos do Programa?) feita para Educadores Profissionais, Voluntários e Universitários e 23 (Na escola onde você participa do Programa quais são as atividades predominantes dentro do eixo cultura?) direcionada a todos elencos, solicitavam informação sobre os Eixos do Programa, para compreender qual era a visão que os Educadores tinham a respeito da divisão das atividades do Programa e sua relação com os Eixos, e sobre como ocorre a preferência do público e a sua distribuição nesses quatro Eixos norteadores das atividades.

A questão 20 (Com base na sua participação, como você avalia a função desempenhada pelo Programa, quanto ao desenvolvimento cultural dos seus participantes?), e a questão 24 (Você acredita que o Programa tem sido um recurso auxiliar das atividades de sala de aula? De que forma?) foram direcionadas a todos, com a finalidade de esclarecer as implicações e que tipo de contribuição o Programa oferecia, segundo a percepção dos seus participantes.

A pergunta 22 (Quais os materiais, recursos e espaços físicos que você dispõe para o desenvolvimento das atividades artísticas no Programa Escola da Família?), destinada a todos os participantes do Programa, visava possibilitar que a pesquisadora conhecesse os recursos pedagógicos e materiais envolvidos no desenvolvimento das atividades, relatados pelos entrevistados.

A questão 25 (A universidade em que você estuda tem alguma proposta de trabalho ou orientação que envolva a sua participação no Programa Escola da Família?), foi exclusiva dos Universitários porque visava compreender o relacionamento da universidade com a formação do Bolsista Universitário e sua atuação no Programa Escola da Família.

A pergunta 26 foi comum a todos os participantes, porém com algumas particularidades na redação, por exemplo, (De que maneira, atuar junto ao Programa tem contribuído para sua *formação universitária*?) no caso dos bolsistas. E no caso dos Educadores Profissionais (De que maneira atuar junto ao Programa tem contribuído para sua

formação profissional?). E finalmente, para os Voluntários e Público (De que maneira atuar junto ao Programa Escola da Família tem contribuído para sua *formação pessoal ou profissional?*). Essa questão tinha a finalidade de captar a percepção dos participantes quanto à abrangência da sua atuação no Programa, e suas principais motivações de participação no Programa Escola da Família, bem como identificar o grau de reflexão relatado pelos entrevistados sobre as contribuições pessoais e ou profissionais decorrentes direta ou indiretamente da sua participação no Projeto e os benefícios que julgavam ter alcançado pela rotina de trabalho da qual participavam.

As perguntas 27 (Como você analisa o funcionamento do Programa Escola da Família?), 31 (Como você avalia a atuação do Programa no cotidiano desta instituição, em relação a alcançar os objetivos a que se propõe?) e 33 (Quais são os aspectos positivos e os negativos que você identifica para o funcionamento do Programa?), foram feitas a todos os entrevistados no intuito de obter informações sobre como eles viam o funcionamento do Programa Escola da Família, e em que medida, tal percepção corresponderia ao que acontecia de fato.

A questão 32 (Como é realizado o controle e a frequência do público nas atividades do Programa Escola da Família?) foi feita a todos os grupos de entrevistados para obter informação sobre como estava organizado o registro de controle da frequência ao Programa e se esse controle ocorreria da mesma maneira, nas diferentes escolas.

A pergunta 35 (Você pertence à comunidade local, foi ou é aluno da escola?) feita para Voluntários e Participantes do Público, visou compreender o vínculo de ligação desses entrevistados com a unidade escolar e o Programa Escola da Família para identificar se tais vínculos interfeririam de alguma maneira, na forma de desempenho daqueles integrantes.

Nas questões 36 (Que cursos não são oferecidos nas atividades artísticas nesta escola em que você frequenta o Programa que você gostaria que fossem oferecidos?) e 37 (Você já fez ou está fazendo algum curso artístico fora do Programa desta escola?), procurou-se ter noção das atividades que eram desenvolvidas pelos participantes (o que faziam, o que gostariam de fazer), para caracterizar a abrangência das atividades do Programa em comparação com as formas de participação ou de interesses, mencionados pela comunidade em relação às atividades artísticas.

Finalmente, a questão 38 (Comente como você analisa a importância do Programa nesta escola e nos demais bairros onde ele ocorre?), foi feita a todos os entrevistados para verificar as razões que seriam indicadas para justificar a abertura das escolas aos finais de

semana bem como conhecer a avaliação feita pelos entrevistados, sobre a relevância do funcionamento do Programa Escola da Família e as razões referidas por eles.

APÊNDICE M- Notas do Diário de Campo

ESCOLA A - 20/05/06

As entrevistas foram realizadas num sábado pela manhã. O dia estava chuvoso e havia poucas pessoas na escola. A escola estava recebendo universitários de outra unidade escolar para reunião do *Game SuperAção* do Instituto Ayrton Senna. Foi servido café da manhã para o público e mais tarde também ofereceram o almoço.

Algumas crianças estavam sentadas em cadeiras assistindo televisão em frente a sala dos professores, localizada no pátio. Nas mesas do pátio haviam duas universitárias realizando atividades, uma instruída duas alunas a executar cestaria em jornal e a outra universitária orientava uma mulher e uma menina na decoração de potes de vidro com a técnica de decoupage (colagem de figuras).

Na sala de aula uma voluntária estava dando aulas num curso de agente receptivo na área de turismo. O gestor da escola estava presente, e aparentemente os educadores e voluntários tinham acesso aos espaços disponíveis na unidade escola. As entrevistas foram realizadas na sala de aula e o Educador Profissional solicitou a presença do gestor no momento em que seria ouvido.

ESCOLA C - 27/05/06

As entrevistas foram realizadas no sábado pela manhã e havia pouca frequência do público. Estava acontecendo atividade esportiva na quadra, algumas crianças não estavam participando de atividades, estavam olhando um coelho correndo pela grama. Numa sala de aula algumas mulheres faziam crochê e também estava tendo aula de reforço escolar para as crianças. Em outra sala uma universitária orientava duas alunas no bordado do figurino da dança do ventre.

O Educador profissional estava numa mesa do pátio com duas universitárias organizando materiais que pudessem representar a escola na exposição de aniversário do Programa. O gestor (Coordenador Pedagógico) estava presente e aparentemente o Educador profissional tinha acesso a todos os espaços da escola.

ESCOLA D - 03/06/06

A visita aconteceu no sábado no período da manhã a escola estava com pouco público, em geral mais crianças, não havia adultos presentes além dos Educadores do Programa. A gestora estava presente cuidando do jardim da escola.

Estava acontecendo jogos na quadra, no pátio algumas crianças participavam de recreação (pular corda) junto com uma universitária. Nas mesas do pátio algumas crianças faziam desenho livre com outra universitária. Numa sala de aula os adolescentes dançavam Break.

O Educador Profissional nos recebeu e mostrou o portfólio da escola que estava sendo organizado, em encadernação fornecida pelo Programa. Aparentemente, os educadores do Programa tinham acesso aos espaços da unidade escolar.

ESCOLA G - 24/06/06

As entrevistas foram realizadas no sábado pela manhã, a escola estava bem freqüentada, com bastante público. O Educador profissional e o gestor estavam presentes. A gestora estava numa sala de aula cortando os cabelos das pessoas da comunidade junto com uma universitária. O Educador Profissional estava organizando o Portifólio da escola.

Numa sala de aula, uma voluntária estava dando curso de pintura em tecido, e depois dessa atividade a mesma turma iniciou atividade com meia-de-seda com outra voluntária, então a voluntária de pintura em tecido passou a ser aluna. Havia várias mulheres nesses cursos. Na quadra e no pátio estavam ocorrendo atividades esportivas orientadas pelos universitários. Algumas pessoas não participavam de nenhuma das atividades, apenas observavam e conversavam.

Algumas universitárias estavam na cozinha preparando e servindo almoço para o público freqüentador. Uma universitária brincava com as crianças com os jogos de tabuleiro, dama e xadrez. Numa mesa do pátio crianças e mulheres aprendiam pintura em telha com uma universitária. A escola possui onze universitários e todos estavam ocupados. Nas atividades artísticas a predominância era de mulheres da comunidade.

ESCOLA G - 08/07/06

Em segunda visita à escola o público continuava freqüente e numeroso, as entrevistas foram realizadas no sábado durante todo o período de funcionamento do Programa, das 9 hs às 17 hs.

A gestora estava presente fazendo crochê no pátio. As mulheres do bairro estavam na oficina de confecção de boneca de lã, oferecida pela mesma voluntária de pintura em tecido, que combinou com elas de fazerem uma parada com a pintura nesse dia para aprenderem essa atividade. No pátio ocorreram a pintura em telha, o biscuit com as crianças e a pintura em tela com algumas mulheres. Paralelo a isso, aconteceu jogos esportivos, aula de capoeira e dança.

A Educadora Profissional estava no pátio conferindo relatórios e documentos para prestar contas à Coordenação Regional e ao site do Programa. Em conversa informal ela nos comunicou sobre os Educadores Profissionais terem adquirido, através de solicitação judicial dos EP de São Paulo o direito a três folgas semestrais. Foram contratados Educadores Profissionais volantes para cobrir as folgas dos Educadores Profissionais. Esses já possuem uma escala onde, segundo o calendário anual do Programa, as faltas são agendadas, assim como a substituição do Educador.

No final de semana seguinte a Educadora estaria faltando, no entanto sua falta seria coberta pela gestora da sua escola, uma outra possibilidade oferecida quando os Educadores volantes não são suficientes para atender a demanda. Segundo ela, os Universitários também possuem direito a três folgas semestrais, mas suas faltas não são cobertas por ninguém.

Dentre as conquistas e melhoras no Programa desde sua implantação, a Educadora mencionou além das três folgas semestrais, a conquista de um contrato temporário assinado em papel, pois até início de 2005 os Educadores Profissionais não possuíam nenhum tipo de contratação formalizada.

A Educadora morava no bairro e parecia ser muito respeitada, pois também era funcionária da escola durante a semana. Aparentemente os educadores tinham acesso à vários espaços da escola, que estava bem freqüentada como opção de lazer aos fins de semana.

ESCOLA B - 09/07/06

A entrevista foi realizada no domingo pela manhã, a escola estava pouco freqüentada, estava ocorrendo jogo na quadra (com o time incompleto), alguns universitários estavam ociosos, e a Educadora Profissional estava lanchando na cozinha com duas universitárias.

A escola estava sem gestor porque o diretor da escola, que até então era gestor, se aposentou e a nova equipe de direção e coordenação não assumiu a gestão do Programa aos fins de semana. A Educadora Profissional foi universitária do Programa na mesma unidade e iniciou nele em dezembro de 2003, portanto era bem conhecida pela comunidade.

Na sala de informática um universitário orientava alguns alunos no acesso a internet. No pátio algumas crianças brincavam e numa sala ocorria oficina de pintura em telha ministrada por uma universitária, onde participavam crianças. Nessa mesma sala, uma outra universitária estava tentando utilizar um tear de pregos manual, para futuramente desenvolver atividades dessa natureza no Programa.

O público mais freqüente naquele momento era de alunos da escola. Além dos educadores do Programa, não havia adultos presentes. Aparentemente os Educadores do Programa, mesmo

sem gestor aos fins de semana, tinham acesso a todos os espaços da escola, inclusive a sala de informática que estava em uso.

ESCOLA E - 22/07/06

As entrevistas foram realizadas no sábado pela manhã, a escola estava com pouco público, era por volta das 10 horas, os educadores estavam em reunião numa sala e o público foi chegando aos poucos.

Estava ocorrendo jogos na quadra, uma voluntária orientava duas pessoas a fazer crochê, no pátio uma universitária fazia colagem em cartão com figuras em E.V.A. Um voluntário dançava com algumas meninas no pátio. Em conversa informal soube pelo voluntário de dança que ele não era cadastrado, embora usasse o espaço da escola para dançar com as meninas. Ele disse não querer se prender a obrigatoriedade de ter que freqüentar o Programa todos os finais de semanas para dar aulas, já que fazia apresentações de dança e algumas aconteciam aos finais de semana.

O Educador Profissional estava na escola há seis meses e em conversa informal quando da minha apresentação e justificativa da entrevista, mencionou que os dados referentes aos números de voluntários da escola, que segundo planilha seria a de mais voluntários da Diretoria de Ensino da Região de Araraquara, não estavam atualizados. Segundo ele, desde que havia chegado ao Programa possuía apenas seis voluntários e que já havia solicitado a alteração para Coordenação Regional do Programa, que a estava providenciando a partir dos novos dados.

O Educador Profissional disse que o voluntário de dança não era cadastrado porque começou a dar aulas há apenas dois meses e que não freqüentava todos os fins de semana. Segundo ele, quando o voluntário vinha entrava em contato com as meninas que dançavam com ele e elas apareciam na escola para aula.

Foi o E. P. e a gestora que disponibilizaram os voluntários para a entrevista, exceto o da dança que foi convidado pessoalmente para entrevista por estar no pátio dando dança e por ser voluntário, mesmo sem o cadastro, pois seu trabalho já era conhecido de outras escolas do Programa. Além disso, alguns voluntários entrevistados na escola não são responsáveis por nenhum curso, são cadastrados por permanecerem na escola o dia todo e, às vezes, disponibilizarem algum material ao público ou realizarem alguma tarefa a pedido do Educador Profissional.

O Educador Profissional comentou que recebeu telefonema da Secretaria Estadual da Educação para verificação dos dados referentes ao Programa. Comentou também sobre o evento de aniversário do Programa, previsto para o dia 10 de setembro de 2006 na Praça do Parque

Infantil, segundo ele, no ano de 2006 a exposição foi restrita ao domingo, ao contrário dos anos anteriores que ocorria no sábado e domingo. Aparentemente, a equipe do Programa possuía acesso a todos os espaços da unidade escolar, e tinha uma sala exclusiva para o armazenamento de materiais do Programa.

ESCOLA H - 23/07/06

As entrevistas foram realizadas no domingo pela manhã, os Educadores (Universitários e Educador Profissional) estavam organizando a escola, pois segundo o Educador Profissional no dia anterior eles haviam alocado os Educadores de uma escola vizinha para a realização de uma festa, pois o gestor daquela unidade não disponibilizou a abertura da escola no fim de semana, devido a uma reforma no prédio.

A escola estava com pouco público, estavam ocorrendo atividades esportivas e numa sala de aula duas crianças eram orientadas por uma universitária na confecção de bonecos de lã. A escola não possuía gestor responsável pelo fim de semana, mas aparentemente o Educador Profissional tinha acesso aos espaços da escola.

ESCOLA F - 23/07/06

Em visita a escola, no domingo pela manhã para realização das entrevistas, encontramos a escola com os portões fechados e o Programa Escola da Família sem funcionamento. Não foi possível realizar as entrevistas nesse dia.

Perguntamos para algumas crianças que passavam na rua se o Programa não estava funcionando e elas disseram que a escola esteve fechada o final de semana todo, e que parecia que todos os Educadores estavam em outra unidade escolar num campeonato esportivo. No entanto, não havia cartazes de aviso nos portões da escola.

ESCOLA F - 05/08/06

As entrevistas foram realizadas no sábado pela manhã. Na chegada os Universitários, o Educador Profissional e o Público estavam hasteando a bandeira e cantando o Hino-nacional. Após o Hino foram para os seus postos para execução das atividades do Programa.

A escola possui um espaço amplo e as atividades estavam ocorrendo no pátio, nas bancadas de cimento do refeitório, onde as universitárias trabalhavam com o público na confecção

de pulseiras de miçanga e na decoração de potes de vidro em biscuit e um voluntário dava o curso de desenho de Mangá. Na quadra ocorriam atividades esportivas.

O Educador Profissional mencionou problemas particulares ocorridos na semana anterior e justificou o fechamento da escola por estarem em outra unidade num campeonato escolar, além de problemas com a caixa d'água da escola. Em conversa informal o Educador Profissional disse que houve várias pessoas dispensadas do Programa.

A escola estava bem freqüentada e o Educador Profissional tinha acesso livre aos espaços da escola, pois também é funcionária da escola durante a semana (Secretária), disse ser bem conhecida e respeitada pela comunidade e que preferia usar o espaço do pátio para os cursos.

ESCOLA H - 05/08/06

A entrevista foi realizada no sábado à tarde. A Escola agora possui um gestor responsável pelo fim de semana, pois há poucos dias atrás quando visitamos a escola para as primeiras entrevistas não havia gestor.

Segundo o Educador Profissional o portão de entrada para a escola mudou e começou a ser feita pelo portão da frente, para visualizar melhor o fluxo de movimento da escola.

As atividades que estavam ocorrendo eram de artesanato em decoração de potes de vidro em biscuit, além de atividade na cozinha de panificação, utilizando o forno da padaria artesanal mandado para o Programa, e atividades esportivas no pátio e na quadra.

No momento da entrevista, haviam vários adolescentes sentados ao lado do portão de entrada da escola que não participavam de nenhuma atividade, mas que ficavam perturbando com barulho e mexendo com as pessoas que passavam. Por várias vezes a entrevista foi interrompida para o Educador chamar a atenção deles.

O Educador Profissional estava com problemas para abrir alguns espaços da unidade escolar, pois não haviam deixado a chave, precisou solicitar ajuda do caseiro da escola.

O movimento da escola aumentou em relação ao fim de semana em que visitamos a escola para as primeiras entrevistas.